

BUTTONS: BOOK THREE

BUTTONS & PAIN

HER LOVE. HIS DEVOTION.



P E N E L O P E S K Y

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



STAFF

Disponibilização: Flor de Lótus

Tradução. A. Rosa

Revisão: Iru

Revisão Final : Bel

Leitura Final: Amy

Formatação: Azalea Bufonni

SINOPSE

Quando vi minha fuga, peguei. Agora estou na cidade de Nova York e tentando recuperar minha vida nos trilhos.

Apesar do rastreador no meu tornozelo, Crow não veio atrás de mim. Ele nem me ligou. Eu disse a ele a profundidade dos meus sentimentos, mas ele os rejeitou cruelmente.

Talvez ele tenha esquecido de mim.

Um dia, entro no meu apartamento e vejo a pilha de botões no balcão. Eu nunca os deixei lá, e só há uma explicação para a presença deles.

Talvez Crow não tenha me esquecido, afinal.

Penelope Sky.

Botões e Dor.

(Série Botões #3)



CAPÍTULO 1

PEARL

Olá, bonitão, você sentiu minha falta? — virei a cabeça e franzi os lábios. Minha voz soou aguda e afetuosa, e o toque de desprezo lhe dava um bonito tom.

A boca de Jacob se abriu de repente ao me ver na soleira da porta. Sem camisa e com o cabelo desarrumado, parecia que esteve esmagando o colchão com uma pobre moça que não sabia que o namorado era o maior monte de merda do planeta.

— Pearl... Oh, meu Deus. Você está bem. — Assim que o espanto passou, fingiu preocupação. — Como estou feliz que esteja bem. Eu estava muito preocupado.

Dei-lhe uma joelhada, direto nos ovos.

— Não se preocupe com isso.

Levou às mãos a virilha e inclinou-se para frente, gemendo sem fôlego. Agarrou-se à moldura da porta para não perder o equilíbrio e respirou fundo tentando processar a dor.

— Sinto muito. Isso doeu?

Ele fechou os olhos e agarrou-se com mais força à moldura da porta. Os nós dos dedos estavam começando a ficar brancos.

— Pois deveria experimentar que comam sua bunda. — Dei-lhe um empurrão e entrei no apartamento que uma vez foi meu lar. A única coisa que levava comigo era a bolsa que havia roubado daquela mulher e alguns euros. Mas isso era tudo. Abri a geladeira e tirei uma caixa com sobras de pizza. Como estava morrendo de fome, comi uma porção sem aquecê-la.

Uma mulher apareceu no corredor usando uma das camisetas de Jacob, e nada mais.

— Quem raios é você?

Agitei a mão brevemente para cumprimentá-la e terminei o pedaço de pizza.

— Sou Pearl. Ex-namorada de Jacob.

— Ele nunca me falou de ninguém chamada Pearl.

— Provavelmente porque me vendeu no mercado de tráfico de mulheres para pagar suas dívidas de jogo.

A mulher arregalou os olhos, mas não demonstrou nenhuma outra reação. Olhou para Jacob, que continuava encolhido junto à porta e depois voltou a olhar

para mim. Evidentemente, não sabia se acreditava em mim ou não. Não podia culpá-la. A história era tão ridícula que até eu não conseguia acreditar que tivesse acontecido.

Jacob finalmente se recuperou do pontapé no saco e endireitou-se. Tinha as bochechas totalmente vermelhas e não podia evitar fazer uma careta ao dar um passo. Acertei-lhe em cheio com o joelho, e duvidava que conseguisse se endireitar por pelo menos uma semana.

Terminei a pizza e deixei a caixa no balcão. Era a coisa mais deliciosa que eu já tinha comido. Mas claro, tinha acabado de sair de um voo de 12 horas durante o qual só tinha comido amendoins.

— Porra, ela estava ótima.

A namorada cruzou os braços diante do peito e ficou olhando fixamente para Jacob. Ele não se sentia confortável falando comigo na frente dela, então se limitava a me fulminar com o olhar. Como se com isso fosse conseguir se livrar de mim.

Por fim, o Jacob falou.

— Danielle, você se importa de nos deixar a sós?

— Por quê? — perguntei. — Não acha que ela deveria saber que você é um canalha com gelo nas veias? — Apoiei-me contra o balcão e dei-lhe um olhar de desprezo. Agora que o tinha diante de mim, a única coisa que desejava era lhe dar uma surra. Aquele homem já não me importava absolutamente em nada, nem sequer sentia uma pitada de compaixão por ele. Tudo o que sentia era ódio. Um ódio intenso e raivoso.

Jacob não abriu a boca. Sabia que nada do que dissesse conseguiria fazê-lo ficar bem. O melhor era não dizer absolutamente nada.

— Isso é verdade? — perguntou Danielle.

Agora Jacob estava sendo atacado por todas as frentes.

— Querida, pode nos dar um minuto, por favor?

— Não, nada de um momento — digo. — Sai daqui. Estou a ponto de castrar seu namorado e não creio que gostaria de presenciar isso.

— Já chega! — disse ela, dando a volta para voltar ao quarto. — Vou chamar a polícia.

— Eh, eh, espera. — Jacob virou-se para ela imediatamente, movendo-se mais rápido do que a dor lhe permitia. Ele contorcia o rosto com cada movimento, ressentindo-se das fortes pontadas na virilha. — Não chame a polícia.

Eu sorri vitoriosa. Aquilo praticamente equivalia a uma confissão.

— Então do que se trata, Jacob? — gritou com ele. — É sério que ela é sua ex?

Ele resmungou em voz baixa.

— É verdade que a vendeu a traficantes de mulheres? — ela continuou a pressioná-lo.

Sorri de orelha a orelha observando a situação. Se ele mentisse e dissesse não, me apressaria em colocá-lo em seu lugar. Se dissesse que sim, perderia a loira gostosa com quem estava dormindo.

— Jacob, a garota te fez uma pergunta.

Ele se virou para mim, com uma expressão gelada.

— Uau. Você é um filho da puta por olhar assim para mim como se eu fosse o “bandido” desse filme. — Talvez quando ela fosse embora, ele tentasse me matar. Esse seria o final perfeito. Eu poria fim a sua vida com uma facada no coração e fugiria dali. Uma pessoa desaparecida poderia ser julgada em tribunal? Eu tinha a impressão que não.

A voz de Jacob estava um pouco mais firme dessa vez.

— Danielle, podemos conversar amanhã?

— Oh, meu Deus. — a loira disse, cobrindo a boca com a mão. — Sim, você fez... - e saiu correndo para o quarto onde pegou suas roupas e sua bolsa. Deixou o apartamento como uma flecha, vestida com nada mais que a camisa de Jacob.

— Eita! — Eu disse. — Parece que você perdeu sua namorada.

Ele se virou para mim com os olhos irritados.

Sorri, porque gostava de vê-lo assim.

— O que você vai fazer agora, Jacob?

Ele agarrou-se à beira do balcão. Os ombros tensos de raiva e a sede de sangue escrita em seu olhar. Ele odiava-me por ter voltado à sua vida, e por ter estragado sua relação com a loira peituda.

— Não se prenda por mim. — Eu tinha aprendido muito neste último ano da minha vida. Tinha me tornado implacável e muito resistente. Embora Jacob fosse maior e mais forte do que eu, isso não iria impedir-me de bater nele. E não era a única coisa que iria fazer com ele.

Jacob parecia perceber que aquela era uma luta que não poderia ganhar. Suas mãos soltaram o balcão e relaxou os ombros.

— O que é que você quer?

Ele não ia se desculpar, nem tampouco dar desculpas pelo que havia feito. Era tão frio como eu havia pensado. Isso facilitava a conversa, porque não teria que escutar besteiras.

— Quero 100 mil dólares até amanhã ao meio-dia. — a princípio sua expressão não mudou. Depois entrecerrou os olhos.

— Como?

Repeti mais devagar, sendo o mais repugnante possível.

— Cem. Mil. Dólares. Precisa que eu anote?

— Mas do que você está falando? Acha que tenho tanto dinheiro assim?

— Eu não me importo se você tem ou não. É o que você me deve.

— O que eu te devo? — ele parou de fingir e se mostrou exatamente como realmente era. Um demônio sem emoção. Eu tinha visto muitos graus diferentes de maldade e o dele era o pior, com sua indiferença. Os vilões que não se consideravam vilões eram os mais perigosos de todos.

— Lhe pagaram cem mil dólares para me converter em uma escrava. Foi comigo que isso aconteceu quem teve que passar por isso, então, esse dinheiro é meu. Entregue-o até o meio-dia de amanhã ou vou à polícia e conto tudo o que você me fez, e não vou omitir detalhes.

— Pearl...

— Nunca mais pronuncie meu nome. — Eu não gostava de ouvi-lo, especialmente de seus lábios, pois fiquei uma eternidade sem ouvir. O único nome que estava acostumada agora era um que eu nunca mais ouviria. — Você tem 12 horas para consegui-lo.

— Não tenho esse dinheiro.

— Isso não é problema meu, Jacob.

Ele deixou cair os braços.

— Eu usei esse dinheiro para pagar minhas dívidas. Você sabe disso.

— Eu repito, não me importo. Esse dinheiro é meu. Ou você me dá, ou passa o resto de sua vida na prisão. Você escolhe. A mim ambas as coisas me parecem bem.

Jacob aperta fortemente a mandíbula e fecha as mãos até convertê-las em punhos. Tinha vontade de me dar um murro na cara, mas aquilo não consertaria a bagunça que tinha criado.

— E esta noite vou ficar aqui. Deixe as chaves antes de sair.

— Você também quer ficar com o meu apartamento? — perguntou com incredulidade.

— Com certeza. Creio que é o mínimo que pode fazer depois de me converter em uma escrava sexual. Quer que te conte como é?

Ele desviou o olhar, envergonhado por fim.

— Vou ter de pedir o dinheiro, está bem?

— Eu não dou a mínima para o que você tem que fazer. Faça isso e ponto. — Peguei sua carteira e as chaves do balcão e tirei duas notas de vinte. — Pode deduzir isso do total e também a pizza, se for tão idiota a esse ponto.

Ele recuou, com os ombros tensos.

— Como você conseguiu escapar?

— Não lhe interessa. Pegue suas coisas e vá embora.

Ele entrou no quarto e encheu uma bolsa com suas roupas. Voltou a sair, pegou sua carteira e enfiou-a no fundo do bolso.

— Preciso da chave reserva. — Falo.

— Você já tem uma.

— E preciso da outra também. — Estalo os dedos para que se apressasse. Não pensava dormir ali se ele podia entrar a qualquer momento sem que eu soubesse.

Ele me fulminou com o olhar antes de abrir uma gaveta e tirar a chave. Atirou-a sobre o balcão, onde caiu com um forte tilintar.

— Agora você pode ir. Se o dinheiro não estiver aqui antes de amanhã ao meio-dia, vou direto a polícia.

Jacob pendurou a bolsa no ombro e saiu. Quando abriu a porta da rua, decidi lhe dar o golpe de misericórdia.

— Mas tente não vender a sua namorada a nenhum negociante. Veja como se saiu da última vez...

Diante de Jacob havia me enchido de força e não tinha mostrado nenhum temor. Não lhe disse o quanto havia doído sua traição. Nem lhe tinha confessado todas as coisas horríveis que tinha sofrido enquanto me mantiveram prisioneira. Mantive as defesas levantadas o tempo todo, até conseguir o que precisava.

Mas quando Jacob saiu, desmaiei.

Quando voltei à cidade não tinha para onde ir. A minha amiga Stacy já não vivia no seu antigo apartamento e McKenzie tinha voltado para a Califórnia. Não sabia o número do telefone delas e não fazia ideia do que tinha acontecido ao meu.

A minha única opção era Jacob.

Eu tinha ficado no seu apartamento porque não tinha onde dormir. Poderia ter ido à polícia e entregue Jacob. Provavelmente eles me teriam pago um motel e talvez me dado algum dinheiro para comer. Mas com isso não chegaria muito longe. Com esses cem mil dólares, eu poderia recomeçar. Poderia alugar um apartamento e levar o meu tempo para encontrar outro emprego. Não me senti patética ao exigir aquele dinheiro.

Porque na minha opinião, aquele dinheiro era meu.

Fui eu que paguei aquela dívida. Tinham me vendido a um louco e eu tinha que me esforçar trabalhando por cada centavo da fortuna que tinham me cobrado. O justo era que eu obtivesse minha parte, depois de ter cedido meu corpo ao diabo. Não me importava o que Jacob tinha que fazer para conseguir aquele dinheiro.

Ele era meu.

Apesar do fato de ter voltado para os Estados Unidos, me sentia sozinha. Naquela vinícola toscana me sentia segura. Era como estar em casa. Eu ia dormir todas as noites sabendo que meu lugar era aquele. Crow me fazia sentir como uma pessoa e não como um objeto. Mostrou-me mais generosidade do que qualquer outra pessoa alguma vez teve comigo. Na sua situação, podia ter feito tudo o que quisesse comigo sem ter tido repercussões, mas não o tinha feito. Sempre me deu a capacidade de opinar e de escolher.

Mas agora, aquilo tinha desaparecido.

Nova York não me parecia a mesma cidade. Nela me sentia mais estrangeira do que no país que acabava de abandonar. Não cheirava a pão fresco e folhas de videira. Estava cheia de névoa, suja e contaminada. Em vez de colinas maravilhosas, tudo o que via eram outdoors com anúncios de pessoas semi-nuas. As pessoas caminhavam pelas suas ruas dia sim e dia não, sem se dar conta da sorte que tinham.

Era repugnante.

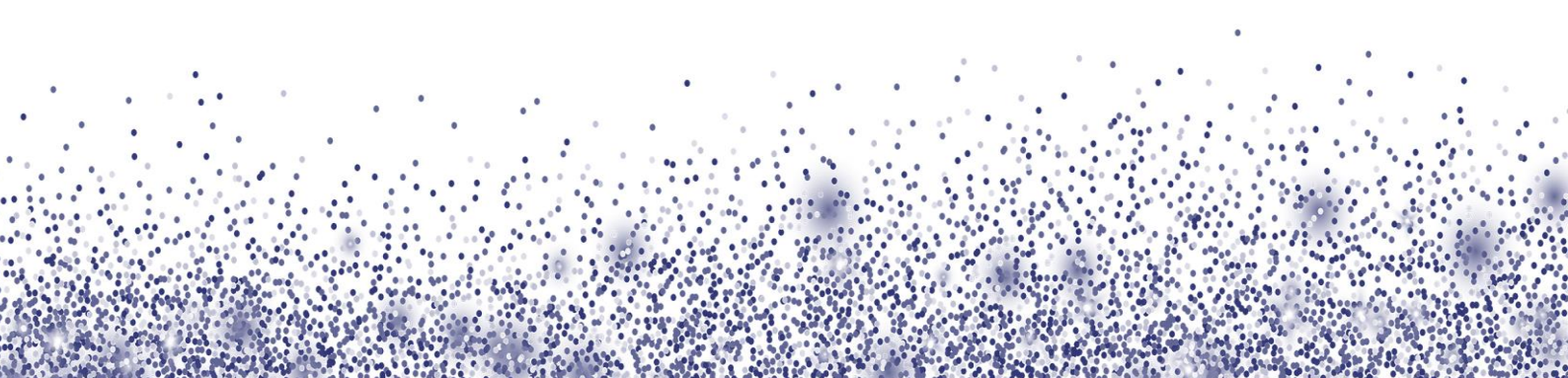
Não conseguia dormir na cama de Jacob por isso, deitei-me no sofá com um cobertor fino. Tinha vivido um ano naquele apartamento, mas agora parecia um lugar novo. Todas as minhas roupas e coisas tinham desaparecido, provavelmente vendidas por Jacob em algum brechó. Todas as minhas fotos, os meus anuários e tudo o que tinha algum valor sentimental para mim.

Não havia sinal de nada.

Assim que fechei os olhos, vi o rosto de Crow. Não havia chegado a lhe contar o que tinha acontecido, nem que tinha conseguido escapar. Ainda tinha o dispositivo de rastreamento no tornozelo, onde ele o tinha implantado. Ele não tinha me procurado, então acho que ele me deixou partir. Não esperava que eu acabasse de pagar minha dívida.

Eu estava livre, finalmente.

Devia odiá-lo por tudo o que tinha me feito, mas não era assim. Quando pensava nele, ainda guardava respeito e saudade no coração. Quando ainda estávamos juntos, tinha-lhe confessado que de alguma forma, tinha me apaixonado por ele. E aquilo foi a coisa mais estúpida que fiz em toda a minha vida.



Crow me rejeitou, friamente. Então fechei as portas do meu coração e joguei a chave fora. Decidi que o que aconteceu comigo era que eu tinha adquirido a síndrome de Estocolmo, porque ele me deu uma casa e cuidou de mim. Isso me fez sentir valorizada e segura já que estava com medo e sozinha, e tinha me agarrado a ele. Mas eu tinha esquecido que foi ele quem me sequestrou e tinha me forçado a dormir com ele em troca da minha liberdade. Eu tinha esquecido tudo isso, porque ele fez eu me sentir amada.

Que idiota eu tinha sido.

Queria continuar chorando, mas sabia que já tinha chorado o suficiente. Então me permitir ter um tempo para me sentir miserável antes de terminar tudo isso e recarregar minhas baterias. Muitas coisas aconteceram comigo durante o último ano, mas isso não significava que não poderia reconstruir minha vida. Poderia encontrar um bom emprego, um bom apartamento e começar de novo.

Eu poderia começar de novo.

Quando Jacob me deu o dinheiro, fui à delegacia para ser removida da lista de pessoas desaparecidas. Se eles ainda estivessem me procurando, estavam perdendo tempo, porque eu estava ali, em New York.

Eles me fizeram perguntas sobre tudo o que eu conseguia lembrar, na esperança de ter uma idéia dos homens que haviam organizado a operação. O tráfico de mulheres para fins sexuais continuava sendo um problema sério em nosso país e a polícia estava decidida a encerrá-lo. Eu disse a eles tudo o que sabia... exceto que Jacob havia me vendido.

Não estava interessada em entregá-lo. Ele só havia feito isso para pagar suas dívidas de jogo e sabia que não faria isso de novo com nenhuma outra mulher. O estrago já estava feito e eu precisava mais do dinheiro do que da satisfação de colocá-lo atrás das grades. Além disso, eu sempre poderia pedir ajuda e ameaçar ir à polícia se ele não cooperasse. Pelo resto da vida, ele sempre estaria olhando por cima do ombro com medo de me ver aparecer.

Isso era castigo suficiente.

Durante minha estada na propriedade de Crow, a polícia veio me procurar. Naquele momento, pensei que era Cane quem os colocara na minha trilha, mas isso não fazia sentido. Se alguém estivesse me procurando, eu queria saber quem era. Talvez fosse um dos meus amigos, e a polícia poderia me dar os detalhes de contato.

— Quem relatou meu desaparecimento?

O detetive procurou em suas anotações.



— Seu namorado, Jacob, nos ligou do Caribe e nos disse que a levaram. Alguns meses se passaram e a pista esfriou. Mais tarde, porém, encontramos sua trilha novamente quando um de seus amigos encontrou evidências que sugeriam que essa organização em particular levava suas prisioneiras para a Itália.

— Um dos meus amigos?

— Ele insistiu que continuássemos a busca por lá, mas não conseguimos encontrar nada. Estava determinado a encontrá-la. Quando você ligar para ele para dizer que está saudável e a salvo, ele se sentirá muito aliviado. O pobre homem parecia mais desesperado a cada mês que passava.

Era um homem? Não tinha ideia de quem poderia ser.

— Como se chama?

— Jason. — O policial respondeu imediatamente, como se tivesse guardado o nome na mente. — Ele disse que foram namorados na faculdade.

O sangue se agitou na minha cabeça e parei de respirar por quase trinta segundos. Jason e eu tínhamos terminado em bons termos, mas nunca esperaria que ele trabalhasse incansavelmente para me encontrar. Se soubesse, teria me entregado à polícia quando foram à fazenda. Fiquei profundamente comovida.

— Jason...

— Ele é um cara legal. Se não se importa que eu diga, ele parecia se importar mais com você do que seu namorado. — Nada que me surpreendesse.

— Você tem o número dele, para que eu possa ligar para ele?

— Claro. — O detetive escreveu o número em um pedaço de papel. — Eu tenho que ligar para ele de qualquer maneira para dizer que você apareceu. Quer esperar aqui, para que possam se ver? Eu sei que isso significaria muito para ele.

— Ele está na cidade? — A última coisa que sabia sobre ele era que morava na Califórnia.

— Mudou-se para cá logo após seu sequestro. Quando viu seu rosto nos noticiários, envolveu-se no assunto.

Eu ainda não conseguia acreditar que Jason tinha feito tudo aquilo por mim. Ele era um ótimo homem e na verdade foi uma pena que tenhamos terminado. Relacionamentos à distância nunca funcionavam, e pensamos que o melhor a fazer era continuarmos amigos em vez de passar por uma separação dolorosa.

— Então, vai ficar aqui?

Levantei a vista do papel que tinha na mão.

— Perdoe-me, acho que me distrai.

— Vai ficar até eu ligar?

— Sim, claro. — Agora, Jason era a única pessoa no planeta que se importava comigo. Jacob certamente nunca se importou.

E Crow tão pouco.

Quando Jason me viu, seus olhos imediatamente se encheram de lágrimas. Sua expressão refletia uma mistura de alívio e agradecimento. Me olhou durante alguns instantes antes de diminuir a distância que nos separava e parou alguns centímetros de mim. Examinou meu rosto para ter certeza de que era mesmo eu.

Olhei para o meu salvador e notei que a emoção tomava conta da minha garganta. Ao retornar à cidade, me senti completamente sozinha. Tive que conseguir dinheiro com o homem que me vendeu em primeiro lugar e dormir em seu apartamento. Eu não tinha pais para cuidar de mim, nem outros parentes. O fato de haver alguém, mesmo que fosse apenas uma pessoa, me fez acreditar que realmente seria capaz de recomeçar.

— Pearl, estou tão feliz que nada tenha acontecido com você. — Ele não me abraçou, embora fosse evidente que queria. — Tive medo de nunca mais te ver.

— Eu também estou feliz por estar bem. É bom estar de volta.

Ele estendeu os braços, mas sem me tocar.

— Posso te dar um abraço?

— Claro. — Nem era preciso perguntar.

Envolveu-me em seus braços e me apertou com força. Era um abraço cheio de ternura que eu necessitava tão desesperadamente. Sentir um par de braços fortes ao meu redor era exatamente o que necessitava para levantar a cabeça. Encheu-me de esperança e alegria.

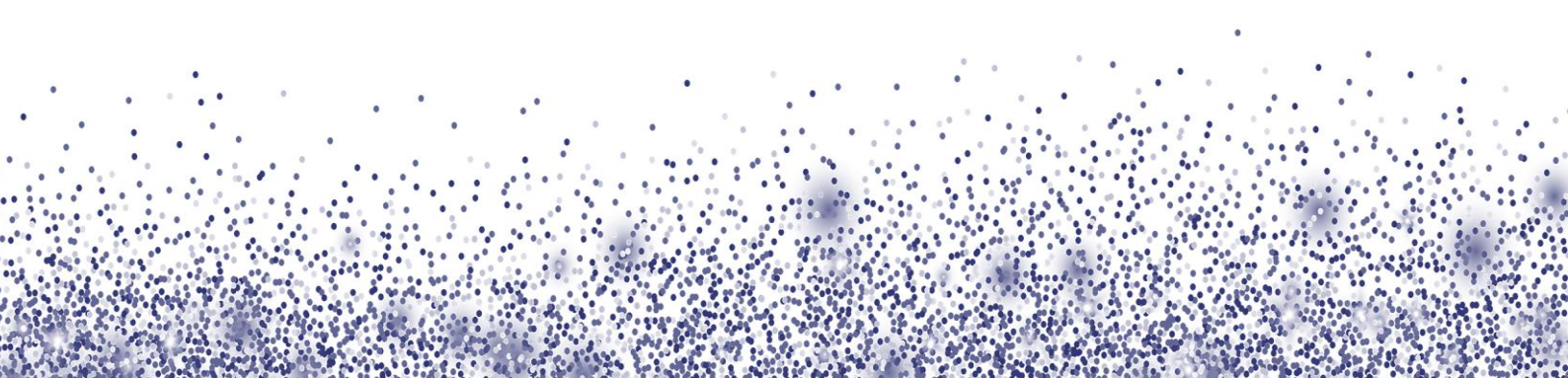
— Tenho um milhão de perguntas para lhe fazer, mas trataremos disso mais tarde. — Ele afastou-se e olhou-me com os olhos azuis. Estava exatamente o mesmo que anos atrás. Uma mandíbula forte com maçãs do rosto proeminentes. O corpo musculoso e uma constituição esbelta. Não tinha mudado nada. — Você tem onde ficar?

— Ia ficar em um hotel...

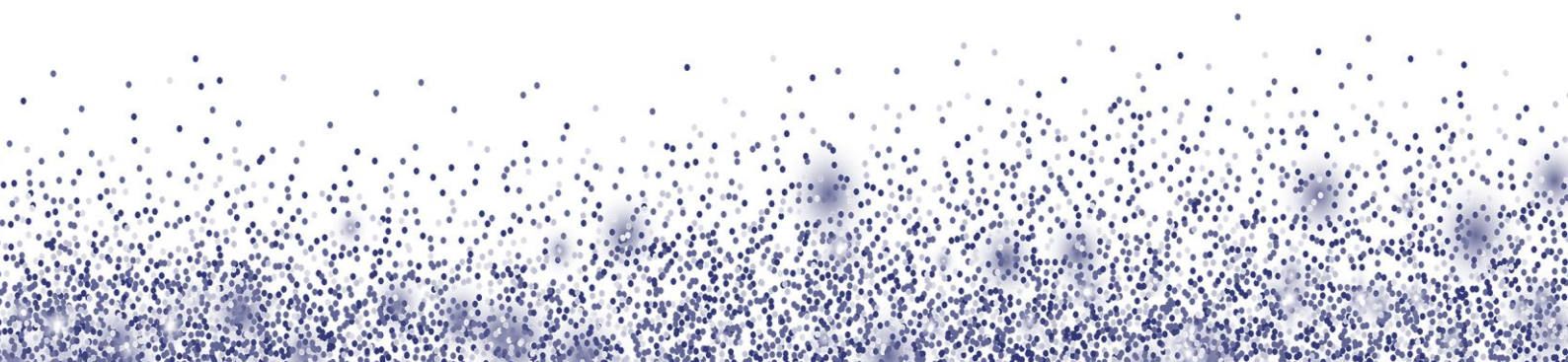
— Você fica comigo. Eu tenho um apartamento muito bom em Park Avenue.

Não podia recusar sua oferta. Preferia mil vezes ficar na casa de alguém do que ficar em um solitário quarto de hotel.

— Obrigada. Eu realmente aprecio isso.



— Ótimo. Então vamos lá. — Passou-me o braço pela cintura e saímos da deligacia. A pesar de não termos nos vistos durante anos, aquela demonstração de afeto parecia-me adequada. Como se o tempo não tivesse passado e continuássemos unidos. Ele ainda me amava, e nunca havia renunciado a mim. E eu sentia-me grata por ter pelo menos uma pessoa na minha vida que se preocupava comigo.



CAPÍTULO 2

CROW

Eu ficava horas olhando para o teto. As sombras deslizavam pelas paredes enquanto ia anoitecendo. Às vezes tinham formas. Uma parecia uma nuvem inofensiva atravessando o céu claro ou uma borboleta. E outra era igual a um botão.

Aquela era a que mais tempo contemplei, tentando descobrir se era real ou se só queria que fosse. Marcavam-se quatro pequenos orifícios no teto e a superfície arredondada fazia que parecesse exatamente um botão.

Dói olhar para aquilo.

Num piscar de olhos, o sol começou a brilhar no horizonte, enchendo o meu quarto de tons suaves. Eu dormia num lado da cama, porque tinha me acostumado a compartilhá-la com alguém.

Buttón.

Eu me levantei da cama quando percebi que não tinha mais sentido ficar deitado lá. Tomei banho e me preparei para ir trabalhar. Tinha o cérebro morto de exaustão e me esforçava para pensar com clareza. O soho era um luxo desconhecido para mim.

Não conseguia dormir desde que ela partiu.

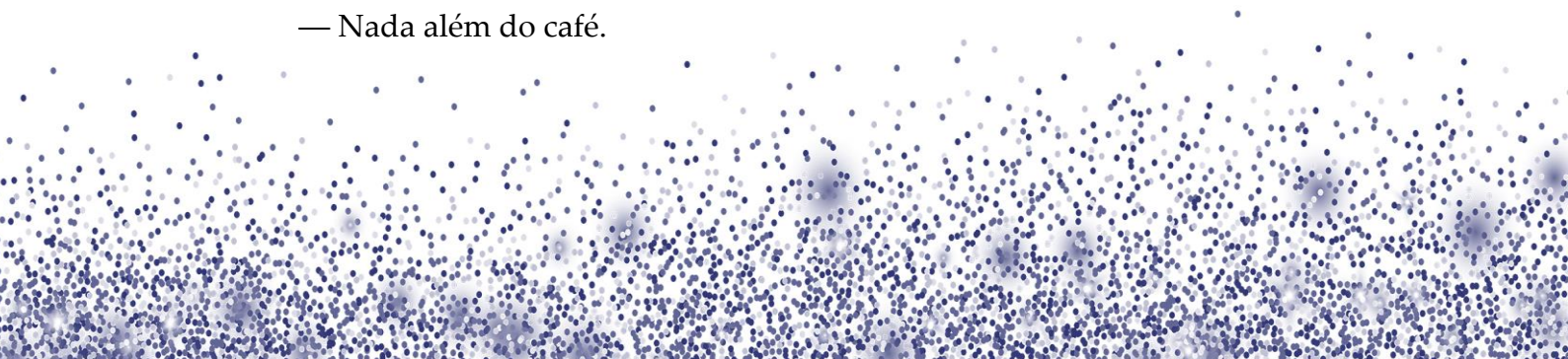
Entrei em meu escritório e acendi o fogo da lareira. Não desci para tomar café da manhã como tinha por costume. Meu apetite já não era o mesmo. Havia uns botões em cima da mesa ao lado da poltrona, por isso peguei um e apalpei-o com os dedos. Era um dos poucos que me restavam. O resto continuava dentro do frasco que estava no seu antigo quarto.

Não tinha tocado neles.

Fiquei olhando aquele botão especial que tinha na mão. Tinha uma borda dourada por fora e uma pérola incrustada no centro. Não me escapava aquela ironia. Era um símbolo dela em todos os sentidos imagináveis. Era como se aquele botão tivesse sido feito para ela.

— Excelência? — Lars entrou no estúdio com uma mão nas costas. — Vai tomar café da manhã aqui hoje?

— Nada além do café.



— Claro. — Lars saiu do escritório. Ele não tinha perguntado por Buttón desde que ela tinha ido embora. Ele sabia que ela tinha ido embora e que não iria voltar. Aquela era toda a informação que ele precisava. Agora aquela casa estava vazia mais uma vez.

Com exceção das sombras.

Peguei meu telefone e verifiquei o sinal que continuava sendo emitido pelo chip em seu tornozelo. Eu o verificava todos os dias para saber onde ela estava. Era só uma questão de tempo até ela contratar um cirurgião para remover o dispositivo.

Naquele momento, eu a perderia para sempre.

Abri o aplicativo no meu celular e vi o pequeno ponto vermelho no mapa. Ela estava dentro de um prédio na Park Avenue, em Manhattan. O Central Park não ficava longe. O pontinho não se movia, então provavelmente estava dormindo. Pelo fuso horário estava no meio da noite.

O que ela fazia em Park Avenue?

Ele não estava preocupado com a sua segurança. Button era uma mulher inteligente e com recursos. Podia cuidar de si mesma sem qualquer problema. Não precisava de mim nem de ninguém. Mas eu sabia que não tinha o dinheiro que era preciso para viver em Park Avenue. E aquilo significava que estava na casa de alguém. Não podia ser um amigo ou parente, porque ela não os tinha. Tinha que ser um ex-namorado.

Fiquei com a boca cheia de bÍlis.

A ideia de ela transar com outra pessoa estava me deixando doido. Outras mãos acariciando sua pele suave e outros lábios beijando aquela boca doce. Suas pernas abrindo-se para que um homem a tomasse bruscamente na borda da cama. Aquelas imagens me atormentavam. Senti-me tão mal que já nem queria o café.

Mas não tinha o direito de me sentir assim.

Ela já não era minha. E eu nunca tinha sido dela.



CAPÍTULO 3

PEARL

Jason tinha um apartamento lindo. Havia muito espaço e era limpo. Ele tinha dois quartos em lados opostos, então não senti que estava atrapalhando porque havia espaço de sobra. A cozinha era grande, como a sala de estar.

— Como você dormiu? — Quando entrei, ele estava sentado na mesa da cozinha comendo cereais.

Eu estava usando um pijama que ele me emprestou. As calças eram muito grandes, então eu tinha enrolado várias vezes. A camiseta de algodão era macia e estava limpa. Cheirava a homem e acho que isso me ajudou a dormir.

Porque o meu subconsciente fingiu que o meu corpo estava ao lado do Crow.

— Bem. E você? — Sentei-me em frente à ele e servi-me de uma tigela de cereais.

— Ótimo. — Tinha o jornal ao lado, mas não o pegou para ler. Seus olhos estavam pousados em mim, estudando-me sem perder nenhum detalhe. Quando me trouxe a seu apartamento na noite anterior, não tinha me feito nenhuma pergunta. Ele limitou-se a fazer-nos o jantar e a mostrar-me onde eu ia dormir.

Eu o agradei.

— Você vai trabalhar hoje?

— Sim. Tiraria o dia de folga, mas acabo de começar neste emprego.

— Não, não se sinta mal por me deixar sozinha. — Lhe disse rapidamente. — Eu estarei perfeitamente bem. Contanto que eu tenha alguns cereais, tudo estará bem.

Quando sorriu, sorriu também com os olhos.

— Ainda bem que você ainda tem o mesmo senso de humor.

— Parece-me que a esta altura já é inerente à minha personalidade. Só queria dizer...

— Eu sei o que quis dizer. — Depois de ter sido uma escrava sexual, teria que estar muito fodida por dentro para encontrar uma razão para rir. Talvez tivesse sido assim, se tivesse ficado com o Bones por mais tempo. Estar com o Crow tinha-me recomposto. Ele me mostrou que ainda podia desfrutar do sexo (e muito) mesmo depois de ter sido estuprada. — Quando coisas ruins acontecem, você pode permitir que elas te derrotem ou pode superá-las. Eu decidi pelo último.

Ele continuou a olhar para mim com olhos fascinados.

— Acho que é uma boa atitude.

Coloquei leite na tigela e comecei a comer.

— Obrigada por me deixar ficar aqui.

— Claro. Fique o tempo que quiser.

— Quando foi que você se mudou para cá?

— Há menos de um ano. Quando cheguei à cidade, tentei te ligar para ver se gostaria de sair comigo, mas não consegui te encontrar. Depois de pesquisar um pouco, descobri o que tinha acontecido. Me deixou arrasado. — Moveu seus cereais com a colher, sem levantar os olhos. — Eu estava muito preocupado com você. O que te aconteceu é terrível. Nem sequer posso... — balançou a cabeça e suspirou. — Isto não é o que você precisa ouvir. Desculpe. Eu tenho que ser positivo.

— Não faz mal. Também é traumático para as pessoas que se preocupam comigo.

Comeu mais algumas colheres de cereais.

— Jacob já sabe que você está bem?

A polícia deve ter lhe falado do meu ex-namorado.

— Sim. — Não queria falar sobre Jacob e certamente não tinha intenção de contar a Jason o que realmente aconteceu. Exigiria que entregasse Jacob à polícia. Economicamente, eu ainda não estava preparada para fazer aquilo. Preferi utilizá-lo para conseguir o que me fazia falta em vez de colocá-lo entre as grades. — Tínhamos rompido pouco antes disso. Já não nos falamos.

Jason não me fez mais perguntas a respeito. Deve ter detectado que eu não tinha vontade de falar de Jacob.

— Enfim, por que você se mudou de volta para cá? — Manter a conversa superficial era bom para nós dois.

— Me ofereceram um emprego no centro da cidade. O salário era muito bom para recusar.

— Isso é ótimo. Estou feliz por você.

— Obrigado. — Ele respondeu. — Sinceramente, eu meio que esperava que quando me mudasse, nós pudéssemos ficar juntos. — Apoiou os cotovelos sobre a mesa e me olhou. — Tive algumas namoradas ao longo destes anos, mas nenhuma era a adequada para mim. Acho que continuei a compará-las com o que tivemos, você e eu. Não valorizei isso até que se acabou.

Eu não fiquei muito segura de como me sentia diante daquela confissão.

Ele percebeu o meu desconforto.

— Não espero que nada aconteça entre nós. Depois de tudo o que você teve que passar, não tenho dúvida de que será a última coisa que vai passar pela sua cabeça. Eu não estava tentando flertar com você. Só queria ser sincero sobre minhas

intenções ao me mudar para cá. Por isso me afetou tanto saber que você tinha sido sequestrada. Partiu meu coração.

— Nesse momento não estou buscando um relacionamento. — Devia deixar isso claro para evitar mal-entendidos. Jason ainda era tão bonito como sempre e nossa relação tinha sido fantástica. Se não tivéssemos nos separado por causa do trabalho, provavelmente ainda estaríamos juntos. Certamente já teríamos nos casado. Mas naquele momento não me sentia nem de longe preparada para pensar em sentir nada por ninguém.

Jason não pareceu ofendido.

— Entendo perfeitamente, Pearl. Agora não é o momento.

Suspirei aliviada por ver como reagia bem ao meu pedido. Parecia sincero ao dizer que estava me ajudando porque se importava comigo e não só para transar comigo. Jason sempre foi um homem muito bom.

— Obrigada...

— Claro. — Acabou de comer o cereal antes de deixar a tigela na pia. — Saio por volta das cinco. Farei o jantar quando chegar em casa.

— Não se preocupe. Eu cuido disso.

Ele abriu a carteira e deixou algum dinheiro no balcão.

— Certo. Pegue algum dinheiro.

— Eu pago. Mas obrigada.

— Vamos, Pearl. Por favor, insisto. — E empurrou o dinheiro em minha direção. — Deixe-me cuidar de você por um tempo. Concentre-se exclusivamente em ficar melhor.

Eu tinha perdido tudo o que possuía depois de ser raptada, por isso tinha de recomeçar. Comprei roupas novas e produtos de higiene com o dinheiro que Jacob tinha me dado, porque comprar um novo guarda-roupa não saía barato.

Teria que conseguir um trabalho o mais rápido possível.

Quando Jason chegou do trabalho, o jantar estava posto à mesa.

— Alguma coisa cheira muito bem.

— Oh, não é nada mais que meu perfume. — brinquei.

Ele deu uma risada e deixou a pasta no balcão.

— Perfume com cheiro de comida... gosto da idéia. — Ele estava usando um terno que fazia sobressair os músculos de seus ombros e seu peito. Para se manter em tal forma, certamente tinha que treinar todos os dias.

— Como foi no trabalho?

— Não foi ruim. Mas você sabe, é trabalho. — Ele ficou ao meu lado na frente da cozinha e observou o conteúdo da caçarola.

— Comida italiana. Que bom.

— A comida está quase pronta.

— Está bem. Vou mudar de roupa. — Ele entrou no quarto e fechou a porta.

Servi os pratos e os coloquei sobre a mesa. Não tinha comprado vinho porque não sabia qual era bom. E também pensei que seria algo muito romântico. Água estava bom.

Ele voltou de jeans e camiseta e sentou na minha frente.

— Obrigado por me receber.

— Não tem de quê.

Comeu em silêncio, com os olhos sempre postos em algo que não fosse eu.

Eu suspeitava que ele fazia de propósito, para que eu não me sentisse desconfortável. Raramente me tocava e ao aproximar-se sempre deixava uns poucos palmos de distância entre nós. Nunca me abraçava a menos que contasse com minha permissão explícita.

— Mandei vários pedidos de emprego hoje.

Ele engoliu rapidamente e se engasgou. Tossiu contra o guardanapo até clarear a garganta.

— Já? Você não precisa ter tanta pressa para encontrar um emprego. Este apartamento é grande o suficiente para duas pessoas.

— A verdade é que eu gostaria de voltar a trabalhar. Amava meu trabalho.

— Você já pensou em entrar em contato com eles e pedir seu emprego de volta, dadas as circunstâncias?

— Eu já tentei. Um ano atrás, outra pessoa foi contratada para o meu posto. Eles não podem demiti-la. Não seria justo.

— Que pena. Mas estou certo que você encontrará outra coisa.

— Eu sei que sim.

— Então, não se sinta pressionada a encontrar um trabalho e outro lugar para viver. Não digo isso só para ser amável. Não há motivo para estresse.

— Eu sei, Jason. Mas quanto mais cedo voltar ao normal, mais cedo começo a me sentir normal.

Ele voltou a desviar o olhar, mantendo-o preso a comida.

— Você foi às compras hoje?

— Sim. — Olhei para a minha blusa. — Precisava desesperadamente de roupas novas.

— Está bonita. Gosto da maneira que esta cor combina com você.

— Obrigada.

O jantar acabou e ele limpou a boca com o guardanapo.

— Por nada, estava muito bom. Obrigado por ter cozinhado.

— De nada. — Fazia um ano que não cozinhava. Fiquei surpreendida por me lembrar como se fazia.

— Quer assistir TV? Ou prefere que saíamos para fazer algo?

Não me agradava estar rodeada de gente. Quando vivia com Crow, raramente via outro ser humano. Ironicamente, a verdade era que preferia assim. Antes adorava encontrar pessoas interessantes na cidade, mas agora só queria ficar sozinha.

— Assistir TV parece bom.

— Vamos lá.

Assim se passaram duas semanas. E nós desenvolvemos uma rotina conjunta. Eu sempre tinha o jantar pronto quando ele chegava do trabalho e ele sempre lavava os pratos antes de ir para a cama. Depois de jantar víamos tv ou jogávamos algum jogo de tabuleiro. Ele sempre mantinha distância, sentando-se normalmente no sofá em frente ao meu.

Fui a algumas entrevistas de emprego, mas não entraram em contato comigo depois, nenhuma delas. Com sorte, encontraria um bom emprego. Estava ansiosa para voltar a trabalhar e trazer alguma normalidade à minha vida. Agora eu não tinha nenhum propósito.

No início da terceira semana, começaram os sintomas da abstinência. Tinha passado de desfrutar de um sexo incrível a nenhum por completo. Não pensei que isso me afetaria, pela forma que estava profundamente ferida pela rejeição de Crow.

Mas ele tinha me deixado daquele jeito. Com um tesão monumental e a lembrança dos seus beijos, o que me fazia arder permanentemente. Tinha a mente constantemente cheia de fantasias dele me penetrando, agarrando meus cabelos em seu punho e esmagando sua boca contra a minha. Eu senti falta dele.

Enquanto Jason estava trabalhando, pegava emprestado seu laptop e via pornô. Tentava me tocar olhando aqueles vídeos, mas nada funcionava. Não conseguia tirar da cabeça o quão artificial aquilo parecia.

Rejeitei a idéia completamente e fiquei sem saber o que fazer. Eu poderia dormir com Jason, mas não queria ultrapassar aquela linha. Naquele momento éramos bons amigos e companheiros de quarto. Não queria me arriscar a estragar

aquilo. Talvez um dia pudéssemos voltar a sair juntos, mas não era o momento certo. Por mais que odiasse admitir, continuava pensando em Crow.

Com o tempo, deixaria de pensar nele. E um dia, quem sabe custaria a lembrar seu rosto. E então poderia seguir com minha vida. Talvez assentar, casar e ter filhos.

Talvez essa fosse uma boa idéia.

Tentei me tocar usando minha imaginação. Imaginei um gostoso qualquer com um corpo perfeito. Tentei manter tudo num nível puramente físico para poder gozar. Mas, à força, Crow entrou em minha mente e tomou o espetáculo. Me fez lembrar a maneira que me dava prazer e assim eu esfreguei meu clitóris com mais força ao chegar ao orgasmo, sussurrando seu nome. Sua lembrança me dava tanto prazer que não me senti culpada. Eu realmente precisava dele.

Jason estava sentado no outro sofá enquanto víamos televisão. Ele tinha posto num jogo dos Yankees porque era fã de beisebol, mas não parecia interessado em assistir.

— Pearl, posso te perguntar uma coisa?

— Sim, claro. — Ele se mantinha longe de assuntos desconfortáveis, então não vi problema nenhum nisso. Eu tinha um cobertor sobre as pernas e estava de pijama e com o cabelo recolhido em um coque desleixado. Jason já tinha me visto antes sem maquiagem. Costumávamos passar o fim de semana na casa dele.

— Encontrei alguns bons terapeutas no centro. Verifiquei suas experiências e qualificações, e eles trabalham com vítimas na sua situação. Talvez você possa falar com eles sobre tudo o que aconteceu. Sabe... para que você tenha alguém que entenda como você se sente.

Era um mero detalhe. Jason só estava tentando me ajudar e queria que eu fosse feliz.

— Isso é muito gentil de sua parte, mas acho que estou bem. — Não havia terapia suficiente no mundo para apagar o que havia me passado. Eu devia continuar a ser forte e superar. Falar sobre meus sentimentos e sobre o passado só pioraria as coisas. E se eu confessasse que tinha desenvolvido fortes sentimentos por um dos meus captores, eles saberiam como eu era louca. Essas coisas só precisavam de tempo para passar.

— Você sabe que pode sempre contar comigo se precisar desabafar. Não posso nem começar a entender pelo que passou, mas sempre estarei disposto a te escutar.

— Também sei disso, Jason.

Quando ele percebeu que eu não ia mudar de ideia, se voltou para a televisão.

E passamos o resto da noite em silêncio.

— Você não precisa ir embora. — Jason estava me ajudando a guardar uma das duas caixas que tinha no meu novo apartamento. Tinha encontrado um emprego numa empresa de construção e sabia que podia pagar as minhas contas a longo prazo. — Parece-me que você está se precipitando. Eu te disse que não me importava de partilhar o meu apartamento contigo.

— Eu sei, mas preciso ser independente.

— Mas você nem tem uma cama.

— Isso é o próximo item da minha lista — digo com uma risada.

— E onde vai dormir esta noite? No chão?

Não previ esse inconveniente.

— Sim, amanhã as minhas costas vão me matar.

— Fique em minha casa até que tenha alguns móveis. Você é mais do que bem-vinda. Realmente.

— Você já fez muito por mim, Jason. Eu me sentiria mal abusando mais ainda da sua hospitalidade.

— Bobagem. Nos conhecemos há quase dez anos. É como se fôssemos família. Meu olhar se enterneceu.

— Jason...

— Vamos lá. Eu não vou deixar você ficar aqui até ter alguns móveis. Se você dormir no chão, vai ficar bem dolorida. E que eu saiba, precisa estar bem disposta pela manhã.

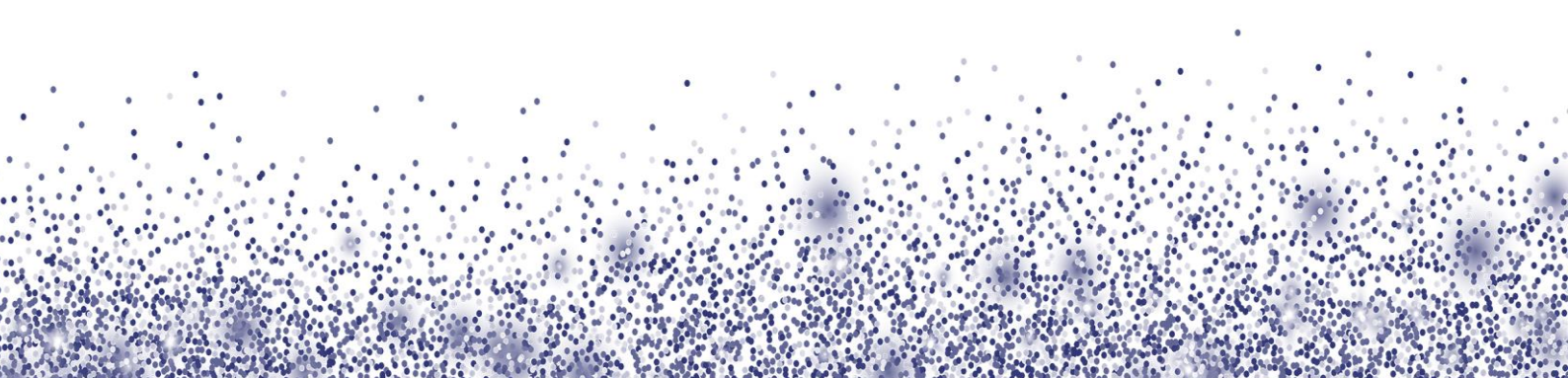
— Ok. Você me convenceu. Mas eu suspeito que você só faz isso para ter alguém que cozinhe para você.

Ele encolheu os ombros.

— Talvez seja melhor assim.

— Bem, eu vou levar de volta uma das caixas. A outra eu não preciso.

— Dentro de muito pouco tempo, este apartamento estará cheio de coisas. E então parecerá que está em casa.



CAPÍTULO 4

CROW

Deitei-me no sofá e olhei pela janela. Estava em meu escritório nas adegas, mas em vez de trabalhar, havia preferido olhar pela janela e contemplar os vinhedos que se estendiam diante de mim. Tinha várias contas, folhas de pagamento e papéis para do seguro para revisar.

Mas não conseguia me concentrar.

Cada vez que abria uma nova garrafa de vinho, o cheiro não me fazia pensar em uvas prensadas de uma boa colheita. Não me fazia pensar nos preciosos vinhedos que rodeavam minha casa. Só me recordava uma coisa.

O sabor dos seus lábios.

Sempre tinham a doçura do vinho. Com um toque amargo, mas sobretudo doce. Costumávamos partilhar uma garrafa no jantar e o nosso sexo cheirava muito a isso. Quando ela arfava e gemia contra meu rosto, eu podia cheirá-lo em seu hálito. Podia senti-lo em seus poros.

Ela tinha partido há um mês, mas parecia que só tinha se passado um dia. Ainda encontrava fios de seus cabelos pela casa. Havia botões espalhados por toda parte. Alguns até tinham entrado na gaveta da minha mesa de cabeceira. Ainda não tinha entrado no seu antigo quarto, porque sabia que não estava preparado para isso. Sua roupa ainda seguia ali, junto com o resto de suas escassas posses. Bem como o seu frasco de botões.

Quanto tempo isso duraria?

Minhas outras parceiras nunca me fizeram falta. Ao fim de nosso relacionamento, cada um ia pro seu lado e o assunto era dado como encerrado. Normalmente não dedicava mais nenhum pensamento a elas e passava para a próxima conquista e me perdia nos arrebatamentos dessa próxima paixão. O sexo não se concentrava na outra pessoa, só no ato.

Mas não podia deixar de pensar em Button. Continuava dormindo num lado só da cama. Quando sonhava, era sempre com ela. Ainda verificava seu dispositivo de rastreamento a toda hora, esperando ver desaparecer o sinal.

Percebi que mudava de posição durante o dia. Toda manhã e até o final da tarde estava em um edifício no outro extremo da cidade. Suspeitava que aquilo significava que tinha conseguido um trabalho. Não vivia mais em Park Avenue.

Tinha se mudado para outro bairro. Só podia concluir que tinha encontrado seu próprio apartamento.

Com sorte, estaria vivendo sozinha.

Talvez a pessoa com quem tinha vivido antes fosse uma amiga. Talvez ela tenha decidido ficar longe dos homens, depois de tudo o que aconteceu. Disse-me que não confiava neles e que nunca voltaria a fazê-lo.

Esperava que isso fosse verdade.

Agora já não era minha, assim o que fizesse não era assunto meu. Podia transar com quem quisesse. Se casar e ter filhos, se isso fosse o que desejava. Para mim aquilo não significava nada.

Mas cada vez que ela voltava ao apartamento da Park Avenue, eu ficava nervoso. Se estivesse dormindo com alguém, me mataria saber. Tentei mentir para mim mesmo, mas não funcionou. Talvez fosse ciúme ou eu ainda me sentia possessivo. Tudo o que sabia era que me mataria saber que ela tinha deixado alguém tocá-la.

A porta do meu escritório se abre.

— Crow?

Reconheci a voz imediatamente.

— Olá, Jasmine. — Bloqueei o celular e escondi o sinal de GPS que ainda brilhava intensamente em Nova Iorque. Button deveria querer que eu soubesse onde ela estava. Caso contrário, já teria removido o rastreador. A menos que ela tivesse esquecido. Talvez não se importasse comigo.

Não a culparia, se fosse isso.

Jasmine se aproximou de minha mesa. Usava um vestido colado como uma segunda pele e saltos altíssimos. Seus cabelos estavam presos e usava tanta maquiagem que parecia uma prostituta.

— Como você está indo?

— Bem. — *Horrível*. — E você?

— Ótima. — diz. — O comércio internacional está definitivamente em alta.

— Isso é ótimo. — Pouco me importava com isso.

— Ouvi dizer que sua visitante partiu há semanas.

Devia ter percebido que não tinha vindo falar de trabalho.

— Quem te disse isso?

Ela encolheu os ombros.

— Eu não me lembro.

Não havia sido Lars. Ele jamais contaria a ninguém. A única outra pessoa que sabia era Cane. Ele era um falastrão, então provavelmente era o culpado.

— Então, isso significa que ela realmente se foi?

— Sim. Ela voltou para casa. — Eu precisava de um uísque. Minha garganta estava se fechando e de repente estava com calor.

— Estou vendo. — Apertou os lábios para disfarçar o seu sorriso. — Que tal irmos jantar fora depois do trabalho? Adoraria pôr a conversa em dia.

O desespero não era atraente. Aquela mulher estava se esforçando ao máximo para estar comigo, mas eu não entendia a razão. Não era particularmente amável com ela e nossa relação não tinha durado muito. Tinha sido culpa minha por sair com uma empregada. Devia ter sido mais esperto.

— Nunca namoro antigas parceiras. — Era uma regra que eu tinha acabado de inventar. Mentira, só que não saia com uma antiga amante, a não ser que fosse algo espontâneo. E o que Jasmine estava fazendo era o contrário, parecia forçado... e bastante aborrecido.

Ela sentou-se na borda da mesa e jogou o cabelo sobre um ombro. Estava tentando parecer sensual, mas quando uma mulher tinha que se esforçar para sê-lo, cometia uma falha fundamental.

— Oh, vamos. Eu estou disponível e você também, mestre.

Ela estava tentando me provocar com aquele sugestivo termo. Não deu muito certo.

Button nunca me chamava assim. Tampouco se chamava de escrava. Só cedia uma parte de si voluntariamente, a parte que não entrava na sala de jogos. Devia ter percebido então que estávamos a caminho da destruição.

— Jasmine, você é uma mulher linda, mas não vai acontecer nada entre nós. Não me faça repetir.

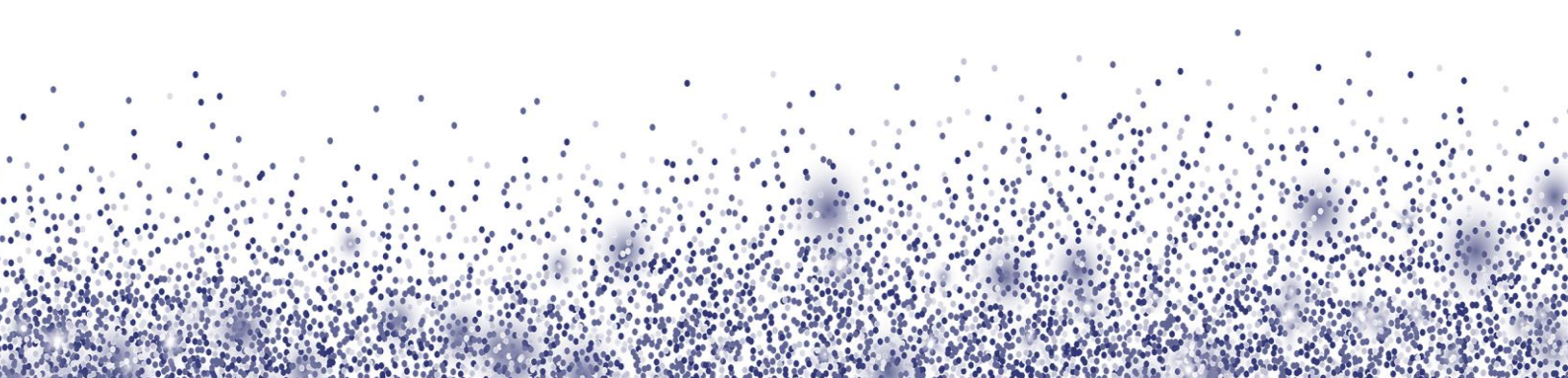
Ela se sentou perto da minha mesa, ressentindo-se da rejeição como se fosse sal sobre uma ferida aberta. Tentou se recuperar pondo-se reta e alisando o vestido.

— Este barco está prestes a zarpar, Crow. Vai perder a oportunidade de subir a bordo.

Eu não queria nenhuma oportunidade.

— Eu entendo. Você merece alguém melhor do que eu, de qualquer maneira. — Queria um homem que se casasse com ela e lhe jurasse amor eterno. Queria um milhão de coisas que eu era incapaz de lhe dar.

— Crow. — Inclinou-se sobre a mesa, pondo seus olhos ao nível dos meus. — Não há ninguém melhor que você.



Costumava me sentar em meu escritório e ficar olhando o fogo na lareira. Era assim que passava todo meu tempo livre. Olhava as chamas e vivia no passado. Relembrando daquele cabelo castanho escuro que escorria pelas pontas dos meus dedos, aquelas pernas esbeltas que seguravam firmemente minha cintura. As chamas da chaminé recordavam-me constantemente o fogo que ardia nas profundezas da sua alma.

Ela não queria ir embora.

Alguém bateu à porta antes de abri-la.

— Excelência, Cane está aqui para vê-lo.

Eu não o via desde que Button partiu. Ele tinha telefonado algumas vezes, mas eu não o tinha atendido. Quando ela foi embora, perdi qualquer motivação para fazer as coisas. Nem quando ia para o trabalho, não conseguia terminar nada. Só me sentava ali e olhava pela janela, sonhando acordado com a tarde que passamos juntos na praia.

— Faça-o entrar.

— Sim, Excelência. — Lars fechou a porta.

Servi dois copos de uísque e esperei que meu irmão entrasse.

Cane entrou no escritório um segundo depois, usava jeans escuros e uma jaqueta de couro. Deixou-se cair na cadeira junto a mim e agarrou a bebida em cima da mesa. Inclinou-se contra o encosto, se pondo a vontade.

Há muito tempo que desisti de tentar ensinar-lhe boas maneiras.

— Onde caralho você se meteu durante o último mês? — falava da maneira que pensava, como uma criança.

— Você sabe, o de sempre.

— Não, não sei. Você é o cara mais misterioso que já conheci e eu sou seu irmão.

Posei o copo de uísque no joelho, acariciando o vidro frio com as pontas dos dedos.

— Está saindo com alguma mulher nova?

— Não.

— Ainda está afim da última, hein?

— Não.

— Tem certeza disso? Você parece bastante deprimido.

— Eu sempre estou deprimido. — Era minha personalidade natural. A vida passava sem adquirir significado algum. Me consolava com vinho e solidão.

Cane deu uma risada sarcástica.

— Você veio por alguma razão especial? — Além de me irritar.

— Por que você não fala com ela?
— De quê? — Dei um gole. — Não há nada a dizer.
— Crow, não entendo por que está sendo tão idiota com este assunto. Se você quer a garota, vá e lhe diga.
— Eu não a quero.
— Uma merda que não.
— Não. — Eu diria quantas vezes fosse necessário.
— Então por que você está de cara feia há um mês?
— Insisto, eu sempre estou de cara feia.
— Você não me deixou nem colocar um dedo nela. Mas antes me deixava transar com suas outras garotas.
— Isso não quer dizer nada.
— Foda-se, cara. Claro que sim. Só estou tentando te ajudar.
— Bom, então não faça. — Ia ser uma noite daquelas, assim me servi de outro copo. — Agora, podemos falar de negócios?
Cane se inclinou na poltrona e suspirou.
— De nada, o que você quiser. Fiz todo o possível para tirar sua cabeça do cu. Eu mudei de assunto.
— Quando saem os carregamentos?
— Na segunda-feira. — Ele se meteu no assunto, abandonando por fim sua ridícula teoria sobre meus sentimentos por Button.
Agora todos podemos seguir em frente.

Incapaz de dormir, saí do meu quarto e desci à cozinha. Quase nunca ia ali porque o pessoal me preparava todas as refeições do dia. Mas era fácil encontrar um copo de água. Fiquei ao lado da pia enquanto bebia e olhava pela janela. Lá fora estava escuro como a boca de um lobo.

— Sua Excelência.

Não tinha ouvido Lars se aproximar. Estava concentrado na escuridão que envolvia minha casa. Deixei o copo e me virei.

— Alguma vez você dorme, Lars?

— Não se houver alguém na minha cozinha. — Ele usava pijama e chinelos. Em casa eu sempre o via vestido de terno. Era raro vê-lo com um traje tão informal. — Posso oferecer-lhe algo, Excelência?

— Não. Desculpe tê-lo acordado. — Virei-me para a pia e agarrei o copo.

Lars não se moveu. Ficou ali de pé com as mãos atrás das costas, observando todos os meus movimentos.

— Você queria algo mais? — terminei de beber e deixei o copo na pia.

— Posso dizer uma coisa, Excelência?

Me virei, intrigado pelo estranho pedido.

— Suponho que sim.

— Quem tiver a sorte de encontrar alguém que o faça feliz, fique ao seu lado o máximo possível. Um dia podemos perdê-los, mas mantê-los à distância não vai tornar nada mais fácil a longo prazo.

Me apoiei contra o balcão, com os braços cruzados no peito. Olhei-o com expressão estóica, sem deixar entrever meus pensamentos. Sabia que Lars tinha perdido a mulher e a filha há muito tempo. Desde então, ele nunca mais foi o mesmo e se esforçou para se manter ocupado para que a dor não o engolisse inteiro.

— Boa noite, Excelência. — Dedicou-me uma rápida inclinação antes de sair da cozinha.

Fiquei olhando para o ponto em que ele esteve de pé, pensando em tudo o que tinha dito. Não tinha dito palavras explícitas, mas tinha deixado muito clara a sua opinião.

— Boa noite, Lars.



CAPÍTULO 5

PEARL

Já haviam se passado dois meses. E eu estava começando a ficar louca. Sentia terrivelmente falta do sexo. Sentia falta da maneira como Crow me agarrava com firmeza, penetrando-me agressivamente. Sentia falta da forma como os seus dedos fortes se enterravam no meu cabelo, me reclamando como se fosse dele, dos seus beijos.

Senti falta de tudo.

Precisava fazer sexo.

A masturbação já não me bastava. Não era nem de longe tão agradável, e depois de algum tempo, me sentia simplesmente patética. O pornô também não funcionava, porque só sonhava com Crow. E aquilo não me ajudava a virar a página.

Nunca me permitia pensar nele. Quando estava no trabalho, seu rosto vinha a minha mente, mas eu o afastava rapidamente de meus pensamentos. Quando estava em casa, me perguntava o que estaria fazendo, mas depois parava em seco aqueles pensamentos. O único momento em que não conseguia deixar de pensar nele era quando me tocava.

Era a única coisa que me excitava.

Eu tinha me convencido que era só sexo. Nunca tinha desfrutado de um sexo tão bom antes, assim não tinha nada com que comparar. Não era pelo homem em si, mas pelo pacote completo.

Jason passou no meu apartamento aquela noite com uma caixa de pizza nas mãos.

— Trouxe presentes.

— Oh... Muito bons presentes.

Ele entrou e deixou a caixa no balcão.

— Tinhas planos para esta noite?

— Só um encontro com a minha televisão.

— Você se importa se fico por aqui esta noite?

— Se você não se importar de ser excluído de vez em quando.

Ele deu uma risada.

— De modo algum.

Pegamos a pizza e algumas cervejas e fomos assistir TV sentados no sofá. Como sempre, ele ficou a certa distância de mim. Esforçava-se para deixar um espaço desnecessário entre nós. Continuava me olhando como uma vítima de estupro, não como uma amiga e nem como uma mulher pela qual se sentisse atraído.

Eu não gostava de ser tachada como uma vítima. Não queria ser vista daquele modo. Apesar daqueles meses em cativeiro terem sido os piores da minha vida, não me definiam como pessoa. Continuava a ser a mesma mulher que tinha saído de Nova Iorque.

Só desejava que Jason me visse daquela maneira.

Depois de bebermos umas cervejas e comermos a pizza, ambos relaxamos. Ele estava usando uma camisa que destacava os músculos do peitoral e ombros. Seu cabelo louro escuro estava meticulosamente penteado e seu rosto era atraentemente másculo.

Sentia-me atraída pelo Jason.

Quando namorávamos, eu o adorava. A separação foi dura durante os primeiros meses. Chorei muito. E quando descobri que ele estava saindo com outra pessoa, me senti morta por dentro. Mas à medida que o tempo passava, foi ficando mais fácil. E finalmente superei a nossa relação.

O sexo não era ruim. Às vezes eu conseguia gozar. Ele era terno comigo, em vez de me tomar com dureza.

Eu sabia que ele ainda se sentia atraído por mim.

Estava preparada para levar minha vida a diante. Precisava de um bom sexo e um pouco de carinho. Meu corpo ansiava ser tocado. Minha pele morria por receber beijos e suaves mordidas. Minhas coxas desejavam desesperadamente se cingir ao redor dos quadris de um homem. Queria ter calor, suar e rolar pelos lençóis. Crow provavelmente já teria me substituído por alguma bela e exótica mulher e provavelmente nunca pensava em mim.

E eu não devia ter pensado nele.

Levantei-me do sofá e sentei-me ao lado do Jason.

Ele me olhou instantaneamente, surpreso pela proximidade.

Manteve as mãos no colo, mas seus olhos percorreram pela curva de meus seios sob meu vestido, embora o tenha desviado rapidamente o olhar, como se estivesse envergonhado de ter olhado em primeiro lugar.

Ele jamais daria o primeiro passo, assim eu o fiz. Tomei-lhe o rosto entre as mãos e juntei minha boca com a sua. A sensação imediata foi de estranheza. Seus lábios não se pareciam com os de Crow. Eram mais grossos e o pêlo de sua barba por

fazer não coçava minha pele delicadamente. Não havia poder em seu contato. Não sentia a dominação atravessando-o em poderosas ondas.

Depois da surpresa inicial, Jason me atraiu para si e seu beijo se tornou mais profundo. Seus fortes braços me envolveram, fazendo-me sentir segura. Era muito agradável sentir o calor do corpo de um homem. Era um alívio sentir-se necessária e atraente.

Subi em cima dele pressionando meu peito contra o seu e sugando-lhe o lábio inferior. Passei meus braços pelo seu pescoço, esfregando-me lentamente contra a sua ereção através dos jeans. O volume era considerável, mas não tão grosso como o de Crow. Eu já sabia como era com Jason porque estive com ele centenas de vezes, mas não pude evitar compará-lo com Crow.

Desabotoei seu jeans e baixei-lhe o zíper. Sua boxer estava no meu caminho. Puxei-a para baixo para libertar o seu membro. Continuei a beijá-lo e nossas línguas dançaram juntas. Depois subi o vestido e afastei minha calcinha.

Jason agarrou-me pelas ancas e afastou-me ligeiramente.

— Pearl, espere. — Estava sem fôlego, com os olhos escuros de desejo. Tinha o rosto ardendo e as bochechas ruborizadas. — Acho que não devíamos fazer isto. — Ele amassava-me as nádegas com as pontas dos dedos. Movia levemente os quadris, esfregando seu sexo contra o meu. Seus movimentos contradiziam todas as suas palavras. — Talvez devêssemos ir com calma porque você passou por muita coisa.

Eu estava farta de que me olhasse daquela maneira. Somente uma vez em minha vida tinha sido uma vítima, mas aquilo era passado. Enfrentei os meus problemas e superei-os.

— Jason, eu estou bem. Pare de se preocupar comigo. Você quer transar ou não?

Ele fechou os olhos e respirou fundo antes de colocar uma camisinha e apontar seu membro para a minha entrada. Agarrou-me pelos quadris e me fez descer lentamente sobre sua ereção, gemendo ao me sentir a seu redor.

Era bom ter um homem dentro de mim outra vez. Não era nem de longe tão surpreendente como quando Crow me penetrava, mas eu tinha que deixar de pensar naqueles meses que tinha passado com ele na Itália. Tinha de seguir em frente e encontrar novas formas de ter prazer.

Com sorte, Jason seria uma solução.

O meu alarme tocou e gemi ao silenciá-lo. A minha vida tinha se tornado normal e eu odiava acordar cedo, como sempre fiz. Mas tinha um trabalho para ir e

contas

para

pagar.

Jason gemeu ao meu lado, sem querer levantar também.

— Vamos abandonar nossos trabalhos e viver de caridade.

— É a melhor ideia que já ouvi.

Jason me abraçou por trás e me deu um beijo no pescoço. Suas carícias sempre eram suaves. Embora fossem agradáveis, eu queria algo mais enérgico. Queria que ele mordesse a minha clavícula e me batesse na bunda ao mesmo tempo.

Mas ele nunca fazia isso.

Ele aproximou os lábios da minha orelha.

— Temos tempo? — Apertou minha bunda enquanto beijava minha orelha.

— Para isso sempre há tempo. — Pus-me de quatro e esfreguei a minha virilha contra a sua. Movi os quadris, deslizando acima e abaixo, desde seus testículos até sua glândula.

Jason agarrou-se aos meus ombros, gemendo.

— Você é incrível, sabia? — Ele direcionou seu sexo para minha entrada e me penetrou com um rápido movimento.

Eu me balancei com força contra ele, desejando gozar antes de ir trabalhar. Nem todas as nossas sessões de sexo terminavam num orgasmo, mas um terço ou perto disso tinha um final feliz. Talvez nesse dia eu tivesse sorte.

Meu traseiro ansiava ser açoitado e desejava que Jason me rodeasse a garganta com os dedos. Queria ser amarrada, amordaçada e fodida sem piedade contra o colchão. Queria sexo duro, igual ao que Crow costumava me dar.

— Me bate.

Ele penetrou-me mais lentamente.

— Você quer que eu te bata?

— Sim. — Balancei minha bunda.

Ele me deu uma palmada na bunda, que acabou sendo patética. Não foi nem mesmo uma palmada e sim um leve toque.

— Um pouco mais forte.

Ele voltou a fazê-lo, mas como da primeira vez, foi muito suave.

— Porra, Jason. Me bata com força.

Ele voltou a bater-me com a palma da mão, mas continuava a não o fazer bem.

— Assim mesmo, meu bem?

— Isso parece forte para você?

— Não vou te bater mais forte que isso. Vai te machucar.

— Quero que me machuque. Por que você não entende?

Jason não voltou a me bater. Agitou-se em meu interior com mais rapidez até gozar com um forte gemido.

Senti-o a sair de dentro de mim.

Incômodo por minhas últimas palavras, saiu da cama e entrou em seu banheiro. Ouvi abrir o chuveiro e a água espirrando os ladrilhos da parede.

Eu estava ardendo de tesão, mas tive de sair da cama. Sabia que Jason tinha ficado chateado comigo porque não me acompanhou até à porta como costumava fazer. Eu me vesti com pressa e saí sem esperar uma explicação. Se ele estava com raiva de mim, eu não dava a mínima.

Entrei no meu apartamento e joguei a bolsa no balcão. Passei o fim de semana todo fora porque ficava sempre na casa do Jason. Seu apartamento era maior, e tinha um segundo banheiro para poder deixar minhas coisas.

Tomei banho e me preparei para ir trabalhar. O bom do meu trabalho era que podia ir vestida de maneira informal. Normalmente usava jeans e camiseta, calcei sapatilhas antes de abrir a geladeira e tentar encontrar algo para preparar o almoço. Mas como esperava, não havia nada, não me lembrava da última vez que tinha ido às compras.

Eu peguei a bolsa do balcão e notei algo estranho ao lado dela. Havia dois botões, um dourado brilhante e o outro idêntico a uma pérola.

Fiquei em guarda.

De onde haviam saído? Será que estavam no bolso da calça que tinha vestido no avião? Tinha-os trazido da Itália e haviam caído? Mas como haviam terminado sobre a bancada?

Meu sangue congelou nas veias.

Só havia uma explicação possível.

Crow.



CAPÍTULO 6

PEARL

Depois do trabalho voltei ao meu apartamento. Tinha as chaves na mão, mas não as coloquei na fechadura. Meu coração me avisou o que estava do outro lado, de alguma forma, eu era capaz de senti-lo através da porta.

Eu sabia que ele estava lá.

Fiquei no corredor e acalmei meus nervos antes de colocar a chave na fechadura. Não tinha idéia do que ele queria, mas não me importava. Ele diria o que tivesse a dizer e depois desapareceria.

A menos que ele estivesse lá para me capturar de novo. E me lembrar que ainda tinha uma dívida com ele.

Quando minha chave girou na fechadura, percebi que a porta já estava aberta.

Meu coração começou acelerar a toda velocidade.

Virei a maçaneta e entrei, com as chaves ainda na mão, pronta para usá-las como arma. As luzes estavam apagadas e o apartamento estava escuro. As luzes da rua entravam pela pequena janela da sala de estar.

Acendi a luz da cozinha para não ficar cega.

Vislumbrei a sombra de um homem na sala de estar. Podia ver seus ombros fortes e sua enorme constituição, sentado na cadeira que havia em frente à televisão. Tinha as pontas dos dedos sobre os lábios e não se mexia. Nem sequer se voltou para mim.

Não precisava vê-lo para reconhecê-lo.

O meu coração estava acelerado e o meu peito se comprimia com a necessidade de respirar. Estava nervosa e assustada, assustada pelo homem que pensei nunca mais ver. Mas senti a excitação familiar entre as pernas. Bastava tê-lo na mesma sala que eu e imediatamente minhas calcinhas ficavam molhadas.

Eu odiava aquele cara.

— Invasão domiciliar é crime, sabe?

Ele nem se importou.

Fiquei ao lado do balcão, recusando-me a me aproximar dele. Ele tinha entrado no meu apartamento com a intenção de me pegar desprevenida. Queria controlar a situação, me controlar.

Mas eu não ia deixar.

— Posso te ajudar em alguma coisa?

Ele se levantou lentamente e emergiu das sombras. Com jeans escuros e uma camiseta preta, saiu à luz. Tinha a barba do dia anterior crescida e seu intenso olhar encerrava mais raiva do que eu já tinha visto. Tinha um aspecto aterrador, mas também dolorosamente atraente. Não havia mudado nos meses passados. Tinha o cabelo igualmente comprido e seu físico era o mesmo. A única coisa que parecia diferente era a sua loucura.

Parecia estar fora de si.

Eu me recusei a admitir que estava assustada. A situação era grave e perigosa. Suas intenções não ficavam claras, mas não deviam ser muito agradáveis. Eu não cedi terreno, abrindo a gaveta que tinha ao lado, então peguei uma faca de carne que tinha dentro e a segurei contra o balcão.

Ele a olhou antes de me dirigir um olhar assassino.

— Solte-a.

— Não. — Mantive meu punho bem apertado.

Ele deu um passo em minha direção.

— Largue-a ou verá o que vai acontecer se não o fizer. — Esticou as mãos para o balcão que havia entre nós e agarrou-se à borda.

Eu não queria ceder, mas sabia que já tinha perdido aquela batalha. Deixei-a cair na pia, o que fez um forte ruído ao ricochetear contra o aço inoxidável. Quando a faca deixou de se mover, o silêncio voltou ao apartamento. Só se ouvia o barulho distante do tráfego da rua.

— O que você quer?

Ele me olhou nos olhos.

Eu não desviei o olhar e tampouco cedi ao medo. Tinha passado quase um ano de minha vida com aquele homem, mas ainda me assustava. Havia passado mais de dois meses e não tinha notícias dele. Então, por que tinha vindo agora?

— Eu te fiz uma pergunta.

Ele tirou as mãos da borda do balcão e o contornou.

Eu dirigi-me para o extremo oposto, mantendo a bancada entre nós.

— Não me toque. — Sibilei.

— Então não fuja de mim. — E voltou a cercar a bancada, desta vez mais depressa.

Eu saí correndo para o quarto e fechei a porta com mãos tremulas. A adrenalina percorria todo o meu corpo e não conseguia parar de tremer. Consegui fechar o trinco quando ele agarrou a maçaneta.

Recuei e envolvi a cintura com os braços. Sentia como o pânico se apoderava de mim e não conseguia controlar minha respiração.

Houve silêncio do outro lado da porta.

Ele tinha ido embora?

Um forte golpe ecoou pelo apartamento quando derrubou a porta com o ombro. De um só movimento, quebrou o trinco e fez que a porta girasse sobre suas dobradiças com força.

Eu não tinha escapatória.

Apertou os punhos enquanto caminhava até mim, com a mesma expressão de raiva no rosto.

— Não me toque.

Ele me jogou sobre a cama, prendendo minhas mãos acima da cabeça e imobilizando meu corpo contra o colchão com seu peso e usou a mão livre para me agarrar pelo quadril.

— Me deixe em paz.

— Não. — Seu rosto estava a poucos centímetros do meu. Ele me olhava com uma expressão inabalável. Olhou-me os lábios antes de voltar para meus olhos.

— Quem diabos é esse cara?

— Quem? — lutei com ele, mas era muito pesado. Era como se fosse há um ano atrás, quando eu estava tentando escapar do meu torturador... antes de me apaixonar por ele.

— O filho da mãe que vive na Park Avenue.

Como é que ele sabia?

— Você estava me espionando?

Ele apertou meus pulsos.

— Responda à minha pergunta.

— Não! — Tentei dar-lhe uma joelhada na virilha, mas era muito forte.

— Você está transando com ele?

— Isso não é da sua conta.

Os olhos brilharam de raiva, porque podia ver a resposta escrita em meu rosto.

— Quem é esse cara, afinal?

— Jason.

Ele fechou os olhos quando reconheceu o nome.

— O idiota com quem você perdeu a virgindade?

— Ele não é idiota. É um dos melhores caras que conheci. E sim, foi o meu primeiro. Agora saia de cima de mim.

Ele se acomodou em cima de mim, apertando meus pulsos.

— Você não vai vê-lo nunca mais.



— Como se você pudesse me dizer o que eu posso fazer. — Torci os pulsos tentando me libertar. — Eu fui embora há dois meses e você não deu a mínima. Não tentou me ligar, nem me resgatar. Simplesmente me deixou ir. Reconstruí a minha vida e não vou deixar que um idiota como você me foda.

— Há um mal-entendido entre nós.

— Não. O que acontece é que você é um idiota.

Ele afundou ainda mais as mãos no colchão e aproximou mais seu rosto ao meu. O meu corpo reagiu imediatamente ao seu, não recuando, mas ficando tenso. Sentia sua respiração sobre minha pele e seu hálito ainda cheirava a vinho. Usava a mesma colônia e seus lábios seguiam sendo feitos para beijar.

— Eu te dei um descanso. Há uma diferença.

— Um descanso?

— Você não terminou de pagar sua dívida. Ainda me deve.

— Não te devo nada.

— Lamento discordar. — Moveu a mão para os meus jeans e desabotoou-os. — Ainda me deve trinta botões. Trinta.

— Vai se foder, Crow.

Ele puxou o zíper das minhas calças e tirou-as pelas minhas pernas.

— Você está prestes a fazê-lo.

As minhas coxas tremiam de ansiedade e a minha boceta ficou molhada. Não sabia qual era o meu problema. Aquele homem me aterrorizava e era um maníaco total, mas ainda assim meu corpo o desejava.

— Não vou fazer nada. Não te devo nada.

Ele tirou as próprias calças e chutou-as para longe. Enfiou dois dedos entre minha calcinha e enterrou-os imediatamente dentro de mim. A minha umidade espalhava-se sobre ela.

— Você ainda fica molhada por mim, Button.

Parei de olhá-lo nos olhos pela primeira vez, humilhada.

Ele colocou-se entre as minhas pernas. Eu ainda tinha as mãos amarradas acima da cabeça e estava indefesa ante o que queria me fazer.

— Você é minha. Não dele. Minha! — Ele colocou a cabeça do seu pau contra a abertura da minha boceta.

Apesar do que o meu corpo queria, eu não desejava que acontecesse aquilo. Passei os últimos dois meses tentando arrumar minha vida. Por fim, tinha começado a pensar menos nele e olhar para o futuro. Se voltasse a me meter em tudo aquilo, me perderia para sempre.

— Não, Crow.

Ele introduziu a ponta em mim.

Deitei a cabeça para trás pelo prazer que sentia. Mas continuava sem querer fazê-lo.

— Eu disse que não.

Aquilo também não o deteve.

Tentei pensar na palavra de segurança, mas tinha ficado em branco. Finalmente consegui recordá-la.

— Fogo.

Ele parou imediatamente e se retirou do meu interior. Soltou-me as mãos e se afastou. Olhou-me com a mesma raiva que antes, mas deixou as mãos quietas.

Eu me cobri com a colcha e desviei o olhar. Seus olhos me aterrorizavam demais para continuar olhando.

— Crow, me ajude a entender tudo isso. Por que você está aqui? - Ele tinha descoberto que eu estava dormindo com outro e tinha ficado com ciúmes. Mas aquilo não tinha sentido. Era ele quem havia me deixado ir, para começar. Quando lhe disse que o amo, foi ele quem não me correspondeu.

Sentou-se na beira da cama e encostou os cotovelos nos joelhos.

— Eu já te disse.

— Ambos sabemos que não te devo nada.

— Muito ao contrário. Eu tive que renunciar a minha vingança por você. Então me deve até o último botão que falta.

— Você não pareceu se importar muito com isso nos últimos dois meses.

— Sempre me importei. — Olhou para o chão, com os ombros tensos. — E você vai pagar-me até o último deles.

— Pois não penso em fazer. — Não havia nada que pudesse fazer para me obrigar a cooperar. Sabia que não me forçaria, nem tampouco me faria mau. Então não tinha nada com que me ameaçar.

— Você ama esse cara?

Eu me recusei a responder.

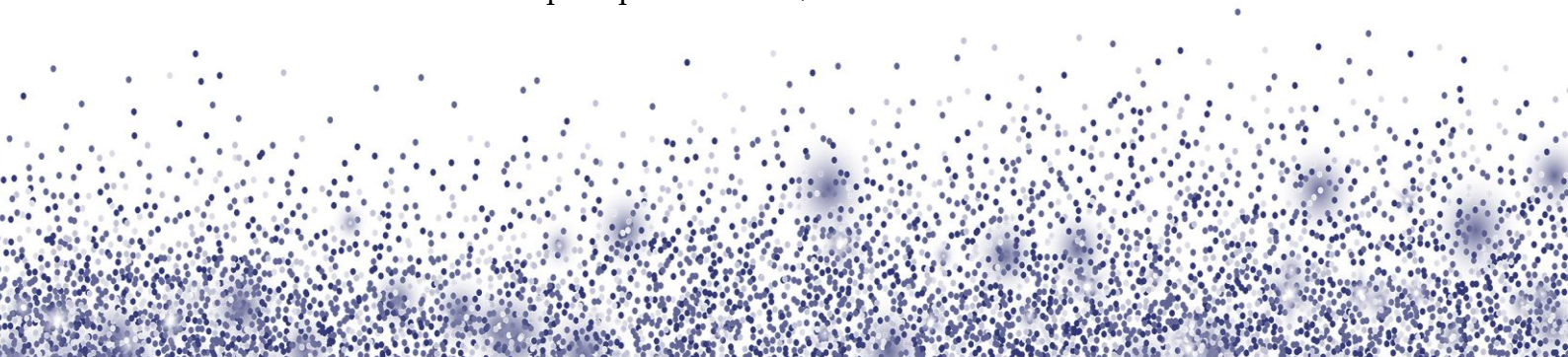
— Você o ama?

— Isso não faz diferença.

— Não importa — ele insistiu. — Agora me responda.

— Não. — Era um pouco insultuoso pensar que eu poderia me apaixonar por outra pessoa tão rapidamente.

— Mas você não quer que ele morra, não é?



Virei-me para ele, percebendo a ameaça no ar. Gelou-me o sangue a insinuação. Sabia que Crow era um homem sombrio, mas isto estava um nível a cima.

— Perdão?

— Se você não ganhar o resto dos botões, eu o mato. — Virou-se para mim, com a ameaça clara no olhar. Estava falando muito sério.

— Deixe-o fora disso.

— Não. Ele se meteu nessa situação assim que te tocou. Você não era dele para que pudesse te tocar.

— Mas o que você está fazendo, Crow? Você não pode ter tudo. Não pode esquecer de mim durante dois meses e foder uma série interminável de belas mulheres, para depois dar um ataque se eu seguir em frente e começar a ver outro homem. Isso é muito imaturo, até para você.

— Não fodi ninguém.

— Como se eu acreditasse nisso.

— Acredite no que quiser, mas quando eu menti para você? Não mentimos um para o outro, lembra?

Mesmo depois de todo esse tempo, eu ainda confiava em sua palavra. Aquilo não me fazia sentir melhor, só muito confusa. Eu não deveria me importar se ele havia ou não dormido com alguém.

— Então, o que você decide?

— Como?

— Vai pagar a sua dívida ou não?

— Não.

— Então eu vou matá-lo. Espero que você não pense que estou blefando. Eu matei muitos homens. Ele será apenas outro nome na lista.

— Mas você não mata pessoas inocentes.

— A inocência é subjetiva. Aos meus olhos, ele é culpado. De tocar algo que não lhe pertencia.

— Eu não sou sua.

— Você sempre foi minha. E sempre será.

O meu coração parou um instante e desviei a vista.

— Dou um dia para você pensar nisso. — Ele levantou-se da cama e vestiu as calças. Depois saiu do quarto. — Outra coisa, se você lhe contar sobre isso, eu terei que matá-lo.



CAPÍTULO 7

CROW

Não tinha lidado muito bem com aquela situação. Quando vi, pelas coordenadas do GPS que Button passava os fins de semana em Park Avenue, juntei os pontos e percebi exatamente o que estava acontecendo. Estava dormindo na casa de alguém no fim de semana e voltando para casa às segundas.

Ela estava dormindo com alguém.

Em Park Avenue.

Filho da mãe.

Eu não tinha certeza do que tinha acontecido comigo. Todo pensamento racional tinha abandonado minha mente e tinha me transformado em um psicopata. Vi tudo vermelho e a adrenalina saturava-me o sangue até alcançar níveis perigosos.

Minhas mãos não paravam de tremer e se fechavam em punhos continuamente.

Quando dei por mim, estava num avião a caminho de Nova Iorque.

Não devia tê-la emboscado daquela maneira, mas uma vez mais, não estava pensando com clareza. Tudo o que sabia era que tinha que pôr fim à sua relação com tal cara de Park Avenue. Tinha que parar aquilo antes que se apaixonasse por ele. Porque se isso acontecesse, seria tarde demais para mim.

Estava em seu apartamento quando ela voltou do trabalho. Era evidente que estava me esperando, porque não reagiu ao me ver sentado no sofá. Deixou a mochila no balcão e tirou uma garrafa de água da geladeira.

— Como foi no seu trabalho? — Observei-a, de pé ao lado do balcão, vestindo uma camiseta que se ajustava ao peito e destacava a profunda curva da cintura, pronunciando ainda mais seus quadris. Estava ainda em melhor forma do que recordava.

— Bem. E você como se saiu sentado no meu apartamento?

Eu adorava quando ela se fazia de espertinha. Era estranhamente divertido.

— Bem. Eu dei uma olhada na sua gaveta de calcinhas. Bela seleção.

Ela revirou os olhos.

— Espero que isso não seja verdade. Ou te darei uma surra.

— Eu gostaria de vê-la tentar. — Quando ela tinha resistido a mim no dia anterior, eu tinha ficado como um louco. Queria imobilizá-la contra aquele colchão e fodê-la até que gritasse. Nunca estive tanto tempo sem transar. A abstinência estava

me matando. Quando os meus dedos perceberam como estava molhada, quase ignorei a palavra de segurança e comi ela ali mesmo.

Pelo menos ainda me desejava.

— Por que veio? — Deixou a garrafa sobre a bancada e entrou na sala de estar. Usava jeans muito apertados que se cingiam a suas pernas, longas e finas. Nunca antes a tinha visto de jeans, sempre usava vestidos. — Por que não bate na porta, como todo mundo faz?

— Já sabe para que estou aqui. — Ignorei sua segunda pergunta. — Qual é sua resposta?

Ela cruzou os braços, fazendo seu decote mais pronunciado. Se não tivesse cuidado, eu a dobraria sobre o sofá e a foderia com vontade.

— Não me faça repetir as coisas. — Me levantei, mas não me aproximei dela. Desta vez lhe daria espaço. No dia anterior eu tinha os sentimentos à flor da pele e fui incapaz de conter minha raiva.

— Não.

— Deveria saber que não seria fácil. Acha que estou blefando.

— Sim.

— Não estou. — Era uma pena que não acreditasse em mim. — Farei com que pareça um acidente. Um escorregão no piso e um golpe na cabeça contra o chuveiro. E quando você superar isso e começar a sair com outro cara, farei o mesmo.

Quando percebeu a sinceridade de minha voz, seu fogo se apagou. A força que percorria constantemente suas veias se reduziu a um estrondo.

— Então, nunca poderei seguir com a minha vida, porque você vai matar todos os caras que eu gostar?

— Exatamente o que eu disse.

— Você é desprezível, sabia disso?

— Sim, eu sei disso.

Ela sacudiu a cabeça e se afastou, alterada.

— Mesmo que consiga os botões que faltam, você continuará a fazer o mesmo.

— Não.

— Você está brincando comigo? Se meteu num avião até aqui assim que soube que eu estava saindo com outro. Ameaça matá-lo se voltar a me tocar. Tem idéia da loucura que parece?

— Eu disse que não sou um cara legal. Não sei por que você está tão surpresa.

— Você é melhor do que isto.

— Na verdade, não sou.

Ela soltou um grunhido de frustração entre os dentes.

— Então, se eu ganhar os botões restantes, você simplesmente desaparecerá? Porque assim que terminarmos, eu vou voltar para Jason...

— Não diga o nome dele.

— Vou voltar para ele assim que acabarmos.

Foi o que ela pensou.

— Claro.

Ela estreitou os olhos, desconfiada.

— E por que não acredito em você?

— Quando deixei de cumprir a minha palavra?

Ela revirou os olhos, sabendo que estava quebrando a minha palavra só por estar lá.

— Só me restam trinta botões. Não durará muito.

— Aceito o tempo que dure. — Será que aquilo queria dizer que ela estava concordando?

— Certo. Aceito. Mas assim que eu pagar a dívida, não quero vê-lo novamente. Porra, aquilo doía.

— Tudo bem.

O trato estava feito. Ela era minha outra vez. Seria minha até que ficasse sem botões.

— Faça as malas e vamos embora.

— Fazer a minha mala? — Perguntou confusa.

— Nós vamos para casa.

— Para a Itália?

— Sim.

— Eu não vou a lugar nenhum, Crow. Eu tenho um trabalho.

— Eu a pagarei para te compensar.

Semicerrou os olhos com o insulto.

— Não quero seu dinheiro. Quero minha vida de volta.

Eu tinha trabalho a fazer e negócios para supervisionar na Itália.

— Não posso ficar aqui.

— Bem, eu não posso ir.

Aquele era um problema com o qual não tinha contado.

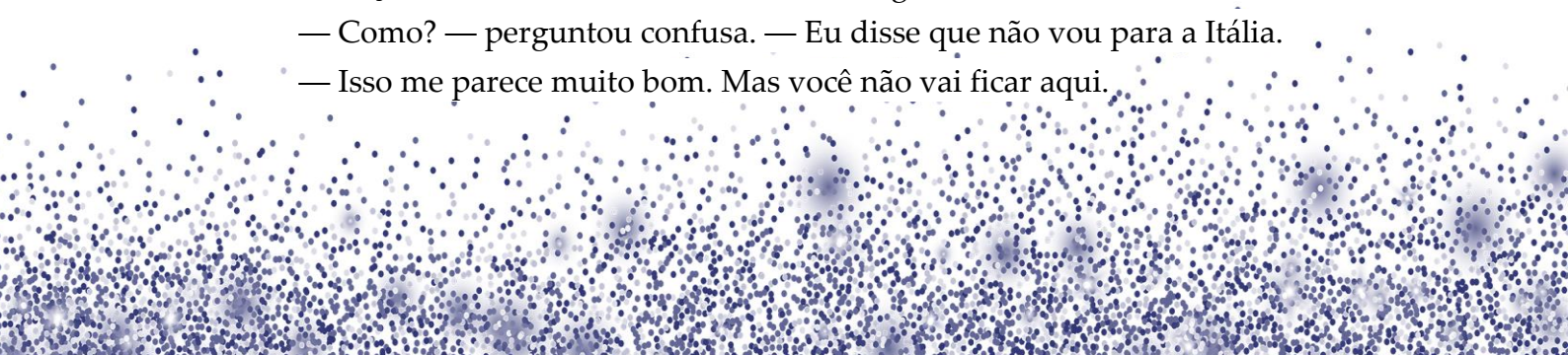
— Parece que isto não vai funcionar, afinal.

Não, ia dar certo.

— Faça suas malas. Ficaremos em outro lugar.

— Como? — perguntou confusa. — Eu disse que não vou para a Itália.

— Isso me parece muito bom. Mas você não vai ficar aqui.



— Crow, eu moro aqui.

— Não mais. Agora, faça o que eu te digo.

— O que faz você pensar que eu vou fazer o que você me diz? — cruzou os braços sobre o peito e me fulminou com o olhar. Aquele fogo que eu tanto amava voltava a brilhar em seus olhos.

— Não vou te foder nessa cama. — Não tinha intenção de tocar com meu pau qualquer lugar onde tinha se deitado com o tal de Park Avenue. Queria recomeçar do zero, estar num lugar onde eu e ela pudéssemos recomeçar. — Você pode voltar aqui no seu tempo livre, mas vai dormir comigo todas as noites. Pela última vez, pegue suas coisas e vamos.



CAPÍTULO 8

PEARL

Chegamos ao seu quarto de hotel. Ficava no último andar do Hotel Plaza e era tão grande quanto uma mansão. Uma das paredes era formada de janelas do chão ao teto, oferecendo uma vista magnífica da cidade. Tinha uma cozinha completa e uma sala de jantar, máquina de lavar e secar roupa, uma piscina privada e vários quartos.

Era muito grande para uma pessoa só.

— Não tinham nada um pouco menor?

Crow deixou minha bolsa no sofá e ignorou minha pergunta.

— Quer beber alguma coisa?

— Não.

Ele serviu-se de vinho.

Não podia acreditar que estava naquele quarto de hotel, a sós com ele. Não podia acreditar que tivesse cedido às suas exigências. Não concordei de início, porque não achava que Crow realmente machucaria Jason. Mas quando percebi que aquele brilho maníaco não desaparecia dos olhos de Crow, vi que ele estava falando sério.

Então não tive escolha.

— Pegue o que você quiser.

— Ok. — Eu já me sentia como se estivesse de volta na Itália. Só faltava Lars.

Crow terminou de beber o vinho antes de atravessar a sala de estar e parar à minha frente. Tinha os olhos enevoados de desejo e queria pôr mãos à obra sem perder mais tempo. Sua mão deslizou pela minha cintura e me atraiu contra seu peito. Posou sua testa na minha e fechou os olhos.

Depois, apenas me abraçou.

Aquele contato inocente era inesperado, e eu também fechei os olhos para desfrutar dele. Suas mãos me seguravam firmemente, mas não o suficiente para me soltar, se quisesse. Sua respiração era profunda e regular e parecia ter alcançado um momento de paz.

— Senti saudades suas, Button.

O apelido me fez retornar dois meses atrás. Lembrei a última vez que tínhamos feito amor em sua cama. Ele entrava e saía de dentro de mim, dava-me beijos

apaixonados que me provocavam calafrios na coluna. Naquele momento, me conquistou. De tal maneira que nunca conseguiria superá-lo.

A emoção me embargou a garganta, mas me neguei a responder-lhe. Tinha confessado meus sentimentos uma vez, e ele tinha se afastado de mim. Nosso relacionamento nunca mais tinha sido o mesmo. Ele me via como uma escrava, um item de sua propriedade.

Quando não me ouviu dizer o mesmo, abriu os olhos e olhou para mim. Buscava uma resposta em minha expressão, mas não conseguiu encontrar nenhuma.

Tinha baixado minhas defesas quando não deveria ter feito, e só tinha conseguido que me partissem o coração. Recusava-me a permitir que algo assim acontecesse. Ele estava obrigando-me a fazer aquilo, e eu estava cooperando para manter Jason fora dessa confusão. Ele não merecia ser arrastado para o pesadelo que era Crow Barsetti.

Os dedos de Crow deslizaram pela minha bochecha, sentindo minha pele macia antes de espalmar a mão no meu rosto. Inclinando-se para mim, acariciou meus lábios com os seus, provocando-me. Nossos lábios não se juntando totalmente, apenas se tocando levemente. Depois me beijou, fechando um punho em volta do meu cabelo, enquanto cobria a minha boca com a dele.

E então senti. Senti o calor abrasador e o intenso desejo. O meu corpo reviver, como sempre fazia quando seus lábios pousavam sobre mim. Sentia-me ao mesmo tempo viva e morta, existindo numa dimensão diferente que ninguém mais poderia entender.

Nada se compara aos beijos dele.

Inclinou minha cabeça para trás puxando-me o cabelo, para ter melhor acesso à minha boca. Sugou-me o lábio inferior lentamente antes de enfiar sua língua na minha boca. Deixou escapar um suave gemido enquanto a paixão ardia entre nós.

Eu também estava gemendo.

Sua outra mão me apertava a cintura, me reclamando para si uma vez mais. Esticou os dedos até roçar a parte superior do meu traseiro e o apertou com firmeza, atraindo-me mais perto dele. Ele devorou-me a boca com os lábios com sabor de vinho e guiou-me para o quarto. Tinha uma ereção que senti pressionada contra meu estômago. Eu sabia exatamente quais sensações acordaria quando estivesse dentro de mim. Jamais esqueceria aquele delicioso estiramento que me fazia tocar as estrelas.

Ele me empurrou para a cama e tirou a camisa. Seu corpo era exatamente como me lembrava. Flexível e tonificado, com músculos longos e marcados. Sua pele

parecia esculpida em pedra, e seus quadris estreitos desembocavam em um estômago mais duro que cimento. Era perfeito.

Abriu meu jeans e abaixou-os pelas pernas, sem pressa. Depois de deixá-los no chão, ajoelhou-se na beira da cama e beijou-me o interior das coxas.

Nesse momento já tinha me esquecido que o odiava.

Inclinei a cabeça para trás e agarrei-me aos lençóis ao sentir a sua boca deslizar para o ponto de ligação entre as minhas coxas.

Mas depois percebi exatamente o que estava fazendo e porque tinha de parar.

— Fogo!

Crow afastou as mãos imediatamente e se pôs de pé. Retrocedeu um passo, dando-me espaço de sobra. Se não tivesse pronunciado a palavra de segurança, teria me pressionado até me romper. Nada poderia impedi-lo que fizesse o que queria. Mas uma vez pronunciada a palavra, levava-a a sério.

— O que houve?

Sentei-me e juntei as coxas. Estava meio nua e me sentia terrivelmente culpada.

— Tenho que falar com ele...

— Não diga seu nome. — As veias do pescoço de Crow se enrijeceram.

— Preciso falar com ele.

— Por quê? — Crow se ajoelhou outra vez.

— Eu tenho que terminar com ele antes. Isso é errado.

Ele inclinou a cabeça, irritado, com a respiração agitada, cheio de agressividade acumulada.

— Não sabia que vocês estavam tão sérios.

— Não é assim. Eu nem diria que estamos namorando. Mas eu devo falar com nem que seja por cortesia antes de fazer isso. Ele tem sido muito bom para mim e merece algo melhor.

— Bom com você? — Pôs as mãos sobre minhas coxas e as apertou com firmeza. — Se importa de me explicar isso?

— Foi ele quem pressionou para que continuassem a investigação. Quem disse às autoridades que me procurassem na Toscana. Dedicou-se a investigar e não se rendeu nunca. — Sempre estarei em dívida com Jason por aquilo. Em todo o planeta não havia uma única pessoa que se importasse tanto comigo como ele. Era o mais próximo que tinha de uma família. — Não posso fazer isso antes de falar com ele.

Crow afrouxou a tensão sobre minhas coxas e depois afastou as mãos. Quando o vi inclinar a cabeça e continuar calado, soube que não tinha nenhuma boa razão para dizer que não. Não podia discordar do meu senso de lealdade.

— Está bem.

Os meus lábios ainda desejavam ardentemente os seus. Queria que aquele beijo continuasse toda a noite e também na manhã seguinte. Aquele era justamente o tipo de afeto e atenção que eu ansiava. Sentia falta do calor abrasador do seu corpo, porque me mantinha aquecida à noite. Sentia falta de passar a perna ao redor da sua cintura como apoio. Sentia falta de tudo.

— Tenho uma pergunta para você.

— Está bem. — Olhei-o nos olhos.

— Você dormiu com ele por obrigação?

Aquela conclusão me doeu.

— Claro que não. Fiz isso porque eu queria. — Não era a resposta que ele queria ouvir, mas não precisava mentir para que se sentisse melhor. — Dois meses é muito tempo sem contato físico.

Crow olhou para o lado, claramente irritado com a resposta.

— Você não tem o direito de ter ciúmes. Se você tivesse dormido com alguém, eu não teria me incomodado.

Ele fechou os olhos, com o rosto contorcido por uma careta.

— Nem sequer um pouquinho?

— Não.

— Nem mesmo depois de tudo que passamos juntos? Você não se importaria?

Virei a cabeça e o examinei com novos olhos.

— Eu disse que te amava. — A emoção se mostrou em minha voz sem avisar. Senti as palavras me queimarem enquanto saíam. Os meus olhos se encheram de lágrimas vindas do nada, e voltei a sentir aquela dor insuportável mais uma vez. — E você disse que não sentia o mesmo. Foi então que percebi que você nunca seria meu. Entendi também a verdadeira natureza da nossa relação. Então não, Crow. Não me importaria se você dormisse com alguém.

Peguei a mochila do sofá.

— Vou voltar para o meu apartamento.

Ele se apoiou contra a parede com os braços cruzados no peito.

— Por que?

— Não faz sentido ficar aqui.

Ele aproximou-se de mim e tirou-me a mochila da mão.

— Não concordo com isso.

Eu estendi minha mão.

— Eu não me importo.

Ele deixou a mochila no outro sofá. Para pegá-la tinha que passar por ele.

— Certo. Um botão. — Eu não estava pensando em trabalhar de graça. Se ele queria algo de mim, teria que pagar.

Ele baixou as pálpebras ao ouvir o meu pedido.

— Não.

— Então vou embora. Você pode ficar com a mochila, se a quer tanto. Eu tenho mais coisas no meu apartamento.

Crow percebeu que tinha de cumprir as regras do jogo ou desistir.

— Um botão.

— Trato feito. — Estendi a palma aberta. Queria aqueles botões o mais rápido possível, para que tudo acabasse. Desta vez eu tinha que proteger meu coração muito bem. Da última vez, ele tinha roubado-o sem eu perceber. Agora pensava com mais clareza, e queria que continuasse assim.

Ele tirou um botão do bolso e deixou cair na minha mão.

Quando recebi o meu pagamento, aproximei-me da minha mochila e o pus num dos bolsos. Um a menos, restavam apenas 29. Não íamos fazer sexo, por isso não sabia para que ele queria que eu passasse a noite. Se planejava me seduzir para dormir com ele de qualquer maneira, ia ficar muito desapontado.

— Jante comigo. — Ele se aproximou de mim por trás e apertou o peito contra minhas costas. — Há um lugar muito bonito no final do quarteirão.

Ao senti-lo colado a mim, minha respiração se alterou. Cada vez que ele inspirava, seu peito se expandia contra mim. Comecei a contar o número de vezes que respirava. Costumava fazer o mesmo quando estava dormindo. Contemplava seu belo rosto e contava as batidas de seu coração.

— Não tenho nada para vestir.

Ele passou um braço pela minha cintura e me deu um beijo na nuca.

— Tenho uma coisa para você.

Crow pediu vinho e comida antes de entregar as cartas. Usava um terno preto com uma gravata azul esverdeada. A cor de sua gravata sempre contrastava contra o resto de sua roupa, em tons escuros. Era sua característica, o que o fazia se destacar ainda mais.

Não acreditei que estava sentada na frente dele. Passar meses sem uma única conversa era muito tempo. Quando cheguei à cidade,

me sentia terrivelmente sozinha. Viver na bela residência de Crow sem nenhuma preocupação com o mundo tinha sido a experiência mais libertadora da minha vida. Apaixonar-me por um homem que tinha me recomposto depois de terem me partido era a única coisa que tinha me feito seguir em frente. Sem ele, estaria fodida para o resto da minha vida.

Mas nunca admitiria aquilo diante de Crow.

A fraqueza não era meu ponto forte, e era um aspecto de mim mesma que raramente deixava a mostra. Da última vez que deixei isso acontecer, Crow partiu meu coração. Abri-me completamente com ele e disse-lhe palavras que desejava poder retirar. Foi um dos momentos mais humilhantes da minha vida.

— Esta noite você está linda. — Me olhava com aquele olhar, ao mesmo tempo intenso e gélido. Nunca interrompia o contato visual e me contemplava com tanto interesse como hostilidade. Era sua maneira de intimidar... e sempre funcionava. Percebi que tanto ele quanto Cane faziam aquilo quando entravam em um quarto. Talvez fosse algo típico dos Barsetti.

— Obrigada. — Eu não devolvi o elogio porque ele já sabia que era atraente... demais. E também sabia a quão atraída eu me sentia por ele. — Como está o Lars?

— Está bem. Sente sua falta.

— Ele disse isso? — Aquele doce homem sempre tinha cuidado de mim, e tinha feito isso com um sorriso. Tinha se tornado uma parte essencial da minha vida na Itália, pois passávamos todo o tempo juntos.

— Não exatamente com essas palavras. Mas sim.

— Bem... Eu também sinto falta dele. — Sentia falta de tudo daquele lugar. Era uma jóia mágica no meio do nada. Os vinhedos eram tão bonitos como os gloriosos por do sol sobre as encostas das colinas. O cheiro de uvas me acariciava o olfato ao abrir a janela pela manhã. A comida era sempre perfeita, embora nada se pudesse comparar com a companhia de Crow Barsetti. — Como está Cane? — Ele havia me dito que Crow me amava, mas aquilo acabou sendo uma piada cruel. Voltava a odiar Cane com todas as minhas forças.

— O mesmo idiota de sempre.

Soltei uma risada porque foi engraçado a escolha do termo. Nunca o tinha ouvido dizer nada parecido antes.

— Como está o seu trabalho?

— As vinícolas estão indo muito bem. Acabamos de terminar a colheita, então concluímos um grande projeto. Meu negócio com Cane continua o mesmo. A remessa que fizemos na segunda-feira passada foi um sucesso. — Fez girar o seu vinho antes de dar um gole.

— Alguma notícia de Bones?

— Cane e eu tentamos encontrar sua pista, mas ele nunca fica muito tempo em um local específico. Ele deve saber que estamos atrás dele.

— Quem era a mulher que me raptou? — Ao sair da Itália, embarcando num avião com destino aos Estados Unidos, não tinha chamado Crow para lhe dizer que estava bem. Mas também, eu não tinha seu número. Muito menos seu endereço. Eu não tinha como entrar em contato com ele. E tinha de admitir que fiquei magoada por ele nunca ter tentado entrar em contato comigo.

— Um caçador de recompensas. Bones enviou um monte deles em sua busca.

Eu tremi involuntariamente diante daquele pensamento. Aquele homem estava obcecado por mim, de uma maneira doentia. Fugi das garras dele há um ano, mas ainda estava à minha procura.

— Estou vendo que sim.

Crow colocou as pontas dos dedos na aste da taça enquanto me observava. Examinava cada uma de minhas reações, buscando as emoções que haviam por baixo.

— Quando os encontrei, acabei com eles. Você não deve se preocupar.

Ele leu meu pensamento, como sempre.

— Não precisava matá-los.

— Se não tivesse feito, teriam contado à Bones onde te encontraram. Era algo necessário. — Falava sem remorsos, como se fossem só negócios. — Não pretendo te assustar, mas Bones não vai deixar de te perseguir. Ele vai descobrir onde você está, e quando descobrir, vai voltar a te sequestrar.

Eu escondi minha inquietação dando um longo gole de vinho. Preferia morrer a ser outra vez uma prisioneira. Se tivesse que passar por aquela tortura de novo, colocaria uma arma na minha cabeça e puxaria o gatilho. Já tinha suportado aquilo uma vez, não poderia fazê-lo de novo.

— Eu não vou viver com medo. Se isso acontecer, eu vou me matar.

Aquela não era a resposta que ele desejava ouvir. Seus olhos se entrecerraram pela ofensa.

— Não. Essa não é a solução.

— Então não tem solução.

— Se voltar para casa comigo, nunca terá que se preocupar com isso.

Fiquei olhando para a minha bebida.

— Button. — Sua voz soou suave, ao contrário de como havia soado há um momento. — Eu te mantereí a salvo. Você tem a minha palavra.

— Do mesmo jeito que me manteve a salvo daqueles caçadores de recompensas?

— Eu teria recuperado você. Estava apenas a uma rua de distância quando você escapou.

— Por que não me parou no aeroporto?

— Não tive tempo. A segurança dos aeroportos é rigorosa. Para alguém em fuga, era o lugar mais seguro para estar.

Uma parte de mim o odiava por não ter parado, por ter me deixado ir. Sua indiferença me doeu tanto como sua fria rejeição.

— Por que não entrou em contato comigo?

— Presumi que você não quisesse.

— Mas depois aparece assim que começo a ver alguém.

Sua expressão não mudou. Continuava tão fria e estóica como antes.

— Nos últimos meses, eu me senti perdido. Quando vou dormir, ainda deitado do lado esquerdo da cama, mesmo que você não esteja lá. Eu parei de comer na sala de jantar porque você não se sentava mais na minha frente. Não entrei no seu quarto desde que você partiu. Lars mandou consertar a janela, mas não a verifiquei. Quando vou trabalhar, não consigo me concentrar. Eu continuo dizendo a mim mesmo que esses sentimentos vão passar. Mas eles não passam.

Contive o fôlego, bebendo cada palavra. Aquela era uma confissão que eu não esperava escutar. Realmente sentia algo por mim, fosse o que fosse. Minha ausência não havia lhe sido indiferente. O tempo que havíamos passado separados foi tão duro para ele como para mim.

— Lars me disse algo em que não pude deixar de pensar. Então fiquei obcecado verificando suas coordenadas do GPS. Baseado nos seus movimentos, descobri a sua rotina. Quando começou a passar todos os fins de semana em Park Avenue, imaginei o que estava acontecendo e não pude suportar.

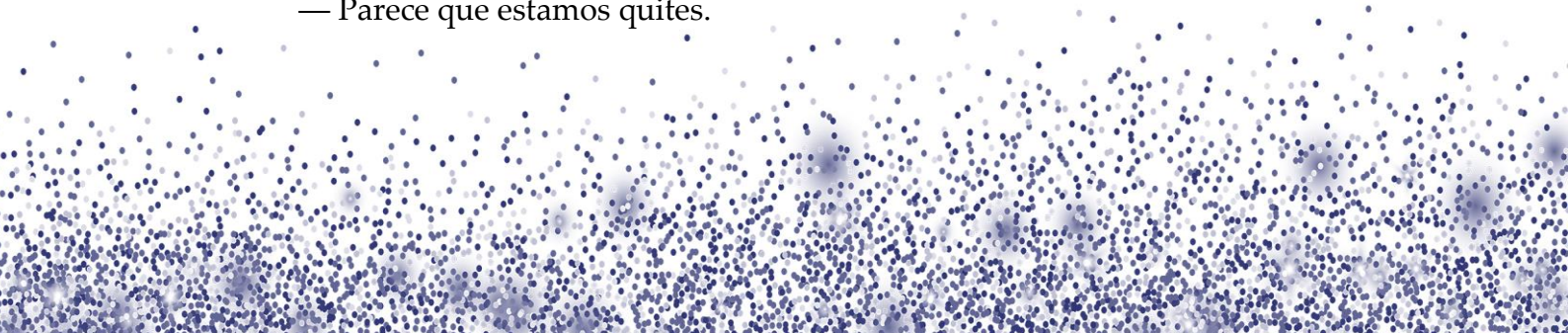
Fiquei curiosa sobre o que Lars disse, mas não tive coragem de perguntar.

— Eu admito que a maneira que entrei na sua vida não foi das melhores. Se você tivesse me dado um tiro, eu não teria te culpado por isso. Mas é que eu estava muito irritado.

— Como eu estava quando te vi beijando Jasmine. — Ao olhar pela janela tinha os visto se beijando nos vinhedos. Então uma fúria incomum apoderou-se de mim. Nunca havia me sentido tão desolada. A traição me doeu profundamente.

— Ela me beijou. — Corrigiu. — E sim, foi exatamente assim que me senti.

— Parece que estamos quites.



— Não. — A tensão encheu o espaço que nos separava, flutuando no ar. Eu nunca tinha sentido ciúmes antes. Dei um longo gole para esconder a raiva.

— Por que você não dormiu com ninguém? Dois meses é muito tempo... — Crow era um homem com necessidades muito concretas. Se não libertasse os seus impulsos obscuros, eles o consumiriam.

Deu voltas no líquido do copo, mas não o levou aos lábios, pousou-o junto à água. Ao levantar o olhar para mim, não consegui decifrar seu significado. Não parecia zangado, nem tampouco incomodado pela pergunta.

— Eu não queria.

Esperei que se explicasse melhor, porque aquela não era resposta suficiente.

Seus lábios permaneceram comprimidos, recusando-se a falar.

— Você não queria? — Eu não acreditava nisso nem por um segundo. Talvez ele tivesse realmente sentido minha falta, mas o sexo não era algo emocional no seu caso. Era simplesmente um alívio. Para isso podia usar qualquer mulher, não só a mim.

— Não, eu não queria.

Os meus olhos se estreitaram.

— É só isso que tem a dizer?

— Por que é tão difícil acreditar?

— Talvez porque Jasmine se apressaria para realizar qualquer um de seus desejos assim que você pedisse. — Tinha a certeza que ela não teria demorado a descobrir que eu tinha partido e tentaria ir para a cama dele rapidamente. Por que ele se recusaria, se eu não estava lá?

— Você sabe o tipo de mulher que eu gosto. Inteligente, forte e orgulhosa. Ela não é nenhuma dessas coisas.

— Mas antes de mim você dormia com ela.

— Isso foi antes dos meus gostos mudarem. — Ele me deu um olhar cheio de sentido.

— Então, por que não procurou outra com esses traços?

Ele deixou a mão sobre a mesa e seus finos dedos golpearam suavemente a toalha.

— Como eu disse, eu não queria.

Fechei os olhos, exausta.

— Você deixou bem claro que nunca seria meu.

— Assim foi.

Tudo o que me dizia contradizia o que havia dito no passado. Estava ficando com dor de cabeça com toda aquela contradição.

— Mas agora você é.

A frustração me abandonou e o estômago ficou tenso com a resposta. Meus olhos procuraram automaticamente seu rosto, tentando detectar se ele estava mentindo. Tinha dito realmente aquilo ou eu tinha imaginado?

Pousou os braços sobre a mesa e inclinou-se para frente. Falou em voz baixa, para que ninguém mais pudesse ouvir nossa conversa. Me deu uma olhada fixa, mas também terna.

— E quero que volte a ser minha.

Quando entramos no dormitório, aproximou-se de mim por trás e abaixou o zíper do vestido. Era preto, com um padrão de renda. Encaixava-se perfeitamente nas curvas do meu corpo, como se soubesse as minhas medidas de cor.

Este caiu no chão aos meus pés.

Tirou imediatamente meu sutiã sem alças e deixou-o cair no chão. Colou os lábios no meu ombro e beijou-o com suavidade. O pêlo de seu queixo aplicava a fricção certa que tanto tinha sentido falta. Foi se deslocando lentamente até minha clavícula.

Eu queria muito que ele me desse uma dentada. Sua língua lambeu a pele que recobria o osso. Então me beliscou com os dentes, dando-me uma mordida como quando estávamos juntos na cama.

Não pude evitar. Gemi.

Cobriu-me a cintura com as mãos e depois foi subindo pelo meu estômago. Cobriu meus seios com suas mãos, massageando-os com agressividade. Sua boca posou na minha orelha e escutei sua respiração amplificada.

— Button. — Meus mamilos se endureceram e o senti beliscá-los suavemente.

Arqueei as costas contra o seu peito, reagindo imediatamente ao seu agressivo contato. Eu disse que não dormiria com ele naquela noite, mas minha determinação estava se dissipando rapidamente.

Uma de suas mãos continuou sobre meus peitos enquanto a outra desceu por meu estômago. Lentamente, seus dedos acariciaram meu umbigo e depois se introduziram sob a renda da minha calcinha. Com suavidade, foram aproximando-se de meu clitóris palpitante e se pressionaram contra ele.

Voltei a arquear as costas.

— Isto é meu. Você me entende? — Seus lábios se moveram contra minha orelha e sua respiração me deixou pegando fogo.

— Crow... — Rendi-me diante de seu controle, pronunciando seu nome quando não deveria fazê-lo. Sentia muita falta daquilo. Mais falta do que queria reconhecer. Ele se apoderava do controle da situação, tomando as decisões por nós dois. A única coisa que eu tinha que fazer era desfrutar daquilo.

— Você sentiu tanto a minha falta como eu da sua.

— Sim...

Tirou os dedos de dentro da minha calcinha e depois a puxou pelas minhas coxas. Quando eu estava nua, ele se despiu também.

Por mais que desejasse fazer aquilo, sabia que não podia.

— Eu disse que não.

Ele virou-me até estarmos cara a cara. Atraiu-me tão perto dele que nossos peitos se tocavam sempre que respirávamos.

— Seu corpo e sua mente estão em luta entre si. E eu já sei qual vai ganhar. — Me levantou do chão e me depositou sobre a cama debaixo dele. Colocou as mãos em ambos os lados da minha cabeça e separou as minhas coxas com as suas. — Você já me beijou, me tocou. Que diferença faz? — entrelaçou seus dedos com os meus e imobilizou minhas mãos contra o colchão.

Ele abaixou a cabeça até roçar meu nariz com a dele. Sentia sua calma respiração no rosto, e a maneira como me agarrava deixava ver sua fome por mim. Era um caçador e eu sua presa. Contemplou meus lábios vários segundos antes de me beijar. Era um contato mais doce do que aquele que tínhamos compartilhado antes. Concentrou-se na textura dos meus lábios, dando-me beijos lentos que eram ao mesmo tempo delicados e apaixonados.

Meus lábios se moveram imediatamente contra os seus como se tivessem vida própria. Senti o sabor do vinho amargo e senti o meu corpo ficar tenso debaixo dele. Entrelacei os tornozelos em volta de sua cintura e desejei uma noite de paixão desenfreada. O momento me lembrou de todas as nossas noites juntos, fazendo amor na frente da lareira.

Ele separou os lábios dos meus, até ficar um par de centímetros entre nós.

Quase me escapou um gemido porque sua perda era dolorosa.

— Sinto falta de ouvir você gozar. — Seu olhar intenso encontrou o meu, desesperado e poderoso ao mesmo tempo.

Minha boceta começou a palpitar imediatamente. Há muito tempo ele não me penetrava e eu ansiava por aquela sensação. Desejava recuperar a conexão que uma vez compartilhamos. Sentia falta dele, mais do que reconheceria.

Deu-me outro beijo nos lábios antes de descer lentamente pelo meu corpo. Beijou-me os seios e o estômago. Suas grandes mãos me abriram as pernas

para dar passagem a sua boca. Passou a língua pelos quadris e depois me beijou o interior das coxas.

Oh, meu Deus.

Devia ter interrompido aquilo, mas não o fiz. Em vez disso, agarrei-me aos lençóis debaixo de mim e preparei-me para sentir a sua boca quente contra a minha pele. Olhou-me nos olhos enquanto me dava beijos cada vez mais perto do meu sexo, brincando comigo.

Finalmente, pôs os lábios contra as minhas dobras, dando-me um beijo abrasador.

— Oh, meu Deus. — Arqueei minhas costas e enterrei meus dedos no colchão. O êxtase percorreu meu corpo instantaneamente, fazendo com que os meus dedos dos pés se contraíssem e os meus mamilos endurecessem. Sem pensar em nada, abri mais as pernas para receber melhor aquela experiente boca.

Ele me beijou novamente, e desta vez moveu a língua em círculos ao redor do meu clitóris. Ele usou uma pressão firme para me trazer de volta à vida. Beijou e sugou a área, dando-me a deliciosa masturbação que tanto sentia falta. Voltou a sugar meu clitóris antes de segurar minhas mãos contra os lençóis e entrelaçar nossos dedos. Ele me segurou para que eu não pudesse me mover.

— Quer que eu pare?

Sentia a cabeça leve e não era capaz de pensar em nada mais que aquela cálida boca contra minha virilha.

— Não. — Ninguém podia jogar isso na minha cara. Tinha um homem lindíssimo entre as pernas que dava a impressão de desfrutar ainda mais que eu. Era a fantasia perfeita. — Não.

Continuou a mover a boca entre as minhas pernas, beijando-me com mais força do que antes. Fazia magia com a língua e me surpreendi contorcendo-me e gemendo para o homem que me tinha partido o coração.

Mexeu a língua em círculos no meu clitóris, pressionando-me mais, tocando-me no ponto certo para me fazer gozar.

— Deus, bem aí. — Torci minhas mãos sob as dele, mas não consegui movê-las. Meus quadris se moveram imediatamente para cima, sentindo o empurrão como um trem de carga. Era poderoso e cegador. Dava-me tanto prazer que não podia acreditar que tivesse esquecido como era maravilhoso.

— Crow... — Nem sequer me dei conta de que estava pronunciando seu nome até que não houvesse remédio. Voltava a ser a escrava daquele homem.

Seus beijos se tornaram mais doces enquanto passava meu orgasmo. Lentamente, comecei a relaxar. Os meus quadris desceram e parei de

apertar os dedos contra os dele. Minha respiração voltou ao normal, mas meus mamilos continuavam eretos e meu peito estava ensopado em suor.

Crow subiu beijando meu corpo até que ficarmos cara a cara. Meus fluidos cobriam seus lábios. Ver minha umidade brilhando em sua boca fez que minhas pernas apertassem automaticamente seus quadris.

Deslizei as mãos por seu peito, sentindo as estrias dos músculos. Desejava afundar minhas garras nele e não o soltar nunca mais. Imediatamente, o meu corpo permitiu-lhe possuir-me. O meu coração era feito de aço e nunca mais o deixaria entrar, mas o resto do meu corpo prostrou-se diante dele.

— Eu te desejo. — Ele grudou seu corpo ao meu, com a grossa ereção pressionando contra minhas tenras dobras. Esfregou-se lentamente contra mim com seu pênis palpitante e ansioso por estar dentro de mim, pingando fluido pré-seminal sobre o meu já ensopado sexo.

Precisei de toda minha força para combater os poderosos desejos do meu corpo. Já tinha feito muitas coisas com Crow das quais me arrependia. O dano estava feito. Mas dormir com ele só pioraria as coisas. Eu deveria ser forte.

— Amanhã.

Ele rosnou no meu rosto, com os olhos reluzentes de desafio.

Eu repeti novamente:

— Amanhã.

Ele finalmente se afastou e se deitou na cama ao meu lado. Sua ereção continuava pressionada contra seu estômago, inchada e pronta para entrar em mim se mudasse de opinião. Não sabia se podia passar a noite ao lado dele sem pôr as mãos nele. Ele teria que vestir alguma roupa se quisesse que eu ficasse.

Apagou a lâmpada da mesa de cabeceira e o quarto escureceu. Depois me abraçou e me apertou contra seu peito. Passou uma das minhas pernas ao redor de sua cintura e apoiou a testa contra a minha.

Meu braço cercou seu pescoço por vontade própria e eu fechei os olhos. Podia sentir seu olhar sobre mim, a queimadura de seus olhos fixos em meu rosto. Não o olhei porque não confiava tanto em mim mesma para encará-lo. Se me inclinasse muito para ele, cairia de cabeça no abismo conhecido como Crow Barsetti.

Sua voz profunda chegou a meus ouvidos.

— Boa noite, Button.

— Boa noite, Crow.



CAPÍTULO 9

PEARL

Eu temia a conversa que estava prestes a ter com Jason. Ele ficaria com raiva de mim, com todo o direito do mundo. A culpa me corroeria até o fundo da alma e não conseguia me livrar daquele sentimento. Ele tinha me apoiado tanto que eu sentia como se tivesse o traindo. Não éramos namorados formais. Na verdade, nem sequer tínhamos saído para jantar juntos. Mas continuava a sentir-me como se tivesse feito algo mau.

Abriu a porta com a mesma expressão fria que exibia da última vez que nos vimos. Usava jeans e camiseta e tinha o cabelo úmido porque acabava de sair do chuveiro. Quando não disse nada, soube que continuava irritado comigo.

— Posso entrar um pouco?

— Claro. — Entrou na cozinha e ficou junto à bancada. Tinha os braços cruzados sobre o peito, com os músculos dos braços tensos e seus olhos habitualmente brilhantes, escurecidos.

Fiquei no extremo oposto da bancada e senti sua hostilidade palpável.

— Jason, temos que conversar.

— Sim.

Ele já estava zangado comigo pela forma como acabamos a nossa última discussão. Quando deixasse cair esta nova bomba sobre ele, ficará ainda mais zangado.

— Não sei o que somos, mas acho que deveríamos ir com mais calma. Depois da outra noite, não me sinto confortável em continuarmos avançando.

Minha expressão não mudou, mas certamente tinha me surpreendido. Tínhamos tido um momento de tensão, mas não me tinha dado conta de que ele tivesse se aborrecido tanto.

— Pode ser mais específico?

Encostou-se a geladeira, deixando muito espaço entre nós.

— Cada vez que transamos, se transforma em outra coisa. Quer que te bata ou te amarre. Sei que passou por muita coisa neste último ano. Você nunca fala sobre isso, mas eu posso imaginar que foi horrível. E... Tenho a impressão que está projetando essas experiências em mim e isso me deixa desconfortável.

— Jason, não é isso. Eu simplesmente gosto dessas coisas. — O melhor sexo que já tive foi com Crow. No início, não tinha gostado das coisas retorcidas que eu fazia. Mas agora, sexo baunilha era o tipo de sexo que eu menos gostava. Preferia as perversões, a escuridão.

— Mas antes você não gostava dessas coisas.

— As coisas mudam, Jason. Há anos que não estamos juntos. Você também não é o mesmo na cama.

— Mas não gosto de coisas estranhas.

Engoli a ofensa e deixei passar.

— Não é estranho. Eu gosto e não tenho vergonha de admitir.

— Bom, pois eu não. E não posso deixar de pensar em... já sabe.

Aquilo foi o que mais me doeu. Crow nunca me olhava como se eu fosse mercadoria estragada. Me comia como se fosse a mulher mais sensual do planeta a seus olhos, Bones nunca tinha me tocado. Crow se negava a me permitir sentir pena de mim mesma. Esperava que fosse a mulher forte que sempre havia sido.

— Jason, tem de parar de olhar para mim como uma vítima de estupro.

— Olha, não posso evitar. Tento não fazer, mas é difícil. Se você não tivesse me pedido para chicoteá-la com o cinto ou para amarrá-la, eu poderia ter deixado passar. Mas sou incapaz.

Odiava que as pessoas me vissem como fraca. O que tinha me acontecido não tinha sido culpa minha e esgrimi-lo contra mim não era bom, e ponto final. Talvez Jason não tenha percebido, mas aquilo foi a coisa mais dolorosa que podia me dizer.

— Ainda sou eu mesma.

Ele baixou a cabeça, deixando escapar um silencioso suspiro. Fechou os olhos um momento antes de voltar a abri-los. Deixou cair os braços de lado e aproximou-se de mim.

— Eu sei, Pearl, eu ainda te amo. Sempre te amarei. Mas eu não acho que possa lidar com tudo isso.

— Entendo. — Talvez fosse preciso um homem como Crow para lidar com meu passado. Talvez só alguém tão marcado e destroçado como ele pudesse me olhar nos olhos e ver tudo o que estava debaixo da superfície. Quando se movia em meu interior, só existia ele e eu. Não pensávamos nos homens e mulheres que nos precederam.

— Desculpe, espero não tê-la machucado.

— Não se sinta mal, Jason. Você está sendo sincero e eu entendo perfeitamente.

A mão dele moveu-se pelo balcão até à minha e tocou-me suavemente nos dedos com o polegar.

— Ainda quero que sejamos amigos. Quero que continuemos nos vendo.

Talvez mudasse de idéia quando lhe falasse de Crow. Embora Jason tivesse terminado comigo e houvesse uma certa distância entre nós, minhas ações ainda eram imperdoáveis.

— Eu adoraria. Mas existe algo mais que preciso te contar.

Jason estava sentado à minha frente. Tinha ficado sem palavras, permanecendo calado quase dois minutos depois que acabei de falar. Esfregava o queixo com as pontas dos dedos e olhava fixamente para a superfície da mesa.

— Sei que é muito para digerir, não espero que entenda.

— Então este cara te capturou e te manteve prisioneira durante um ano, mas você se apaixonou por ele?

Ouvir alguém dizer isso em voz alta me fazia entender o ridículo que soava.

— É isso.

— Mas ele não sentia o mesmo por você.

— Não. — Aquele frio lembrete me fez me sentir uma merda de novo.

— Ele está aqui agora?

— Sim.

— E você o beijou?

Assenti.

— Sim. — Depois de meses de silêncio, pensei que seria capaz de resistir a ele. Mas foi como se o tempo não tivesse passado, eu tinha voltado a cair em suas redes.

— Ok... — Ele continuou esfregando o queixo. — Você está certa. Eu não entendo. Parece síndrome de Estocolmo.

— Não é. — Crow nunca tinha me feito mal com más intenções. Nem sequer tinha cumprido a sua ameaça de me violentar. Cuidou de mim, quando podia ter feito coisas muito piores. Mereceu o respeito que lhe tinha.

— Quer dizer que está saindo com ele de novo?

Não podia mencionar o sistema de botões. Jason nunca entenderia.

— Não, não realmente. Ele está aqui, e nós conversamos, mas não vamos voltar juntos.

— Então por que veio?

Ciúmes. Possessividade. Demência.

— Para ver como estou.

Jason apertou os olhos com desconfiança.

— Não podia ter ligado?

— Sim. Mas ele gosta de fazer as coisas à sua maneira. — Nunca poderia explicar a alguém como Jason a minha relação com Crow. Depois do suplício que tinha passado, eu já não era uma pessoa normal. E as pessoas normais nunca me entenderiam. — Então, tudo bem?

— Do que está falando?

— Ontem à noite eu o beijei e flertei com ele. — Nós não estávamos namorando sério, mas ainda me sinto culpada por tê-lo feito. — Espero não tê-lo machucado.

— Não, não se preocupe. — respondeu rapidamente. — Como eu disse, já faz alguns dias que eu não tenho certeza sobre este relacionamento. Não precisa se sentir mal.

Fiquei feliz por termos conversado e mantido nossa amizade.

— Fico feliz em ouvir isso. Você é meu único amigo, Jason. Não quero te perder. Seus olhos se suavizaram do outro lado da mesa. Sua mão percorreu a superfície que a separava da minha.

— Você nunca poderia me perder. Amigos para sempre, certo?

Eu sorri para ele.

— Amigos para todo o sempre.

— Mas como seu amigo, devo dizer que isso que tem com o Crow escapa à minha compreensão. Não sei se passar tempo com ele é uma boa idéia. Honestamente, parece um psicopata.

Tentei não rir.

— Eu não vou levá-lo a sério novamente. Ele vai ficar aqui por um tempo e depois vai embora. Provavelmente nunca mais o verei novamente.

Jason acenou com a cabeça.

— Então ainda está apaixonada por ele?

A pergunta me pegou desprevenida, sem nenhum lugar para me esconder.

— Não importa se estou ou não. Isso não muda nada.

Depois de jantar com Jason, voltei ao meu apartamento. Ao entrar pela porta, quase bati contra uma parede de cimento.

— Merda. Não pode esperar lá fora, como as pessoas normais?

Empurrou-me contra a geladeira e segurou minhas mãos por cima da cabeça. Seu contato era gélido e poderoso, e seu forte peito se apertava contra o meu.

— Já terminou com ele?

— Olá para você também.

Ele apertou-me as mãos.

— Não terminei com ele porque não foi necessário.

Franziu as sobrancelhas e entrecerrou os olhos. Pressionou-me com mais força contra a geladeira.

— O que quer dizer com isso?

— Que ele terminou comigo. — Me contorci para soltar de Crow e me afastei dele. Eu estava sufocada contra a geladeira e precisava de um pouco de ar. Joguei minha bolsa no balcão.

Não voltou a me incomodar, mas não tirava os olhos de cima.

— Explique melhor.

— Pedi-lhe para fazer certas coisas no quarto com que não se sentia confortável. Então ele achou que seria melhor se continuássemos amigos.

Crow apertou o maxilar, alterado pelo tema.

— Então eu não tive que fazer nada.

— Você contou a ele sobre nós?

— Sim. Disse que você estava na cidade, mas que ia embora em breve. — Quanto mais cedo Crow fosse embora, melhor. Agarrei-me à beira do balcão e olhei pela janela para a cidade. Minha conversa com Jason se repetia em minha mente e não podia ignorar a dor que me provocava.

Crow me olhou em silêncio, lendo a tristeza em meus olhos como em um outdoor.

— Você está com dor.

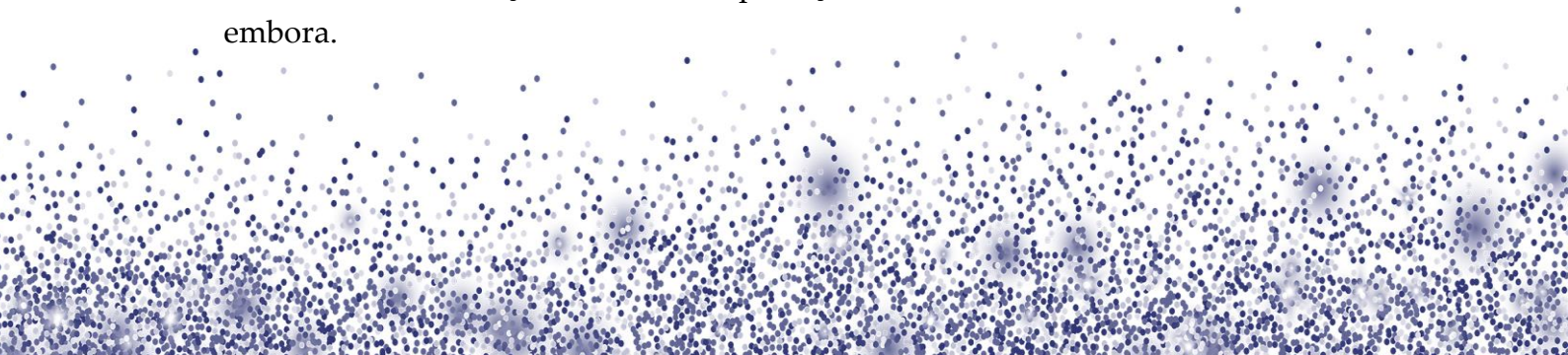
— Sim...

Aproximou-se de mim, mas não me tocou. Ficou de pé junto a mim, com seus olhos ardentes me encarando.

— Diga-me, Button. — Seus dedos se aproximaram da minha bochecha e colocou uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha.

— Ele disse que não parava de pensar no fato de eu ter sido... você sabe. — Jason não me olhava com olhos sinceros. A única coisa que conseguia ver eram as cicatrizes que outros homens tinham me feito. Eu não era desejável porque tinha sido usada.

Crow passou um braço pela minha cintura e depois me atraiu para seu peito. Pousou os lábios na minha testa enquanto formava uma jaula de aço ao meu redor com seus fortes braços. Com a sua proteção, ele mandava toda a dor e sofrimento embora.



— Ele nunca foi bom o bastante para você, Button. — Seus lábios se moviam contra minha testa ao falar. — Um homem de verdade não pensa nos homens que o precederam. Apaga-os.

Já me sentia segura com aquele homem. Ele dizia as palavras corretas e me tocava como eu precisava que me tocassem. Já começava a sentir que voltaria a me apaixonar por ele, ansiando por sua fortaleza e pelo poder que irradiava dele constantemente.

— Sabe o que vejo quando olho para você? — fechou um punho ao redor do meu cabelo e puxou minha cabeça para trás, obrigando-me a olhá-lo nos olhos. — Vejo uma mulher forte que se recusa a render-se. Vejo um fogo resistente que não pode ser extinto. Vejo a mulher mais sensual e desejável do planeta. Se ele não é capaz de aceitar seu passado, não merece seu futuro. — Crow segurou meu rosto e me beijou.

— Não deixe que te deprima, está bem?

Só consegui acenar com a cabeça.

— Porque a mulher que eu conheço não permite que ninguém a quebre, nem mesmo eu.



CAPÍTULO 10

CROW

Faça as malas. — Joguei uma mala vazia sobre a cama.
Ela ficou me olhando da porta com os braços cruzados.
— Para quê fazer isso?

— A não ser que queira ficar nua o tempo todo, sugiro que traga algumas coisas. — Eu abri a gaveta de calcinhas e deu uma olhada dentro. — Se você só quiser levar algumas calcinhas, eu também não me importaria. — Pisco para ela antes de fechar a gaveta. Eu estava finalmente recebendo o que queria, e era incapaz de conter meu bom humor. Os últimos meses da minha vida tinham sido um inferno sem ela. Eu tinha finalmente admitido isso, para ela e para mim mesmo. Agora, queria-a debaixo de mim, com as pernas em volta da minha cintura. O sabor da sua boceta era ainda melhor do que me lembrava e o meu pau também queria prová-la.

— Jason e eu não estamos mais namorando, então não há acordo.

Eu tinha apoiado-a quando lhe faltou coragem, mas assim que me desafiou, tornei-me seu inimigo.

— Você está errada sobre isso.

Atravessei a sala até ficar à frente dela. Mantinha uma expressão resoluta no rosto, mas eu sabia que estava tentando esconder seu medo. Eu a deixava nervosa, sem ela perceber. Seu corpo reagia naturalmente ao meu, executando uma lenta dança que ambos sentimos.

— Termine de pagar sua dívida e ele não morre. Esse era o trato.

— Mas não estamos mais juntos.

— Isso quer dizer que você não se importa que eu quebre seu pescoço? — Entrei no seu espaço pessoal e obriguei-a a recuar até à moldura da porta. — Porque eu vou, Button. Eu vou matar esse monte de merda apenas com um estalar de dedos. Se não é isso que você quer, pegue suas coisas. Agora.

Aquele fogo rebelde ainda ardia em seus olhos, ressaltando os belos traços de seu rosto perfeito. Apertou inconscientemente os lábios e seus ombros se esticaram. Os mamilos se eriçaram dentro da blusa. Não era transparente, mas entendia tão bem sua linguagem corporal que sabia exatamente o que estava acontecendo.

— Não acredito em você.

Agarrei imediatamente seu pescoço e dei-lhe um aperto de aviso.

— Se acha que não vou matar o homem que anda fodendo, não me conhece muito bem. — Larguei-a antes de machucá-la. Minha parte violenta tomava o controle quando as coisas não saiam da maneira que eu queria. Queria voltar a tê-la em minha cama e debaixo de mim, onde pertencia. — Não me faça pedir de novo.

Ela ficou quase um minuto junto à porta, esfregando o pescoço esbelto com os dedos. Não tinha ficado marcada, mas de toda forma tinha doído. Tinha confessado que pedia a Jason para fazer na cama as mesmas coisas que eu lhe fazia. Era inegável que ainda me desejava. E sua boceta molhada me disse a mesma coisa na noite anterior. Finalmente, ela cooperou e pegou suas coisas.

Eu a observei, com a vitória nos olhos.

Quando entramos no meu quarto de hotel, levantei-a até o balcão da cozinha e me pus entre suas pernas. Não existia nada que me obrigasse a me conter, por isso segurei-a pela cintura e beijei-a agressivamente na boca. O meu beijo foi tão violento que machuquei seus lábios.

Mas ela me devolveu o beijo com o mesmo desejo.

O mundo desapareceu e Button foi a única coisa que ficou para trás. Esqueci minha existência solitária na fazenda. De todo o uísque que tinha bebido e dos lamentos que me inundavam o peito. Era a primeira vez que sentia paz em meses.

Fechei meu punho em torno de seu cabelo e reconheci sua familiar suavidade. Estavam maiores que antes, mas emanava o mesmo aroma de baunilha e laranja. Aquele cheiro permaneceu em meu quarto por semanas depois que ela partiu. Mas um dia, desapareceu e eu me senti perdido.

A pressão do meu sangue rugia nos meus ouvidos e meu coração ecoou o mesmo ritmo que o seu. E então foi quando finalmente me senti completo, pela primeira vez em meses. Toda a dor, toda a aflição e toda a raiva desapareceram.

Interrompi o nosso beijo e olhei-a.

— Eu não vou matá-lo.

Ela olhou para mim, franzindo os lábios vermelhos.

— Mas não irei embora até que me pague até o último dos botões. — Nunca a privaria de sua liberdade. Em inúmeras ocasiões no passado, quis acorrentá-la a uma parede e possuí-la por completo, mas aquele fogo em seus olhos me impedia. Exigia lealdade sem pronunciar palavra. Tinha mais poder do que se dava conta, e esperava que nunca descobrisse.

— Quando eu pagar a dívida, você vai embora?

Morri um pouco por dentro ao escutar a esperança em sua voz.

— Sim.

— Porque quer que te pague estes botões? Não entendo.

Porque todos os dias eram uma tortura sem ela. Minha vida era um borrão sem sentido. Vivia no lugar mais bonito do planeta, possuía o tipo de luxo com que a maioria só poderia sonhar e podia ter qualquer mulher que quisesse.

Mas nada daquilo importou quando ela partiu.

— Porque eu quero você.

— E isso é tudo? — sussurrou.

Talvez se voltasse a tê-la, conseguiria desabafar e continuar com minha vida. Talvez as coisas não terminassem como deveriam ter terminado.

— Nunca tivemos a oportunidade de nos despedir. Não estava preparado para sua partida quando você embarcou naquele avião. Não tinha terminado com você.

O desejo de seus olhos começou a extinguir-se lentamente. Se havia algo mais que ela queria ouvir, desejava que me dissesse.

— Vou pegar esses botões. E depois não quero te ver nunca mais.

Ignorei a pontada de dor que se estendia por minha pele. Queimava mais que cinzas e vinha do interior. Minha expressão não mudou, e engoli em seco. Eu sabia por que se sentia assim. Ela me disse duas palavras que eu não repeti. E nunca me perdoaria por aquilo.

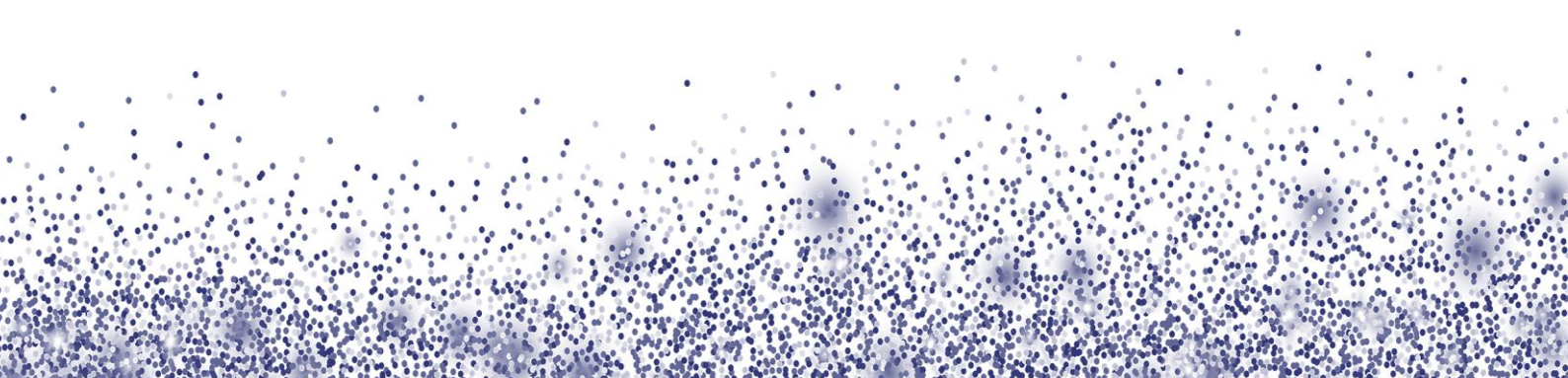
Mas talvez conseguisse fazê-la mudar de ideia.

Talvez pudesse fazê-la se apaixonar por mim de novo, para que me devolvesse alguns daqueles botões em troca do meu amor.

Então ela seria minha para sempre.

— Está bem.

— O que você quer fazer? — entrou no quarto e começou a despir-se lentamente. Brincou com a parte superior das calças antes de desabotoá-la e retirá-la lentamente. Ao mover-se, seus quadris se balançaram e, sem que tentasse sequer, me pareceu a mulher mais sensual que tinha visto na vida.



Eu tinha uma ereção enorme dentro do jeans que se apertava dolorosamente contra o zíper. Desejava desesperadamente me livrar para me esfregar contra seu sexo escorregadio e deslizar em seu interior. Queria esticá-la e apagar a memória daquele homem que não a merecia. Se aquele idiota a via como uma causa perdida, então nunca a havia olhado de verdade. Ele não enxergava o que eu via. Se tivesse prestado atenção, teria avistado que o fogo dos seus olhos não tinha diminuído de intensidade. Teria guardado a indiscutível sexualidade que emanava de cada centímetro de sua pele. Teria implorado para ela ficar comigo.

Idiota de merda.

Era a primeira vez que meu ciúme se aplacava. Ao ver a dor em seus olhos depois da rejeição de Jason, quis arrumar tudo. Quis convencê-la de que o problema era ele, não ela. Durante toda sua vida, os homens a haviam decepcionado, e sinceramente, eu não era diferente. Tinha sido o primeiro homem a quem ela tinha permitido cuidar dela, mantê-la e protegê-la.

E depois tinha magoado-a.

Não podia culpá-la se nunca mais confiasse em mim.

Button virou-se para se pôr diante de mim, de pé com sua camiseta e sua calcinha preta. A camiseta a abraçava, destacando suas sensuais curvas naturais. Seus largos quadris se estreitavam para formar uma cintura estreita. Quando a contemplava por trás, suas curvas se acentuavam ainda mais. Para meu pau aquilo parecia o paraíso.

Olhou-me fixamente, com aquela confiança orgulhosa que a tornava provocativa de forma inata. Nenhuma outra mulher conseguia fazê-lo sem parecer presunçosa. Qualquer mulher que entendesse que era um 10 perfeito tornava-se imediatamente um zero. Mas uma mulher que nem se preocupava em se pontuar era um 10 perfeito.

Button tirou a camiseta pela cabeça e deixou o sutiã preto descoberto. Era do tipo que acentua o decote, e mantinha os seus seios firmemente unidos. Era como uma pista de aterragem para o meu pau, que podia foder seus peitos até não poder mais.

— Você ainda não respondeu minha pergunta. — Ela se aproximou, sem afastar seu olhar autoritário de mim.

Meus olhos pousaram sobre seu esbelto pescoço e no oco de sua garganta. Meus lábios ansiavam depositar ali infinitos beijos, queimando seu corpo com o meu contato. A razão pela qual deixei escapar esta bela mulher era um mistério para mim. Passei noites me masturbando como um adolescente porque não podia ter o que realmente queria.

— Então, qual era a pergunta?

Ela abraçou o torso com os braços finos e abriu o fecho que mantinha o sutiã fechado. Ele soltou-se imediatamente, e as alças caíram sobre seu peito. Lentamente, a gravidade fez efeito e o sutiã caiu no chão com um suave ruído surdo.

Senti falta daqueles peitos. Era muito bonitos.

De repente senti que minha língua era muito grande para minha boca. Queria banhar seus mamilos com beijos dolorosos antes de sugá-los até deixá-los em carne viva. Já tinha visto o seu belo corpo nu mais vezes do que me lembrava, mas agora que se submetia a mim, a minha ereção era galopante. Vê-la curvar-se perante mim, ceder-me o controlo, era o que mais me excitava no mundo.

Ela era finalmente minha.

Agarrou as tiras da tanga antes de baixá-las por aquelas pernas, longas e requintadas. O paraíso que tinha entre elas estava perfeitamente mantido, e me chamava.

— O que você quer fazer?

Não conseguia decidir o que queria. Queria tudo de uma vez. Queria aquela linda boca à volta do meu pênis, mas também queria estar a 25 centímetros dentro dela.

Ela percorreu a distância que nos separava com a roupa interior ainda na mão. Pousou os dedos sobre meus jeans e desabotoou lentamente o botão. Ao baixar o zíper, meu sexo saltou por fim, livre de restrições. Pressionou-se contra a frente dos meus boxers, dirigindo-se a ela como se tivesse consciência própria.

Mantive os braços de lado, apesar do quanto desejava tocá-la. O seu número estava me aquecendo e eu estava curioso sobre o que faria a seguir. Ela estava tomando a iniciativa naquela noite e eu estava gostando de lhe dar as rédeas.

Baixou o jeans e os boxers até os tornozelos e depois voltou a endireitar-se. Era muito mais baixa que eu e minha virilha chegava ao se estômago. Mas sua altura não a debilitava. Era a pessoa mais alta em qualquer quarto em que entrasse.

Enrolou a sua tanga preta à volta do meu pênis e começou a massageá-lo, usando o laço macio para estimular a pele tensa do meu sexo. Parte de sua umidade embebia a roupa, e pude sentir como se estendia desde os testículos até a ponta.

Caralho.

Subia e descia a mão com lentos movimentos, centrando-se na sensação de cada momento em vez de na estimulação de ir o mais rápido possível.

Porra, ela sabia o quão sensual era?



— O que quer fazer? — Tocou o canto da minha boca com os lábios, mas sem me beijar. Me provocava, aproximando seus apetitosos lábios a escassos centímetros de minha boca.

Doía-me a virilha porque a realidade era melhor do que tudo o que eu pudesse ter imaginado. Era como na Itália, mas melhor, de certo modo. Ela tinha um domínio total e até agora não tinha conseguido compreender a enorme responsabilidade que acarretava.

— De joelhos. — O poder atravessou-me a coluna, começando na virilha e estendendo-se para a nuca. Por fim aquela mulher era minha.

Ela caiu no chão sem reclamar da dor nos joelhos. Manteve a mão à volta da minha ereção, com a calcinha enrugada perto dos meus testículos. Seus dedos brincavam lentamente com meu escroto, massageando-o com ternura.

— Eu vou foder sua boca. — Peguei o cabelo dela com a mão e segurei firme na parte de trás da cabeça. O fio dental ainda estava lá, mas eu não queria tirá-lo. Eu adorava sentir a umidade de seu sexo no tecido delicado.

Agarrei a base do meu pau e esfreguei seus lábios com a ponta. Começou a me beijar imediatamente, tirando a língua para esfregar a pele sensível. Tinha os olhos brilhando como uma fogueira, e me coube a certeza de que a umidade estava começando a acumular-se entre suas pernas. Continuava a adorar ter o meu enorme pênis dentro da sua boca.

Algumas coisas nunca mudam.

Eu me enfiei dentro dela, indo até o fundo da garganta. Como a campeã que era, engolia tudo sem ter reflexos de vômito. Conteve o fôlego, porque tinha a garganta bloqueada. Quando me retirei de sua boca, inalou profundamente. Então voltei a meter com tudo.

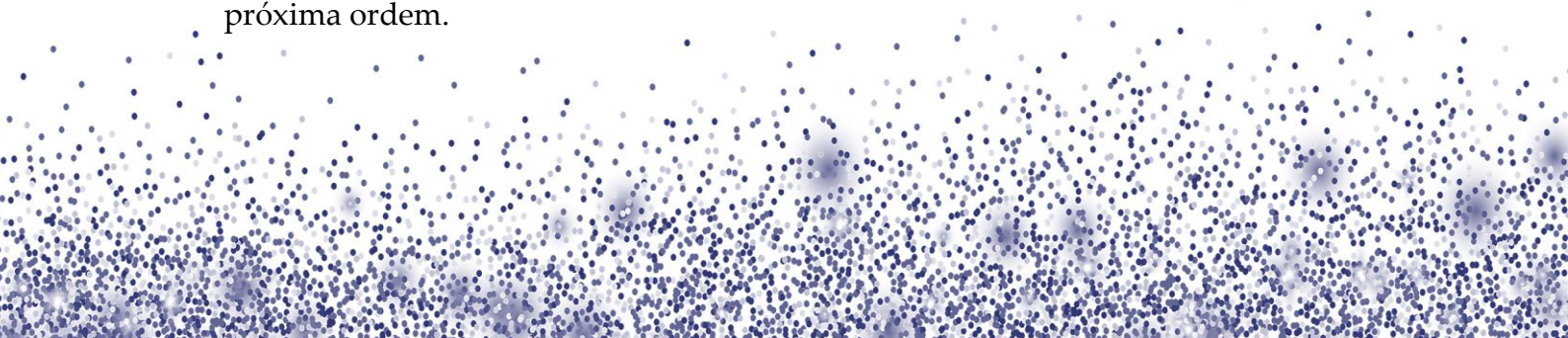
O melhor nem sequer eram as sensações do boquete. Nada podia superar o que eu estava vendo. Estava obcecado com aquela mulher, e vê-la de joelhos como se eu fosse seu rei fazia maravilhas com meu ego.

Fodi profundamente sua garganta durante alguns minutos, conservando a cena no fundo da mente para a valorizar depois. Isto era algo com que me masturbaria quando ela não estivesse comigo. Meu maior desejo era não ter que recorrer a isso.

Tirei o meu pau da sua garganta quente e mandei-a deitar-se na cama.

— De costas. A cabeça no travesseiro. — Toquei-me enquanto a observava me obedecer.

Ela se deitou na cama como ordenado. Como uma escrava, esperando minha próxima ordem.



Subi sobre ela e coloquei outro travesseiro debaixo da sua cabeça. Curvei-lhe o pescoço até ficar com o rosto na vertical. Olhou-me com certa confusão, mas não fez nem uma só pergunta.

Agarrei seus seios e banhei o vale entre eles com úmidos beijos. Minha ereção balançava para frente, a um par de centímetros de seu estômago. Quando todo o seu peito estava coberto de saliva, coloquei-me em cima dela.

— Junte seus peitos.

Ela fez o que pedi, criando um vinco entre eles.

— Abra a boca, por favor.

Ela fez o que eu mandei.

Um calafrio me percorreu as costas ao presenciar sua obediência.

Coloquei meu pau entre seus peitos deslumbrantes até ver a glândula emergir do outro lado. Ela pousou em sua boca e descansou sobre sua língua.

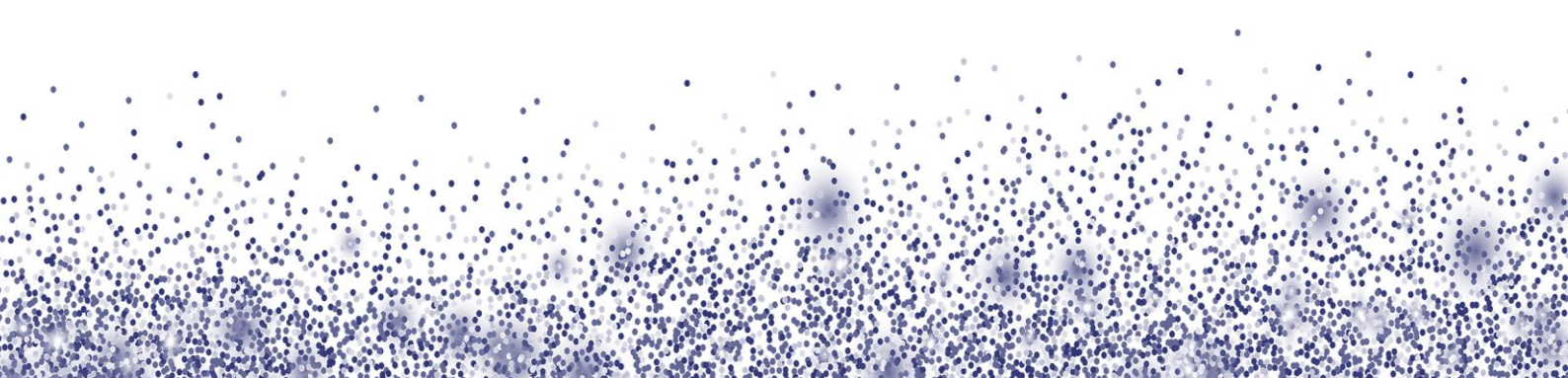
— Button, mantenha seus peitos juntos. — Balancei os quadris, deslizando pelos seus úmidos peitos. Ela os mantinha firmemente unidos, como havia lhe pedido, e sua língua roçava minha glândula cada vez que chegava a ela. Não tirei os olhos de cima dela nem um segundo, embelezado com o tremor de seus seios. Nunca tinha fodido seus peitos, e estava me divertindo com isso.

Ela manteve a língua de fora, preparada para meu membro cada vez que se aproximava de sua boca. De certo modo, era melhor submissa agora do que jamais foi. Não havia luta nela, porque desejava que a conquistasse.

O êxtase se aproximou como um tremor distante na parte inferior do meu pau. Pude sentir a euforia subindo até a ponta, sabendo que a explosão não tardaria a chegar. Eu queria ceder ao desejo carnal de gozar no seu rosto, mas me contive.

Tirei meu membro dos seus peitos preciosos e a segurei pelos quadris. Puxei-a para baixo de mim e abri suas pernas. Meu pau se encostava no seu estômago, reluzente com uma mistura de sua saliva e meu pré-sêmen. Ele se contraía em expectativa, preparado para afundar-se naquela mulher, que absorvia toda minha concentração.

Ela agarrou meus antebraços, enterrando suas longas unhas profundamente em minha pele, e quase me tirando sangue. Quanto mais se agarrava a mim, maior era o meu desespero por fodê-la. Ela tinha mantido uma máscara de indiferença ao falar, mas agora que estávamos nus juntos e a ponto de foder, sua atitude era tudo menos indiferente.



Subi em cima dela até meu rosto ficar a centímetros do dela. Seus lábios reluziam pela saliva com que tinha banhado minha enorme ereção, e a boca ligeiramente aberta deixava entrever seus dentes brancos. Tinha visto aquela expressão cem vezes e sabia o que queria dizer.

Queria que eu a beijasse.

Segurei meu peso com os braços e desci lentamente até que nossas bocas se tocaram. Como se nunca a tivesse beijado, uma violenta explosão irradiou do fundo do meu peito. Era um rugido que escorria pela minha pele e saía do fundo da minha garganta. Os músculos do meu corpo ficaram tensos e fechei os punhos nos lençóis.

Ela ofegou suavemente contra minha boca ao conseguir o contato que desejava. Seus lábios tremeram contra os meus e ela rodeou os tornozelos nas minhas costas atraindo-me para si, desejando-me em seu interior naquele momento. Depois levantou as mãos até meu rosto e as enfiou em meu cabelo. Segurava-os com tanta força que quase arrancou meus tufos. O seu corpo balançava contra o meu e os seus quadris pressionavam-se contra mim, ansiosa por sentir-me dentro dela.

— Crown... me fode.

Porra!

Desloquei os quadris até pressionar meu pênis contra sua entrada. Jogando todo meu peso ao empurrar, penetrei-a até o fundo em um só e fluido movimento. Sua boceta era mais estreita do que me lembrava, mas o meu pau deslizou para dentro com facilidade.

Porque nunca estive tão molhada.

— Sim. — ela arrastou suas mãos descendo por minhas costas, com unhas afiadas como punhais. Arfou em minha boca, porque não era capaz de me beijar. Tudo o que podia fazer era gemer... gemer para mim. — Crow...

Fiz com que o seu corpo se curvasse sobre si mesmo até que não fosse mais do que uma minúscula bola debaixo de mim. Tinha as pernas firmemente apertadas em torno de minha cintura e os braços ao redor de meu torso. Encolhida e retorcida debaixo de mim, eu a fodi com força contra o colchão como um marinheiro recém-desembarcado.

Meu braço rastejou por baixo dela até chegar a sua nuca. Fechei os dedos a seu redor e dei um firme aperto. Segurando-a com força, guiei-a enquanto entrava e saía dela, batendo-me contra seu corpo violentamente.

— Button. — Sua boceta parecia o paraíso depois do período de abstinência que tive que suportar. Mas a espera tinha valido a pena, porque aquele momento era poderoso, e paralisante. A conexão que compartilhávamos tinha sido renovada com intensidade. Eu a sentia, e sabia que ela também podia senti-la.

Eu era incapaz de continuar prolongando aquele momento. Me masturbar não tinha aumentado a resistência que tinha antes. Eu precisava inundá-la com a grande quantidade tão de sêmen que não eu conseguia reter. Senti a necessidade de apagar qualquer vestígio do homem que tinha me substituído.

— Button, afaste-se para mim. — Aprofundei minhas investidas e esfreguei minha pélvis contra seu clitóris palpitante. Queria que ela gozasse para que eu pudesse gozar também.

Suas bochechas ficaram cor-de-rosa, a pálida cor de uma rosa de primavera logo após o inverno. Seus lábios adquiriram um tom vermelho rubi como resposta à dureza de meus beijos. Tinha os mamilos completamente eretos, e pude ver como sua boca desenhava lentamente aquela “O” que tão bem conhecia e que estive esperando. Depois ela deixou escapar um grito que quase rompeu meus tímpanos.

— Oh, Deus! — ela jogou a cabeça para trás e suas unhas quase furaram minha pele. — Sim, bem assim.

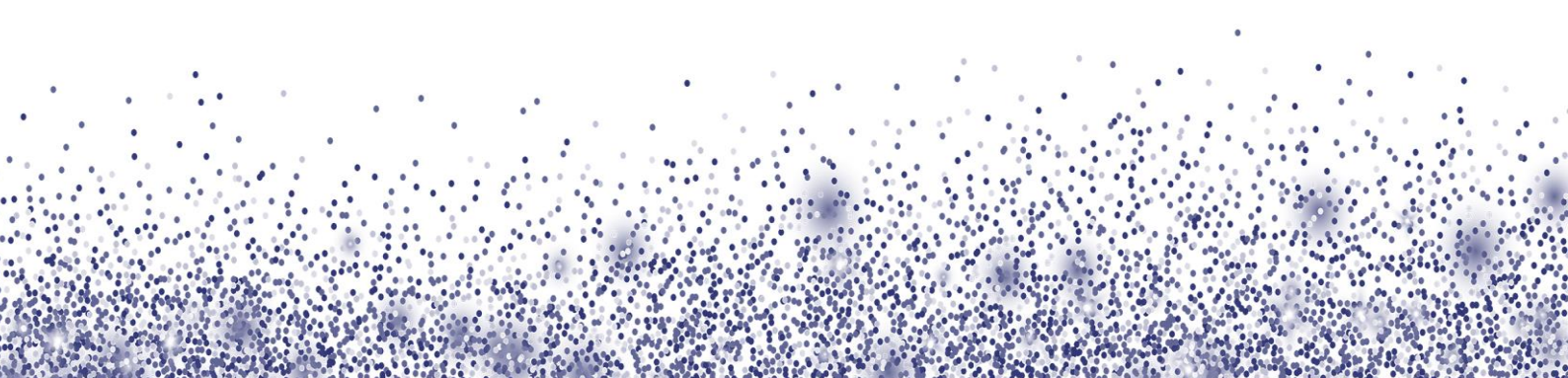
Senti seu sexo esticar em torno do meu e produzir uma nova onda de umidade. O espaço entre nós ficou mais molhado e escorregadio. Meu pau ficou tenso com a expectativa e segurei a nuca dela com mais força, quase machucando-a.

— Tome tudo. — Enterrei-me por completo em seu interior, dando-lhe até o último centímetro. Depois gozei com um rugido que não pude conter. Meus dedos continuaram apertando em torno de seu pescoço, e tive que me obrigar a afrouxá-los para não sufocá-la.

Fiquei em cima dela porque não queria me afastar, não ainda. Costumava passar muito tempo enterrado em seu interior, e quando tinha ido sem avisar, eu tinha que enfrentar a dura realidade de sua partida. Agora estava debaixo de mim, e desejava saborear cada momento ao seu lado.

Seus olhos estavam cheios de satisfação e sua respiração voltou lentamente ao normal. Seu cabelo espesso estava espalhado pelo travesseiro e seus dedos se afrouxaram sobre minha pele. Seus belos olhos azuis foram perdendo sua qualidade vibrante para tornar-se sonolentos. Não só estava satisfeita, mas totalmente exausta.

Beijei-a, abraçando-a ternamente para compensar a minha dureza anterior. Agora que a paixão tinha passado e só restava nós dois, queria que as minhas carícias demonstrassem mais do que luxúria. Eu não só tive saudades dela porque o sexo entre nós era incrível. Mas por muitas outras razões... razões que não conseguia explicar.



Saí de dentro dela, sentindo o sofrimento do meu pênis por estar longe do paraíso que tinha encontrado entre suas pernas. Quando me deitei ao seu lado, abracei-a por trás, nossa postura habitual quando dormíamos juntos. Não sabia que horas eram, e ela não colocou o alarme para a manhã seguinte. Não pediu seus botões, e eu não os ofereci.

Então dormimos um pouco.



CAPÍTULO 11

PEARL

Quando acordei na manhã seguinte, fui saldada com o aroma de café. Seu cheiro era inconfundível. Aos meus ouvidos chegou o som distante da cafeteira. A luz da janela chegou até minhas pálpebras e soube que estava amanhecendo.

O que significa que tinha que ir trabalhar.

Saí da cama e peguei a primeira camisa que achei no chão. Era de Crow e me chegava até debaixo dos joelhos porque ele era um milhão de vezes maior que eu. Toquei no tecido e lembrei-me imediatamente de ter feito o mesmo todas as manhãs quando vivia com ele, há uma eternidade.

Entrei na cozinha e vi Crow sentado à mesa, lendo o jornal. Estava sem camisa e tinha um aspecto muito atraente com suas coxas perfeitas e musculosas espreitando por baixo da mesa.

— O café da manhã está na cozinha. Não foi feito por Lars, mas dá para comer.

Servi um prato de ovos mexidos e uma xícara de café. O leite e o açúcar já estavam no balcão, porque Crow sabia exatamente como eu gostava de tomá-lo. Me sentei na cadeira que estava na frente dele e dei uma olhada no relógio. Ainda tinha uma hora antes do trabalho, então podia comer com calma.

Crow lia o jornal dele e não olhou para mim nem uma vez. Se não fosse pela janela que estava atrás dele, teria assumido que estávamos de volta à sua propriedade na Toscana. Sua barba recente era cada vez mais apreciável e tinha os lábios um pouco rachados por todos os tórridos beijos que havíamos compartilhado na noite anterior.

Deus, a noite passada foi fantástica.

— Como você dormiu, Button? — Ele deixou o jornal sobre a mesa e me dirigiu um olhar engraçado. Tinha o cabelo bagunçado e arranhões no peito por eu ter afundado minhas unhas nele. De alguma forma, aquelas coisas tornavam-no ainda mais atraente.

— Bem. — Puta merda! Na realidade eu não dormia tão bem assim desde a última vez que compartilhamos uma cama. Normalmente eu ficava constantemente me virando na cama à noite, assediada pelos velhos pesadelos de Bones. Às vezes permanecia absolutamente quieta, no entanto, sentindo o balanço do navio da minha

viagem pelo Atlântico. Dormir com Jason não melhorou nada. Tudo permaneceu exatamente o mesmo. Mas com Crow, tudo era uma tranquilidade serena. Quando ele me envolvia em seus braços, nada poderia me machucar. Eu nunca admitiria isso em voz alta, mas ele foi o primeiro homem que me fez sentir segura. — E você?

— Como uma árvore. — Deu um gole no seu café e depois passou os dedos pelo restolho que emergia de seu queixo. Estava mais cheia do que o habitual porque não tinha se barbeado no dia anterior. Nunca o tinha visto com barba e me perguntava como ficaria. A barba o faria ainda mais bonito? Ou só perigoso?

Agora que estávamos sentados civilizadamente um em frente ao outro, já saciados nossos apetites, tínhamos que tratar de negócios.

— Cinco. — Coloquei a palma aberta sobre a mesa para que pudesse depositar meu pagamento nela.

Não parou de olhar para mim

Deixei ali a mão, esperando que me pagasse o que me devia. Não estava ali porque tinha vontade de voltar a me ver presa naquele pesadelo. Queria cortar para sempre os laços que nos uniam para poder seguir com minha vida e que nunca mais nos voltasse a ver. O sexo era alucinante e me sentia incrivelmente bem entre seus braços, mas já havia me destroçado uma vez o coração, e não permitiria que aquilo voltasse a acontecer. Iria mantê-lo escondido no fundo do meu peito para que ele não pudesse alcançá-lo. Eu poderia mantê-lo seguro enquanto ganhasse aqueles trinta botões... mas não mais do que isso.

Olhou para mim, sem cooperar.

— Pague-me. — pedi movendo os dedos.

— Dois.

— Dois? — perguntei com incredulidade. — Eu disse cinco.

— O que fizemos valeu dois e ambos sabemos. — Ele tomou seu café. Sua expressão teimosa me fez saber que não era negociável.

Suponho que eu deveria ter combinado o pagamento antes, como uma puta.

— A noite anterior valeu um. Por que parece que ontem à noite valeu dois?

— Foi baunilha. Em todo caso teria que valer só um.

Embora ele não tenha me amarrado, mas, mesmo assim, foi longa e violenta. Parecia que aquela noite valia mais do que ele queria me dar. Ele não percebia que aqueles botões não representavam apenas um mero pagamento. Eram também as camadas com as quais protegeria meu coração de sua frieza.

— Dois.

— Cinco.

Ele sacudiu a cabeça.

— Button.

Não podia acreditar que estava a ponto de ceder a ele, mas reconhecia um beco sem saída quando via um.

— Está bem.

Tirou dois botões do bolso e passou-os por cima da mesa. Eram metálicos e brilhantes. Eu tinha reunido centenas de botões desde que tinha sido capturada, mas eu não tinha nada para provar. Estes iriam parar na minha coleção escondida.

— Tenho que ir trabalhar.

Crow não protestou, mas também não gostou.

— Vejo você quando voltar.

— Não vou voltar aqui, Crow.

Cruzou os braços diante do peito, ameaçando-me para que não o desafiasse.

— Eu tenho planos. Vejo você amanhã. — Eu tinha que manter algum espaço entre nós. Se passasse muito tempo com ele, só conseguiria que tudo fosse mais duro.

— Quais são os planos?

— Vou beber com os meus colegas.

— É algo que você faz?

— Uma vez por mês, mais ou menos.

Franziu as sobrancelhas, irritado.

— Eu vou com você.

— Não. — O cortei. — Você não trabalha lá.

— Mas eu sou seu dono.

Aquelas palavras me atingiram como uma bofetada na cara. Levantei-me e agarrei à borda da mesa.

— Você não é meu dono, Crow. Não sou sua escrava, assim posso fazer o que me der vontade. — Saí tempestuosamente, deixando os botões sobre a mesa. Depois de uma noite estupenda, já estava irritada com ele. Num momento, me afastava dele porque lhe confessava os meus verdadeiros sentimentos, e no momento seguinte, possuía-me como se não pudesse viver sem mim. Não tinha sentido e estava farta disso.

Vesti-me com a roupa do dia anterior antes de sair com pressa do quarto de hotel.

Quando cheguei à porta da frente, ele me parou.

— Button. — Empurrou a porta com a mão para que não pudesse abri-la. Ele bloqueava o caminho, assim eu estava presa.

Ainda tinha tempo, mas estava desesperada para me afastar daquele psicopata.

Passou um braço pela minha cintura, guiando-me para a porta. Tinha as costas contra a madeira e estava encurralada como um animal. O predador tinha apanhado a presa e não podia fazer mais nada senão esperar pelo fim. Enfiou-me uma mão no cabelo, obrigando-me a levantar o queixo de forma que o olhasse diretamente no rosto.

— Seja minha outra vez. — Deslizou o polegar pela minha bochecha até que estive no canto da minha boca. — Deixe-me ser seu dono. Deixa-me te possuir. — Aproximou os seus lábios dos meus, tentando-me com um beijo.

— Não. — Cada momento que passava em sua presença me rasgava por dentro. Uma parte de mim queria voltar a ser como antes. Minha vida era muito mais simples então. Eu tinha um lar. Tinha um homem tão ferido quanto eu, e aquelas feridas nos uniam como se fôssemos uma família. Ficar naquela propriedade no meio da Toscana era a melhor terapia que podia ter. Embora ele não tivesse me vendido como escrava, não tinha sido feliz nos Estados Unidos. Nunca tinha sido feliz com Jacob, nem com nada mais da minha vida. Crow tinha me dado algo que eu levava toda minha vida buscando. E depois havia me tirado aquilo. — Você me teve e não me quis, Crow. Não pode simplesmente mudar de ideia.

— Nunca deixei de querer estar com você. — Ele pressionou mais seu corpo contra o meu. — Você sabe disso.

— Vários meses de silêncio dizem o contrário. — Ficar sozinha durante esses meses, foi fácil mentir para mim e me dizer que não estava machucada. Mas quando falei essas palavras, senti a traição como uma ferida que acabava de ser aberta. Ela tinha quebrado meu coração mais dolorosamente do que eu poderia ter imaginado. Isso me quebrou em mil pedaços e desta vez eu não conseguiria montá-los novamente. — Estou apenas fazendo isso para permanecermos em paz. Só estou fazendo isso para fazer você desaparecer. Portanto, não finja que voltamos para a Itália e que tudo está como antes. Nada será o mesmo. E não ouse me chamar de escrava de novo, nunca. Não se atreva a dizer que eu te pertencço. Porque você não merece.

Passei o dia todo de mau humor.

Eu odiava Crow pela maneira como ele me torturava emocionalmente, e me odiava por estar apaixonada por ele. Sim, ele era atraente e arrebatador. Sim, era compassivo, sem ser fraco. Mas debaixo daquele bonito envoltório se escondia um destruidor de corações.

Não voltaria a cair em tudo aquilo.

Nem acreditava que tinha acontecido.

Enquanto estava trabalhando, concentrei-me no projeto que me foi atribuído há semanas. O melhor do meu trabalho era como era fácil me abstrair nele. Era complexo e desafiante e atraía toda minha atenção de forma que não pensava em nenhuma outra coisa.

Depois do trabalho, fui beber com alguns dos rapazes. Falaram sobretudo de esportes e sobre o que iriam fazer nas próximas férias. Eu bebi minha cerveja, desejando que fosse vinho toscano. Depois fui para casa para poder ficar sozinha. Se Crow estivesse espreitando dentro do meu apartamento lhe daria uma surra.

Estava falando sério.

Entrei e acendi as luzes. Não tinha nada dentro da geladeira, então não tinha outro remédio senão pedir uma enorme pizza gordurosa para jantar. Desejei ganhar mais dinheiro no meu trabalho para poder contratar Lars para trabalhar para mim.

Como temia, aquele filho da mãe arrogante estava lá. Joguei minha bolsa no balcão e peguei um rolo de massa de madeira de uma das gavetas. Não era um taco de beisebol, mas teria que servir.

— Maldito bastardo, eu te disse que queria a noite livre e...

— Ouça-me e depois vou embora. — Ficou no outro lado do balcão. Ele usava uma camiseta cinza e jeans, estava recém barbeado e com o cabelo perfeitamente penteado. Faltava-lhe o relógio que usava, mas ainda assim, parecia um executivo.

Eu não queria ouvir o que tinha a dizer.

— Se apresse.

Ele cercou a ilha e aproximou-se mais de mim.

Eu recuei imediatamente, não estava de bom humor para que me tocassem.

Nos separava um pouco mais de meio metro, uma distância insuficiente. Cruzei os braços sobre o peito e bloqueei o corpo, deixando claro que não era bem-vindo.

Ele ficou ali com os braços pendurados nos lados, dizendo-me com os olhos que desejava aproximar-se mais.

Eu continuei ali de pé, esperando que dissesse o que tinha que dizer. Fosse o que fosse, tinha certeza de que não iria gostar. Aquele homem carecia de emoções porque não era mais que uma casca vazia. Era uma estúpida por ter pensado que poderia mudá-lo... especialmente por minha causa.

— Finalmente percebi o quanto te magoei.

Era a última coisa que esperava ouvir dele. Tentei que meu rosto não refletisse nenhuma emoção, mas quando aquelas palavras saíram de seus lábios, relaxei a

careta que franzira minha boca. Os meus braços se afrouxaram contra o peito, até meus joelhos pareciam trêmulos.

E ele não havia dito mais do que uma só frase.

Ao perceber que minhas defesas começavam a desmoronar, aproximou-se um pouco mais de mim. Manteve as mãos de lado, sem me tocar, mas o desejo que ardia em seus olhos deixava claro o desejo de fazê-lo.

— Sei o que te feriu e odeio-me por isso.

Eu bebi cada palavra, sentindo meu corpo ser atraído pelo dele como se fosse um ímã. Minha boca já sentia vontade de beijar a sua e minhas mãos morriam de vontade de tocá-lo. Todas as emoções contra as quais tentei lutar transbordaram dentro de mim. O poder que tinha sobre mim era tão intenso que me aterrorizava.

— Volte para a Toscana comigo. Te darei um lar, uma vida repleta de luxo, beleza e respeito. Meu quarto não será só meu, mas nosso. Você será a senhora da casa, com tantos direitos como eu. Você terá qualquer coisa que desejar. Seja o que for, eu te dou.

— O que exatamente isso significa, Crow? — Parecia bom demais para ser verdade e precisava de uma explicação antes de tirar conclusões precipitadas.

Ele cruzou a distância que nos separava e imediatamente colocou uma mão na minha nuca. Baixou o rosto para me olhar, registrando com seus olhos cada vez mais escuros a mínima reação dos meus traços.

— Sou seu, Button. Viverei dedicado a você. Te protegerei. Te darei tudo o que quiser. Vem para casa comigo.

Rodei-lhe o pulso com a mão, sentindo seu pulso acelerado

— Quanto tempo vai demorar?

Apertou os olhos, sem entender a pergunta.

— Para o resto da vida.

Fechei os olhos, porque aquilo soava como um sonho se tornado realidade. Queria passar todos meus dias sob o sol toscano com aquele homem. Apesar de sua intensidade e sua raiva, era minha cara metade. Eu tinha me convencido de que não o amava para poder seguir com a minha vida, mas sabia que aquilo não era verdade. Minhas mentiras não eram sólidas o suficiente para me enganar.

— Crow, você me ama? — não abri meus olhos, porque não queria ver sua reação.

Ele não disse nada, e isso foi a minha resposta.

Abri os olhos e o olhei, sentindo novamente toda aquela dor. O mesmo que estava escrito em seu rosto, porque se odiava por me fazer mal. Ele odiava-se por não me dizer as palavras que eu queria ouvir.

— Então, que sentido faz? — sussurrei. — Quer que eu more com você, mas por quanto tempo? Você se cansará de mim e vai querer estar com outra pessoa, com alguém novo. E então eu serei devolvida aqui, para ter que recomeçar do zero. Não posso fazer isso, Crow.

Agarrou-me o rosto com ambas as mãos, olhando-me diretamente nos olhos.

— Nunca me cansarei de você, Button. Nunca me senti assim por ninguém. Se voltar sem você, serei um completo desgraçado. Preciso de você em minha vida. Sem você, eu não existo.

Como podia dizer aquelas coisas e não sentir mais nada por mim?

— Não entendo nada, Crow. Me diz coisas preciosas, mas, ainda assim não me ama. Não posso abandonar tudo para estar com você a menos que nossos sentimentos sejam os mesmos. — Já tinha posto minhas cartas na mesa. Tinha admitido que ainda me sentia da mesma maneira que antes de deixar a Itália. Eu me odiava por ter revelado aquela informação tão facilmente.

Ele colocou as mãos sobre meus ombros, deixando escapar um suave suspiro.

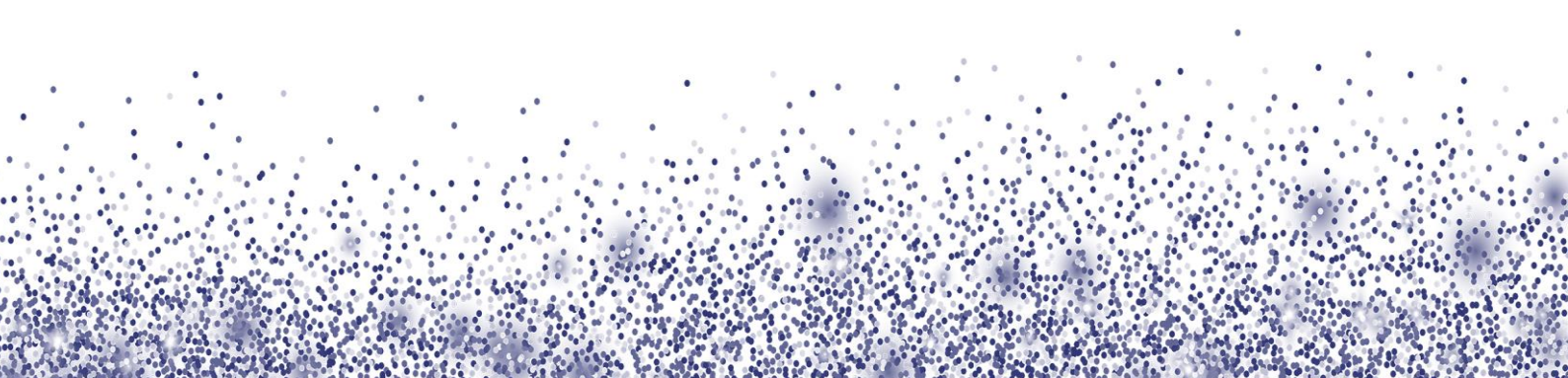
— Eu disse que não posso sentir amor. Que não posso amar ninguém. Não é que eu não queira fazer isso. Eu simplesmente sou incapaz de senti-lo. — Colocou as mãos na minha cintura e inclinou a cabeça. — Mas fora isso, posso te dar tudo. Posso te dar minha fidelidade, minha lealdade, minha sinceridade, minha fortuna, meu lar... todo o resto. Isso deveria bastar.

Talvez fosse suficiente para alguém que não o amasse. Talvez bastasse para uma mulher em busca de segurança, riquezas e proteção. Mas eu não precisava de nenhuma dessas coisas.

— Crow, você é razão de eu amar viver com você. Eu adorava dormir naquela mansão fabulosa porque você estava ao meu lado. Adorava olhar pela janela porque podia vê-lo correndo pelos campos. Amava Lars porque vi sua devoção a você. Quando você entenderá que não são as coisas que você me oferece que me mantêm ao seu lado? — Movi minhas mãos para o peito dele, descansando-as em seu coração. — É só você.

CAPÍTULO 12

CROW



O uísque que tinham no hotel não era nem de longe tão bom como o que eu tinha em casa. Mas tinha o mesmo efeito, assim continuei bebendo. Sentei-me no sofá da sala de estar e vi pela janela a cidade que se descortinava no horizonte. Button provavelmente estava em seu apartamento minúsculo, comendo um prato de macarrão com queijo e assistindo tv a cabo.

Poderia estar vivendo em uma mansão comigo, enquanto contemplava os vinhedos infinitos.

Mal acabei de beber a minha dose e já estava abastecendo o copo com outra. A última conversa que tivemos repetia-se uma e outra vez na minha mente, como um disco riscado. Não havia dito especificamente aquelas palavras, mas havia dado a entender que ainda me amava. Recusava-se a contentar-se com parte de mim, porque queria tudo.

Agora tínhamos chegado a um impasse.

Podia mentir e dizer que a amava só para que voltasse para casa comigo. Mas eu nunca me perdoaria por mentir, porque tinha prometido que nunca o faria. Era uma promessa que havíamos feito um ao outro há uma eternidade. Quando se tratava de Button, eu mantinha todas as minhas promessas.

Pensei que bastava oferecer-lhe todo o resto. Se fosse qualquer outra mulher, teria agarrado à oferta como se tivesse ganhado na lotaria. Outras mulheres gastariam meu dinheiro em jóias e roupas caras, relaxando sob as oliveiras enquanto liam um livro na piscina. Não se importariam se as amasse ou não.

Mas Button se importava.

Podia drogá-la e levá-la de volta à Toscana contra a sua vontade. Trancá-la e mantê-la lá para o meu entretenimento. A idéia era tentadora, tanto que me provocou uma ereção dentro dos jeans.

Mas nunca poderia fazer-lhe algo assim.

O meu celular tocou e eu agarrei-o imediatamente, esperando que fosse ela me ligando. Talvez tivesse mudado de idéia e concordado com minhas condições. Mas em vez disso, eu vi o nome de Cane na tela. Não tinha me ligado desde minha chegada há uma semana, algo que em meu irmão não era normal. Eu atendi, provavelmente porque estava bêbado.

— O quê?

— Olá para você também.

— O que é? — Repeti.

— Quando volta para casa? Temos coisas para fazer.

— Não sei... — Não podia ir sem ela, mas também não podia ficar muito mais tempo nos Estados Unidos. O trabalho exigia minha atenção em casa. Tinha toda

uma vida profissional parada, me esperando. Mas não podia deixá-la para trás, sem saber se estaria a salvo.

— Por que está demorando tanto? Disse que ia atrás de Pearl e voltava.

— Ela não quer voltar para mim. — A tristeza entrou na minha voz, e senti uma pontada no peito. Devia estar muito bêbado para estar contando aquilo a Cane. Na maior parte do tempo, meu irmão nem sequer gostava dela. Era uma pessoa imatura e irracional.

Cane fez uma pausa do outro lado do telefone, percebendo que a conversa era muito mais séria do que o previsto.

— O que quer dizer?

— Disse que não quer vir comigo.

— Não acredito. — Ele disse isso com calma. — Há algo que você não está me contando.

O álcool tomou o comando e comecei a divagar.

— Disse que só voltará comigo se lhe disser que a amo.

— Pois diga. Problema resolvido.

— Mas eu não a amo, Cane. Você sabe.

Senti a raiva dele aumentar pelo telefone, atingindo volumes poderosos na minha orelha.

— Te conheço por toda a vida e nunca, nem uma só vez, vi se comportar assim com nenhuma outra mulher. Não só a ama, mas você está totalmente, pateticamente, estupidamente e suicidamente apaixonado por ela. Não minta para mim e haja como se não fosse verdade.

Passei a mão pelo rosto, sentindo a frustração queimando meu peito.

— Não é bem assim, Cane.

— Mas o que há de errado com você? Por que não admite isso simplesmente? Se você tem medo de parecer um covarde, nem ligue, pois você já está parecendo um.

— Cale essa boca, Cane.

— Não. Estou falando sério.

— Vai se foder, cara.

— As coisas são assim, Crow. — Normalmente ele ficava louco quando o insultava, por isso o fato de que mantivesse a calma era prova de que acreditava no que dizia. — Ela não é como as outras mulheres que conhecemos. Ela tem ovos de aço e uma boca que compete com a nossa. Dei-lhe uma surra e ela sobreviveu. Ninguém mais teria suportado aquilo, exceto ela.



— Cane, você está me irritando. — Falar daquela noite terrível em que quase tinha acabado com ela não era uma boa estratégia para me convencer a fazer nada.

— O que quero dizer é que ela é especial. Vai mesmo deixá-la ir por orgulho, ou seja, lá o que isso for?

— Não é uma questão de orgulho.

— Então o que é?

Não queria falar daquilo com Cane. Não queria falar daquilo com ninguém.

— Deixa pra lá.

— Não. Vamos fazer isso. Vamos ter uma conversa de maricas até encontrarmos uma solução. Porque você é meu irmão e não vou deixá-lo estragar a melhor coisa que já lhe aconteceu.

Bebi o resto do copo para aliviar a enxaqueca que tinha aparecido do nada.

— Então, o que é? — repetiu. — Do que se trata, Crow?

— Simplesmente não posso amar ninguém. É simples assim. Esse sentimento que as pessoas sempre falam quando conhecem seu marido ou sua mulher... sou incapaz de senti-lo. Depois que Vanessa morreu... acabou. Eu a amava com toda minha alma e ela morreu... como todos os demais. Já perdi pessoas suficientes e estou farto disso. Ela não seria mais do que outro nome na lista.

Cane permaneceu em silêncio. Não falava, o que era raro nele. Normalmente não se calava até que alguém lhe pedisse que calasse a boca.

— Então não vou voltar para lá. Eu não vou sentir por Pearl nada mais do que amor. Acho que ela é linda e adoro estar com ela, mas o meu afeto vai até aí. Não vou mentir e dizer que um dia me sentirei assim por ela, quando nunca vou fazer. Não importa o quanto a deseje.

Ele suspirou do outro lado da linha.

— Olha, eu entendo. Você tem medo de perdê-la. Com a merda que enfrentamos todos os dias, entendo de verdade. Mas também não me parece que perdê-la agora seja a decisão certa.

— Não há outra decisão possível. Ela quer mais e eu não vou dar.

— Então, você está disposto a voltar e esquecê-la? Não é isso exatamente do que você tem medo? De perdê-la?

Não. Eram duas coisas totalmente diferentes. Se ela morresse, me sentiria muito triste. Mas se a amasse me destroçaria. Não podia me permitir chegar a esse ponto. Se me entregasse a ela por completo, no final acabaria ferrado.

— Não. E não quero mais falar sobre isso.

— Mas me escute...



Desliguei o telefone e atirei-o para o outro lado da sala. Em vez de beber do copo, como deveria ter feito, atirei-o contra a parede e ouvi-o quebrar em pedacinhos. Então comecei a beber diretamente da garrafa.

Estava a ponto de arrombar a porta, mas mudei de ideia. Recuei até chegar à parede oposta e depois cruzei os braços, esperando no corredor como faria uma pessoa normal. Pelo menos, é o que ela diria.

Ela sairia cedo do trabalho e eu tinha passado a maior parte da manhã me recuperando de uma tremenda ressaca. Eu tinha bebido sozinho toda aquela garrafa de uísque e a bebida tinha subido a cabeça. Cane tinha me deixado dez mensagens de voz, mas eu não as tinha escutado.

Ela apareceu no corredor um pouco depois das cinco, com o cabelo recolhido para trás em rabo de cavalo. Suas proeminentes maçãs do rosto eram muito visíveis sob as luzes fluorescentes, e embora estivesse sem maquiagem, seu rosto era precioso. Seus olhos ainda se destacavam como luzes na névoa e seus lábios cheios desenhavam certa expressão.

Buscava as chaves dentro de sua bolsa enquanto se aproximava da porta, com a cabeça baixa. Se eu fosse um ladrão, nem se daria conta. Quando ela finalmente olhou para cima, seu rosto mostrou surpresa. Olhou para a porta antes de olhar para mim.

— Já há alguém à espera lá dentro?

Não ri, porque não teve graça.

— Estou tentando ser normal.

— Normal? Não pensei que Crow Barsetti pudesse ser normal. — Ela abriu a porta e entrou.

Eu a segui, embora não tivesse me convidado. Não tinha invadido o apartamento dela como sempre fazia, então devia ter apreciado a minha educação.

Como qualquer outro dia, jogou a bolsa sobre a ilha da cozinha e foi direto olhar o conteúdo da geladeira.

— Não sei por que olho aqui. Nunca vou às compras.

— Posso sempre te convidar para jantar fora.

Ela revirou os olhos.

— Eu posso me alimentar. Simplesmente sou muito preguiçosa para ir às compras.

— Se vivesse comigo, nunca teria que ir às compras. — Se houvesse algo que a fizesse mudar de opinião, eu usaria contra ela. Teria lhe dado dinheiro, se aceitasse. Eu a queria naquela mansão comigo, todos os dias. Queria me levantar e ver seu

rosto toda manhã. Se ela não aceitasse vir comigo, eu teria que ir embora. E essa ideia me aterrorizava.

— Ou talvez pudesse viver dentro de um supermercado, assim também não teria que ir.

Seus comentários sabichões costumavam me irritar, mas agora eu gostava deles. Eles eram uma parte inerente de sua personalidade. Quando ela tinha ido embora, comecei a sentir falta de todas as pequenas coisas que fazia. A mansão nunca mais tinha sido a mesma sem a sua presença.

— O que você quer, Crow? — Ela tinha levantado as defesas completamente. Mal me olhou nos olhos porque não podia suportar a intimidade. Na noite anterior estivemos ligados em todos os níveis e agora se comportava como se não me conhecesse.

— Eu queria saber se você consideraria reconsiderar. — Mas era dolorosamente evidente que não tinha intenção.

Ela inclinou a cabeça antes de negar.

— Não.

Agora eu teria que voltar para a fazenda sem ela. Seu fantasma me assombraria para sempre. Quando começasse a sair com outras mulheres, sempre as compararia com Button. A ideia era tão deprimente como perder a vontade de viver.

— Desculpe, Crow. Mas acho melhor seguirmos cada um para seu lado.

— Eu não concordo. Nem de longe. Nós dois fomos muito prejudicados, em muitos níveis, mas juntos, parecíamos nos encaixar. Minha escuridão complementava sua luz. E sua bravura complementava minha raiva. Ambos sabíamos que jamais encontraríamos outra pessoa que nos substituísse.

— Bom... — Por fim me olhou, com os olhos azuis transbordantes de tristeza. Careciam de sua habitual fogueira. — Às vezes, as coisas não saem como gostaríamos que fosse.

— Button. Pensa nisso, por favor. Você seria muito mais feliz comigo do que aqui sozinha.

— Eu sei. — Ela admitiu. — Mas isso só duraria um tempo. Crow, eu não quero continuar esta conversa. Já foi bastante deprimente na primeira vez. Repito: confessei meus sentimentos e os seus não eram os mesmos. Uma mulher só pode aguentar a rejeição um certo número de vezes.

Comecei a me sentir um merda de novo.

— Eu posso não ter dito essas palavras. Mas eu te disse muitas coisas que nunca disse a ninguém. Você ganhou meu respeito, meu afeto e minha lealdade. Algo que

nenhuma outra mulher fez antes. Então não se concentre no que eu não disse. Lembre-se do que eu falei.

Ela olhou-me nos olhos, mas a expressão tornou-se indecifrável. Bloqueava seus pensamentos de mim, fechando-se em si mesma para pôr distância entre nós.

— Quando é que você vai embora?

— Amanhã. Mas realmente acho que deveria vir comigo, e por outra razão que não tem nada a ver conosco. Você tem que acreditar em mim quando digo que Bones não é o tipo de homem que simplesmente desiste. Aqui você não está segura, Button.

— Se ainda não me encontrou, provavelmente nunca encontrará.

— Não diga coisas estúpidas.

O fogo voltou aos seus olhos.

— Não penso viver com medo, Crow. Se ele vier, estarei preparada. Mas duvido que o faça.

Eu queria ficar para protegê-la, mas minha vida não estava nos Estados Unidos. Mas sim na Itália. Minhas uvas precisavam de atenção e meu negócio com Cane nunca parava. Não podia ficar lá só para vigiá-la. E não podia impedi-la de recusar.

— Se mudar de ideia, sabe onde me encontrar. — Tirei do bolso um cartão de visitas e pus no balcão. — Nele tem meu número de celular e meu endereço. E você será sempre bem-vinda se quiser me visitar. Eu adoraria ver você. — Mesmo que ela se casasse e tivesse filhos, ainda queria vê-la. Não importava quanto tempo passasse nem com quantas mulheres me deitasse, esse fato nunca mudaria.

Deu uma olhada no cartão, sem o pegar.

— Você sai pela manhã?

— Às nove da manhã. — Ela concordou antes de olhar para o chão.

— Pois deveria tentar descansar bem esta noite, se tiver que se levantar cedo.

Não íamos dizer adeus assim. Aquela mulher tinha entrado na minha vida da maneira mais surpreendente e não ia deixá-la ir sem dar relevância à ocasião. Estava fechando um capítulo da minha vida e passando a um período obscuro. Ela tinha sido a minha luz durante um ano inteiro, e eu não tinha percebido o quanto tinha sido feliz até que esse momento tenha chegado ao fim.

— Você e eu. Toda a noite. — Faríamos amor até que o sol saísse na manhã seguinte. Eu a encurrelei no balcão e peguei seu rosto em minhas mãos. De imediato, meus dedos se enterraram em seu cabelo e levantei-lhe o queixo, obrigando-a a me olhar.

Ela não resistiu, nem evitou me olhar nos olhos. Olhou-me com o mesmo anseio em seu interior. A única razão pela qual queria que eu partisse era para fazer as coisas mais fáceis. Mas, ainda assim, me desejava.

— Você e eu.

Deitei de costas e olhei para cima para vê-la. Ela tinha o cabelo longo e sedoso espalhado pelo travesseiro. Os ombros ficavam expostos, e as cicatrizes de seu cativeiro eram visíveis inclusive na escuridão. Os defeitos não danificavam sua pele. Eram cicatrizes de guerra que demonstravam sua resistência. Por mais inquietante que parecesse, me excitavam.

Minhas mãos se deslocaram até seus quadris e lhe dei um leve aperto, afundando as pontas dos dedos em sua pele suave. Meu pênis estava debaixo dela, ansioso por penetrá-la. Sua umidade deslizava até ele, lubrificando-o para que pudesse introduzir-se nela com facilidade.

Suas mãos rastejaram até meu peito e se inclinaram para frente, colocando seus seios perfeitos diretamente na minha cara. Arranhava-me com suas unhas ao mover-se, incitando meu monstro interior a sair a superfície. Minhas mãos se agarraram a seus quadris enquanto inspirava, preparando-me para senti-la.

O cabelo dela caiu no meu ombro e ela arqueou as costas, preparando-se para deslizar a sua boceta molhada sobre a minha ereção. Mordendo suavemente o lábio inferior e começou a se mover. Penetrei-a com facilidade. Sua respiração acelerou e seus mamilos ficaram duros como diamantes.

Minha excitação tomou conta de mim. Sentei-me e agarrei sua cintura com o braço, empurrando-a para baixo para introduzir-me completamente nela. Estava enterrado até o fundo na mulher mais incrível do mundo. Chupei-lhe um seio, enfiando-o na boca, e agarrando sua nuca enquanto a mantinha firmemente contra o meu colo.

— Você é impressionante, Button.

Continuei beijando seus seios e o oco do seu pescoço. O êxtase me arrastou e me perdi nela. Nossos corpos estavam quentes e cobertos de suor, e começamos a nos mover juntos lentamente. Sua boceta me engolia uma e outra vez, e eu queria gozar em seu interior milhares de vezes.

Button agarrou-me pelos ombros e voltou a me deitar sobre a cama, com aquela força que tanto me excitava. Adorava que me tratasse com dureza, tomando o controle como uma mulher que crescia com ele. Balançou drasticamente os quadris, aceitando-me uma e outra vez em seu interior, esfregando seu empapado clitóris contra minha pélvis ao se mover.

Enterrei os dedos em suas coxas, gravando debaixo dela. Seus peitos balançavam e sua bunda se refletia no espelho da parede. Esta era a cama onde ela tinha transado com Jason, mas eu estava eliminando todos os vestígios dele. Estava deixando minha marca para todos os outros homens que passassem por sua vida. Podiam tentar me apagar, mas nunca conseguiriam.

Voltou a morder o lábio inferior, indicando-me que estava perto de gozar.

— Button... — Movi seus quadris para frente e para trás, aumentando a fricção contra seu clitóris. Senti sua boceta se contraindo ao meu redor.

— Crow... — Saltou com mais intensidade sobre meu colo, com os peitos tremendo pelo movimento.

Sabia que era uma memória com a qual poderia me masturbar no futuro.

— Goze, querida. Você está quase lá. — Apertei seus mamilos para dar a ela o tipo de dor que precisava para gozar com um prazer ofuscante.

Funcionou imediatamente, e arqueou os quadris com o orgasmo que acabava de proporcionar-lhe. Gritou e gemeu suavemente, respirando aos gritos. Continuou a esfregar-se contra mim enquanto se agarrava à adrenalina o máximo de tempo possível.

Rodei sua cintura com o braço e a pus de costas. Debaixo de mim era onde mais gostava de tê-la. As pernas dela se enrolaram à minha volta e ela enfiou os dedos no cabelo.

— Crow...

Passei a língua por seu pescoço e continuei a entrar e a sair dela. Seu interior ainda estava tenso pelo orgasmo que acabava de ter, e eu queria enchê-la com minha semente até que estivesse tão cheia que escorresse entre suas pernas. Agarrei seu quadril e empurrei-a lentamente contra o colchão, vendo os seus seios tremerem a cada investida. Naquela noite eu não queria fodê-la com agressividade. Esse ritmo era perfeito.

Mantinha meu peso em cima dela com as mãos em ambos os lados de sua cabeça. Observando sua reação cada vez que a penetrava profundamente. Seus lábios formavam aquela expressão característica, como se fosse voltar a gozar. Tinha uns lábios irresistíveis, muito suaves e doces. Cobri-os com os meus e dei-lhe um ligeiro beijo.

Então tudo ficou mais lento.

Não podia tirar as mãos de cima dela. Ela me tocava por toda parte, memorizando a sensação de meu corpo. Respirava contra a minha boca entre beijos, tentando recuperar o fôlego enquanto a paixão nos arrastava. Sugou-me o lábio

inferior e depois deu-lhe uma pequena dentada, desse tipo tão sensual que me provocava calafrios na coluna.

As unhas dela desceram pelo meu pescoço e ela apertou os lábios contra a minha orelha, respirando no meu ouvido. Todos os sons de prazer que fazia eram amplificados e maravilhosos.

Meu pênis se contraiu dentro dela, e um gemido escapou da minha garganta. Estive com muitas mulheres impressionantes, mas nenhuma tinha as qualidades para o sexo que ela tinha. Era sensual sem perceber, e ainda mais quando decidia fazê-lo.

Apertei minha boca contra a sua e coloquei seu lábio inferior na boca. Eu adorava quando eles estavam intimamente ligados aos meus. Ela me pertencia. Era minha, e de mais ninguém.

— Me morda, por favor.

Ela continuou a beijar-me com paixão, enterrando as mãos no meu cabelo.

— Button, me morda, por favor.

Ela abriu os olhos e os cravou nos meus, ainda me beijando. Agarrou-me o lábio inferior entre os dentes e mordeu-me, perfurando a pele até sair sangue.

Movi a língua dentro de sua boca, desejando me entregar inteiro a ela. Quando eu partisse, continuaríamos com nossas vidas, mas ela continuaria me tendo. Ela sempre me teria.

O sabor do meu sangue provocou-lhe um novo orgasmo, e voltei a senti-la apertando à minha volta. Enterrou-me as unhas na pele, e desta vez fez-me sangrar. Gozou em cima do meu pau, gemendo dentro da minha boca, com o sexo desesperado por meu sêmen.

— Deus, sim. — Arfava em minha boca com os lábios trêmulos de prazer.

Eu ia sentir falta disto.

— Dê-me tudo que você ter. — Agarrou meu traseiro para me introduzir ainda mais no seu interior. — Quero tudo, Crow.

Aquela mulher era uma deusa do sexo.

Penetrei-a com mais força, empurrando-a contra o colchão, aprofundando o ângulo, desejando ter até o último centímetro de minha ereção em seu interior antes de me deixar ir. Continuou movendo-se comigo, nosso suor embebendo seus lençóis. Eu podia sentir a explosão se formando a distância. O calor percorria-me o corpo e sabia que estava a ponto de lhe dar tudo o que tinha.

Levou-me os quadris mais para ela, acelerando o ritmo e fazendo com que meus testículos ricocheteassem contra seu traseiro. Abriu mais as pernas para me

deixar espaço e se preparou para o momento do êxtase. Deve ter sentido o meu pau contrair-se dentro dela, porque exclamou:

— Oh, sim...

Abracei-a estreitamente enquanto gozava, desejando valorizar aquele imenso prazer para sempre. O sexo não era bom só porque ela era linda. Era incrível porque compartilhávamos uma conexão. Separados tínhamos passado por um inferno. E juntos, tínhamos encontrado a paz. Ter que renunciar a isso me aterrorizava mais que qualquer outra coisa. Abracei-a com mais força para afastar o sofrimento. Queria agarrar-me a esse momento durante o máximo de tempo possível antes de ter que dizer adeus para sempre.

Ao me afastar, seus olhos estavam fixos nos meus. A paixão diminuiu por um segundo quando os mesmos pensamentos invadiram sua mente. Juntos, éramos fortes, indestrutíveis. Mas quando nos separávamos nos tornávamos igualmente fracos. Ela sentia minha falta antes de eu partir.

E eu também tinha saudades dela.

Nenhum de nós dormiu naquela noite. Se não estávamos fazendo amor, estávamos nos olhando nos olhos, memorizando todos os detalhes para desfrutá-los em uma tarde diferente do futuro. Não tinha nenhuma foto nossa, porque nunca tinha tomado o tempo necessário para tirá-la. Absurdamente, pensei que estaria sempre ao meu lado.

Ela segurou meu rosto e me deu um beijo inesperado. À medida que as horas passavam, ela mostrava-se mais afetuosa comigo, dando-me todos os beijos e os abraços que não teria o prazer de me dar mais tarde.

Ao chegar a última hora, agarrou-se a mim com mais força, permitindo que até a última das defesas que tinha interposto entre nós desmoronasse. Ela pousou a mão no meu peito, sentindo o bater do meu coração. Costumava fazer a mesma coisa quando dormíamos juntos. Certamente aquele som a acalmava.

Eu esperava que mudasse de opinião, que se desse conta de que contentar-se com a maior parte de meu coração era melhor que perdê-lo por completo. Mas a tristeza de seus olhos ia aumentando enquanto ela seguia recusando-se a conformar-se com menos do que merecia.

O sol já havia começado a se derramar sobre a cidade, amontoando-se atrás das cortinas pretas que tampavam a janela de seu dormitório. Não olhei as horas, mas

sabia que o ponteiro de minutos se movia a toda velocidade. Nossa condenação se aproximava com rapidez e logo teria que partir sem olhar para trás.

Antes de nos darmos conta, o meu alarme começou a tocar. Tinha que passar pelo hotel para pegar minha bagagem antes que meu motorista me recolhesse para me levar ao jato privado que me esperava no aeroporto. O alarme continuou a soar sobre a mesa de cabeceira, até que finalmente o silencieei deslizando o polegar sobre a tela.

Foi quando ela começou a chorar.

Button nunca tinha chorado daquela maneira. Sempre era a mais forte, a mais resistente. A única vez que a tinha visto desmoronar foi ao compreender quanto dor me provocava a morte de Vanessa. Chorou porque entendia minha dor. Partilhava esse fardo comigo.

Mas agora, seu pranto expressava sua própria desolação.

— Button... — Peguei seu rosto com as mãos e juntei nossas testas. Queria que cessassem suas lágrimas, mas também adorava vê-las. Quando cheguei a Nova Iorque, ela tinha se mostrado muito fria, mas só estava tentando afastar-me porque continuava apaixonada por mim. Isso era tão duro para ela como para mim. — Shh...

Respirou fundo e conteve suas lágrimas, engolindo-as com a garganta seca. Resmungou antes de assoar o nariz, com os olhos úmidos e avermelhados

— Sinto muito.

— Não faça. — Odiava ouvir uma mulher chorar, mas a coisa era diferente quando se tratava dela. Beije-i-lhe o canto dos olhos, lavando suas lágrimas com os lábios e guardando-as como diamantes.

Ela pestanejou rapidamente para dissipar a umidade.

Eu levantei-me e comecei a dolorosa tarefa de me vestir. As roupas estavam amassadas e frias por ter passado a noite no chão. Não me serviam como normalmente, não porque tivessem mudado, mas porque eu tinha mudado.

Ela também se vestiu e suas lágrimas cessaram por completo. Tinha os olhos ligeiramente avermelhados, a única prova de que havia chorado.

Saímos pela porta da rua e ficamos cara a cara.

Eu queria pedir-lhe novamente para vir comigo, mas não. Eu sabia qual seria a sua resposta...

Ela passou-me os braços pelo pescoço e enterrou o rosto no meu peito. Nada podia ser mais triste, abraçados como estávamos frente à porta. Os batimentos dos nossos corações mediam o tempo ao passar, enquanto a nossa ligação se dissolia lentamente.

Tínhamos ficado sem tempo.

Quando se afastou, voltou a ter os olhos molhados.

— Nunca tive a oportunidade de te agradecer.

Porque tê-la raptado e a manter prisioneira em minha casa. Em vez de libertá-la, como deveria ter feito, exigi-lhe que conquistasse sua liberdade prostituindo-se. Obrigando-a a dormir comigo em troca de algo a que já tinha direito: a sua liberdade.

— Depois do que aconteceu com Bones... estava totalmente destroçada. Você me recompôs, Crow. Se não fosse por você, minha cabeça estaria uma merda. Você me fez sentir forte quando eu estava me afogando em auto-piedade. Você me fez sentir bonita quando me senti como mercadoria estragada. Eu sempre serei grata por isso.

Meus olhos começaram a ter o mesmo aspecto que os seus, e pisquei para escondê-lo.

— Button... — Tentei encontrar as palavras certas para responder, mas tinha a boca seca. Ela estava me agradecendo por algo que eu não tinha percebido ter feito. — Você é a mulher mais forte que eu conheço. Você nunca precisou de mim. Nem precisa de um homem para te fazer sentir bonita, porque é a mulher mais bonita deste planeta.

Seu lábio inferior começou a tremer.

Não podia continuar ali nem um segundo mais. Estava a ponto de me partir em dois e espalhar-me pelo chão. Até aquele momento, não acreditava que fosse capaz de sentir nada que não fosse luxúria ou violência. Mas agora estava tentando conter o pranto. Quando minha irmã morreu em meus braços, não derramei uma única lágrima. Quando meus pais morreram, eu não tinha sentido nada. Mas agora que me ia separar de Button, estava a ponto de me derrubar.

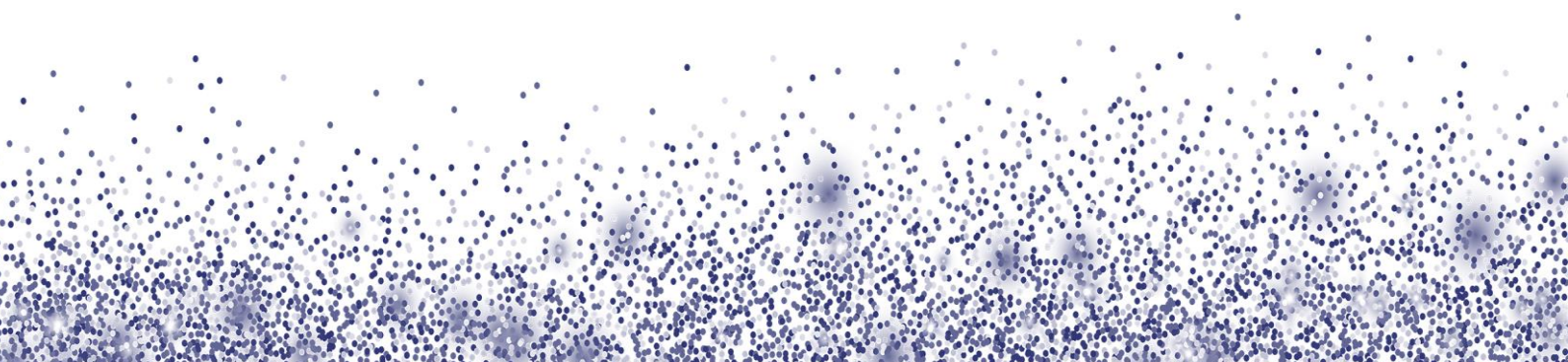
Não disse adeus porque a palavra era muito dura. Ainda que quisesse, não era capaz de pronunciá-la. Tomei-lhe o rosto com as mãos e a beijei uma última vez. Era um beijo úmido por causa de suas lágrimas, e logo também por causa das minhas. Os nossos lábios mal se mexeram porque estávamos ambos entorpecidos pela dor. Beijei-lhe à testa e dei-lhe um último beijo de despedida antes de abrir a porta e sair dali.

Queria virar-me para olhar para ela uma última vez, mas não o fiz. Agarrei a porta e fechei-a, mantendo o rosto desviado para não vê-la pelo canto do olho. Apoiei as costas contra a porta e passei as mãos pelo rosto, enxugando as lágrimas que tinham conseguido aflorar à superfície.

Olhei para as minhas mãos e vi as gotas espalhadas pela minha pele. Esfreguei as pontas dos dedos para ter a certeza de que eram reais. A última vez que chorei

tinha cinco anos e Cane tinha queimado meu ursinho de pelúcia. Senti-me tão fraco e tão patético que jurei nunca mais perder a calma.

Mas Button tinha conseguido que me quebrasse.



CAPÍTULO 13

PEARL

Quando Crow saiu, voltei para a cama e fechei os olhos. As lágrimas brotaram do fundo do meu peito, sacudindo meu corpo em sua tentativa de sair. Nos últimos meses, tinha me mantido ocupada para não pensar no homem que não só tinha me roubado a liberdade, mas também o coração. Mas agora eu não tinha nada para distrair minha mente da verdade dolorosa. Crow tinha ido embora e eu nunca mais iria vê-lo.

As lágrimas jorravam e me caíam pelo nariz. Acumulavam-se e descida pelo meu rosto até formar espessas gotas que caíam sobre os lençóis. O aroma dele ainda inundava a cama, e demoraria semanas para dissipar-se. Cada vez que o cheirasse, sentiria dor. Mas soube no instante que quando desaparecesse, a dor seria muito pior.

Por fim, comecei a soluçar. Quando ele veio para Nova Iorque, eu tinha feito um excelente trabalho fingindo indiferença, mas aquela pretensão não tinha tardado a desaparecer. Minhas verdadeiras emoções se apoderaram de mim e eu não podia fingir que aquele homem não era minha vida inteira.

Ele não era simplesmente meu amante, mas meu melhor amigo. Não havia uma só pessoa que me entendesse como ele o fazia. Sabia exatamente pelo que tinha passado, e nunca permitia que meu passado mudasse meu futuro. Ao me olhar, via a mulher que havia debaixo das cicatrizes. Só via a mim: Button.

E agora ele se foi.

Respirei fundo e forcei as lágrimas a pararem. Chorar na cama não ia acabar com o meu sofrimento e não estava me fazendo sentir melhor. Queria que ele voltasse, para que me abraçasse e limpasse minhas lágrimas com seus beijos.

Por fim cortei as lágrimas e passei as mãos pelo rosto e enxuguei cada gota. Ainda tinha os olhos vermelhos e inchados, mas voltariam ficar bem depois de um banho quente.

E eu poderia seguir com minha vida.

Entrei na cozinha e vi o cartão de visitas sobre a bancada. Seu nome e seus dados de contato estavam gravados em letras negras em relevo. Olhei para o seu número de celular e tentei memorizar, só para dar a minha mente algo para me distrair. Eu nunca chamaria Crow, então não havia nenhuma razão para mantê-lo,

mas eu nunca poderia jogar algo que ele me deu. De certo modo, continha parte de sua essência, e jogá-la no lixo era como me desprender de uma parte dele.

Abri uma gaveta da cozinha e deixei cair o cartão lá dentro. Seu nome ainda me contemplava, com uma fonte que apontava seu profundo poder e masculinidade. No cartão nem sequer tinha a que se dedicava profissionalmente, mas seu aspecto deixava claro que era algo importante e perigoso.

Fechei a gaveta e voltei a deitar na cama. Talvez se eu adormecesse, acordasse descansada e com vontade de recomeçar. Talvez tudo isso não me parecesse mais que um pesadelo distante que poderia esquecer em poucas semanas. Talvez me parecesse um novo começo.

Quando saí do trabalho, fui ao supermercado e comprei comida. A única coisa comestível na minha casa era macarrão instantâneo e biscoitos. Pedir pizza não era uma opção, porque tinha pedido tanta quantidade nas últimas semanas que estava oficialmente farta delas.

Ao aproximar-me do meu prédio, vi um homem alto de cabelo oleoso afastar-se da entrada. Usava uma jaqueta de couro preta que não parecia comprada nos Estados Unidos, e quando pousou os olhos em mim, me dedicou um olhar mais obscuro que a noite.

Como se me conhecesse.

Continuei andando fingindo que não tinha notado nada suspeito. Era o tipo de cara que tinha más companhias. Havia muitos homens impiedosos na cidade, por isso não era incomum ver tipos suspeitos de não estar fazendo nada bom, mas me pareceu estranho que dirigisse sua hostilidade diretamente contra mim.

Um nome me veio à cabeça.

Subi as escadas até meu apartamento e comecei a percorrer o corredor. A paranóia apoderou-se de mim, trazendo à mente os inconfundíveis traços daquele homem. Era mais duro que o aço, e mais malvado que um demônio. Podia sentir isso em minhas entranhas. E algo me dizia que estava ali por uma razão. O olhar que me deu não era uma casualidade. Era totalmente intencional.

Bones.

Coloquei a chave na fechadura e abri a porta. As minhas mãos tremiam e deixei cair os sacos do supermercado no chão sem nenhuma intenção de apanhá-los. Uma pequena parte de mim estava convencida de que estava simplesmente paranóica. Depois que Crow partiu, fiquei emocionalmente destroçada. Estava tão

deprimida que não conseguia pensar direito. Talvez aquilo não fosse mais do que efeito colateral de sua ausência.

Mas e se eu estivesse errada?

Tirei o cartão de visita da gaveta e peguei meu telefone. Se eu estava realmente em perigo, a polícia não poderia me ajudar. Bones era muito mortal e poderoso. Com sua quantidade infinita de homens e armas, era um tanque que não se podia bombardear. Crow era o único que me podia salvar, se o meu palpite estivesse certo.

Teclei o número no telefone, mas não fiz a chamada. Se eu estava errada sobre tudo isso, Crow teria que voltar sem motivo algum. E se eu tivesse que dizer adeus novamente, eu me mataria. Já tinha sido difícil o suficiente da primeira vez.

— Aqui. — Uma voz masculina veio do corredor. Acompanhado do barulho de pegadas calçadas com pesadas botas que martelavam sobre o chão do exterior de meu apartamento. — 234A.

Esse era o número do meu apartamento.

Merda!

Apertei no botão de chamada e levei o celular a orelha. Ouvi o tom de discagem enquanto esperava que ele respondesse, segurando a respiração.

Vi a maçaneta da porta girar. Estavam testando o trinco para ver se poderiam abri-la.

Merda!

Peguei na maior faca que encontrei e ouvi o telefone tocar.

Put a que pariu, Crow. Atenda.

Ele finalmente atendeu o telefone.

— Crow.

Só tinha um segundo antes de ser capturada, então disse tudo o que pude.

— Os homens de Bones vieram me buscar. Estão a ponto de derrubar a porta.

No instante em que ouviram minha voz frenética, derrubaram a porta e entraram em meu apartamento. Eram homens enormes e carregavam armas nos quadris, eu não podia enfrentá-los. Não poderia enfrentar nenhum deles.

A voz raivosa de Crow veio do telefone.

— Button...

Deixei cair o telefone na pia e tentei fugir. Não podia me defender e segurar o celular ao mesmo tempo, por mais que quisesse escutar suas palavras tranquilizadoras. Com a faca firmemente agarrada, rodei correndo a ilha da cozinha para interpô-la como obstáculo entre nós.

Um dos homens teve a audácia de soltar uma risada, como se isso fosse uma brincadeira.

— Uma lutadora, não é?

Mantive a minha postura defensiva com a faca pronta.

O líder puxou de uma arma e apontou para minha cabeça.

— Ponha a faca no chão.

— Não. — Eles não iam atirar em mim. Bones me queria viva. Ele era um filho da mãe doente, mas provavelmente não era necrófilo. Morta eu não valia nada para ele, e se estava se dando esse trabalho para me encontrar, era impossível querer que me ferissem, a não ser que fosse ele a me infligir sofrimento. — Atire em mim e você vai ver o que acontece com você. — Segurei a faca com mais força e me preparei. Se chegassem muito perto, eu era capaz de arrancar os olhos deles.

Quando o homem não disparou, soube que só tinha sido um blefe.

— Largue a faca e venha conosco ou teremos que obrigá-la a fazê-la. E prometo que nesse caso não será muito confortável para você.

Bufei de raiva. Estava habituada ao privilégio da liberdade e a ser respeitada pelos homens que me rodeavam. Crow tinha se tornado meu amante em vez de raptor, e nunca tinha feito nada que eu não quisesse. Mas agora me via transportada de volta à época em que me consideravam uma escrava, forçada a fazer coisas degradantes só porque Bones queria. Não melhor que o gado, era um objeto sem direitos nem opiniões. Obrigada a me submeter, e devia fazer o que me diziam.

Já estava farta daquela merda.

— Saiam daqui se não querem que eu corte se pau.

O homem com a arma riu.

— Briguenta e estúpida. Uma má combinação. — Aproximou-se de mim como uma flecha, tentando me bater na cabeça com a coronha da arma.

Tentei esfaqueá-lo, apontando para qualquer parte do corpo que conseguisse alcançar. Rasguei sua camisa, provocando uma ferida. Imediatamente, o sangue começou a se acumular ao redor do corte, molhando a roupa. Pude ouvi-lo sibilar entre dentes.

Os outros dois homens se aproximaram quando o primeiro atacante recuou, apertando a mão contra o estômago para que parasse de sangrar. Um deles agarrou-me pelo braço, enquanto o outro se aproximava do outro lado.

— Drogue-a. — ordenou o primeiro.

Porra! Não! Me retorci, conseguindo me soltar, e tentei esfaqueá-lo.

O homem desviou a facada com o braço, atirando a faca no chão.

— Sua puta. Drogue-a. — e rodeou meu pescoço com um braço e me derrubou dando-me um chute nos joelhos.

Joguei o corpo para frente tentando me afastar, mas ele agarrou-me com muita força. Obrigou-me a me abaixar, me pondo de joelhos, com o braço ainda apertando meu pescoço dolorosamente.

O segundo atacante espetou uma agulha no meu pescoço, injetando o líquido diretamente na corrente sanguínea. Senti a veia dilata com o excesso de fluido. Meu coração acelerou, mas imediatamente desacelerou após a droga começar a fazer efeito. Minhas pálpebras ficaram pesadas e meus pensamentos se ofuscaram. Só podia pensar em uma palavra, em um nome:

Crow...

Estridente e constante, o poderoso som dos motores me acordou do meu sonho. Tinha o rosto pressionado contra o chão do avião, e ao abrir os olhos, vi o corredor entre os assentos. Os homens estavam sentados juntos em um grupo de assentos, uns de frente para os outros, falando entre eles em voz baixa, com seus pequenos olhos vidrados e suas jaquetas pretas de couro.

Enquanto eu estava deitada no chão, como um monte de lixo.

Não me mexi, porque não queria chamar atenção desnecessariamente. Quando se apercebessem que estava acordada, me injetariam mais droga ou me usariam para se divertirem. A única coisa que podia fazer era me concentrar nos solavancos e no zumbido constante dos motores da aeronave.

Deviam estar me levando de volta para a Itália. Provavelmente estávamos a meio caminho do Atlântico naquele momento.

Crow sabia que eu tinha sido sequestrada, mas não tinha muita esperança de ser encontrada. Eu estava em um avião, e mais cedo ou mais tarde, nós pousaríamos. Se eles não tivessem removido o rastreador do meu tornozelo, Bones o encontraria quando eu estivesse em seu poder. Tentei apalpar o tornozelo com as pontas dos dedos, mas não me atrevi. A falta de dor ou desconforto me disse que ainda estava lá, discretamente implantado sob a pele e impossível de encontrar sem um detector.

Com sorte, ainda funcionaria.

Se continuasse a emitir o sinal, Crow o veria. E se ele agisse rapidamente, era possível que me encontrasse antes de cair nas mãos da Bones e do seu exército privado. Meu coração estava convencido de que Crow poderia me resgatar. Nada o impediria que me salvasse. Talvez não me amasse, mas, ainda assim, eu lhe importava mais do que queria admitir. Ainda que lhe custasse a vida, me tiraria dali. Sã e salva.

CAPÍTULO 14

CROW

*S*aiam daqui se não querem que eu corte se pau. — Eu ouvi a voz distante de Button enfrentando seus sequestradores. Os acentos dos homens me disseram quem exatamente eram. Não conhecia seus nomes, mas sua origem era inconfundível. Trabalhavam para meu maior inimigo.

— Vai, Button. — Fechei os olhos e me concentrei na conversa abafada. Provavelmente tinha deixado cair o telefone no chão, porque era quase impossível para mim descobrir algo, além do fato de que estava lutando por sua vida. Se alguém podia sair de uma situação como aquela, era ela. Não se renderia, aconteça o que acontecer.

— Não! — Escutei a voz de Button lançar um grito derrotado antes de ficar em silêncio. Bones teria instruído seus homens para que não lhe fizessem mal, e certamente para que não a matassem, e o seu silêncio só podia significar uma coisa.

Ela tinha sido drogada.

Desliguei o telefone e me levantei no corredor do avião. Estava num voo privado para Itália e estava quase a meio caminho quando o Button me ligou. Saber que estava preso no meio do oceano sem poder ajudá-la estava me destruindo por dentro.

Eu devia ter ficado.

Ou melhor ainda, devia tê-la levado comigo.

Porra, aquilo não era bom.

Abri o rastreador no celular e rezei para que estivesse ativo. Ela não o tinha tirado e com sorte ainda tinha bateria. Depois de um minuto esperando a transmissão, seu pontinho apareceu na tela. Estava se movendo pelas ruas de Manhattan, a caminho da costa. Devia estar em um carro rumo ao aeroporto.

— Que merda.

Eu liguei para Cane.

— Já era hora de me chamar

— Cale a boca e me escute. Bones acabou de sequestrar Button. Levaram-na do apartamento dela e agora estão a caminho. Estou num avião a meio caminho da Toscana.

Cane teve um momento para reagir, provavelmente porque o que lhe disse era uma bomba.

— Merda. O que vamos fazer?

— Eu vou dizer para darem a volta no avião. — Se Bones pensava que pode me tirar o Button, estava equivocado. Eu morreria antes de permitir que ele pusesse as mãos ela. Tinha lhe feito coisas cruéis e brutais, e não ia permitir que continuasse com esse tipo de abuso. Crow não havia conseguido salvar Vanessa e lamentava isso todos os dias. Não ia permitir que acontecesse o mesmo com Button.

— Espere, não faça isso.

— Não fazer o quê? Acha que vou ficar sem fazer nada? — meus braços tremiam e não conseguia parar quieto. Apesar da turbulência, eu percorria o corredor para cima e para baixo, forçado a minha frustração a sair. Button estava em perigo e eu não podia fazer nada para ajudá-la. Aquela impossibilidade e desespero estavam me deixando louco. Ela precisava de mim, e eu não estava lá para ajudá-la. Se algo acontecesse a ela, nunca me perdoaria.

Jamais.

— Acalme-se um segundo e pense — ordenou Cane. — É evidente que estão trazendo-a para a Itália. Pelo que eu sei, aqui era onde Bones estava. E quando você retorna a Nova Iorque, eles já estarão a meio caminho da Europa. Simplesmente fique onde está.

Aquilo me soava impossível nesse momento. Como podia ficar parado a esperar? Odiava aquela sensação. Sempre que era necessário fazer algo, eu o fazia. Não perdia tempo andando de um lado para o outro. Eu era um homem de ação. Sempre.

— E se a levarem para outro lugar?

— Você ainda tem o seu localizador?

— Sim. Graças aos céus.

— Pois se dedique a controlá-lo. Eu asseguro, estão levando-a para Roma.

— O que te faz ter tanta certeza? — Eu estive nos Estados Unidos o mês inteiro e não tinha dedicado um único pensamento ao trabalho. Estive concentrado em conseguir que Button voltasse para casa comigo, algo em que tinha fracassado.

— Ontem aconteceram movimentos importantes. Algum tipo de corrida armamentista. Ambos sabemos que é o tipo de negócio em que Bones estaria metido.

Bones nunca deixava passar uma oportunidade para fazer negócios, e não delegava a gestão dos mesmos em ninguém. Sempre havia sido um homem que gostava de se envolver no terreno. Cane e eu éramos exatamente iguais. Tínhamos

problemas sérios para confiar nas pessoas e não permitíamos que ninguém mais cuidasse dos assuntos importantes.

— Certo.

— Garanto que ele estará ali. Não irá a lugar nenhum até que ela tenha aterrissado. Vai querer...

— Já chega. — Recusei-me a deixá-lo terminar porque a minha mente já estava dez passos à frente dele. Imagens dela nua e espancada me inundavam a cabeça como um enxame de vespas. A idéia era tão insuportável que lágrimas de raiva começaram a queimar meus olhos. Agarrei-me ao assento mais próximo até meus dedos ficarem brancos.

— Pouse e nós vamos te buscar. Terei todos os homens prontos para emboscar Bones e seus homens. Vamos recuperá-la.

— Temos que recuperá-la, Cane. — Eu falava sério. Se falhasse, não conseguiria superar esse fracasso. Meu objetivo nesta vida era protegê-la e mantê-la a salvo. Ela tinha se tornado uma parte essencial do meu ser, e eu compreendia melhor do que ninguém o que tinha acontecido. As imagens nunca deixariam de me atormentar, e no final, acabaria por ceder e me suicidar.

— Eu sei. E vamos fazer isso. Fique calmo.

Aquilo era impossível. Naquele momento, estava nas mãos de homens malvados. Talvez não a machucassem ainda, mas não significava que não fariam outras coisas. A idéia me deixou tão doente que quase uivei no meio do corredor.

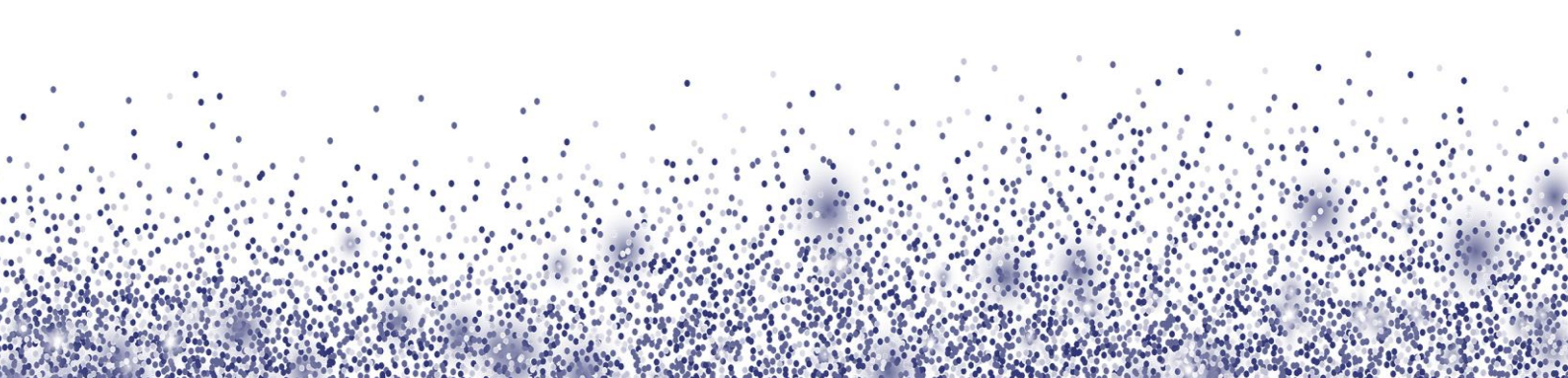
— Crow?

Sentei-me na cadeira mais próxima porque me sentia fraco.

— Hmm?

— Ficarei ao telefone com você. — Cane se calou e não disse mais nada. Ouviam-se vozes de homens ao fundo, porque estava no ponto de encontro. Estavam preparando as armas e as proteções. Não me ofereceu falsas palavras de esperança para me fazer sentir melhor. Fez a única coisa que podia fazer.

Ficar comigo no meu sofrimento.



CAPÍTULO 15

PEARL

O avião tinha acabado de aterrizar. Continuei deitada sem me mover, desfrutando um pouco mais de minha solidão. Em pouco tempo, voltaria a cair nas mãos do homem que se excitava me torturando. Me daria uma festa de boas-vindas com chicotes e um dildo no ânus.

Nunca confiei num homem para cuidar de mim, mas agora não podia deixar de desejar que Crow viesse me resgatar. Ele era a única esperança que tinha de sair dali. Mas sabia que assim que estivesse no carro de Bones, seria praticamente impossível Crow me libertar.

Tinha que fugir sozinha.

O medo queimava como uma fogueira meu coração, e minhas mãos tremiam de um jeito que era impossível parar. Sentia as pernas fracas pela falta de comida, e pelo meu corpo corria mais adrenalina do que podia suportar. Mas eu tinha que manter a calma e concentrar-me em escapar. Não havia tempo para terror ou incerteza.

Tinha que conseguir fugir e ponto final.

— Levante-se. — Um dos homens aproximou-se do canto onde estava deitada e deu-me um pontapé no estômago. — Sabemos que está acordada.

Eu o chutei de volta, desafiadora. Em vez de ser inteligente e fazer o que me diziam, meu corpo reagia automaticamente e se esforçava por fazer todo o dano possível. Acertei-lhe no joelho com a canela, fazendo-o gritar de dor.

— Sua puta. — Agarrou-me pelo cabelo e me arrastou pelo chão.

O outro raptor repreendeu-o em italiano, segurando-o pelo braço.

Imediatamente, o primeiro homem soltou-me e começou a discutir com o segundo na mesma língua.

Senti meu couro cabeludo machucado e o começo de uma enxaqueca. Parte do cabelo se soltou, caindo no chão ao meu redor. Não toquei a cabeça, nem dei sinal algum de sentir dor. Morreria antes de parecer débil.

Ele se aproximou de mim, gritando como um psicopata raivoso.

— Levanta. — Desta vez não me tocou, já que acabavam de repreendê-lo por isso.

Agora que era nos meus termos, me levantei e me agarrei à poltrona para manter o equilíbrio. Senti-me tonta, um efeito colateral da medicação e da falta de

comida. Não comia nada desde que Crow foi embora, porque estava muito deprimida para isso. Agora, desejava ter consumido algo substancial para que tivesse forças.

Os homens me tiraram do avião e me jogaram em um SUV preto com janelas escuras. Felizmente, Bones não estava no interior. Éramos apenas três homens e eu. O guarda sentado na outra extremidade do carro tinha a arma apontada na minha direção.

— Bones me avisou sobre você. Se fizer alguma bobagem, te matarei.

Aquela era uma ameaça pouco efetiva, porque naquele momento não fazia diferença viver ou morrer. Desaparecer no vazio parecia uma opção muito mais atrativa do que ser escravizada por aquele louco. A única coisa que me detinha era Crow.

Ele nunca se recuperaria da minha morte.

Tinha acabado de aceitar o fato de que Vanessa estava morta. Se eu sofresse o mesmo destino, ele colocaria imediatamente uma bala na cabeça.

Eu tinha que fugir.

O SUV nos afastava do minúsculo aeroporto. Logo estávamos na estrada, rumo a Roma. Agora conhecia melhor o meu ambiente do que antes de partir. Tinha passado algum tempo estudando geografia ao voltar para os Estados Unidos, não porque pensasse que podiam voltar a me raptar, mas porque sentia falta do país que tinha chamado de minha casa durante todo um ano.

Com o olhar apagado, olhei pela janela, fingindo indiferença diante de todos os ocupantes do veículo. Tinham cometido o erro de não me algemar e eu me aproveitaria dessa estupidez. Sabiam que era uma lutadora, mas era evidente que não conheciam minha valentia nem minha estupidez. Obrigaria o carro a bater contra o tráfego que vinha em sentido contrário se necessário.

Foram passando os minutos enquanto nos aproximávamos de Roma. Nas ruas haviam poucos carros pelo intempestivo da hora. Depois de ter sido drogada e de ter atravessado o Atlântico, tinha perdido a noção do tempo.

Os meus olhos viram o homem sentado ao meu lado. Ainda me apontava a arma, mas baixava-a lentamente à medida que a gravidade lhe cansava a mão. Em vez de me olhar, como deveria ter feito, tinha os olhos fixos no pára-brisas dianteiro. O rádio estava desligado, e o silêncio era nossa única companhia.

Tinha que ser agora.

Pulei do acento em cima do capanga armado e derrubei a arma no chão. Como vi Crow fazer incontáveis vezes, retraí o braço direito e o esmurrei com força no rosto. Dei-lhe outro murro, quebrando seu nariz, e depois bati sua cabeça na janela.

O carro deu uma guinada quando o motorista percebeu o que estava acontecendo. Ele xingou em italiano e recuperou o controle do volante. O homem que se sentava no assento do passageiro me agarrou pela nuca e tentou me afastar, mas era inútil.

Eu tinha encurralado aquele idiota.

Puxei a maçaneta da porta e ela abriu-se de repente, me deixando ver o asfalto por baixo dos pneus. O homem quase caiu, mas agarrou-se à porta e ao assento para recuperar o equilíbrio. Tinha sangue escorrendo pelo rosto até o queixo.

— Maldita puta...

Dei um pontapé no seu peito, o atirando do carro. Ele caiu de costas sobre o pavimento, rodando pela estrada até à calçada. Não tive tempo de comprovar se machucou. Agora, eu devia saltar e sair correndo dali com o Diabo nos meus calcanhares.

— Esta vadia está louca! — O homem sentado no banco do passageiro me arrastou para dentro do carro e me prendeu contra os assentos de couro. Com um puxão, pôs minhas mãos atrás das costas e amarrou-as rapidamente com uma corda grossa que machucou minha pele ao apertá-la. Não gritei, apesar da dor. Pegou a pistola do chão e me apontou diretamente para minha têmpora. — Se mecha e eu te mato. — A porta ainda estava aberta, então ele a bateu. Nenhum deles mencionou seu camarada caído e era evidente que não tinham intenção de voltar para buscá-lo.

Aquilo era frio, até para mim.

Ele segurou a arma e apontou-a contra a minha têmpora.

— Agora eu entendo o seu fascínio por você. Sempre lutando. Sempre tentando escapar. — Sua mão escorregou ao redor do meu braço e descendo pelo meu corpo. Seus longos dedos agarraram meus peitos por debaixo da camiseta e os apertaram com força. — Talvez eu foda suas tetas antes de chegarmos lá.

Sacudi o quadril o mais forte que pude para fazê-lo retroceder, mas pesava mais que uma vaca. Meu movimento não o afetou em absoluto.

— Vou enfiar essa arma no seu rabo e depois puxar o gatilho. — Eu digo.

— Que boca suja. — Ele ri. — Eu gosto. — E agarra meu mamilo beliscando-o dolorosamente, ficando tão excitado com minha dor como também pelas minhas curvas.

Minha mente entrou em pânico imediatamente e quase tive um ataque de nervos ali mesmo. Todas as memórias do meu cativeiro voltaram como um enxame, e percebi que estava voltando para um lugar que era muito pior que o inferno. Eles me espancariam e me estuprariam todos os dias, e eu não voltaria a ver a luz do sol.

Como se fosse um animal, me maltratariam e castigariam por qualquer falta de conduta. Já não teria um nome, senão o que se refeririam a mim como “escrava”.

— Não tere...

Tudo começou a se mover em câmera lenta. O vidro da janela explodiu, pulverizado nas minhas costas. Estava frio por causa do ar noturno, e afiado como os dentes de um monstro. O carro bateu à direita e girou na pista. O homem que me segurava voou através do veículo, batendo contra a porta contrária. Eu ainda tinha as mãos amarradas nas costas, então não podia me agarrar a nada. Voei e bati no peito do homem, sentindo o amortecimento do seu corpo, mais do que a dureza da estrutura da porta. O mundo continuou a girar até pararmos de repente.

Se havia ruídos, eu não podia ouvi-los. Se o motor estava soltando fumaça, eu não podia sentir. Qualquer caos que estivesse acontecendo à minha volta era atenuado pelo apito dos meus ouvidos. Eu sabia que tínhamos tido um acidente de carro, mas ainda não fazia ideia do que tinha acontecido. Estava sangrando de um corte na testa, e doía todo o meu corpo pela minha colisão com um de meus captores.

O que acontecia ali?

A porta do lado oposto se abriu de repente, e me encontrei frente à dura expressão de Cane. Com o cabelo mais preto que a noite e olhos penetrantes como os de seu irmão, me contemplava como se eu fosse um objetivo.

— Pearl, você está bem?

Estava imaginando tudo aquilo?

— O quê...

Agarrou-me por um braço e puxou-me para fora do veículo. Não foi delicado em atenção às minhas feridas, mas me tirou de lá o mais rápido possível.

— Vamos. Não temos tempo para esta merda.

Falava como ele. Tinha o mesmo aspecto que ele. Ou também estava imaginando aquilo?

— Onde é que está Crow?

— Não se preocupe com isso agora. Vamos. — Ele me ajudou a descer do carro. — Você pode andar?

— Sim, acho que sim. — Comprovei o meu apoio. Por mais fraca que estivesse, conseguia me levantar. Ao me virar para ver o que me rodeava, finalmente o vi. Com uma careta e olhos com expressão assassina, Crow abriu de um puxão a porta do motorista e tirou o homem de trás do volante. Tinha os ombros tensos como a pele de um tambor e seu corpo clamava sede de sangue.

Quando o homem estava no chão, ele gemeu e tentou se levantar. Crow cuspiu na cara dele antes de bater o pé no nariz dele. Um barulho alto encheu o ar noturno.

Eu fiquei olhando para ele, chocada.

— Não temos tempo para isto, Pearl. Vamos. — Cane obrigou-me a me afastar, puxando-me como de um cão na coleira.

Crow deu mais uns pontapés no homem e depois começou a pisá-lo no peito, fazendo-o uivar de dor.

— Não se meta comigo. — Crow sibilou e uma arma entre os olhos dele e atirou à queima-roupa.

Oh, meu Deus!

Cane me viu pálida e me incentivou a continuar avançando.

— Não temos muito tempo. Vamos.

— Tempo para fazer o quê?

— Os homens de Bones vão chegar a qualquer momento. — Me guiou pela estrada e entramos num beco. — Fique aqui, está bem? Não se mexa.

— O que está acontecendo? — exigi saber. — Como sabe que esses homens vão vir?

— Digamos que é intuição. — Ajoelhou-se diante de mim, com a arma preparada. Vigiou a rua enquanto Crow agarrava o outro homem e o arrastava até o centro da estrada. Depois de torturá-lo cruelmente, acabou com sua miséria com um tiro na cabeça.

Crow era um homem implacável, mas nunca o vi exhibir tal brutalidade.

Um enxame de carros se aproximava a toda velocidade dispersando-se ao divisar o desastre da estrada. Os homens de Crow saíram de seus esconderijos com rifles preparados. Crow se escondeu atrás de um carro com o revólver engatilhado.

— Você não vai ajudá-lo?

— Minhas ordens são para ficar com você. Aqui devemos estar seguros.

— O que está acontecendo com o Crow?

Cane riu-se baixinho, mas não era hora para piadas.

— Acredite, ele ficará bem.

— Como pode dizer isso?

— Não o viu há pouco? A raiva está do lado dele.

Houve o confronto e começaram a soar os tiros. A reverberação fez meus ouvidos doerem. A cacofonia de ruídos espalhou-se pelo beco, desencadeando um inferno absoluto para os meus tímpanos.

Cane apareceu na esquina e atirou em todo mundo, mas sem abandonar seu posto. Tentei localizar Crow, mas não o vi do outro lado da rua. Eu sabia que ele estava bem, porque se algo acontecesse ao irmão dele Cane ficaria devastado.

A disputa durou quase cinco minutos. As balas continuaram voando pelo bairro, dizimando ambos os lados. Os homens corriam, avançavam e recuavam enquanto se encurralavam uns aos outros. Parecia uma zona de guerra, mais que uma briga de rua.

Quando tiroteio finalmente parou, tornou-se um combate de homem a homem. Vi Crow emergir de seu esconderijo e empurrar cinco homens desarmados ao chão. Tinham ficado sem balas e também sem tempo. Os homens de Crow ficaram na retaguarda, mantendo as suas posições à distância.

— Você vai executá-los? — perguntei com uma voz ligeiramente tremida. Eu sabia que aqueles homens eram maus e que se eles conseguissem escapar me arrastariam para Bones. Não devia ter tido compaixão por eles, não quando sabia que tinham feito o mesmo a inúmeras mulheres antes de mim. Mas uma pequena parte do meu coração ficou triste.

Cane finalmente me respondeu.

— Sim, claro que sim.

Crow guardou a arma e tirou uma adaga do interior do casaco. Pude vê-la brilhar sob a luz dos postes porque o aço estava imaculado. Ficou de pé diante do primeiro homem contemplando-o com frieza. Não era o homem que eu estava acostumada a ver. Aquela era a versão do Crow sobre a qual ele tinha me prevenido.

Um assassino sem piedade.

Um a um, foi degolando os homens. Era um espetáculo tão macabro que até eu tive que desviar o olhar. Em vez de lhes dar uma morte limpa, os fez sofrer até o último momento. Era uma mensagem para Bones e para o resto do mundo.

Quando Crow chegou ao último homem, guardou o punhal. O homem continuava de joelhos sem demonstrar nem uma pitada de temor. Não pestanejou, nem mesmo enquanto seus camaradas sangravam até a morte sobre o asfalto. Sua lealdade continuava tão sólida como sempre.

Crow olhava fixamente, também sem medo.

— Ligue para ele agora.

O homem não se mexeu.

Levantou a adaga, ainda pingando sangue.

— Faça isso e serei compassivo.

O homem olhou para a arma por um segundo e tirou o celular do bolso.

— Põe em viva-voz.

O telefone começou a tocar. O soldado continuava segurando-o na mão, mas seus dedos começaram a tremer.

— Finalmente. — A voz de Bones soou no telefone. — Você a tem? — Sua voz profunda soava tão grotesca como eu lembrava. Estava cheia de arrogância, brutalidade e maldade pura. Lembrei-me de todas as coisas terríveis que me sussurrava no ouvido enquanto me estuprava até me fazer gritar. O sangue ferveu de raiva e me esforcei para continuar respirando.

Crow observava ao telefone com os olhos avelã tão escurecidos que pareciam negros.

— Não toque na minha mulher. — Avançou um passo, contemplando o telefone com um ódio venenoso. Sem elevar a voz, desprendia a autoridade de um monarca. Ele era poderoso e majestoso, assustador e cruel.

Bones se recompôs antes de falar. Seu silêncio era uma indicação de que ele reconheceu a voz do outro lado do telefone.

Para ele, era inconfundível.

— Vejo que você conseguiu.

Crow jogou o telefone no chão e o pisou. Arrebentou em dezenas de fragmentos e a voz de Bones se extinguiu imediatamente. Recuou e apontou a arma ao homem entre os olhos. Sem uma palavra mais, apertou o gatilho e o homem desmoronou na rua.

Nesse instante se apresentaram três carros patrulha, com as luzes brilhando e as sirenes soando. Eles pararam com força e as portas abriram-se de repente. Todos os agentes assumiram posturas defensivas, com as armas na mão.

— Merda. — Tudo aquilo ia terminar assim?

Crow virou-se e pôs-se à frente deles, com a arma numa mão e o punhal ensanguentado na outra. Avançou alguns passos sem levantar a arma. Sem um pinga de medo, ele os olhou fixamente, observando como a dúzia de policiais lhe devolviam o olhar.

— Partam agora e nada vai acontecer.

Os policiais permaneceram em seu posto, mas trocaram alguns olhares entre eles. Não trocaram uma única palavra, mas entre eles houve uma conversa. Um a um, guardaram as armas e voltaram a entrar nos carros. As luzes e as sirenes apagaram-se e os carros patrulha partiram em direção oposta à zona de guerra que ocupava toda uma quadra de edifícios. Crow não saiu do seu posto, certificando-se que os tinha perdido de vista antes de vir para o beco onde eu estava escondida.

Nunca o vi em ação, nem sabia exatamente do que era capaz. A única face que tinha visto dele era a mais amável, a do homem entendido em vinhos que tratava seus empregados como se fossem sua família, em vez de subordinados. Falou-me da sua escuridão, mas comigo sempre foi doce, desde o momento em que nos

conhecemos. Eu desconhecia aquela ferocidade e aquela luta que ardia em seu interior. Mas ao ser provocada, a besta tinha irrompido ao exterior. Assim que fui capturada, ele entrou em ação, mostrando-me o tipo de brutalidade que ele havia me avisado.

Deixou de ser um homem e tornou-se um monstro.

Cane virou-se para mim quando viu o irmão aproximar-se.

— E ainda acha que ele não te ama?

Crow aproximou-se a mim no seu ritmo normal, mas os braços tensos e o maxilar apertado traíam o desejo de correr até que as suas mãos estivessem finalmente sobre mim. Assim que chegou ao meu lado, tomou meu rosto entre as mãos. Meu cabelo ficou grudado na palma da mão enquanto examinava a ferida da cabeça.

— Tudo bem com você?

— Eu estou bem. — Não me preocupava se estava sangrando, nem o fato das minhas costas me estarem doendo depois de ter sido atirada a toda a velocidade contra um homem adulto. A única coisa que me importava era estar a salvo de Bones e do homem que estava à minha frente. Certamente parece pior do que é.

Tirou um lenço do bolso e limpou meu sangue. Como uma galinha cuidando de seus pintinhos, me limpou até que todas as manchas tivessem desaparecido. Parte do sangue que lhe banhava as mãos passou ao lenço. Fui incapaz de distinguir as manchas.

— Quer ir ao hospital?

— Eu disse que estou bem. — Umas poucas semanas na cama me deixariam como nova. As dores desapareceriam e a ferida se fecharia e se tornaria uma cicatriz a acrescentar à minha coleção.

Crow estendeu suas mãos para mim e colou seu rosto no meu. Respirou fundo, como se estivesse inalando o meu aroma, antes de me beijar com força na boca. Sua rudeza contradizia diretamente a preocupação que acabava de demonstrar, beijando-me como se não nos tivéssemos visto em anos.

Sem aviso prévio, ele se afastou e me levantou nos braços. Como se estivesse gravemente ferida, me segurou contra seu peito como se não pesasse mais que uma pena. Não precisava me carregar porque era perfeitamente capaz de andar, mas não resisti. Sentir seu abraço me provocou calafrios na coluna. Depois do suplício pelo

que acabava de passar, me sentia realmente a salvo. Passei-lhe um braço pelo pescoço e repousei a cabeça contra seu peito.

Ele ladrrou uma ordem a Cane.

— Vá buscar o carro. Você dirige.

Cane revirou os olhos.

— O que você quiser, chefe.

Crow transportou-me para a traseira de um SUV e depositou-me no banco de trás. Assim que estive ao meu lado, me colocou no seu colo e juntou seu rosto com o meu, com nossos lábios praticamente em contato. O carro pegou a estrada e fomos para casa.

— Vamos voltar para casa.

Tirou-me o cabelo do rosto, recolhendo-o com um só punho enquanto me examinava. Seus olhos descansaram sobre meus lábios, como se pudesse lê-los, antes de voltar a encontrar-se com meu olhar. Em vez de negros como carvão, seus olhos tinham recuperado sua atraente cor avelã esverdeada.

— Te machucaram?

— Um pouco. Mas nada que não pudesse suportar.

A mão dele apertou o meu cabelo.

— Devia tê-los torturado mais quando tive a oportunidade.

— Não era preciso. Atirei um do carro a caminho daqui.

Ele levantou o canto da boca em um meio sorriso.

— Essa é a minha garota. — Ele beijou minha bochecha, um contato revitalizante que resultava ao mesmo tempo suave e íntimo. Não me esmagou, como seu outro beijo. Este tinha um significado completamente diferente.

Não mencionei a maneira que tinham me tocado durante o caminho. Não havia necessidade de mencionar e fazê-lo se sentir culpado por não ter me resgatado antes.

— Não. Tinham ordens de não me tocar.

Ele escondeu seu alívio o máximo que pôde, mas não pôde escondê-lo de mim.

— Sinto muito, Button. Não deveria ter te deixado sozinha.

— Não faça isso...

— Na verdade, eu deveria ter trazido você comigo.

— Não foi sua culpa. — Eu fui a única que tinha decidido me fazer difícil por conta própria. Não esperava que me sequestrassem assim que Crow saísse da cidade. Haviam escolhido o pior momento possível. — Não levei o seu aviso a sério e devia tê-lo feito.

— Mesmo assim, eu não deveria ter ido embora. — Ele colou seu rosto com o meu e fechou os olhos. — Eu não vou cometer esse erro novamente. — Me cercou

com os braços e me apertou contra seu peito. Nossos rostos descansavam juntos e passamos a viagem de volta nos escutando respirar. Havia muitas coisas que não podíamos dizer com Cane no carro. E também muitas coisas que não podíamos fazer.

Mas assim que chegássemos em casa, as coisas mudariam.

Crow não se despediu do irmão ao sair do carro, levando-me no colo. Cane tampouco disse nada, provavelmente porque estava zangado ou talvez porque não via sentido. O irmão dele estava mais preocupado comigo do que com a educação.

Ele me levou até a casa. Lars saiu da cozinha quando ouviu a porta da frente abrir e fechar.

— Excelência, está de volta. Fico feliz que tenha trazido a senhorita Pearl com você.

Crow continuou a andar como se não tivesse ouvido uma palavra do que ele disse.

— Não queremos ser incomodados o resto da noite. Deixe o jantar na porta do meu quarto.

Lars não se importou com a ordem.

— Claro, Excelência. Tenham uma boa noite.

Meus braços continuaram ao redor de seu pescoço e enquanto subíamos pelas escadas o olhei no rosto. Sua barba recente era mais espessa do que o normal porque não tinha se barbeado desde a manhã de sua partida. Usava a mesma roupa que vestia quando saiu de minha casa pela manhã, e me perguntava se ainda cheiraria a mim, ao ter estado toda a noite no chão de meu quarto. Eu só conseguia cheirá-lo, um aroma masculino com um toque de hortelã.

Levou-me até o quarto dele e assim que entramos tive a sensação de que ele não tinha sido usado há muito tempo. Não dormia lá há quase um mês, e o ar estava imóvel. Nada havia mudado desde que saí de lá há meses. A roupa de cama era a mesma, as cortinas eram as mesmas e estava imaculado, como sempre tinha estado.

Ele me despejou sobre a cama e tirou a camisa pela cabeça imediatamente. Estava manchada de sangue, meu e dos homens que tinha matado. Debaixo da peça surgiu seu físico cinzelado. Era idêntico à última vez que o tinha visto. Os arranhões, os cortes e os golpes não haviam feito hematomas em sua pele durante a batalha que havia desatado nas ruas de Roma.

Carregava a pistola presa ao quadril, tirou-a do coldre e travou-a antes de deixá-la sobre a mesinha de cabeceira. Polida e brilhante, refletia a tênue luz do sol

nascente que vinha da janela. Nunca o vi com uma arma, a não ser na noite em que me raptou da casa de Bones. Perguntei-me quantas teria guardadas pela casa.

Ele tirou as calças e em seguida a boxer. Como sempre, ele tinha uma ereção e estava pronto para a ação. Inclinou-se sobre a cama e obrigou-me suavemente a deitar-me de costas, pondo as mãos em ambos os lados da minha cintura. Tinha os olhos postos nos meus enquanto tirava minha roupa interior, até me deixar nua da cintura para baixo.

O momento não desprendia uma sensação de sexualidade. Era um nível de intimidade que nunca antes havíamos compartilhado. Com os corações batendo em uníssono e o medo ainda nos lastrando o peito, nos agarramos como um ímã ao aço. Crow tirou a camisa e depois o sutiã antes de deitar-se sobre mim, com o corpo nu, duro e definido. Me beijou enquanto passava um braço ao redor do meu torso até me ter firmemente agarrada. Se só quisesse sexo, já estaria dentro de mim. Cada minuto passava com expectativa e ele tomava seu tempo, me olhando nos olhos mais do que a qualquer outra parte.

Ele deslizou para dentro de mim lentamente, levando o seu tempo, como se não estivesse com pressa de chegar ao fim. Seu habitual ar de prevalente escuridão havia desaparecido. Em vez de parecer um homem que acabava de matar dezenas de homens, tinha o aspecto de um homem que acabava de voltar de uma viagem pelo mar. Seus preciosos olhos desprendiam calor enquanto me penetrava com resolução. Quando estava profundamente dentro de mim, começou a balançar lentamente. Foi o tipo de sexo que fizemos antes de sair do meu apartamento. Lento e terno, focava-se em algo mais do que sentir-nos da forma mais agradável possível. Concentrava-se em cada contato e em cada beijo.

Significava muito mais do que isso.

CAPÍTULO 16

CROW

A pesar da exaustão que ardia atrás dos olhos, não consegui dormir. Normalmente, quando tinha Button a meu lado, me extinguiu como uma vela. Mas agora fiquei sentado no meu escritório enquanto acabava com meu estoque de uísque e conhaque, em calças de pijama e com uma camiseta preta.

Eram cinco da tarde, mas ela continuava dormindo. Depois de tudo o que tinha acontecido, não podia culpá-la por ter ficado sem energia. Ela tinha sido perseguida e caçada na sua própria casa, depois drogada e arrastada para um avião. Depois, um caminhão tinha se chocado contra o veículo em que estava e tinha sido jogada contra a porta do carro.

Ela merecia uma pausa.

Cane entrou um momento depois, com seus documentos debaixo do braço. Deixou-se cair no sofá, pegando de imediato meu copo de uísque. Bebeu meio copo antes de pôr a pasta sobre a mesa.

Eu me servi de outro, ignorando sua leve falta de respeito.

— Quais são as novidades?

— Os nossos homens limparam a rua e se livraram dos corpos. Ficamos com alguns dos carros. Depois de uma limpeza completa e de trocar as placas, teremos mais brinquedos para o parque. Também pegamos algumas armas bem legais que adicionamos à coleção.

— Onde estão os policiais?

— Vieram ver como iam as coisas, mas não abriram queixa. Não são imbecis.

— Não são suicidas, você quer dizer. — Eu não me metia com a polícia. Protegiam as pessoas inocentes por todo o país, fazendo seu trabalho da melhor maneira possível. Tipos como eu e Bones estávamos acima da lei, e só porque se meteram no nosso caminho, não queria dizer que tivessem de ser eliminados. Se fossem advertidos claramente, normalmente retiravam-se do nosso território e viravam as costas. Além disso, não éramos mais que criminosos matando outros criminosos. Não representávamos o que se diz ser uma ameaça para os cidadãos italianos.

— Seja o que for. — Acabou o seu uísque, que era o meu e encheu o copo até à borda. — Não soube nada de Bones. Não faço ideia do que ele anda fazendo.

— Não tem nada de especial?

— Não. — Cane sacudiu a cabeça. — Suspeito que não esteja na Itália. Provavelmente está reunindo reforços para acabar conosco. Depois do que lhe fizemos, estou certo de que quer nossas cabeças em bandejas de prata. Ou seja, já tiramos a Pearl dele duas vezes.

— Se ele tivesse um pau maior, talvez conseguisse ficar com ela.

Eu queria tocar fogo naquele cara e vê-lo queimar. Perdia seriamente os estribos com pessoas que faziam mal a Button, mas reservava uma ferocidade especial para aquele homem. Um dia me vingaria do que ele tinha feito à minha irmã, à minha

família e a Button. — Temos de matá-lo de uma vez por todas. Se não o fizermos, Button nunca poderá voltar para casa e seguir com a sua vida.

Cane estava prestes a abrir a pasta quando fez uma careta e se voltou para mim. Tinha o gesto gélido como o ártico, e igualmente inóspito. Abriu a boca para proferir um insulto, mas logo mudou de idéia.

— Sabe o quê, esqueça. — Voltou para seus papéis e começou a verificá-los.

— Esquecer do quê?

Ele balançou a cabeça, sem responder.

— Cane, se tem algo a dizer, diga.

Cane deixou a pasta na mesa.

— Depois de tudo o que passamos para aquela mulher, você está realmente disposto a mandá-la de volta? — Cane tinha me dito palavras ofensivas antes, mas eu nunca as levei a sério. Embora suas palavras não fossem prejudiciais, seu tom acumulou uma enorme quantidade de ódio. Naquele momento, eu me desprezava, total e completamente.

— Você levou uma brigada de soldados apenas para executar os sobreviventes... e ainda vai me olhar nos olhos e dizer que não está apaixonado por ela? — O olhar gelado não desapareceu nem por um segundo enquanto me fulminavam. Seus olhos castanhos, idênticos aos meus, continham nada mais do que ódio, sem uma pitada de afeto. Meu irmãozinho estava muito decepcionado comigo.

— Não vou continuar falando sobre isso. É uma coisa de bicha de qualquer maneira. — Ele encontrou o mapa de uma das fábricas de Bones e me entregou. — Eu acho que devemos atacar aqui. É aquela que produz a maior parte de seu material e se a destruirmos, o atrairemos para fora de seu esconderijo. Esse cara está sempre em movimento, então teremos que fazê-lo vir até nós.

Fiquei olhando o mapa, sem vê-lo de verdade. As palavras de meu irmão davam voltas na minha cabeça muito depois de pronunciadas.

— Cane...

— Não vou mais falar sobre isso. Faça o que quiser. Mas da próxima vez que precisar de ajuda para salvá-la ou raptá-la. Ou o que diabos você planejar fazer com ela, não me ligue. Porque se fizer, não te ajudarei.

Cane não era um cara emotivo ou romântico. Aquela situação com Button lhe incomodava, mas eu não conseguia descobrir por que.

— Diga-me por que isso é tão importante para você. E não me diga que é porque você quer que eu seja feliz. Tem que haver algo mais neste assunto.

— Você não se importa, então não finja o contrário.

Atirei o mapa sobre a mesa e dei-lhe toda a minha atenção.

— Sim, eu me importo.

Ele revirou os olhos.

— Não pretendo ter esta conversa com você. É estúpida e infantil.

— Estúpida ou não, precisamos tê-la. Agora solte para que possamos seguir com nossas vidas. — Cane e eu não tínhamos conversas profundas sobre nossos sentimentos e essas coisas. Trabalhávamos juntos e planejando nossos movimentos. Na maior parte do tempo, ele me incomodava e eu a ele. Mas o vínculo de sangue que partilhávamos mantinha-nos mais unidos do que qualquer um de nós estava disposto a admitir. Não falamos muito sobre Vanessa depois que ela morreu, então não sabíamos como falar.

Cane esfregou a nuca, ainda com o mesmo olhar de irritação nos olhos.

— Mas depois não esfregue isso na minha cara, está bem?

— Claro. Me diga e pronto.

Ele esfregou as palmas das mãos, tentando colocar seus pensamentos em ordem.

— Quando você trouxe Pearl aqui, eu a odiava. Você sabia o que queria fazer com ela. Viu o que lhe fiz.

Apertei o maxilar diante da lembrança. Eu tinha atirado nele depois do dano que causou a Button, mas aquilo não foi castigo suficiente. A única razão pela qual continuávamos falando era porque éramos família. De alguma forma, aquele vínculo era mais forte que meu ódio.

— Mas descobri muito sobre ela ao tê-la por perto. Ela é uma mulher forte, poderosa e tem uma boca que faria um soldado se sentir uma merda. Tem força, entende? Completa nosso trio.

Eu não tinha idéia de onde isso ia parar, mas não perguntei. Esperei que ele soltasse seus pensamentos incoerentes até que acabasse por chegar ao cerne do assunto.

— Se vocês se casassem, ela, seria uma Barsetti.

Quem havia falado alguma coisa sobre casamento? Eu nunca tinha dito aquela palavra a Cane em minha vida.

— E... eu gostaria que fosse uma Barsetti. — Voltou a esfregar as mãos e baixou a vista para elas. — Nossa família não pára de encolher. Um dia, só ficará um de nós. Mas Pearl pode ampliá-la. Pode fazer com que nossa família cresça.

Quando finalmente entendi o que estava tentando dizer, não pude evitar que a surpresa se refletisse em meu rosto. Estava gravado em minhas feições e não havia desaparecido. Cane não só gostava de Button. Queria que fosse uma de nós.



— Ela poderia ser minha irmã. E poderia te dar filhos. Nossa família Barsetti cresceria. Talvez, um dia, voltaria a estar completa. — Encolheu os ombros. — Não sei...

— Se expandir nossa família é tão importante para você, por que não se casa?

— Porque não estou apaixonado por ninguém. — Deitou-se no sofá e cruzou os braços diante do peito. — Nunca conheci uma mulher que conseguisse tolerar. Só estou com elas para transar e ponto final. Se alguma vez conhecer alguém sem que não possa viver, pode apostar que me casarei com ela. Mas sejamos realistas, as mulheres como Pearl não crescem nas árvores. Duvido que alguma vez encontre uma mulher assim.

Button era espetacular. Assim que a tinha ouvido falar, tinha que fazê-la minha. O fogo que ardia em seus olhos tinha algo que me atraía para ela. Eu acreditava que queria magoá-la eu mesmo, mas no final, só queria protegê-la. Fosse qual fosse o feitiço que tinha sobre mim, era poderoso. Ela tinha mais controle sobre nossa relação do que eu poderia imaginar.

— São difíceis de encontrar.

— Então, porque a deixar ir?

Já lhe expliquei isso, mas parece que tinha de repetir.

— Cane, nós não podemos amar ninguém. Se o fizermos, acabarão mortos. Você sabe disso e eu também. É assim que são as coisas.

— A mim parece que a cabeça de Pearl já tem preço. Então, que diferença faz?

Dei um gole de uísque para disfarçar meu silêncio.

— Você já a ama e ela te ama. O que importa se você nunca diga em voz alta essas palavras? Você já provou isso ontem um milhão de vezes, quando se comportou como um louco com todos os homens de Bones. Aceite o fato de que ela está na sua vida e não só agora, mas para sempre. Não está fazendo nenhum favor a ninguém mentindo sobre isso. Se comporte como um homem, Crow.

— Me comportar como um homem?

— Sim. — Disparou. — Um homem de verdade não mente sobre seus sentimentos. Diz a todo mundo que a ama e desafia seus inimigos a machucarem a mulher que ama. Um homem corajoso tem buracos na armadura, mas vai com ela para a guerra de qualquer maneira. Um homem bravo não teme amar alguém, embora saiba que antes ou depois chegará o fim. Isso é o que significa ser um homem de verdade, Crow. Esta estupidez a qual está se agarrando é simplesmente patética. E isso é dizer muito, vindo de mim.

Button revirou-se debaixo dos cobertores e se cobriu para combater o frio. Seus olhos ainda estavam fechados e seus lábios estavam relaxados, em paz. Mechas de seu cabelo espalhavam-se pelo travesseiro. Ela era minúscula, mas tomava todo o espaço da cama como de sua propriedade.

Esticou a mão, apalpando os lençóis que tinha debaixo. Enterrou os dedos no tecido, procurando algo em que se agarrar. Quando não encontrou o que procurava, esticou mais o braço e deixou escapar um suspiro de frustração.

Vê-la sofrer era muito para mim, assim deslizei entre os lençóis a seu lado e permiti a sua mão se encontrar por fim com meu peito duro. Assim que as pontas dos seus dedos sentiram o calor da minha pele, cravaram-se ligeiramente nela, alegando-me como seu.

A minha mão encontrou a dela e entrelacei nossos dedos. As pontas dos dedos eram pequenas e macias, de um tamanho que era quase metade do meu. Ao contrário da maioria das mulheres, nunca fazia as unhas. Sua aparência sempre era limpa e simples. Apenas usava maquiagem, porque não precisava. Sua pele clara e seus olhos de beleza natural eram mais que suficientes.

Olhei para as suas pestanas grossas, à espera que se agitassem. A qualquer momento, a rainha da minha casa abriria os olhos para enfrentar um novo dia. Exausta pelo inferno que tinha se desencadeado no dia anterior, tinha dormido mais de doze horas para recuperar-se. Ainda me preocupava que tivesse de ir a um hospital, mas ela assegurou-me que não era preciso.

Finalmente, abriu os olhos. Brilhantes, reluziam como gemas. A magia e a emoção misturavam-se com a bruma do sono. Sua beleza era incomparável e, às vezes, simplesmente não parecia real.

Depois que seus olhos me encontraram, seus lábios se esticaram em um sorriso perfeito, não mostrava os dentes, mas o gesto era igualmente poderoso. Aproximou-se mais de mim até ficar ao meu lado, abandonando o seu lado da cama e invadindo o meu como uma conquistadora. Apertou-se mais contra mim e depois me depositou um beijo úmido no peito. Em seguida, o suspiro mais belo escapou de seus lábios.

Cada pequeno detalhe me encantava, e estava tão enfeitiçado que me esqueci completamente de respirar. Meus pulmões se expandiram imediatamente com a profunda inalação que necessitava e fiquei olhando para a mulher que tinha me feito chorar a apenas alguns dias. Sem me torturar ou ameaçar, tinha me levado a um nível de emoção que nunca tinha alcançado na minha vida adulta. Tinha me despojado da minha armadura até que eu estivesse nu. Tinha me feito menos

homem, mas ao mesmo tempo, me tornado na versão mais forte de mim mesmo que jamais seria.

Ela virou-se mais para mim e depositou outro beijo no meu peito. Seu lábio superior ficou colado brevemente à minha pele antes de se afastar suavemente. O cabelo dela estava bagunçado, mas parecia uma deusa do sexo que vivia para me agradar.

Subiu pelo meu peito até que suas pernas rodearam meus quadris, e deslizou lentamente seu corpo para baixo até que sua boceta topou com meu pau. Pressionou suavemente até que me introduzir nela, esticando-a.

Ela gemeu antes de morder o lábio.

Minhas mãos desceram imediatamente até suas coxas, agarrando-a com força.

Ela continuou descendo até que eu estivesse completamente dentro dela, tão profundamente que podia sentir o seu colo do útero. Tinha os peitos arrebitados e os mamilos tão duros como diamantes. Sua cintura não tinha tantas curvas como antigamente porque não tinha comido muito durante nossa separação, mas continuava sendo tremendamente sensual. Ela recuou e passou os dedos pelo cabelo antes de começar a esfregar-se contra mim, com um olhar maroto nos olhos.

Foda!

Mordeu o lábio e gemeu enquanto me aceitava uma e outra vez, tocando-se, o aspecto das fantasias de qualquer homem. Suas mãos se agarravam a seus seios antes de voltar a enterrar-se em seu cabelo, desfrutando ao máximo de si mesma ao tempo que me satisfazia.

Aquilo era melhor que qualquer sonho.

Esfregava os quadris contra mim, enterrando seu clitóris em minha pélvis. Quase instantaneamente, ela veio para cima de mim, ensopou-me com a sua lubrificação e enviou-me para o paraíso. A sua boceta contraiu-se intensamente em torno da minha ereção, ordenhando-me com intenção de ficar com até a última gota da explosão que estava prestes a abandonar o meu corpo.

— Button. — Passei os braços por baixo das coxas, empurrando-a com força sobre o meu membro. Sempre que via a sua boca formar aquela deliciosa forma de “O”, quase gritando pela intensidade do seu orgasmo, queria gozar rapidamente após ela, libertando todo o desejo acumulado nos meus testículos.

Ela se inclinou para frente e agarrou-se aos meus ombros com as suas longas unhas. Com um olhar de confiança, olhou-me diretamente à alma enquanto seus quadris continuavam balançando, introduzindo-me em seu interior. Tinha as bochechas rosadas devido ao prazer que sentia entre as pernas, e os mamilos ainda eretos de excitação se arrastavam por meu peito com cada um de seus movimentos.

— Perfeita. — Apertei suas coxas enquanto deslizava dentro dela, meu olhar ainda fixo em seus lindos olhos azuis. Eu dormi com muitas mulheres que aceitaram os desejos sombrios que impuz a elas. Algumas noites vivi as maiores fantasias com as mais belas mulheres que conheci. Mas essa mulher destruiu suas memórias. Com sua beleza, sua força e resistência elas afugentou os fantasmas de toda e qualquer mulher que entrara naquela mansão. Ela exerceu seu domínio de maneiras sutis, conquistando tudo... inclusive eu, ela era o outro lado da minha moeda, o sangue que corria no meu coração.

— Vamos Crow, goze para mim. — A caiu sobre mim com mais força, assimilando por completo meu membro em seu estreito e pequeno buraco. Cravou as unhas nos meus ombros e sua respiração se fez mais profunda ao sentir minha ereção engrossar em seu interior. — Goze agora, Crow!

Eu rosnei porque suas palavras me inflamavam. Sempre que ela me pedia para gozar, era impossível conter o meu corpo. Senti meus testículos pulsarem e meu pênis queimar com o prazer delicioso que percorria todo o meu corpo. Palpitei no fundo de seu ser ao liberar minha carga, oferecendo-lhe onda após onda de minha essência. Voltei a rosnar, porque o prazer era incontável. Enfiei os dedos nos seus quadris enquanto me deixava levar, com os nervos inflamados pelo orgasmo que se extinguia.

Ela se afastou lentamente de mim e levou os dedos à sua entrada. Brincou com sua boceta até que meu sêmen gotejou sobre as pontas de seus dedos. Como uma puta, levou os dedos à boca e os lambeu delicadamente.

— Porra, Button!

Ela estava debaixo da ducha, lavando o cabelo e se livrando da sujeira que se agarrava a sua pele. Tinha hematomas nos braços e nas costelas, onde a tinham agarrado. O corte na sobrancelha parou de sangrar, mas ainda parecia doer.

Apertei meu o peito nas suas costas e passei meus braços pela sua cintura.

— Tem certeza que está bem? Posso chamar um médico para te examinar. — Afastei seu cabelo do rosto e lhe dei um beijo na têmpora.

— Crow, estou perfeitamente bem. — Virou-se e entrou debaixo da ducha para enxaguar a espuma do cabelo. — Já passei por coisas piores. Nós dois sabemos disso.

Estava referindo a quando meu querido irmão quase tinha espancado-a até à morte.

— Não é vergonhoso admitir que você precisa de ajuda. Um médico poderia prescrever algo mais forte do que paracetamol.

— Pare de me tratar como se eu fosse de porcelana. Eu posso dobrar, mas não quebro. — Ela saiu debaixo d'água e torceu a água do cabelo. As gotas caíam pelo ralo e o cabelo úmido pendurava-se sobre um ombro.

Minha preocupação nunca desapareceria. Ela merecia uma vida livre de dor e preocupações. Só tinha de se preocupar com o que vestir e onde iríamos jantar. Deveria poder olhar as incontáveis cicatrizes e tratá-las como se fossem sardas.

Saiu do chuveiro e secou o corpo antes de começar a secar o cabelo com o secador sobre o lavatório. Com uma toalha enrolada ao redor do peito, passava os dedos pelo cabelo enquanto o ar quente soprava entre suas mechas. Concentrava-se em seus movimentos no espelho, sem se ver realmente.

Em vez de me lavar, fiquei observando-a. Assim que ela se afastava de meu alcance, não consegui tirava minha vista de cima. O ponto a que chegava minha atitude protetora estava alcançando extremos alarmantes, e mal podia me conter para não escondê-la em algum país estrangeiro, onde ninguém poderia nos encontrar.

Quando terminou de se arrumar, saiu do banheiro e eu fiquei sem nada para olhar. Saí do chuveiro e fiz a barba antes de me vestir. Button encontrou um de seus vestidos dentro do meu armário, e estava tão bonita com ele como sempre.

— O que quer fazer hoje? — a abracei e lhe dei um beijo no ombro. — Não tem de trabalhar?

Dei-lhe outro beijo, porque meus lábios estavam famintos. Ela tinha acabado de me montar como uma amazona, mas eu já queria mais. Ela era tudo o que eu queria, o tempo todo.

— Não. — O trabalho podia esperar. Já havia negligenciado minhas obrigações até aquele momento. Alguns dias a mais não faria diferença.

— Por mim, não precisa ficar. — Apoiou a parte de trás da cabeça no peito e olhou para mim. — Lars ficará comigo.

Dei-lhe um beijo na testa, sentindo tanta satisfação como quando a tinha beijado no ombro.

— Eu quero ficar com você.

Ela apertou a bunda contra minha virilha.

Dei-lhe outro beijo como resposta.

— Podemos dar um passeio? Quero ver os vinhedos.

— O que você quiser. — Apertei a mão dela e saímos para o caminho que percorria as vinhas. A colheita acabava de terminar, mas os vinhedos estariam outra vez repletos de uvas em pouco tempo. O cheiro era exatamente o mesmo, transbordante de verde e sol toscano. De mãos dadas, passeamos entre as fileiras.

Os olhos de Button estavam deslumbrados com a vista que a rodeava. Não olhou para mim nem uma vez porque estava enfeitiçada pela plenitude que tinha ao seu redor. Com esse vestido e as longas madeixas castanhas caindo pelas costas, parecia uma autêntica toscana.

— Pensei que nunca mais veria este lugar... só em sonhos.

— Sonhava muito com isso?

Seus olhos se deslocaram até a encosta da colina que havia além, onde se formava uma sombra sobre a grama. Havia uma única nuvem no céu azul, formando a única sombra que se divisava no lugar. Chamou a atenção dela por quase um minuto, antes de voltar à conversa.

— Todas as noites.

— Sonhou comigo? — Sabia sua resposta sem precisar perguntar, mas queria ouvi-la de qualquer maneira. Queria ouvir que me adorava, e que viver sem mim era algo muito difícil de suportar. Tinha me desbancado à sua porta e queria que ela desmoronasse por minha causa.

A sua resposta foi a mesma da pergunta anterior. Deixou de andar e virou-se para mim, com os vibrantes olhos comparáveis às vinhas que tínhamos ao redor.

— Todas as noites, senhor.



CAPÍTULO 17

PEARL

A casa Barsetti era uma bela mansão que desprendia o tipo de elegância italiana que as pessoas só podiam imaginar. Cada centímetro daquela propriedade foi intencionalmente decorada com o tom certo para torná-la viva. Cheia de história, poder e beleza, era uma das visões mais espetaculares que já tinha visto.

As paisagens que se viam de qualquer janela eram mais arrebatadoras que qualquer coisa imaginável. Os vinhedos se estendiam além de onde alcançava a vista, e as baixas colinas se elevavam para o céu formando um vale privado para o desfrute exclusivo do espectador. Ali o ar era limpo e cheirava a árvores e a uvas doces.

Eu amava aquele lugar não só porque parecia saído de um conto de fadas, mas sim porque era a minha casa.

Era o primeiro lugar que sentia me pertencer. Crow era o homem com quem tinha sonhado casar e passar o resto da minha vida. Nunca pensei que pudesse confiar num homem depois do que tinha me acontecido, mas estava claro que confiaria minha vida a Crow. Aconteça o que acontecer, podia contar com ele.

Ele iria me proteger.

O fato de que havia outra pessoa tão danificada como eu fazia tudo um pouco mais fácil. Não me sentia tão quebrada, sabendo que ele também estava. Ele me entendia sem fazer perguntas e compreendia como me sentia em qualquer momento do dia sem eu ter que lhe dizer.

Voltar àquele lugar precioso era um privilégio, mesmo que só fosse de forma temporária. Não tínhamos falado sobre o que íamos fazer, mas sabia que ficaria lá por um tempo. Não era seguro para eu voltar para a América, quando Bones podia me apanhar outra vez. Parecia que o único lugar onde estaria segura era onde Crow estivesse.

E isso teria sido muito bom, se seus sentimentos fossem os mesmos que os meus.

Tinha saído do meu apartamento sem olhar para trás. Tinha se despedido pela última vez e estava pronto para me deixar. Se naquele momento não me amava, agora tampouco o faria.

Não podia ficar ali para sempre.



Um dia eu teria que partir. Até então, eu tinha a intenção de manter meu coração tão fechado quanto possível. Nada poderia fazer retroceder os sentimentos que já ardiam no meu coração. Aquele amor existia e não podia apagá-lo, nem fingir que não estava ali. Mas pelo menos, podia evitar que continuasse crescendo.

Crow sentou-se à mesa de jantar à minha frente, com o jornal da manhã ao lado. Fomos servidos de ovos, bacon e torradas, além de panquecas. A comida ali era muito melhor do que eu costumava comer. Tudo era fresco e sem conservantes. Os ovos tinham sido comprados no mercado naquela manhã e o açúcar era puro. Estava tudo tão bom que só por essa razão, não estava certa que seria capaz de voltar algum dia aos Estados Unidos.

Em vez de ler o jornal como de costume, bebia o café e comia lentamente. Esse dia não parecia ter muito apetite e nem sequer tocou nas panquecas. Lars quase nunca lhe trazia nada doce, mas nesse dia tinha feito.

Dei uma olhada no jornal.

— Não há nada interessante?

— Não sei. — Deixou a xícara sobre o pires. — Não olhei.

Não me preocupei em desvendar o enigma e continuei a comer as panquecas. Naquela manhã, acordei com fome e parecia que não havia comida suficiente no mundo para me saciar. Agora que Crow havia voltado à minha vida, meu apetite havia voltado, porque sentia uma longínqua sensação de felicidade.

— Posso ler os quadrinhos?

Ele arqueou uma sobrancelha antes de dar outro gole no seu café.

— Não temos essa seção nos nossos jornais, Button.

— Como? Você está brincando?

Deixou novamente a xícara sobre o pires e me dedicou aquela expressão intensa típica sua.

Segurei-lhe o olhar sem reagir. Aquela manhã estava me prestando uma quantidade incomum de atenção. Não parecia se importar nem com o jornal nem com seu café da manhã. Só estava atento a mim sentada diante dele.

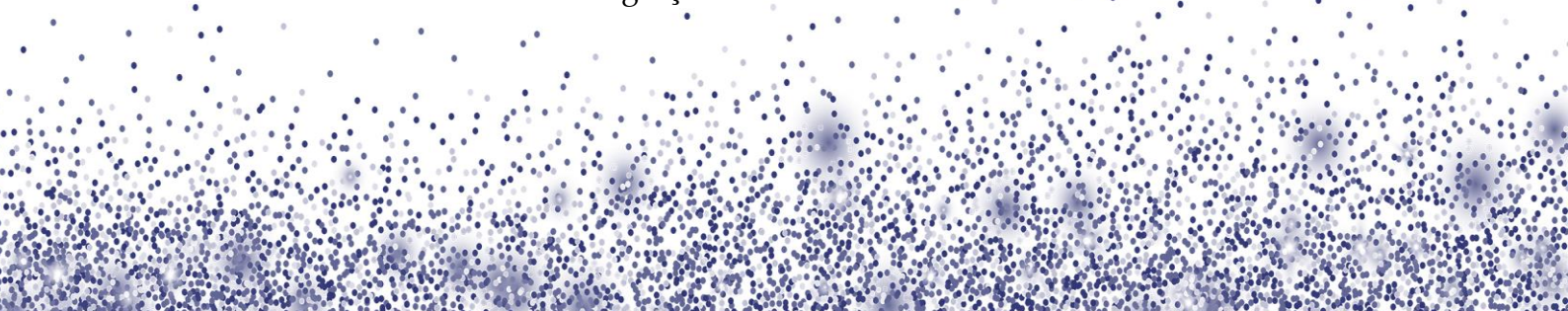
— Em Nova York ninguém se importa com as coisas que acontecem no mundo. Só se importam com o quanto Garfield odeia as segundas-feiras, o que é irônico, já que ele não tem que ir trabalhar.

— Então, quem é esse Garfield?

— É aquele gato laranja listrado que adora lasanha.

A expressão de Crow não mudou.

— E isso deveria ser engraçado?



— É muito engraçado. Vou tentar encontrar algo na internet para te mostrar. Você vai adorar.

Serviu-se de mais café e depois comeu um bocado dos seus ovos

— Estou ansioso por isso.

— Você vai trabalhar hoje?

— Não.

Já fazia quase um mês que não ia trabalhar.

— Não precisa ficar aqui pendurado comigo. Eu ficarei bem.

— Sei que não preciso ficar pendurado com você. — Em seus olhos se refletia a diversão diante da minha escolha de palavras. — É que quero ficar pendurado em você. O que você quer fazer hoje? Deixo tudo à sua escolha.

— Por que eu? — perguntei. — Você é o mandão.

Por fim, o canto do lábio se levantou em um sorriso.

— Acho que não me importo de te deixar tomar a iniciativa de vez em quando.

— Vi uma rede lá fora.

Pôs a mão sobre a mesa, esperando que continuasse a falar.

— Podemos deitar nela e ler? — Eu costumava passar as noites fora enquanto ele estava trabalhando. O sol toscano me esquentava, convidando-me a tirar uma soneca vespertina. Quando acordava, ele já tinha voltado do trabalho e tínhamos de nos divertir.

Esperava que rejeitasse a sugestão, mas não o fez. Continuava meio sorrindo.

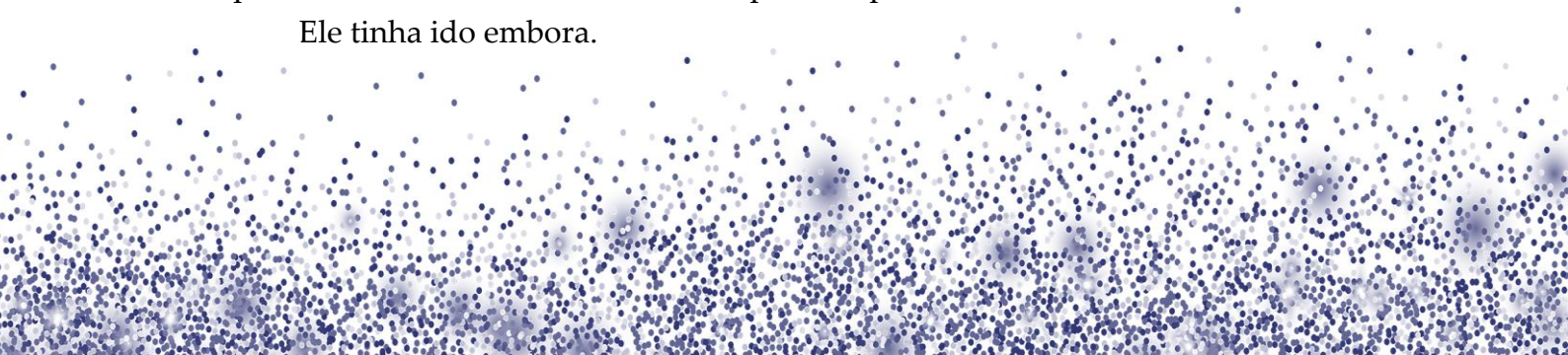
— Claro.

Um pesadelo fez com que me agitasse entre os lençóis e roguei a minha mente que acordasse. Bones tinha me aprisionado e me forçado a uma vida de submissão e crueldade. Depois de dar mais algumas voltas, por fim suspirei e acordei.

O quarto estava escuro, exceto pela luz da lua que entrava pela janela. Inundando tudo com sua radiante luz branca, permitindo-me ver as pontas dos meus dedos e o nariz na extremidade do meu rosto.

Com a respiração acelerada e ainda aterrorizada, estendi a mão procurando Crow a meu lado. Precisava daqueles braços fortes para formar uma jaula de aço ao meu redor e me protegerem, tanto de Bones como do meu subconsciente. Mas quando vi a cama vazia ao meu lado, percebi que estava sozinha.

Ele tinha ido embora.



Me endireitei e olhei ao meu redor, mas não o vi em nenhuma parte. A porta do banheiro estava aberta, mas eu não ouvi barulhos vindo de dentro. Minha única companhia no quarto vazio eram as sombras.

— Crow?

O silêncio foi a minha resposta.

Saí da cama e coloquei rapidamente uma de suas camisetas antes de ir procurá-lo. Meu primeiro palpite foi seu escritório. Estava cheio de uísque e conhaque, além de contar com uma cálida chaminé. Se não podia dormir e desejava estar sozinho, ali era aonde iria.

Saí para o corredor e localizei a porta à esquerda. Virei a maçaneta, entrei e a primeira coisa que vi foi ele sentado no sofá. Estava de pijama e inclinado para a frente, com os braços sobre as coxas. Tinha os olhos colados às chamas que dançavam dentro da lareira.

Fechei a porta atrás de mim e entrei.

Ele não se deu conta de minha presença, o que me indicou que tinha.

— Pesadelos?

— Sim. — Afundei no assento ao lado dele, colocando meu braço no dele. — Parece que os tenho quando você não está por perto.

— Sou o seu apanhador de sonhos.

Deitei-lhe a bochecha no ombro.

— Sim.

— E você é o meu apanhador de luz.

Levantei a cabeça sem entender o que queria dizer.

Contemplei seu rosto de perfil, esperando que me olhasse.

Ele não o fez.

— Você espanta a escuridão. Captura a luz. — Quando ficou em silêncio, soube que aquela conversa tinha terminado. Na mesa havia um copo de uísque com dois grandes cubos de gelo dentro.

Aquela noite estava de um humor particularmente sombrio e eu não entendia o que havia provocado. Tínhamos passado o dia descansando na rede e jantado no terraço. Não tínhamos conversado muito, mas era agradável simplesmente estar juntos. E agora estava bebendo sozinho em seu escritório às 3 da manhã.

— O que foi, Crow? Qual é o problema?

Ele pegou seu copo e deu um longo gole. Obrigou a si mesmo a engolir, como se o ardor adoecesse ao descer pela garganta. Quando voltou a deixar o copo sobre a mesa, derramou algumas gotas sobre o assoalho.

— É por causa do Bones? — sussurrei. — Crow, encontraremos um modo de derrotá-lo. Só precisamos de um bom plano. — Acariciei-lhe as costas com os dedos, subindo até à nuca. Massageei seu cabelo, sentindo as mechas suaves entre os dedos. Ele fechou os olhos um momento, desfrutando. — Vamos pensar em algo.

— Não é isso, pelo menos, não neste momento.

— Então, o que é? — Parei de mover a mão, esperando uma resposta.

Ele parou de olhar para o fogo e olhou para os quadros na parede. O brilho da lareira iluminava os detalhes da sala.

— Vanessa morreu há dois anos.

Deixei cair a mão, afastando-a de suas costas, assim que entendi o que estava me revelando. Nunca soube a data da morte dela, mas sabia que era a pouco tempo. Crow não falava muito de Vanessa e quando o fazia não dizia muita coisa.

— Sinto muito por isso.

— Bones ainda está vivo. — Sacudiu a cabeça, enojado. — Não deveria estar.

— Vai acontecer. Dê um tempo.

— Ele quase te pegou, Button. Tivemos sorte por conseguir te salvar. Poderia ter acontecido de forma muito diferente.

— Mas não aconteceu. — Apertei meu braço contra o seu.

— Mas se tivesse acontecido assim, eu não seria capaz de seguir adiante. — Voltou a sacudir a cabeça. — Eu teria me rendido naquele mesmo instante, atirado na minha cabeça, ali mesmo, na rua. Mesmo que Cane estivesse lá, não teria feito diferença. Nada me impediria de tirar a minha vida. — Pegou o copo e entornou a bebida antes de emborcá-lo sobre a mesa.

Eu esfreguei-lhe o braço, esforçando-me a consolá-lo como me fosse possível. As palavras eram inúteis quando estava assim, meio bêbado e deprimido. Ainda que eu lhe trouxesse luz, ele não podia vê-la. Estava afundado no fundo das trevas.

— Nós vamos pegá-lo e obter a vingança que você merece. Então eu posso ir para casa e viver em paz pelo resto da minha vida. Tudo vai correr bem.

Por fim, virou-se para mim, segurando meu olhar.

— Você não vai embora, Button. Nem agora, nem nunca.

— Quando Bones estiver morto, Crow. Não amanhã. — Eu sabia que Crow não me deixaria ir até que fosse completamente seguro. Depois de ter assassinado aqueles homens, eu sabia que ele tinha se nomeado meu guarda-costas por tempo integral. Não havia um único lugar onde eu pudesse ir sem que ele soubesse. Não podia pôr um pé fora do quintal e estava sempre vigiada.

— Nem mesmo após isso.

Quando entendi o que ele queria dizer, a raiva tomou conta de mim imediatamente. Crow e eu tínhamos chegado a um ponto em que éramos iguais. Eu não lhe devia mais nenhum botão e ele não podia me dar ordens como se fosse meu dono. Eu não era sua escrava ou sua propriedade. E mais valia que ele não esquecesse.

— Você não me diz o que devo fazer. Se eu quiser ir, vou embora

— Eu te amo.

Parei no meio da frase e senti uma dor insuportável no meu coração, como se tivesse levado um tiro no peito. Não podia falar porque fiquei muda, e como se sempre estivesse à beira das lágrimas, meus olhos ficaram umedecidos. Doíam-me os pulmões porque era incapaz de respirar. Tinha ouvido o que me havia dito, mas era bom demais para ser verdade. Era tão bom que de fato doía. Era uma provocação, um vislumbre de meus sonhos mais loucos.

— Você está? Não está falando por falar? — Crow não iria mentir para mim, mas faria qualquer coisa para me manter segura. Se necessário, diria algo assim para me proteger.

— Nunca. — Ele colocou a mão em volta do meu pescoço, segurando-o apertado. — Perdi Vanessa e isso me deixou destruído. Eu a amava com toda minha alma e quando ela desapareceu, deixei de ser a mesma pessoa que era. Mas a idéia de te perder dói milhões de vezes mais. Há muito tempo que tento negar, mas não posso continuar fazendo-o. Sei disso porque a dor é insuportável. Sei exatamente porque você me consome em meus pesadelos... é porque eu te amo. — Apoiou sua testa na minha e fechou os olhos, respirando profundamente. — Agora eu gostaria que você me dissesse.

O fogo queimava na chaminé, produzindo o único som que se ouvia na casa. Para qualquer outra pessoa, o silêncio seria incomodo. Mas para nós, era o som de um novo começo.

Não esperava que ele fosse pronunciar aquelas preciosas palavras, embora as sentisse. Agora que o fez, não consegui conter a minha reação vulnerável. As lágrimas começaram a brotar de meus olhos, deslizando por minhas bochechas como duas minúsculas cascatas. Não tinha entendido o quanto precisava ouvi-lo dizer aquelas palavras, até o momento em que ele tinha feito. Aquele lugar era meu lar: ele era meu lar. Era o único homem que me fazia me sentir completa outra vez.

— Button. — Ele se afastou e me olhou nos olhos, com a mesma expressão de sempre.

Finalmente consegui me controlar e limpei as lágrimas com as costas da mão. Chorar era algo irritante e uma incrível perda de tempo, mas tinha cedido a isso.

Quando ele saiu do meu apartamento, tinha feito o mesmo e tinha me humilhado na frente dele. Depois de me vangloriar de ser mais dura que o aço, estava me desfazendo como um monte de folhas velhas.

— Eu também te amo.

Ele enxugou as últimas lágrimas com os polegares e olhou-me com uma nova expressão nos olhos. Ainda tinha um aspecto sombrio e ameaçador, mas diferente do que costumava ter. Quando o conheci pela primeira vez, o achei frio e aterrorizante, que seria capaz de matar qualquer um que se interpusesse em seu caminho e era implacável em sua liderança. Tentando desesperadamente permanecer insensível e vazio de qualquer emoção, voltou-se para o sexo e o uísque. Recusou-se a deixar-me entrar, mas finalmente ele tinha baixado suas defesas e tinha dado um passo em direção à luz.

Tinha dado um passo em direção à luz comigo.



CAPÍTULO 18

CROW

Naquela manhã acordei cedo, saí para correr e quando voltei, fiz uma refeição rápida. Eu tinha muito trabalho para fazer, e não muito tempo para fazê-lo. Embora quisesse ficar em casa com button, devia abandonar seus cálidos beijos e carícias e sair para o mundo real.

Tinha que matar Bones.

Tomei uma ducha rápida e o Lars me deu um novo terno que comprei em Florença. Feito a mão por peritos alfaiates italianos segundo minhas instruções exatas, me dava aspecto de ser um homem que ninguém queria chatear.

Mas claro, eu sempre tive esse aspecto.

— O carro o aguarda, Excelência. — Lars o informou.

— Obrigado. Diga a Pearl que voltarei para jantar.

— Ou você poderia me dizer. — Ela estava no topo das escadas, com minha camiseta e minhas calças de moletom. Tinha o cabelo preso por uma trança caída sobre um ombro e uma mão no quadril.

Minha tentativa de escapar tinha fracassado. Aproximei-me ao pé das escadas, mas não subi para encontrá-la.

— Tenho coisas para fazer. Eu te vejo no jantar.

Ela olhou-me nos olhos, com uma profunda suspeita no olhar. Se tivesse sido um dia normal nas adegas, não estaria partindo tão cedo, nem me esgueiraria sem lhe dar um beijo de despedida.

— O que está escondendo de mim?

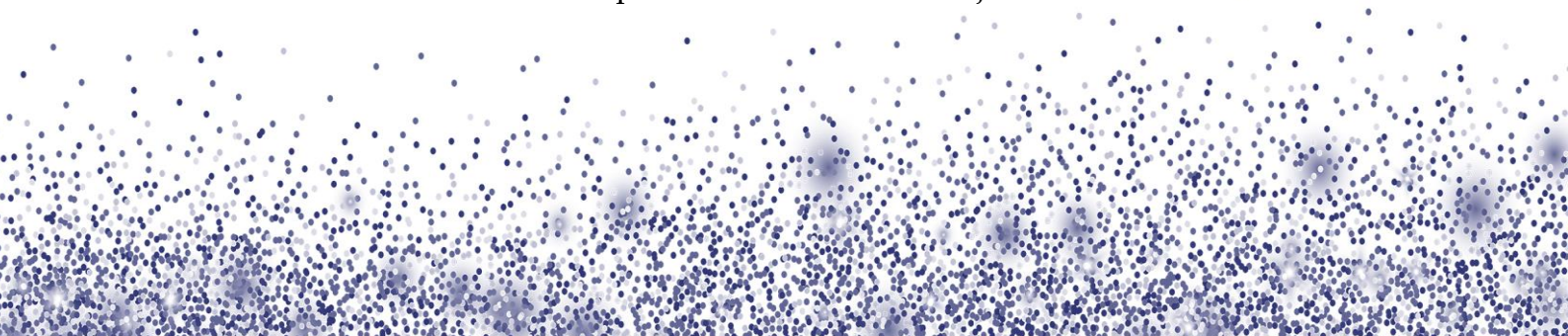
— Nada. — Pus as mãos nos bolsos, sem desviar o olhar. Virei-me e dirigi-me para a porta.

— Eh... espere um pouco.

Virei-me, sem me dar ao trabalho de esconder a minha irritação.

Ela desceu as escadas com elegância, como se usasse um vestido de noite em vez de minha roupa enorme. Demorou o seu tempo porque sabia que esperaria que acabasse de descer. Quando chegou ao meu lado, passou-me os braços pelo pescoço e me beijou.

— Não saia sem se despedir de mim com um beijo.



Apertei-lhe a cintura com as mãos e me senti fraquejar. Minha anterior ambição desapareceu quando aquela cálida boca esteve colada à minha. Agora desejava levá-la nos braços e voltar para a cama.

Ela se afastou, com os olhos famintos de meu afeto.

— Ouviu o que eu disse?

Um arrepio subiu pela minha coluna ao escutar a autoridade que encerrava sua voz. Quando seu lado autoritário saía, me deixava super excitado.

— Sim.

Ela deu-me um olhar de cumplicidade antes de me beijar no canto dos lábios.

— Vejo você mais tarde.

Voltei a me derreter, desesperado para levá-la para o andar de cima e pregá-la no colchão enquanto dava rédea solta aos meus desejos. Ela sabia que estava me provocando, me punindo por ter tentado sair de casa para não ter que lhe dar nenhuma explicação. Assim que eu voltasse, ela iria atrás de mim.

E eu a esperaria com impaciência.

— Por que demorou tanto? — Cane pulou em mim assim que cheguei à base.

— Eu me atrasei um pouco.

— Fazendo o quê? — saltou. — Você só tem que entrar no carro e dirigir.

Pus minha mão no seu rosto e lhe dei um forte empurrão sem deixar de andar. O meu irmão mais novo não podia falar assim comigo, mesmo que tivesse razão. Entrei e me dirigi ao centro de operações. Aquelas pessoas estavam em seus postos, ocupando-se dos seus negócios, como sempre.

Cane veio atrás de mim, mas não continuou com a discussão.

— Ele vai ligar em dois minutos. Você está pronto para isso?

Mais do que preparado.

— Sim. — Sentei-me à mesa, onde havia um telefone fixo. Passei o celular para a linha para poder rastreá-lo com mais facilidade. Se conseguíssemos definir sua posição, poderíamos bombardeá-lo até que pensasse que estava na Segunda Guerra Mundial. Ele só sabia que fabricávamos armas, não explosivos. Ia ter uma boa surpresa.

— Mantenha-o na linha...

— Acha que é a primeira vez que faço isto?

Cane deixou cair a mão sobre a mesa.

— Para um cara que fode toda noite, você está de mau humor.

— Nunca mais fale assim dela. — Minha mão fechou-se em um punho e eu o ameacei com um olhar. — Pode me insultar o quanto quiser, mas a Button, ela está fora do jogo. A não ser que queira que te dê um tiro no outro braço.

Antes de Cane retrucar, o telefone tocou.

Eu o deixei soar de propósito, só para foder. Não havia maior desrespeito do que desperdiçar o tempo de alguém. Quando finalmente me cansei da brincadeira, respondi.

— Crow.

Ele fez uma pausa do outro lado da linha, fazendo-me perder tempo como eu tinha feito com ele.

— Fiquei impressionado com a forma como você organizou a captura de Pearl. Se não estivesse tão zangado, podia até te aplaudir.

Estava olhando para Cane enquanto o mantinha na linha. Ele estava de pé com os braços cruzados contra o peito e os fones de ouvidos postos para poder ouvir a conversa.

— Não me impressiona que não faça seu trabalho sujo com suas próprias mãos.

— Oh, sim, Crow. Só tem que perguntar a Pearl.

— Não preciso dizer que a quero de volta e que vou conseguir. Devolva-a e nossa guerra acabará de uma vez por todas.

— Nunca. — Jamais renunciaria a Button. Lutaria até meu último fôlego para me assegurar de que estivesse a salvo. Se ele a quera, teria que passar por cima de mim. — Tenho certeza que podemos chegar a algum outro acordo. Como disse no passado, estou disposto a compensar-te.

— Não há dinheiro suficiente que a substitua.

Foi a primeira vez que concordamos em algo.

— Então não temos um acordo.

— Crow, vou te atacar com tudo o que tenho até recuperá-la. Eu a encontrarei, e quando o fizer, vou comê-la na sua frente. Sugiro que opte pela solução mais simples enquanto estiver disponível. Porque se continuar a testar a minha paciência, vou tratá-la muito pior do que alguma vez tratei a sua preciosa irmãzinha.

Eu contive-me para não bater a mão sobre a mesa. A menção a Vanessa conduziu a conversação a outro nível. O meu sangue fervia e não parava de tremer.

— Ela não é mais que uma mulher. Sempre pode encontrar outra para entreter-se.

— Mas eu a quero. Tenho certeza que você sabe por quê.

Eu não neguei a insinuação, porque minhas intenções com Button estavam mais claras que a água.

— Não pode tê-la, Bones. Sobre isso não cabe discussão. Sugiro que se satisfaça com outra coisa, para que possamos acabar com esta guerra. Como gesto de paz, Cane e eu não o faremos pagar pela morte de Vanessa. — Era a oferta mais generosa que podia fazer e Bones sabia disso. Era difícil para nós deixar o homicídio da Vanessa escapar impune, mas ela já estava morta. Button continuava viva e devíamos ter cuidado para que continuasse assim. — Essa é a minha melhor oferta.

Bones ficou calado por quase um minuto. Se ele estava considerando seriamente a oferta, estávamos progredindo. Ou talvez estivesse só se demorando a responder para me irritar.

— Vou conseguir recuperá-la, Crow. E quando o fizer, não vou matá-la. Vou te obrigar a me ver fodê-la até me pedir que a mate. E depois de me ver cortar a garganta dela, farei o mesmo com você.

Quando cheguei em casa, Button estava sentada na varanda admirando os vinhedos. Estava bebendo um copo de vinho tinto e usava um vestido escolhido pelo Lars numa loja em Florença. Usava brincos com pedras preciosas e cabelo preso numa espécie de laço. Tinha um livro no colo. Como se nunca tivesse partido, tinha voltado à sua rotina de se entreter sozinha enquanto esperava o meu regresso a casa.

Em vez revelar a minha presença, fiquei à porta observando-a. Com as mãos nos bolsos, admirei cada um dos traços que tinha chegado a adorar. Tinha pernas adoráveis que se agarravam firmemente a meus quadris quando fazíamos amor. Tinha as unhas feitas, mas nunca as pintava. Às vezes usava maquiagem, mas a maior parte do tempo não, algo que a mim parecia perfeito. Estava lindíssima ao natural. Estudei seu esbelto pescoço, recordando todos os beijos que havia dado nele. Não conseguia dizer o exato momento em que o meu coração tinha amolecido e a tinha deixado entrar.

Podia ter acontecido na primeira vez em que pus meus olhos em cima dela, quando estava lutando para sobreviver. Ou podia ter sido quando disse que me amava. Não lhe respondi de volta, não porque o sentimento não fosse mútuo, mas porque dizê-lo poderia conduzir mais cedo ou mais tarde a um enorme sofrimento.

Mas agora não podia negar e certamente também não queria.

Button deve ter percebido a minha presença, porque se virou para olhar para mim.



— Não sabia que já estava em casa. — Deixou o livro e a taça sobre a mesa e se pôs de pé, com o vestido cingindo suas curvas à perfeição. — Há quanto tempo está aí?

— Pouco tempo. — Empurrei-a para o quarto e a guiei até a cama. Há um momento atrás, estava satisfeito em examinar suas mais ínfimas características com afeto. Mas agora que me olhava com aqueles brilhantes olhos azuis, queria fazer mais do que a olhar.

Arranquei seu vestido e arrastei sua calcinha pelos tornozelos, e enquanto sua lingerie pousava ao chão, me enterrei profundamente em seu interior, sentindo que seu canal úmido me dava às boas-vindas. Quando estava dentro dela, parei para me deleitar com a sensação. O sexo nunca tinha me proporcionado tanto prazer.

Button tirou meu paletó e começou a desabotoar minha camisa, querendo deixar meu tórax descoberto.

— Quero te ver todo. — Ela deitou-se de costas, seus cabelos espalhados debaixo dela.

Abri o resto dos botões e deixei cair a camisa no chão. Com as mãos em ambos os lados de sua cabeça, inclinei-me sobre ela e a ataquei com força. Seu sexo úmido me parecia o paraíso, e com cada empurrão, me introduzia ainda mais em seu interior. Ela não se conteve em nenhum momento e agarrou-se a mim desesperadamente, como se não pudesse viver sem mim. Movia-se contra mim com mais intensidade do que eu contra ela, e disse meu nome tantas vezes que perdi a conta.

Eu me joguei ainda mais em cima dela, pressionando seus pés contra meu peito. Ela dobrou os joelhos para me dar espaço, permitindo-me dominá-la por completo. Imobilizei-a contra o colchão, penetrando-a com tanta força que os meus testículos ricocheteavam contra o seu traseiro. Ela estava cada vez mais molhada, e logo estava gritando meu nome a plenos pulmões.

Logo depois de levá-la ao orgasmo, me esvaziei em seu interior, sabendo que poderia fazer aquilo todos os dias do resto de minha vida. Nenhuma mulher jamais poderia se comparar à que tinha debaixo de mim. Ela enfrentava a mim, me adorava e se submetia a mim, tudo ao mesmo tempo.

— Isto é o que eu quero fazer todos os dias ao chegar em casa. Você me entendeu? — Levantei seu queixo, obrigando-a a olhar para mim. Ela tinha me controlado pela manhã, mas agora tinha sido a minha vez de controlá-la.

Ela enrolou os dedos no meu pulso enquanto eu segurava o queixo dela.

— Sim. E isso é o que eu também quero fazer todos os dias.

As velas ardiam sobre a mesa e os grilos cricrilavam à noite. O sol toscano havia desaparecido por trás das colinas há trinta minutos, e agora estava anoitecendo. As terras se preparavam para dormir, mas exultavam de vida muito tempo depois do pôr-do-sol.

Button estava sentada a minha frente, terminando seu jantar. Tinha o cabelo preso numa trança sobre um ombro, e o vestido sem alças realçava os ombros bem torneados. Um colar de prata pendurado à volta do pescoço, escolhido por Lars para ela.

Não falamos durante o jantar, mas nos dedicamos a nos olhar. Eu não costumava ser muito falador de toda forma, mas era agradável não ter que manter uma conversa só por obrigação. Estávamos confortáveis em silêncio juntos e nenhum de nós tinha expectativas sobre o outro. Mas eu suspeitava que ia me perguntar o que tinha feito naquela manhã.

E foi o que ela fez.

— Que tipo de trabalho você fez hoje? — Ela sabia que eu estava fazendo algo em segredo, ou não teria perguntado de outra forma. Para começar, não teria perguntado especificamente o tipo de trabalho que tinha feito. Além disso, não teria esperado tanto tempo para fazer a pergunta a menos que lhe assustasse a resposta.

— Coisas com Cane. — Não pensava mencionar a conversa com Bones. Button era forte e valente, mas aquilo a assustaria. Ele tinha me dito essencialmente que nunca pararia de persegui-la até que voltasse a ser sua escrava. Já que ela era minha de todas as maneiras possíveis, não precisava se preocupar com isso. Enquanto estivesse sob a minha responsabilidade, nunca lhe aconteceria nada.

— Ah. — Deu um gole de vinho antes de devolver a taça à mesa. Tinha outra pergunta nos lábios, mas não a formulou.

— Estamos trabalhando em nosso plano para eliminar Bones. Estamos considerando bombardear uma de suas fábricas, para atraí-lo para fora de seu esconderijo. E quando isso acontecer, o atacaremos.

— Então, não sabem onde ele está?

— Não, no momento. — Mas eu descobriria.

— Acham que ele está aqui na Itália?

— Agora não. — Assim que matamos seus homens, certamente ele fugiu para a França ou a Rússia para se recuperar. Nós tínhamos a vantagem, e ele sabia disso. Na rua o caos era absoluto, e se não soubesse por seus próprios homens, teria sabido pela polícia.

Ela fez girar o vinho dentro da taça enquanto a observava.

— Então devemos manter a conversa que nenhum de nós quer ter?

Olhei em seu rosto, esperando que me olhasse nos olhos. Ela continuou observando seu vinho, para poder me evitar. Ela não se escondia atrás de nada, e eu não gostava dessa sua atitude.

— Olhe para mim quando falar comigo.

Levou alguns momentos para obedecer. Levantou a cabeça lentamente, irritada pela ordem, mas também excitada por ela. Odiava que ele a manipulasse, mas ao mesmo tempo, adorava. Era uma mulher forte que precisava de um homem que fosse mais forte ainda.

— Que tipo de conversa?

— Sobre nós. — Ele largou a taça de vinho para o lado.

— Pensei que a nossa relação estava bem definida. Quando lhe disse aquelas duas palavras, assumi que encerravam tudo o que lhe tinha a dizer.

— Estou falando de Bones. O que vamos fazer?

— Vou matá-lo. Já te disse.

— E se você não fizer isso? Ou se não puder fazer isso?

Meus olhos se entrecerraram pela ofensa.

— Se eu disse que vou matá-lo, eu vou.

— E eu não duvido. — disse ela com uma calma forçada. — Mas e se for impossível conseguir? E se ele nunca parar de se mover? Devemos deixar a Toscana? Devemos nos mudar para outro lugar?

— Não. — Eu não era o tipo de homem que fugia de uma briga.

— Como ele não sabe onde você mora? Ele deve saber que você produz vinho, então poderia imaginar onde sua casa é.

— Sim, ele sabe que faço vinho. Mas só porque minhas vinhas estão aqui, não significa que eu tenha nada a ver com isso. Segundo a documentação, a propriedade é de uma família que a comprou da minha. Os papéis são falsos, mas isso ele não sabe. E no que diz respeito a minha casa, esta propriedade nem sequer está nos mapas. Não está registrada em nome de ninguém da minha família. Todo o correio é enviado para uma caixa postal de Florença e até isso está sob um nome falso. Ele não pode nos seguir até aqui. Não precisa se preocupar com isso.

Como se fosse uma rainha, manteve uma postura refinada e elegante. Tinha o cabelo afastado da cara e o batom tornava a boca ainda mais carnuda e beijável. Mas

sua força e sua confiança lhe outorgavam grandes qualidades de majestade. Sempre havia me sentido como se fosse o rei do meu mundo. E ela era a minha rainha.

— Então vamos continuar a viver aqui?

— Sim.

— E posso ficar aqui o tempo que quiser?

— Button, você vai viver aqui para sempre. — Mesmo que matássemos Bones, ela não ia a lugar nenhum. Eu tinha dito que a amava, e aquela confissão implicava mais do que ela tinha acreditado. — Agora esta é a sua casa.

Ela rapidamente afastou o olhar, mas não o bastante rápido. Seus olhos tinham uma pitada de umidade.

Eu fingi que não tinha notado.

— Mas será perigoso por um tempo. Até que mate Bones, você deve ficar dentro da propriedade e não abandoná-la em nenhum momento.

— Ok. — Em vez de lutar por sua liberdade e sua independência, ela se submetia a isso. — Posso ter uma arma?

— Quer uma?

— Não. Mas preciso dela.

Dei outro gole de vinho.

— Há algo mais que gostaria.

Eu tinha dado o mundo inteiro à minha rainha. O que mais poderia querer?

— O que há de errado?

— Quero matá-lo eu mesma. — Ela sustentou meu olhar enquanto formulava seu pedido. — Eu sei que você e Cane precisam se vingar por Vanessa... Mas gostaria muito de ser eu a puxar o gatilho.

— Se as circunstâncias forem adequadas, sim.

— Obrigada. — Sussurrou. — Significa mais do que posso expressar com palavras.

Nunca esqueceria a primeira vez que a vi naquela ópera. De longe, pude detectar a rapidez de sua respiração e suas bochechas rosadas. Estava assustada e sentada ao lado do homem mais implacável que o mundo já conheceu. Em vez de sucumbir à aflição, tentou encontrar um modo de escapar... embora continuasse assustada. Naquele momento, sua beleza não me impressionou. Tinha visto inúmeras mulheres belíssimas por toda a Itália. Não vi nada de especial. Mas quando vi o fogo que ardia em seus olhos, essa foi minha perdição.

— Você merece mais do que eu.

— Também não diria isso.



Quando a vi com a arma apontada ao seu próprio peito e preparada para puxar o gatilho, soube que tinha chegado ao fundo do poço. Bones tinha torturado-a até um ponto além de qualquer reparação possível e a morte era a sua única saída. Se não a tivesse detido, com certeza ela teria se matado. Não havia dúvida disso. Desde então, tinha feito grandes avanços. Levou meses para sorrir, e ainda mais para confiar em mim.

— Quero ajudar no que puder. O que precisar, conte comigo.

Eu não permitiria que Button se aproximasse dele. Nem a usaria como isca ou a enviaria ao combate junto a Cane e a mim. Depois das ameaças que Bones fez, ele nem olharia para ela.

— Vamos ver o que acontece.

quando voltei para casa, não encontrei Button. não estava no quarto, na varanda, perto da piscina, nem no escritório. normalmente, quando eu chegava a casa, ela aparecia imediatamente para me dar as boas-vindas com um beijo.

Mas não a encontrava.

Tentei não me deixar levar pelo pânico e pensar o pior. A casa parecia calma e o pessoal estava ileso. As portas de acesso à propriedade foram trancadas depois que eu estacionei meu carro.

Fui ao andar de baixo à procura do meu mordomo.

— Lars?

Ele emergiu da cozinha, com o cabelo branco penteado para trás e um caloroso sorriso no rosto. Não importava o quão zangado eu parecesse, ele parecia não perceber.

— Sim, Vossa Graça?

— Você viu Pearl?

— Estou aqui. — Button saiu da cozinha usando um avental vermelho atado à cintura. — Desculpe, perdi a noção do tempo. — Tinha manchas por toda a roupa e um pouco de molho na bochecha. Aproximou-se de mim limpando as mãos na frente do avental. — Essa cozinha é coisa de outro mundo

— Não volte a fazer isso. — Não pude disfarçar minha raiva diante de Lars. Ele sabia que tipo de homem eu era, assim que minhas ameaças não o surpreendiam. Voltou a entrar sorratamente na cozinha, tentando desaparecer sem que nenhum dos dois o notasse.

Os olhos de Button se estreitaram até se tornarem fendas ameaçadoras.

— Fazer o quê?

— O que eu te disse ontem? Quando chego em casa, você deve me esperar ajoelhada. É inaceitável eu ter que te procurar por toda a casa. Por um momento, pensei que tinha acontecido algo...

— Estava fazendo o jantar, idiota.

As palavras que eu ia proferir morreram instantaneamente na minha boca quando percebi o quão hostil me tornara em apenas alguns segundos. Ela era a única pessoa que podia me colocar no meu lugar daquela maneira.

— Perdi a noção do tempo e não percebi que você tinha chegado em casa. Mas se quiser que me ajoelhe e te chupe agora mesmo, eu o farei. É isso que você quer? — levantou a voz, a ponto de converter-se em uma fera.

Se não corrigisse a situação, aquela discussão tomaria um rumo muito perigoso. Quando nos enfrentávamos cara a cara, eu costumava perder. Ela sabia manejar as palavras e não tinha escrúpulos em me fazer sentir como o pedaço de merda que era.

— Quando não pude te encontrar, entrei em pânico. Pensei que alguém tinha te levado... Não vou me desculpar por isso.

— Não. — Ela cruzou os braços. — Você vai se desculpar sim. Acabou de me insultar na frente de Lars e me tratou como uma escrava. Pode apostar que vai me pedir desculpas.

Meu corpo reagiu da forma errada. Fiquei de pau duro com sua agressividade. Havia algo em sua dureza que me deixava extremamente excitado. Nunca tinha conhecido ninguém tão temerário. Não tinha tido medo de mim mesmo quando não me conhecia. Isso só me fazia querer possuí-la mais com vontade ainda.

Ela se manteve firme, seus lábios carnudos firmemente apertados para conter o veneno que transbordava por sua boca. Aquela era uma batalha que ela se negava a perder, e lutaria até ganhar a guerra.

Nunca permiti que ninguém falasse comigo daquela maneira, quanto mais uma mulher. Mas ela me punha no meu lugar sem esforço, e não hesitava em fazê-lo. Não tinha a certeza se era mais dura do que aço ou se tinha um efeito debilitante em mim. Em qualquer caso, eu permitia que isso acontecesse. E só havia uma mulher que poderia me permitir fazê-lo.

Nenhuma mulher tinha me posto de joelhos, mas ela tinha conseguido. Flexionei um joelho diante dela e olhei-a de baixo.

Button não conseguiu esconder sua surpresa. A ferocidade de seus olhos desapareceu em menos de um estalar de dedos, e ficou boquiaberta. Tinha me vencido com suas palavras e sua aparência. Tinha conseguido domar a besta mais selvagem do mundo.

— Desculpe. — Eu era sincero, e não me importava que o pessoal me visse em uma posição de fraqueza. Button era minha rainha, e eu tinha aceitado o fato de que nem sempre poderia ser o líder na relação. Às vezes ela seria a ditadora, e outras vezes eu.

Ela ainda não tinha recuperado a compostura. Tínhamos discutido em inúmeras ocasiões e ela tinha me enfrentado, apontando-me as palavras mais duras, que eu não queria ouvir. Mas eu nunca tinha me ajoelhado como daquela vez. Ela tomou alguns momentos antes de finalmente falar.

— Eu te perdoo.

Jantamos no terraço, como todas as noites. O clima era demasiado perfeito para ser ignorado. Era fresco, com uma brisa quente, e o ar noturno não era tão úmido naquela época do ano.

Button adorava estar fora, sob o sol. Até quando estava dentro da casa, sentava-se na sacada, só para poder estar mais perto da natureza e sua abundância.

— Obrigado pelo jantar. Foi excelente. — Na verdade, não se podia comparar com a comida de Lars, mas apreciava o que tinha feito. Tinha feito a coisa mais sensual que uma mulher pode fazer por um homem: cozinhar para ele. Não era algo do que tinha sentido desejos nunca, até agora. A idéia de que fizesse algo considerado por mim me excitava.

— Obrigada por dizer isso. Eu sei que não sou muito boa, mas Lars está me ensinando. Em alguns meses, eu tenho certeza que vou melhorar.

Dei um gole no vinho para descartar suas palavras.

— Certamente não é fácil, como fazer macarrão com queijo. — Ela riu de seu próprio comentário.

— Eu nunca os provei.

— Nunca experimentou macarrão com queijo? — Perguntou chocada. — Nunca?

— Comi talharim com parmesão, mas não a versão americana da qual você fala.

— É muito bom. Terei que fazer algum dia.

A mim soava como merda de cavalo processada.

— Talvez. — Se ela cozinhasse para mim, eu comeria o que fosse. Mas não me faria nada feliz. A comida européia era muito mais apetitosa que a americana. Seus alimentos não eram frescos, estavam cheios de pesticida e tinham gosto muito pior.

Na cidade mais próxima, todas as manhãs, havia um mercado onde Lars fazia as compras. A maior parte das frutas e dos legumes tinha sido colhida no dia anterior.

Uma vez terminado o jantar, minha mente se concentrou em minha atividade favorita. Ao voltar do trabalho tínhamos discutido, em vez de fazer amor. Agora tinha o estômago cheio e com Button à minha frente, lindíssima, era isso o que queria fazer a seguir.

Levantou-se da mesa e afastou-se uns passos pelo pavimento, sob as árvores balançadas pelo vento. O entardecer estava dando lugar à noite, e as luzes penduradas pelo pátio ofuscavam as estrelas do céu.

Fiquei olhando-a com a sobrancelha arqueada.

Ela estendeu sua mão.

— Dança comigo, por favor.

Escutei suas palavras, mas não as entendi. Fazia tanto tempo desde a última vez que eu havia dançado com uma mulher, que nem sequer me lembrava. Mas lá estava ela, pedindo-me para dançar ao som de uma música silenciosa. Se fosse outra pessoa, teria ido para casa sem pensar duas vezes. Mas a emoção em seus olhos e o sorriso de seus lábios me atraíram até ela como um ímã.

Juntei-me a ela sob uma treliça de luzes, tomando sua mão na minha e o braço pela cintura e a guiei lentamente pela invisível pista de dança. Os movimentos vieram com naturalidade, mas suspeitava que aquela confiança provinha da mulher que tinha nos braços. Ela queria dançar e eu ia dar-lhe a melhor dança que já tinha visto.

Quando sorriu, soube que estava encantada.

Nunca tinha feito essas coisas de apaixonados, mas ali estava eu, dançando com uma mulher que adorava. Tinha lhe dito aquelas duas palavras que tinha jurado nunca murmurar, e até me tinha ajoelhado diante dela, num gesto supremo de submissão. Nunca havia conhecido esse tipo de felicidade, e a verdade era que dava um pouco de medo.

Era assustador porque perdê-la acabaria comigo.

Aproximou-se mais de mim e colou a testa na minha. Seus olhos não se afastavam de meus lábios, mas não me beijou. Apaixonada por mim, obcecada e dedicada. Tinha me mostrado o seu amor muito antes de expressá-lo, e eu adorava o olhar que se apoderava dos seus olhos.

Um tipo de força sobrenatural apoderou-se de mim, e de repente comecei a cantar suavemente entre os dentes. Cantava em italiano, oferecendo uma serenata à mulher que tinha em meus braços. Era uma antiga canção de amor que tinha ouvido

na aldeia onde tinha crescido. Na época, eu era muito pequeno para entender o amor, e ao crescer, eu sabia que nunca teria o privilégio de senti-lo.

Mas eu estava errado.

Button se afastou um pouco para poder me olhar nos olhos. Escutava atentamente cada palavra, embora não as entendesse. Minha voz era mais grave que a do homem que cantava originalmente aquela canção, mas ela não tinha maneira de sabê-lo. Não me considerava um bom cantor, mas também não soava mal. Os olhos dela ficaram úmidos, e aquela umidade se refletia nas luzes brancas que tínhamos sobre nossas cabeças. Reluziam em seus olhos como estrelas, resplandecendo como o firmamento.

Ela se entregou mais a mim, então continuei cantando. Via-a beber cada uma das minhas palavras, sem entendê-las. De alguma forma, sabia exatamente o que estava tentando dizer, que lhe entregava a minha vida e a minha lealdade a ela e a mais ninguém. Nunca havia me ajoelhado diante de ninguém. E muito menos cantado.

Só ela é quem me interessava.

Quando terminei a canção, seus olhos conservavam aquele aspecto. Adorava-me ainda mais que antes, e seu amor sem limites continuava crescendo. As mulheres me olhavam frequentemente atraídas ou obcecadas. Mas o olhar que Button me dedicava era diferente. Era mais do que um olhar superficial e físico.

Era de amor incondicional.

Queria dizer-lhe que a amava, mas não o fiz. Ela tampouco me disse, porque não fazia falta. Estávamos dizendo um ao outro desde que nos conhecemos, mesmo sem palavras. Sabia que a amaria o resto da minha vida, até o dia em que abandonasse este mundo e me convertesse em pó. E ela se sentia igual.

Button parou de dançar e me beijou suavemente nos lábios.

— Vamos lá para cima

Senti seus lábios sedosos contra os meus e fiquei duro. Eu não estava no clima para sexo selvagem. Queria continuar dançando com ela na minha cama, nos mover lentamente juntos com a música que só ela e eu escutávamos. O meu corpo queria fundir-se com o dela e torná-la minha para sempre.

Agarrei sua mão e puxei-a para a porta. Deixamos na varanda os pratos com os restos do jantar, mas Lars os recolheria assim que saíssemos. Quando já estávamos perto da porta dos fundos, nos cortaram o caminho.

Cane encostava-se contra a soleira com os braços cruzados no peito. Tinha um sorriso irritante no rosto e um olhar diabólico.

— Estavam tão fofos que não quis interrompê-los.

Nunca fiquei tão irritado por ver o meu irmão.

— Você está nos interrompendo agora.

Ele encolheu os ombros e recuou para que pudéssemos entrar em casa.

— Era um espetáculo tão bom que não podia deixar de olhar. Bonita voz.

Eu deveria ter me sentido envergonhado por ter me ouvido. As piadas continuariam para o resto de nossas vidas. Mas não ia responder a sua provocação. Aquela canção só estava destinada a Button. Era uma pena que ele tivesse sido testemunha.

— O que você quer?

— Falar com você. — Ele virou-se para Button e piscou-lhe o olho. — Se ela conseguir ficar sem você.

— Não, não pode. — Atraí-a mais perto de mim. — Podemos falar amanhã, Cane.

— Vamos, se já estou aqui — disse ele. — Serão só uns minutos.

Desejei poder matá-lo ali mesmo.

— Não faz mal. — Button inclinou-se para mim e beijou-me a barba incipiente da mandíbula. — Estarei lá em cima. — aproximou os lábios do meu ouvido para que só eu pudesse ouvir o que disse a seguir. — E colocarei algo um pouco mais cômodo. — Ela beijou-me a orelha antes de subir as escadas.

Os meus olhos seguiram-na automaticamente, fixando-se na sua bunda perfeita. A última coisa que queria fazer era falar com o meu irmão ao pé das escadas. Queria estar enterrado dentro da minha amante, da minha mulher. Quando ela desapareceu de vista, me virei para Cane.

— O que aconteceu? — Eu não me preocupei em esconder meu incômodo. Naquele momento eu odiava Cane, e eu queria deixar isso perfeitamente claro.

Ele continuou sorrindo como um idiota.

— Parecia tudo muito romântico. Não sabia que você dançava e cantava.

Eu estava prestes a esmurrá-lo. A única razão que me impedia era que Cane era a única família que me restava no mundo. Se fosse qualquer outra pessoa, já estaria inconsciente no chão.

— Deixa pra lá, Cane. Eu tenho que satisfazer uma mulher. — A única coisa que ele tinha eram as putas caras que faziam as porcarias que ele queria. Eu tinha uma mulher que as fazia porque desejava.

— Pensou na última coisa que falamos?

— Cane, eu nunca penso em você, a não ser que estejamos juntos.

Ele pegou leve no insulto.

— Você disse a ela como você se sente? Se não fez isso, nem precisa. Você deixou isso perfeitamente claro com essa porra de serenata.

— A sua obsessão com a minha vida amorosa me dá arrepios, Cane.

— Não estou obcecado. Agora, responda a pergunta.

Aquelas conversas sem fim começavam a me cansar. Se lhe dissesse a verdade, possivelmente me livraria delas.

— Não é da sua conta, mas sim, eu disse que a amo. — As palavras tinham saído da minha boca e flutuariam para sempre no ar. Não podia voltar atrás, e nunca quis.

Um sorriso se estendeu lentamente pelo rosto de Cane.

— Que bom, homem. — Deu-me umas palmadinhas no ombro.

— Podemos parar de falar nisso?

— Claro. É só que estou feliz que tenha deixado de se comportar como uma marica.

— Eu? — perguntei com incredulidade. — Você é o que não deixou de me cutucar.

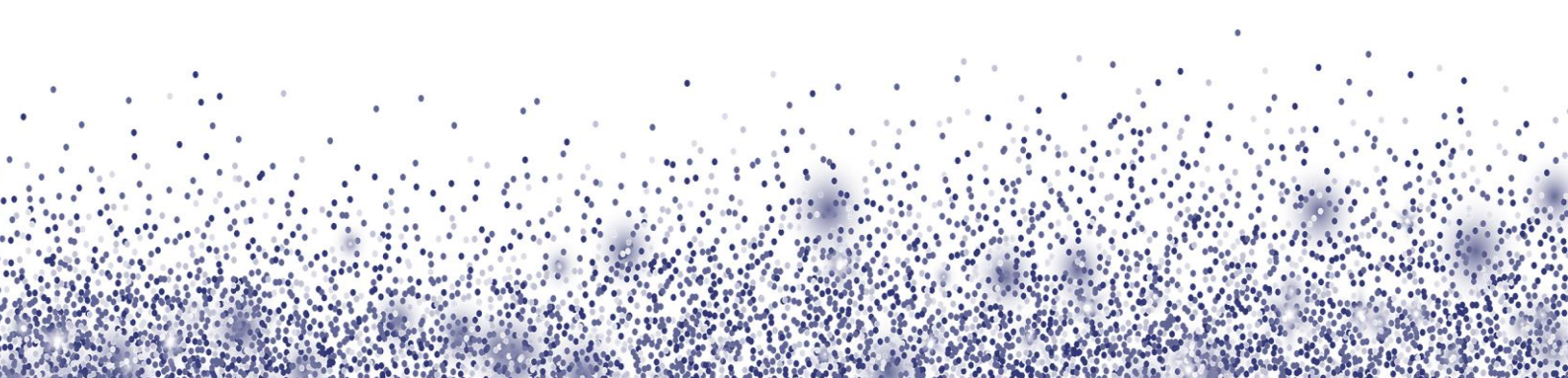
— Eu só quero o melhor para você. E eu acho que é ela. Estou convencido de que Vanessa teria adorado-a.

A menção a minha irmã voltou a me deixar triste. Sim, Button teria encantado-a. Teria encantado a toda minha família.

— Sinto muito que você se incomode que me intrometa. Mas mamãe já não está aqui, nem tampouco Vanessa, assim alguém tem que fazê-lo. — deu de ombros. — Sou o único parente que te resta, por isso tem de ser eu. Um dia, quando encontrar a mulher certa, você terá a minha permissão para me atormentar o quanto quiser e se certificar de que eu não faça asneira.

Por fim sorri, e não me custou fazê-lo.

— Combinado.



CAPÍTULO 19

PEARL

Crow chegou em casa na hora de sempre. Entrou no quarto usando o mesmo terno imaculado que usava pela manhã, com um aspecto tão delicioso como o de qualquer outro dia de sua vida. Só de vê-lo, qualquer mulher se excitaria.

Parou quando me viu na beira da cama. Estava de pé, vestida com lingerie preta, um modelo que valorizava minha cintura e apertava meus seios, e meias calças pretas combinando com uma tanga preta de renda.

Seus olhos adquiriram de imediato a mesma cor que minha roupa íntima. Então se fixou nas algemas que tinha penduradas das pontas dos dedos. Incapaz de esconder sua excitação, engoliu para desfazer o nó que tinha na garganta.

Depois de uma pausa, ele puxou a gravata, deixando-a cair no chão. Despiu-se rapidamente enquanto se aproximava de mim, conseguindo desprender-se de toda a roupa antes de ficar ao meu lado, uma mistura de homem e Deus. Seu corpo era um conglomerado de músculos e seus olhos refletiam os escuros desejos de seu coração. Tinha o pênis duro como uma pedra e preparado para entrar em mim num piscar de olhos.

— De joelhos. — Tomou imediatamente as rédeas da situação, tornando-se dominante e possessivo. Ultimamente só tínhamos feito amor com doçura e sensualidade. Mas a necessidade de uma relação brusca tinha retornado imediatamente ao seu corpo.

— Não.

Seus olhos se fecharam diante do desafio.

— Você não está entendendo. — Coloquei as mãos no peito dele e o guiei até a cama. Quando teve o colchão atrás dos joelhos, dei-lhe um empurrão contra a cama e subi sobre ele. — Sente-se. — Segurei as algemas em cima, pronta para acorrentá-lo à cabeceira.

Compreender por fim o que estava acontecendo realmente só aumentou seu desejo. A única coisa que o excitava mais do que controlar-me era ter uma mulher suficientemente poderosa para controlá-lo. Fez o que lhe pedia e apoiou as costas na cabeceira, sem afastar de mim seu olhar nem um segundo.

Passei suas mãos entre as grades e pus as algemas.

Ele se inclinou imediatamente para frente e beijou meu pescoço, movendo sedutoramente a língua sobre minha pele. Sua ereção repousava sobre seu estômago, e a pressionava contra mim em expectativa.

Eu me afastei de seu colo e fiquei de pé junto à cama, brincando lentamente com minha calcinha. Tocava suavemente, sentindo a renda sob as sensíveis pontas dos dedos.

Crow me observava, com os olhos cravados em cada movimento de meus dedos.

Baixei a tanga devagar, passando por minhas longas pernas, e depois afastei-a com um pontapé.

Seus olhos se deslocaram instantaneamente até minha virilha o deixando desesperado.

Eu me pendurei em seus quadris, encostando minhas dobras em seu membro. Lentamente, comecei a me mover para frente e para trás, estendendo minha lubrificação sobre seu pau.

Ele puxou as algemas numa tentativa de me agarrar, esquecendo que estava acorrentado. Um leve rosnado escapou de seus lábios pela frustração.

Havia súplica em seu tom, uma indicação de seu desespero para estar dentro de mim.

Agarrei seus ombros e me pus em cima dele.

— Você me deseja?

— Sim.

— Diga-me o quanto.

Ele esticou o pescoço e beijou-me no canto da boca.

— Quero transar com você.

— Diga o meu nome.

Falou contra minha boca, o peito agitado pela ansiedade.

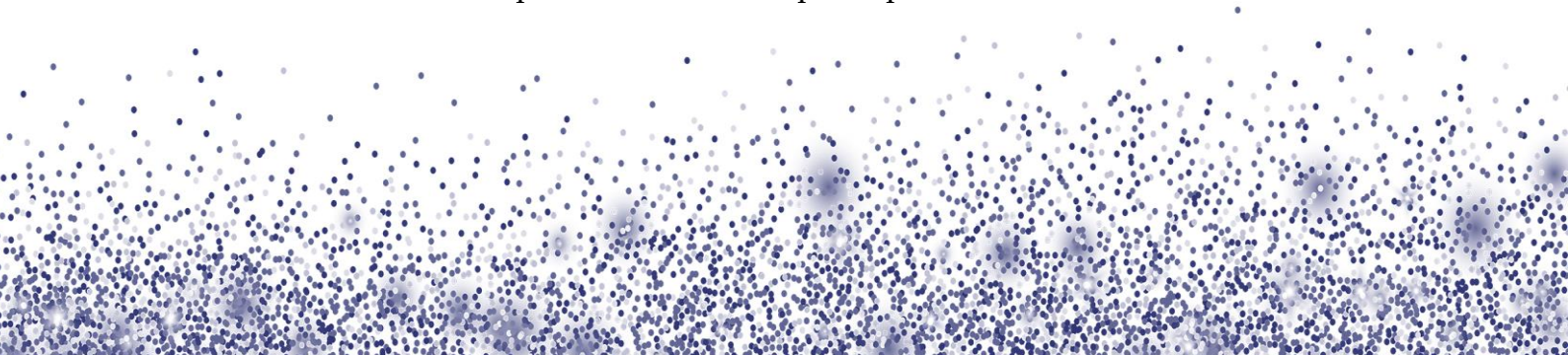
— Quero transar com você, Button.

Esfreguei-me em cima de seu pênis e deslizando até aos testículos.

— Porra. — Crow puxou as correntes, tentando se libertar.

Com seus ombros como um ponto de apoio, comecei a subir e descer sobre ele. Seu pau era tão grosso e tão grande que me sentia tentada a ceder a meu desejo naquele instante. O sexo com Crow era diferente de qualquer outra coisa que eu tinha conhecido. Ele era apaixonado, abrasador e delicioso, tudo ao mesmo tempo.

— Solte-me. — puxou as correntes quase quebrando a cabeceira.



— Não. — Passei os braços por seu pescoço e renovei a intensidade das minhas investidas. Introduzia-o por completo dentro de mim antes de subir até que só ficava a ponta em meu interior. Depois voltando a descer, aceitando-o inteiro mais uma vez.

Beijei-o, sugando seu lábio inferior para dentro da minha boca. Dei-lhe uma dentada porque sabia que ele adorava a agressividade. Não tirei sangue, mas causei-lhe dor.

Ele respirou contra minha boca, tentando combater o prazer que começava a se formar no fundo dos testículos. Ele tinha gozado tantas vezes dentro de mim que eu sabia exatamente o que ele estava sentindo. Meti a mão entre minhas pernas e esfreguei agressivamente o clitóris, desejando lhe oferecer um espetáculo que não esqueceria nunca.

Ele não deixou de me olhar nem um instante, com os olhos mais sombrios que o submundo. Puxando suas correntes, embora soubesse que era inútil. Seu quadril acompanhava meus movimentos, e o seu pescoço ficou rígido da tensão.

— Deus, eu vou gozar. — Esfreguei meu clitóris mais intensamente e o conduzi mais fundo dentro de mim. O prazer começava a se acumular e se aproximar rapidamente. Eu já sabia que seria cegador e poderoso. Me fragmentaria em mil pedaços e nunca poderia me recompor.

— Você é linda.

Senti a explosão entre as minhas pernas e, imediatamente, me vi transportada para as estrelas. Enfiei minhas unhas em seus ombros e gritei. Seu nome escapou incontáveis vezes da minha garganta, me deixando de boca seca.

Continuei a aceitá-lo profundamente dentro de mim, passando as mãos por seu peito. Senti o suor sob as pontas dos dedos e seus músculos se esticarem. O orgasmo me derrubou, arrebatando toda a energia do meu corpo.

Ver o prazer em meu rosto o excitou ainda mais.

— Me esbofetei.

Apertei-me contra seu pênis, pressionando-o contra as minhas paredes para que pudesse sentir cada centímetro de mim.

— Me esbofetei, Button.

Eu bati-lhe suavemente com a palma da mão.

— Mais forte.

Voltei a fazê-lo, provocando um estalo contra a sua pele.

— Outra vez.

Desta vez, bati-lhe com toda a força que pude, virando seu rosto com o golpe.

Por fim, rosnou com os olhos fechados e o prazer refletido por todo seu rosto.

— Outra vez.

Voltei a bater fazendo seu rosto se virar com o impacto, deixando sua bochecha vermelha. Apertou a mandíbula e abriu os olhos, com a satisfação nadando neles.

— Mais uma vez.

Voltei a fazê-lo, batendo-lhe com mais força.

— Caralho! — Ele exclamou debaixo de mim, me enchendo com seu esperma. O calor espalhou-se entre as minhas pernas enquanto sentia o peso do seu gozo nas minhas profundezas.

Ele levou quase um minuto para atravessar o prazer e voltar ao mundo real. Tinha a bochecha vermelha pela série de bofetões que tinha lhe dado, e parecia mais satisfeito do que nunca.

— Você me completa.

Esperava que me dissesse alguma coisa sórdida ou que me mandasse soltá-lo, mas essas suas palavras me pegaram desprevenida. A sinceridade era evidente em sua voz, e me pareceu tão doce como quando disse que me amava.

— E você a mim.

— Solte-me! — as lágrimas escorriam pelo meu rosto enquanto tentava agarrar-me ao tapete. Enterrei as unhas nas fibras para que não pudesse me arrastar pelo sono. Agarrava-me ao que podia para tentar me salvar.

Bones puxou minha perna com tanta força que quase a quebrou.

— Cale a boca, escrava.

— Pare! — dei-lhe um chute o mais forte que pude. Eu me recusava a ser escravizada por aquele lunático de novo. Minha vida não seria nada mais que dor e tortura. — Por favor, deixe-me ir.

— Button. — Mãos fortes me sacudiram com violência. — Button, estou aqui.

A voz penetrou em meus ouvidos e me confortou. Do nada, Crow apareceu pelo corredor. Agarrou-me com ambas as mãos e puxou-me, afastando-me do aperto do meu captor. Mas eu não podia deixar de chorar. Não conseguia dissipar o meu terror.

— Button, acorde. — Mais um puxão, e o sonho se desfez.

Levantei da cama e me agarrei aos lençóis. Meus olhos se arregalaram, sem conseguir distinguir mais do que a penumbra do quarto de Crow. Respirava agitadamente e não importava quão profundo tentasse inspirar, não conseguia absorver oxigênio suficiente. Tinha o corpo encharcado em suor e o rosto banhado de lágrimas.

— Button. — A voz suave de Crow surgiu junto a mim. — Era só um pesadelo. Já passou. Você está aqui comigo e está a salvo. — Não me tocou, mantendo distância entre ambos. Tinha as mãos de lado e um desejo de me tocar nos olhos. — Você está segura comigo.

As lágrimas ainda ardiam nos meus olhos e continuava tremendo. Os pesadelos me assaltavam de vez em quando, mas normalmente desapareciam quando dormia com Crow. Tinha sido inesperado, e isso tinha me deixado mais aterrorizada. Os soluços estalavam e eu tentava controlá-los antes que piorassem.

— Você está salva. — Crow repetia aquelas palavras para me devolver à realidade. Em vez de me dizer que me calasse e me controlasse, era paciente comigo. Antes me proibia de chorar, mas agora minhas lágrimas lhe provocavam preocupação, em vez de irritação. — Nunca mais deixarei ninguém te machucar, Button. Tem minha palavra.

Finalmente reuni a força necessária para falar.

— Eu sei.

Aproximou-se mais de mim e me abraçou pela cintura. Seu contato era cálido, não frio e rude como o de Bones. Crow colou o rosto dele no meu e depois passou os dedos pelo meu cabelo para me tranquilizar.

— Você pode me dizer.

A última coisa que queria era me lembrar do pesadelo. Queria que ele desaparecesse da minha mente, onde não pudesse revivê-lo. Desejava que desaparecesse como se nunca tivesse acontecido.

— Não. — O sonho havia sido doloroso o suficiente para mim. Crow iria sofrer ainda mais.

— Agora você está aqui, comigo. Lembre-se disso. — Ele colocou as mãos na minha nuca e beijou o canto dos meus lábios. — Ele não te machucará enquanto eu estiver vivo. Você me entende?

Assenti.

— Você está me entendendo?

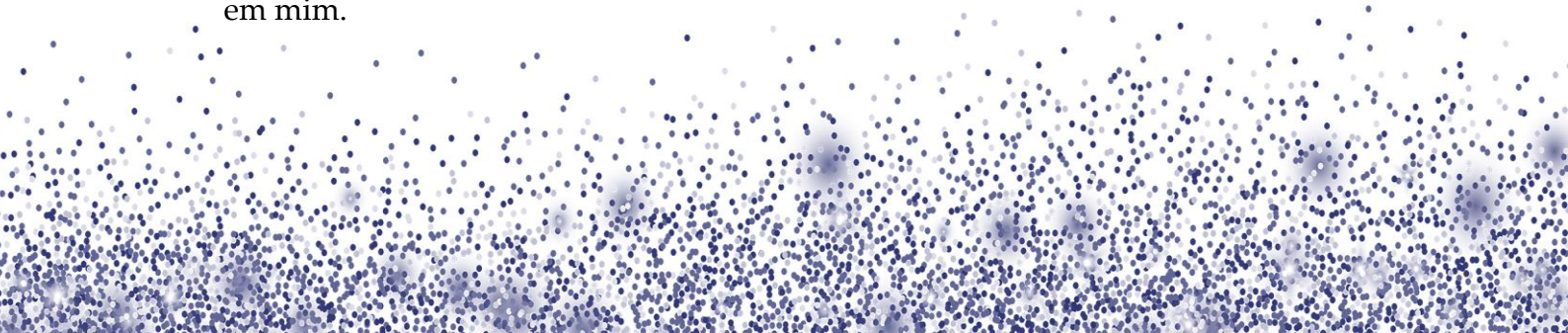
Limpei a garganta e engoli as lágrimas.

— Sim.

— Da próxima vez que tiver um sonho ruim, faça uma contagem regressiva. Quando terminar, acorde.

Olhei-o nos olhos em silêncio, pedindo-lhe que se explicasse sem palavras.

— Eu costumava ter pesadelos. — Sussurrou. — Fazer isso me ajudou. Confie em mim.



— Sobre o que são seus pesadelos? — Eu não deveria ter perguntado, mas fiz. Estava totalmente fora de mim. Uma parte do meu espírito seguia entre as garras de Bones.

Crow massageou minha nuca com as pontas dos dedos.

— Sobre a Vanessa. Meus pais. Os homens que eu matei. As coisas que eu vi. Basicamente, tudo o que eu tenho testemunhado ao longo da minha vida.

— Desculpe. — Meus pesadelos eram insuportáveis, mas não podia começar a imaginar quão terríveis seriam os dele.

— Não faz mal. Tenho-os com menos frequência agora.

— Por quê?

— Eles estão espaçados desde que você entrou na minha vida.

Meu olhar se enterneceu, e finalmente parei de pensar no meu pesadelo.

— Eles vão desaparecer, Button. Dê-se tempo e eles irão embora. Até lá, conte. Sempre funciona.

— Está bem.

— Você se sentiria melhor se déssemos uma volta?

— Agora? Mas está de noite.

— O sol não tardará a aparecer. Podemos desfrutar juntos vendo o amanhecer.

Sua cama era quente e confortável, as paredes da sua casa nos mantinham em segurança, mas nada que mais me agradaria do que passearmos de mãos dadas enquanto o sol dava as boas-vindas a um novo dia.

— Isso soa muito bom.

— Olá, pombinha. — Cane caminhou até mim.

— Olá, cara de cu.

Ele sorriu ao ouvir o insulto, como se acabasse de lhe fazer um elogio.

Apesar do que ele tinha me feito, não o odiava. De alguma forma, perdoei seu comportamento, e de fato gostava dele. Era a única família que Crow tinha no mundo, por isso era impossível não gostar dele. Se Crow precisasse alguma vez de ajuda, Cane estaria ali imediatamente. Aquele era o tipo de lealdade que não se podia comprar.

Levantei a vista para a parte superior das escadas, esperando que Crow aparecesse. Ele e Cane tinham assuntos de trabalho para tratar naquela tarde.

— Esta é a hora em que digo: eu avisei.

Cruzei os braços diante do peito e o fulminei com o olhar.

— Não negue. — Ele espetou meu braço com um dedo. — Eu estava certo. Você estava errada.

— Sobre o quê?

— Não se faça de boba comigo. Eu disse que ele estava apaixonado por você.

— Bem, e eu acreditei em você. Lembra-se? Confessei a ele como me sentia e ele me deixou sozinha. Então, não, você não me avisou nada.

Cane revirou os olhos.

— Crow estava se fazendo de idiota. Isso não conta.

— Sim, isso conta. — Eu voltei para os Estados Unidos, e fiquei sozinha por vários meses.

— Bom, mas Crow acabou por tirar a cabeça do cu e se declarou. No final, todos ficaram contentes.

Aquela era a única parte da conversa com a qual não podia discordar.

— O que vão fazer hoje?

— Vamos nos encontrar com um grupo de soldados gregos rebeldes. Para obter informações sobre Bones, temos de aumentar o perímetro e colocar mais pessoas na operação. Crow e eu temos que abandonar temporariamente os nossos negócios para nos concentrarmos nisto.

Senti-me aliviada ao ouvir aquilo. Talvez quando Bones estivesse morto eu deixaria de ter aqueles pesadelos. Talvez eu possa superar tudo e deixar o passado para trás.

— Tenho certeza que vamos encontrá-lo.

— Sem dúvida. Quando meu irmão mete algo na cabeça, sempre consegue, em especial se for algo que tiver a ver com você. — Cane deu uma olhada no topo das escadas à procura de seu irmão. — Hoje estamos atrasados, não?

— É possível que tenhamos nos distraído...

Sorriu e me deu um empurrãozinho no lado.

— Diga-me que você tem uma irmã, por favor.

— Não. E se tivesse, não permitiria que ela se aproximasse de você.

Ele riu e se afastou.

— Provavelmente é o melhor. Pelo menos você fisgou um irmão. — disse com um piscar de olhos.

Crow e eu nunca falamos em casar. Da última vez que falei nisso, ele disse que era algo que estava fora de questão, e eu concordei. Tinha confessado que me amava e que queria que vivesse com ele. Mas eu sabia que aquele era o ponto de maior compromisso que nossa relação alcançaria. Talvez não fosse tudo o que eu quisesse, mas eu já estava conformada.

— Você está falando sério? — perguntou arqueando uma sobrancelha. — Meu irmão está apaixonado por você, caso não tenha notado.

— E eu por ele. Mas não é dos que se casam.

— Pois eu não estou tão seguro...

— Acho que o conheço um pouco melhor que você.

Sorriu de orelha a orelha, soltando uma risada.

— O que você disser, querida.

Crow desceu as escadas com um terno preto como a meia-noite e uma camisa de colarinho branco. Naquele dia, tinha se decidido por uma gravata roxa escura. Sempre escolhia cores que acentuavam seu exterior escuro e destacavam seu intenso olhar. Ele ajustou os botões de punho antes de chegar perto de nós.

— Está pronto para ir?

Cane virou-se e começou a caminhar até à porta, dando-nos alguma privacidade.

— Te vejo quando voltar. — Crow passou seu braço pela minha cintura e me deu um suave beijo nos lábios.

— Certo. Vou fazer macarrão com queijo para o jantar.

Levantou o canto dos lábios num sorriso.

— Vou me certificar que Lars prepare mais alguma coisa.

Dei uma palmada em seu braço.

— Não reclame do macarrão com queijo até que tenha provado.

Dei-lhe outra palmada.

— Pare de se meter comigo.

Passou o braço pela minha cintura e me atraiu contra seu peito. Sua voz se tornou repentinamente séria.

— Eu me meto contigo o quanto quiser, porque você é minha e posso fazer o que quiser. — Deu-me um grande beijo na boca, quase me ferindo os lábios antes de se afastar abruptamente e ir embora. Seus ombros poderosos se moviam enquanto se dirigia para a porta, onde seu irmão o esperava. Até a bunda dele ficava bem naquelas calças.

Sentindo calor e falta de ar, comecei a contar os minutos até seu retorno.

Mais tarde, estávamos junto na cozinha. Eu removendo o conteúdo da panela e Crow encostado no balcão atrás de mim, com os braços cruzados no peito.

— Talvez não devesse ter dado ao Lars a noite de folga.

— Cale-se, certo. Está gostoso.

— Nem sei onde você encontrou esses ingredientes.

— Lars tem seus métodos. — Uma vez derretido o queijo ralado e a manteiga, derramei o conteúdo da panela em duas tigelas.

Crow deu uma olhada, mesmo sem apetite.

— Qualquer coisa que leve queijo em pó não pode ser comestível.

— Pare de agir como um idiota pretensioso.

Seus olhos se estreitaram imediatamente.

— Do que você me chamou?

— Você me ouviu. — Eu deixei cair um garfo no meu prato e fiz o mesmo com o dele. — Agora, limpe sua mente e dê uma chance.

Deu uma olhada na tigela sem tocá-la.

— Como é que você tem coragem de comer esta merda?

— Foda-se, Crow. Experimente, já. — Aproximei o prato ao peito e comecei a comer. O delicioso sabor de queijo era uma maravilha. A comida gourmet italiana que me cozinhavam todos os dias estava incrível, mas às vezes, a comida de plástico era justamente o que precisava.

Ele suspirou antes de pegar o prato. Hesitantemente, pegou alguns macarrões com o garfo e os levou aos lábios. Hesitou um instante, temendo o sabor da comida, ou o pouco que gostaria de admitir que tinha razão.

— Vamos. Ou tenho de te alimentar?

— Poderíamos esfregar no seu corpo. Então com certeza eu os comeria.

Por mais apetitoso que aquilo soasse, não queria ter queijo processado e pegajoso por todo o corpo.

— Quanto mais cedo você fizer isso, mais cedo vai terminar. O que acontece é que você está com medo de gostar.

— Acredita, não vou gostar desta merda.

— Eu não sabia se ia gostar da autêntica comida italiana, mas, mesmo assim, provei-a.

Ele revirou os olhos.

— Todo mundo gosta de comida italiana. A massa reina soberana.

Apontei seu prato com a cabeça.

— E o que acha que tem aí dentro?

Olhou-me nos olhos sem pestanejar.

— Um monte de merda.

Deixei o prato na ilha da cozinha que nos separava e pus as mãos nos quadris. O meu monstinho apareceu, mostrando presas e garras.

— Dê uma mordida nisso.

— Ou se não, o quê?

— Nada de bom resultará disso.

Crow tentou esconder um sorriso e por fim deu uma mordida. Enfiou o macarrão na boca e mastigou lentamente antes de engolir com dramatismo. Com uma expressão inescrutável, tomou seu tempo antes de falar.

Deixou a tigela e olhou-me diretamente nos olhos.

— Um monte de merda.

Deixei cair ferozmente os punhos.

— Sério? Não minta. — Eu o persegui ao redor da ilha da cozinha, chicoteando-o com um pano. — Você gostou, e sabe disso.

Ele começou a correr para evitar a sacudida do pano. Enquanto o perseguiu, começou a rir. Eram raras as ocasiões em que o ouvia soltar uma risada vinda do fundo do peito. Tinha um sorriso contagioso. Por um momento, vislumbrei como deveria ter sido quando criança. Estava feliz e brincalhão.

— Button, eu te adoro, mas não gosto da sua comida.

— Farei com que se arrependa disso. — Persegui-o pela cozinha, ameaçando-o com o pano de prato chicoteando-o na bunda.

De repente, virou-se e agarrou-me pela nuca, me curvando sobre a bancada e levantando meu vestido, tudo com um só movimento. Tirou o pano das minhas mãos e bateu-o com ele na minha bunda.

Fiquei tensa enquanto a dor descia pelas minhas coxas e subia pelas costas. O açoite com o tecido foi forte o suficiente para me deixar marcada, mas o impacto da colisão fez que minha boceta se contraísse de desejo. Não tinha demonstrado agressividade desde que voltei da América, e sentia falta daquilo. Era simultaneamente satisfatório e aterrador.

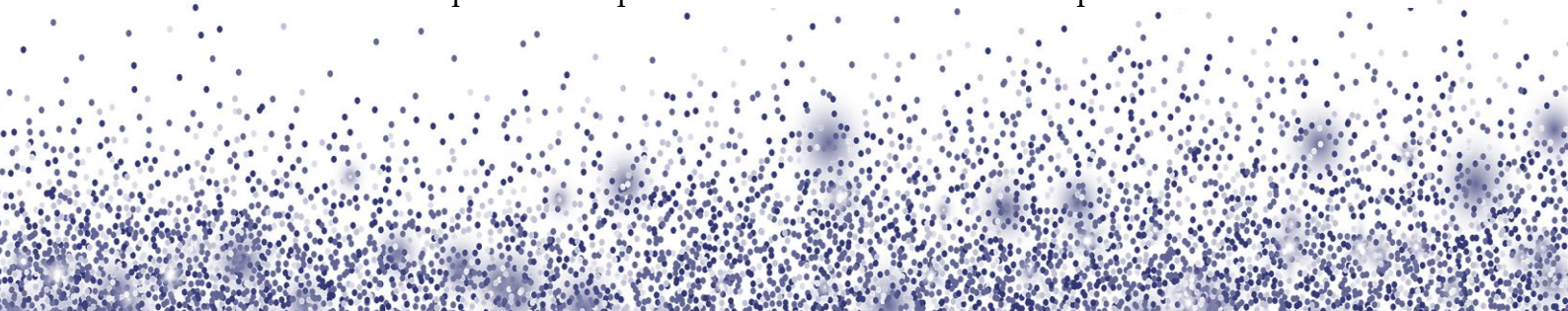
Crow apertou seu peito contra minhas costas e depois esfregou minha bunda com os seus longos dedos. Ouvia-o respirar contra a minha orelha, cada respiração ofegante evidenciava a sua excitação.

— Gostou do que fiz?

Não demorei a responder.

— Sim.

Ele me virou e me colocou no balcão. Com minhas pernas em torno de sua cintura, me puxou contra seu peito até que nossos rostos se tocassem. Suas mãos subiam e desciam por todo meu corpo, me tocando por toda parte como só ele saia fazer. Passaram pelos meus peitos sobre o sutiã e finalmente pararam na minha nuca.



Tocou meus lábios com os seus, provocando-me lentamente até que finalmente me beijou como eu desejava.

Passei meus braços por seu pescoço, sentindo sua boca mover-se contra a minha. Com uma intensidade controlada, beijava-me com lentidão. Seus lábios roçavam os meus com hábeis movimentos, sugando meu lábio inferior dentro de sua boca antes de soltá-lo. Era como um Deus em tudo que fazia com o meu corpo, mas seu beijo eu era capaz de me fazer queimar sem sequer usar a língua. Quando gemeu ligeiramente em minha boca, me molhei instantaneamente para ele. Por fim, ofereceu-me sua língua, esfregando-a contra a minha com mestria, fazendo meu coração se revolver selvagememente no peito.

Inesperadamente, afastou-se. Com os olhos escurecidos e profundos me contemplou sem pestanejar. Observou meus lábios, a extremidade de minha boca e depois meus olhos. Tomou-me o rosto com ambas as mãos e se inclinou sobre mim.

— Eu te amo.

Meu peito tremeu com a profunda inspiração que me queimou por dentro. Quando me disse aquelas palavras pela primeira vez, eu as tinha guardado como uma bênção. Não tinha repetido-as depois daquela noite, nem quando ia trabalhar pela manhã nem antes de dormir ao meu lado. Havia sido algo único, e eu desejava ter a oportunidade de voltar a escutar aquela confissão. Felizmente, ele a fez.

— Eu também te amo.

Quando acordei de manhã, já era tarde. O sol brilhava inusitadamente, penetrando cegamente minhas pálpebras e obrigando minha mente a aceitar o fato de que tinha começado um novo dia.

Assim que abri os olhos, fui inundada pelo sol quente e ofuscante. Os pássaros cantavam nas árvores lá fora, colhendo uvas dos vinhedos e desfrutando delas nos ramos. O barulho não me incomodou até que percebi que não deveria poder ouvi-lo.

Estendi a mão procurando Crow ao meu lado e me dei conta de que os lençóis estavam frios. Seu volumoso corpo não estava lá para me proteger de meus inimigos e de meus pesadelos.

— Crow? — Levantei-me e puxei os lençóis até o peito, passeando o olhar pelo quarto. Não notei nada fora do normal. O relógio e o celular não estavam no criado mudo, por isso, onde quer que estivesse, tinha-os levado.

Foi quando percebi que a janela estava aberta. As persianas estavam abertas e me deixavam ver o céu azul acima do horizonte. Eu costumava deixar a janela aberta no meu antigo quarto, mas não tinha esse costume no de Crow. Ele devia tê-la deixado aberta, só para mim.

Havia algo pequeno sobre o parapeito. Reluzia à luz do quarto, refletindo-a como um pedaço de metal. Debaixo havia uma folha de papel. A imagem me lembrou da primeira manhã em que eu tinha acordado naquele novo lugar. Ele tinha deixado um bilhete, ordenando-me que não fugisse.

Saí da cama e vesti o vestido que usei na noite anterior. O meu cabelo estava assanhado de ontem à noite, e passei seus tufos rapidamente para trás das orelhas para ver melhor. Aproximei-me da janela para ver melhor os tesouros que tinha me deixado.

Sobre o parapeito havia um anel. Feito de ouro reluzente, era fino e elegante. Em vez de ostentar um diamante, tinha um botão dourado com uma pérola no interior. Estava soldado firmemente no anel. Toquei-o com as pontas dos dedos, sentindo o calor do metal por ter estado ao sol toda a manhã. Então posei os olhos sobre o bilhete embaixo. Era uma nota escrita por Crow.

"Case-se comigo", dizia.

O meu coração parou dentro do peito ao ler aquelas duas simples palavras. Não era uma pergunta, mas uma exigência, e pude ouvir a voz de Crow em minha cabeça ao ler aquelas palavras maravilhosas. Meus olhos se moveram imediatamente para cobrir a vista da minha janela, e na pradaria cheia de flores estava Crow. Com um terno preto e gravata combinando, me contemplava com o intenso olhar que me dedicava sempre. Ele estava me observando todo aquele tempo, vendo como eu descobria o anel e o bilhete.

Sem perceber, comecei a chorar.

Crow olhou para mim e ajoelhou-se lentamente. Estava ajoelhado diante de mim, como já havia feito em outra ocasião. Era o tipo de homem que não cedia diante de ninguém, mas havia cedido diante a mim. Continuava me observando, com as costas perfeitamente retas e os olhos exigentes.

— Oh, meu Deus... — deslizei o anel no dedo e vi que cabia perfeitamente.

Saí correndo do quarto o mais rápido que pude, descendo as escadas enquanto me agarrava ao corrimão. Pareceu uma eternidade porque havia um longo caminho a percorrer. O meu coração batia a mil por hora e os meus pulmões funcionavam ao máximo da sua capacidade. Cheguei às portas traseiras e finalmente cheguei ao pátio. Corri pelo caminho e virei a esquina para chegar onde ele estava. O cabelo

voava pelas as minhas costas, e ao ver o sorriso em seu rosto, corri ainda mais depressa.

Saltei em seus braços e ele me segurou sem esforço. Encostei meu rosto no seu, com os olhos ainda cheios de lágrimas.

— Sim, claro que sim.

— Sim, o quê?

— Vou me casar com você.

Ele fechou a mão no meu cabelo e me olhou intensamente.

— Nunca te pedi isso, Button.



CAPÍTULO 20

CROW

Button estava deitada sobre meu peito, com o longo cabelo castanho emoldurando seu rosto. Tinha uma mão nas minhas costelas, e o anel que lhe encomendei reluzia nela como um monte de diamantes. Quando decidi dar aquele passo, soube imediatamente que um anel caríssimo feito com jóias da mais alta qualidade não era adequado para ela. Button merecia algo único, algo carregado de significado.

A única opção possível era um botão.

Depois de passar quase toda a tarde fazendo amor, pulando as refeições, estávamos absortos um no outro. Não dizíamos nada, porque nossos olhos se encarregavam de todo o diálogo. Quando fazíamos amor, em seus olhos brilhava o amor incondicional e a satisfação sexual. Quando me olhava, eu sabia que via um homem fortalecido pelo amor.

O casamento nunca tinha sido uma opção para mim. Eu nem sequer tinha desejado um relacionamento durante a maior parte da minha vida adulta. Mas então Button tinha aparecido e virado meu mundo de cabeça para baixo. Quando ela estava com outro homem, eu me afoguei em minha própria raiva. Quando os homens da Bones a levaram, fiquei mais furioso do que nunca. Button era diferente de todas as outras mulheres que tinham honrado minha cama.

Porque tinha sido a última.

Queria que ela fosse minha para sempre. Não só queria viver com ela e compartilhar minha casa. Queria que também lhe pertencesse. Adotaria meu sobrenome, e o mundo inteiro saberia que não éramos só duas pessoas apaixonadas: éramos marido e mulher.

Ela percorreu minhas costelas com os dedos e depois me beijou docemente sobre o coração.

— Quero voltar a fazer amor. — Subiu pelo meu peito, colocando seus peitos no lugar perfeito para que eu desfrutasse da vista. Seus ombros esculpidos e seus braços esbeltos a seguravam por cima de mim, e suas pernas lentamente rodearam meus quadris.

Por mais que desejasse, eu já tinha gozado quatro vezes em seu interior. Meu corpo necessitava de tempo para recuperar-se.

— Me dê uma hora.

Fez um beicinho e depois inclinou-se para me beijar.

Eu a abracei pela cintura e depois a fiz rolar sobre a cama. Me pus sobre ela até tê-la debaixo de mim. Seus lábios sorriam permanentemente, e seu cabelo estava espalhado pelo travesseiro.

— Button Barsetti. Eu gosto.

Seu sorriso se ampliou, com uma felicidade contagiosa.

— Esse não seria o meu nome legal.

— No que me diz respeito, seria.

— Pearl Barsetti. Soa igualmente bem.

Nunca a tinha chamado por aquele nome. Button era muito melhor, muito mais possessivo.

— As pessoas só te chamarão de Sra. Barsetti.

— Eu gosto. — Passou seus dedos pelo meu peito até chegar aos meus ombros.

— Não tinha me dado conta que casar era algo que queria.

Estive pensando nisso durante algum tempo, mas tentei rejeitá-lo desde o início. Minha mente continuava imaginando-a vivendo em minha casa até que fosse uma velhinha de cabelo branco. Às vezes estava grávida de mim e outras vezes brincando com os nossos filhos no quintal.

— E eu tão pouco.

— O que aconteceu com nunca se casar?

Esfreguei-lhe o nariz com o meu.

— Podia te fazer a mesma pergunta.

— Eu disse que nunca me casaria porque nunca confiaria em um homem. Mas em você confio, Crow.

Nunca me cansava de ver aquele amor e aquela devoção em seus olhos. Quanto mais me adorava, mais me apaixonava por ela.

— Só espero que saiba no que está se metendo.

Fiquei olhando-a, esperando uma explicação.

Ela massageou meus ombros com seus dedinhos.

— Vou fazer macarrão com queijo muitas vezes, por isso espero que aprenda a apreciá-lo.

Levantei o canto dos lábios num sorriso.

— Eu gosto de dormir até tarde, então você terá que se acostumar a não começar nos fins de semana ao amanhecer.

Meu sorriso só aumentou.

— Quero ver o mundo. E você vai me levar. — Passou os dedos pela minha nuca e os enterrou em meu cabelo. — Você poderá com tudo isso?

Beijei-a.

— Posso com tudo... até contigo.

— Bem. Parece que disse sim ao homem certo.

— Eu nunca te pedi isso, Button. Você não tinha escolha. Se tivesse dito não, eu a teria forçado a casar comigo de qualquer maneira. — Ela era uma parte de minha vida. Era uma parte de minha alma.

— Ambos sabemos que você sempre me dá escolha. — Passou as pernas pela minha cintura e me aproximou mais dela, desejando-me de novo em seu interior. Eu tinha tesão enquanto falávamos, e ela podia sentir minha ereção pressionando contra ela. Porém queria mais.

Eu queria me manter sempre dominante porque era a única vida que conhecia, mas Button me fazia coisas sobrenaturais. Acertava em todas as suposições que fazia. Me tinha comendo na sua mão, era seu por completo.

E ela sabia disso.

Lars bateu na porta do quarto.

— Excelência, Cane está aqui para vê-lo.

Button e eu estávamos deitados em um cobertor na frente da lareira. Nos deslocamos por todo o quarto e fazíamos amor em cada um dos móveis antes de tomarmos um descanso diante do fogo. Nossos corpos nus estavam envoltos um no outro enquanto nos olhávamos nos olhos. O botão de seu anel refletia a luz do fogo.

A última coisa que queria era ser incomodado.

— Diga-lhe que estou ocupado.

Lars não saiu da porta.

— Conhece seu irmão, Senhor. Ele ficará aqui até que encontre tempo.

Eu amava muito meu irmão, mas também o odiava ao mesmo tempo. Nunca ligava para avisar que vinha. Simplesmente o fazia, indo onde lhe dava a vontade.

— Vou sair num instante.

— Muito bem, Excelência. — Lars finalmente se afastou pelo corredor.

Button passou a mão no meu peito nu.

— Seja rápido. Sua noiva está esperando por você. — Seus olhos tinham um olhar maroto enquanto acariciava meu peito com as pontas dos dedos.

Beijei-a e enfiei-lhe o lábio inferior na boca, dando-lhe uma dentada antes de me afastar.

— Não vou fazer você esperar muito. Mas é melhor não começar sem mim. — Eu vesti um jeans que estava no chão e uma camiseta.

Ela subiu mais o cobertor sobre o ombro e se deitou sobre o travesseiro.

— Não posso te prometer nada.

Minha virilha se agitou sob as calças com a idéia dela tocando-se e esperando meu retorno. Naquele dia já havíamos feito uma quantidade inumerável de sexo, mas não conseguia me saciar. Meu membro estava a ponto de cair, mas aquilo não me detinha.

Saí do quarto e desci as escadas até a entrada. Cane estava sentado no sofá com um copo de uísque na mão. Os aperitivos que Lars tinha preparado estavam na mesa, juntamente com alguns porta-copos. Disse a Lars para não se incomodar com Cane, mas ele fazia-o da mesma maneira.

— O que você quer?

Cane terminou o conteúdo do copo antes de se levantar.

— Para um recém-noivo, você está muito rabugento.

— Perguntei o que você queria.

— Como foi?

— Como foi o quê? — perguntei.

— Eh... O pedido? De que outra coisa poderia estar falando?

Cane era tão intrometido que poderia facilmente se passar por nossa mãe.

— Disse que sim, obviamente. Por que outra razão estaria lá em cima celebrando com sexo todo o dia?

— Então, gostou do anel?

— Ela adorou. — Sentei-me no sofá e apoiei o tornozelo no joelho oposto.

Cane sentou na minha frente.

— Quer saber uma coisa engraçada?

— Não. Só queria que você fosse embora.

— No dia em que fomos buscar o anel, ela disse-me que vocês nunca se casariam.

Levantei as duas sobrancelhas.

— Você está falando sério?

— Bom, disse que você não era do tipo que se casava. Tive que me conter para não rir dela no seu rosto.

— Pelo menos apanhei-a de surpresa.

— Bem. — Ele esfregou as palmas das mãos uma na dos outra. — Quando é o casamento?

— Não tenho certeza. Nós ainda não falamos sobre isso. Provavelmente vamos comemorar nos vinhedos ou algo assim. Algo simples.

— Eu serei o padrinho, certo?

Nem em seus sonhos.

— Não vamos fazer muito. Só assinaremos a papelada e depois iremos ter uma boa lua de mel.

— Você não está esquecendo de nada?

Se ele pensava que viria conosco, estava enganado.

— E o Bones? Pegá-lo não é a nossa prioridade?

— Sim, mas só vou ter uma lua de mel na minha vida, Cane. Você pode continuar trabalhando enquanto estou fora.

— Mas não fique muito tempo fora. A última coisa que você quer é que alguém te veja no exterior e diga a Bones. Você estará sozinho e vulnerável.

— Provavelmente vamos ficar dentro do quarto o dia todo, de qualquer forma.

— Button e eu preferimos explorar um ao outro do que explorar os arredores.

Cane piscou para mim.

— Eu te entendo, cara.

Levantei-me outra vez, dando por terminada a conversa.

— Se já acabamos, esperam-me num outro lugar.

— Eu aposto que sim.

Enquanto rodeava o sofá atrás dele, dei-lhe um murro.

— Aí. — Inclinou-se para frente, esfregando a cabeça. — Por que diabos você fez isso?

— É a minha forma educada de te pedir para sair.

Seus gritos ecoavam no ar enquanto eu tinha o rosto entre suas pernas. Beijava seu clitóris, chupando-o vigorosamente até ela gritar novamente meu nome. Ela tinha a boceta mais doce do mundo e o aroma mais inebriante. Eu poderia passar o dia todo comendo-a. Durante o resto da minha vida.

Quando terminei, levantei-me e inclinei-me sobre ela. Suas bochechas estavam rosadas e quentes, e parecia totalmente satisfeita até aquele momento. Não importava quantas vezes lhe desse prazer, ela sempre queria mais. Mas talvez eu tivesse alcançado seu limite naquela noite.

— Quer se casar comigo amanhã?

Ela ficou paralisada com a pergunta, os olhos arregalados de surpresa.

— O quê?

— Você e eu, lá fora nos vinhedos. Posso fazer que venha um padre do povoado ao lado e nos case.

Ela realmente se levantou, apoiando-se nos cotovelos. A satisfação se dissipou lentamente e desapareceu de suas bochechas, enquanto ela me encarava.

— Por que esperar? — Nós nunca falamos sobre isso, mas eu assumi que não íamos ter um casamento tradicional, com convidados e um banquete. Achei que seríamos só nós dois, com Lars e Cane. Algo simples.

— Mas não tenho um vestido.

— Vou te levar para Roma.

— Mas você não pode ver o vestido. Talvez os italianos façam de maneira diferente, mas nos Estados Unidos dá azar.

— Mas você não está nos Estados Unidos. — Eu a lembrei. — E eu não vou entrar na loja com você. Vou ficar de guarda lá fora. Sinto-me mais confortável em ir contigo do que deixar que outra pessoa se certifique de que você esteja bem.

— Oh, meu Deus...

— O que aconteceu?

— Vamos nos casar amanhã. — Ela se sentou e agarrou meus cotovelos. — Não posso acreditar.

Uma parte de mim tampouco podia acreditar. Mas quando a olhava, tudo fazia sentido.

— Então é melhor irmos. Tenho que comprar muitas coisas. — Pulou da cama e vestiu as calças jeans e a primeira camiseta que encontrou no chão. — Nem tenho certeza do que quero. Sem alças, mangas compridas... não sei.

Sorri ao vê-la. Observar sua emoção com nosso casamento só fazia que me apetecesse mais.

— Então, vamos.

— Nervoso? — Cane estava ao meu lado, vestindo um terno preto. Tinha um sorriso impossível de apagar no rosto e um olhar de cumplicidade nos olhos.

— Não. — Eu nunca ficava nervoso.

— Posso ter um momento para dizer que eu estava certo? — cruzou os braços e olhou para mim.

— Tem razão em quê?

— Sobre Pearl. Você a amava, e eu sabia disso.

Não era a conversa ideal para o dia do meu casamento.

— Cane?

— Hum?

— Cale a boca.

Ele sorriu e revirou os olhos ao mesmo tempo.

— Já que hoje é seu dia, vou deixar passar.

Olhei para as portas de cedro e esperei que Button saísse. Havia uma harpista de um lado para tocar a canção tradicional italiana de casamentos, e o padre estava do outro lado. Fui criado como católico, e minha mãe se reviraria em seu túmulo se não me casasse com um padre italiano.

Lars me arrumou a gravata pela quinta vez, embora estivesse tudo perfeitamente no lugar.

— Posso dizer uma coisa, Excelência?

— Com certeza.

— Estou muito feliz pelos dois. Pearl é encantadora e sei que a vida de ambos juntos será preciosa. Tenho a honra de testemunhar este dia. — Lars não costumava ter conversas pessoais comigo. A única maneira de demonstrar suas emoções era sua minuciosidade na hora de cuidar da casa. Mas ele sabia que fazia parte da família Barsetti.

— Obrigado. Isso significa muito para mim.

Lars acenou antes de sair.

Cane continuou a olhar fixamente para a porta.

— Porque ela está demorando tanto?

— Ela vai se casar comigo, por isso pode demorar o tempo que quiser. — Eu a esperaria uma vida inteira.

— Estou apenas falando. — Ele se inclinou para mim e baixou a voz. — Eu já a vi na casa. Digamos que... tem uma aparência bastante incrível.

— Que surpresa. — Como se Button pudesse ter qualquer aspecto que não fosse impressionante a qualquer momento.

A harpista começou a tocar e eu soube que aquele era meu sinal para fechar a boca. As portas de madeira se abriram e ela apareceu com um vestido longo de cor marfim. Segurava um ramo de flores silvestres na mão, colhida dos meus jardins, e um belo véu de renda e botões preso ao penteado.

Assim que surgiu, prendeu seus olhos nos meus, e aquele mesmo olhar de amor eterno estava neles. Caminhava lentamente com a música, tomando seu tempo, embora estivesse ansiosa por chegar até mim o mais rápido possível.

A cauda do vestido arrastava pelo chão, emitindo um sussurro enquanto avançava. A maquiagem que usava era diferente, mas não excessiva, como pensei que poderia ser. Tão perfeita como a primeira vez que a vi, parecia uma miragem.

E era toda minha.

Chegou até mim e estendeu as flores a Cane sem olhá-lo. Seus olhos estavam fixos em mim, e em seus lábios havia um sorriso doce.

— Você está linda. — Apertei a mão dela e a conduzi até o padre. Sua mão ardia dentro da minha, demonstrando seu nervosismo pela primeira vez. Estávamos um ao lado do outro e prosseguimos com a cerimônia do nosso casamento. Quando chegou o momento dos anéis, pus-lhe a simples aliança de ouro junto ao anel que já usava. O botão de cima tirava o protagonismo da aliança, e a combinação ficava perfeita.

Então ela pegou meu anel de Cane e enfiou no meu dedo. Era a primeira vez que o via e sentia curiosidade por saber o que tinha escolhido para mim. A aliança era fina e de cor preta, mas ao examiná-la mais de perto, vi orifícios que pareciam idênticos aos dos botões. Então percebi que a aliança tinha sido formada combinando com os botões, fundindo-os e forjando-os juntos para formar o anel que agora usava.

Meus olhos buscaram imediatamente os seus, e me senti profundamente comovido.

Ela tinha lágrimas nos olhos, mas não as enxugou. Em vez disso, respirou fundo para evitar que suas emoções se descontrolassem.

Durante toda a minha vida, nunca me imaginei usando um anel, especialmente uma aliança de casamento. Mas agora que o tinha posto no dedo, não queria tirá-lo. Era uma parte integrante de mim, algo que me faltava até então. Não só representava meu casamento e meu compromisso com aquela mulher. Representava mais que isso. Tinha empreendido uma viagem emocional no instante em que ela tinha entrado em minha vida, para demonstrar-me que eu era um homem muito melhor do que me permitia pensar.

Button sabia que eu a adorava só de olhar para mim.

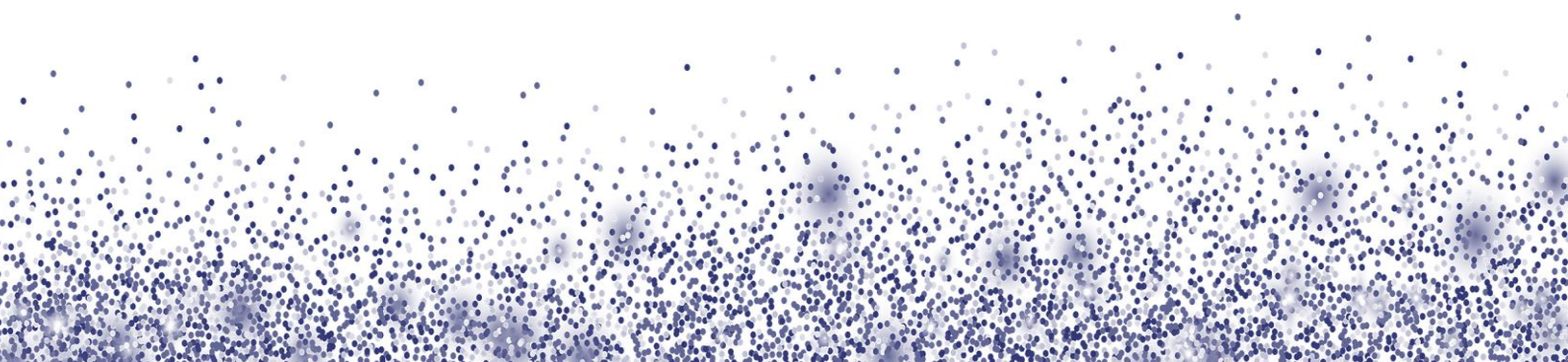
A cerimônia foi realizada em italiano, mas Button foi capaz de entender a maioria. Quando chegou a sua vez de concluir a troca, disse “Sim, eu aceito” em italiano, tal como eu. A cerimônia foi rápida e terminou em um piscar de olhos. Finalmente a melhor parte tinha chegado.

Beijar a noiva

Button sorriu esperando o primeiro beijo que compartilharíamos como marido e mulher. Tinha aquele olhar de cumplicidade, como se soubesse o quanto desejava beijá-la, provavelmente mais que ela a mim.

Eu a aproximei de mim e coloquei as mãos em seu rosto. Como tinha feito centenas de vezes, eu a beijei. Mas desta vez foi diferente. Disse àquela mulher que a amava sem ter que me expressar com palavras. Disse-lhe que não seria nada sem ela

e que era a coisa mais importante do mundo para mim. Jurei-lhe a minha lealdade e a minha vida, eternamente.



CAPÍTULO 21

PEARL

Chegamos a Miconos e nos registramos no hotel. Ficava numa extremidade da ilha, com vista dos belos edifícios brancos de telhado azul que tinha visto incontáveis vezes em fotografias e filmes.

O voo tinha sido curto, mas até agora, aquela viagem não tinha parecido romântica. Cinco guarda-costas nos seguiam por toda parte, carregando armas escondidas nos pesados casacos.

Entramos no nosso quarto e finalmente ficamos sós.

— É realmente necessário que nos sigam por toda parte?

Crow deixou nossas malas de lado e me segurou pela cintura.

— Apenas ignore-os, Button.

— Mas você não acha que estão chamando mais atenção para nós do que se estivéssemos aqui sozinhos?

Encostou sua testa na minha, um contato delicado que me queimava.

— Se eu estivesse sozinho, me arriscaria. Mas contigo, não posso me permitir correr riscos. — Beijou-me a têmpora antes de se afastar. — Gostou do quarto?

Eu me sobressaltei perante o ridículo da pergunta.

Ele virou-se e olhou para mim com a sobrancelha levantada.

— Crow, o quarto é lindo. É como um maldito palácio. E este lugar é maravilhoso. Eu só queria que estivéssemos sozinhos.

— Sinto muito, Button. — Abriu as portas traseiras para permitir que a brisa marítima entrasse no quarto. — Até que Bones esteja morto, tem de ser assim. — Saiu para a grande varanda e contemplou as águas do mar. Havia iates e veleiros espalhados pela costa e o sol tocava os telhados dos edifícios no ângulo perfeito para que sua luz se refletisse no mar aberto.

Eu me aproximei dele e contemplei a beleza da Grécia.

— Isto aqui é muito bonito.

— Que bom que gostou.

— Já estive aqui antes?

— Estive no continente, mas não nesta ilha.

— Então é a primeira vez para nós dois.

— Sim. — Passou um braço por minha cintura e me aproximou mais dele. — A primeira de muitas. — Roçou os lábios na minha têmpora antes de me dar um aperto

na cintura. — O que você gostaria de fazer primeiro? Existem muitas lojas pequenas pela cidade que você gostará. Ou podemos ir à praia e enterrar os pés na areia.

Eu queria passear, mas havia algo que desejava mais

— O que você acha de ficar aqui esta noite? — apoiei as mãos no peito dele, olhando seus olhos cheios de amor. Tínhamos acabado de nos casar naquela tarde e eu estava ansiosa por tornar oficial o nosso casamento naquele lugar tão bonito. — Podemos ir explorar amanhã.

Ele não sorriu, mas seu olhar ficou mais intenso.

— O que a Sra. Barsetti quiser, ela consegue.

Pensei que a toscana fosse o lugar mais bonito do mundo, mas logo percebi o quão inocente era. A cultura e a beleza da Grécia eram algo à parte em todo o mundo conhecido. Era mais que precioso: era arrebatador.

O centro urbano era pedestre, cheio de ruelas empedradas para que os pedestres pudessem fazer suas compras. Nessa pequena zona se concentravam as lojas de antiguidades e pequenas lojas de comida gourmet. Comi um montão de doces. Inclusive provei sua versão de Frappuccino... e foi o melhor que já tinha provado.

Crow tinha arranjado um iate para que pudéssemos passear ao redor da ilha e desfrutar de forma mais íntimas do lugar. Os amanheceres e os entardeceres eram igualmente belos, e o paraíso não era um sonho, mas nossa realidade. Jantávamos marisco e peixe fresco, vinho e pratos mediterrânicos quase tão bons quanto os italianos.

Era uma lua de mel de sonho.

Jantamos na varanda do nosso quarto, e o serviço de quarto se adaptou aos gostos específicos de Crow. O quarto era o único lugar onde os guarda-costas não andavam colados a nossa nuca. A intimidade era agradável e muito bem-vinda.

Crow bebia vinho e comia lentamente, com os olhos fixos em mim o tempo todo. Nunca desviava seus olhos. Como se eu fosse feita de aço e eles fossem um ímã, sempre colado em mim. Deixou o copo e depois me olhou como se fosse dizer algo.

Eu esperei por isso.

— Eu adoro o meu anel.

Não tínhamos falado muito apesar de todo o tempo que passávamos juntos a sós. Se não estávamos fazendo algo divertido, estávamos no quarto fazendo amor, e nenhum dos dois exigia muitas palavras.

— Estou feliz que você gostou. Lars me ajudou a confeccioná-lo.

Examinou o anel no dedo esquerdo antes de olhar para mim.

— É perfeito, Button. Não poderia ter desejado nada melhor.

No processo de criá-lo, já sabia que ia ser o anel ideal. A cor combinava com sua aparência fria e os botões fundidos tinham sido a moeda de troca numa relação que tinha feito com que nos apaixonássemos. O ouro e a prata não eram tão valiosos.

— Talvez devêssemos ter conversado antes disto, mas naquele momento, não estava pensando com clareza.

Segurei meu fôlego, esperando.

— Não tenho certeza se devemos ter filhos. Na minha linha de trabalho, não sei se seria uma boa idéia.

Eu não pensava em ter filhos naquele momento. Ainda estava me acostumando ao fato de que estava casada. Crow tinha me sequestrado e me forçado a trabalhar em troca de minha liberdade. Ter me apaixonado por ele ainda era um choque para mim.

— A verdade é que não pensei nisso.

— Não estou descartando completamente a idéia, mas não acho que seja uma boa idéia.

Pensar em uma vida sem filhos me deixava triste. Não queria tê-los logo, mas algum dia gostaria de ter um filho que fosse parecido com seu pai. Queria uma filha que Crow pudesse venerar. Queria a família que nunca tinha tido.

— Preciso ter filhos, Crow. Não agora, mas em algum momento.

Seu olhar era indecifrável. Olhou-me com uma expressão de ensaiada indiferença. Mesmo agora, nem sempre conseguia adivinhar o que ele estava pensando.

— Repito, não acho uma boa ideia.

— Deixe seus negócios com Cane. Você tem a vinícola.

— Mas esse negócio vem diretamente da minha família. E Cane é um idiota. Ele nos deixaria falidos.

— Que diferença faz isso?

Crow não respondeu, e seu olhar permaneceu impossível de ler.

— Acho que ter sua própria família é mais importante do que ajudar Cane com o negócio. Não é como se você não o visse o tempo todo. — Não queria pressioná-lo para fazer algo que não queria fazer, mas tampouco que sua lealdade mal entendida para com sua família nos impedisse de ser felizes. — Cane entenderia. E algum dia, conhecerá alguém especial e terá que tomar a mesma difícil decisão.

Crow deu um gole no vinho sem tirar os olhos de mim.

— Não precisa fazer nada agora, Crow. Mas eu quero ter filhos. E não com qualquer um, mas com você. Acho que seria um pai fantástico.

Foi a primeira vez que reagiu em toda a conversa: suas sobrancelhas se elevaram com incredulidade.

— Eu? De verdade?

— Sem dúvida. É carinhoso, protetor e generoso.

Acabou o vinho antes de deixar o copo vazio sobre a mesa.

— Eu não sei. Eu te amo, mas levei muito tempo para aceitá-lo. Eu sou frio e brusco, e meu ódio não é algo que vai desaparecer, nunca. Não seria o homem de família que pensa.

— Não poderia estar menos de acordo com essa afirmação.

Crow olhou para longe e olhou para a água.

— Acredite no que você quer acreditar.

Não queria ter aquela discussão tensa durante a nossa lua-de-mel, mas também não esperava que as coisas tomassem um rumo assim.

— Eu te conheço, Crow. Melhor do que você mesmo. Se eu acredito que pode fazê-lo, é por que pode.

Ele deu por terminada a conversa permanecendo em silêncio. Não continuou comendo, e se concentrou em olhar para o mar.

Eu fiz o mesmo porque olhar para ele estava começando a me causar dor. Sabia que uma vida com Crow nem sempre seria simples. Tinha muitos problemas, muitas cicatrizes. Mas eu também estava danificada, e nesse aspecto, nos completávamos um ao outro.

Crow quebrou o seu silêncio.

— Eu te darei filhos. Prometi te amar e fazer feliz todos os dias durante o resto de sua vida. Sabe que sou um homem que cumpre sua palavra.

Não era bem o que eu queria ouvir, mas estava perto o suficiente.

— Obrigada.

Quando as duas semanas chegaram ao fim, estávamos bronzeados e mais próximos um do outro. Eu já vivia no paraíso, mas não queria abandonar este novo lugar. Miconos tinha uma beleza ancestral que nunca havia encontrado nos estados unidos. Era como voltar no tempo e ver o mundo através de novos olhos.

A nossa cama estava meio quebrada de todo o sexo que tínhamos tido entre os seus lençóis. Em vez de recorrer a algemas ou chicotes, nos mantivemos com sexo

baunilha. Crow não parecia interessado em nada mais sinistro, e eu tampouco. Queria tê-lo com calma e devagar para poder valorizar cada momento que estava dentro de mim.

Quando o carregador recolheu nossas malas no final da nossa viagem, quase explodi em soluços pensando que tinha que me despedir daquele lugar.

Crow me cercou com um braço e me aproximou dele.

— Podemos sempre voltar, Button.

— Eu sei. Mas me diverti tanto que não queria que acabasse.

Puxou minha cabeça para trás pelo meu cabelo e me fez olhá-lo nos olhos.

— Vou levá-la para ver o mundo inteiro, Button. Isto é apenas o começo.

— Eu sei que sim.

Ele beijou minha têmpora antes de me levar para fora.

— Como foi a viagem, excelência? — Lars depositou a nossa bagagem na porta da frente para que o pessoal pudesse devolvê-la aos quartos e colocar a roupa suja na máquina de lavar. Como abelhas em uma colmeia, colaboravam para dar a Crow tudo o que pudesse necessitar.

— A Sra. Barsetti e eu nos divertimos muito.

Eu ainda não tinha me acostumado com meu novo nome.

— Fico feliz em ouvi-lo. — respondeu Lars. — Posso fazer algo por vocês? Preparo o almoço? O chá da tarde?

Crow não respondeu.

— Vamos tomar um banho e ficar no quarto pelo resto do dia. Eu te avisarei quando estivermos prontos para jantar.

— Claro, Excelência. — Lars dedicou-lhe uma ligeira inclinação antes de voltar-se para mim. — Sra. Barsetti. — Foi a primeira vez que me dedicou o mesmo tipo de inclinação. Depois disso, ele voltou para a cozinha.

— Ele não precisa de se curvar perante mim. — disse a Crow.

— Isso é um costume italiano.

— Sim, mas eu não sou italiana. — Não pensava permitir que um velhinho adorável se ocupasse tanto por mim. Ele parecia adorar o seu trabalho, mas não era essa a questão.

Crow virou-se e olhou para mim, com fogo nos olhos.

— Agora você é. — Ele pegou minha mão e subimos os dois lances de escadas, passando na frente do meu antigo quarto. Desde que saí daquele lugar pela primeira

vez, nunca mais entrei nele. Meu quarto tinha sido o de Crow, e nunca tinha me aventurado em nenhum outro lugar.

Quando entrávamos no quarto, soou o celular de Crow. Enquanto estávamos de lua de mel não havia atendido nenhuma chamada de trabalho. Nem sequer Cane tinha ligado, o que era inaudito. Esse homem parecia mais obcecado com Crow do que eu mesma.

Crow respondeu sem verificar o número, sabendo que tinha que trabalhar agora que tinha voltado para casa.

— Crow.

Eu estava ao lado dele, então ouvi cada palavra da conversa.

— Crow. — A voz profunda ressoou no telefone, horrorizando-me sem proferir nenhuma ameaça. O tom e a cadência dela parecia sinistramente familiar e aterrorizante. Era inconfundível e a reconheceria em qualquer lugar, inclusive a metros de distância.

Crow ficou sensivelmente imóvel, sabendo exatamente quem o chamava.

— Faz tempo que não conversamos, não é? — Bones soltou uma risadinha do outro lado do telefone, como se fosse algum tipo de piada. — Cane me disse que estava em lua de mel com minha escrava. É muito interessante.

Meu sangue congelou e fui incapaz de continuar respirando. Eu não entendia o que estava acontecendo, mas o que quer que fosse, era ruim.

Crow não perdeu a compostura nem um segundo.

— Nós nos divertimos muito. Obrigado pelo interesse.

Bones riu como se Crow tivesse contado uma piada.

— Seu irmão fala, mas não o suficiente. Quando lhe perguntei onde podia te encontrar, se negou a me fornecer essa informação... Então eu o torturei sem piedade.

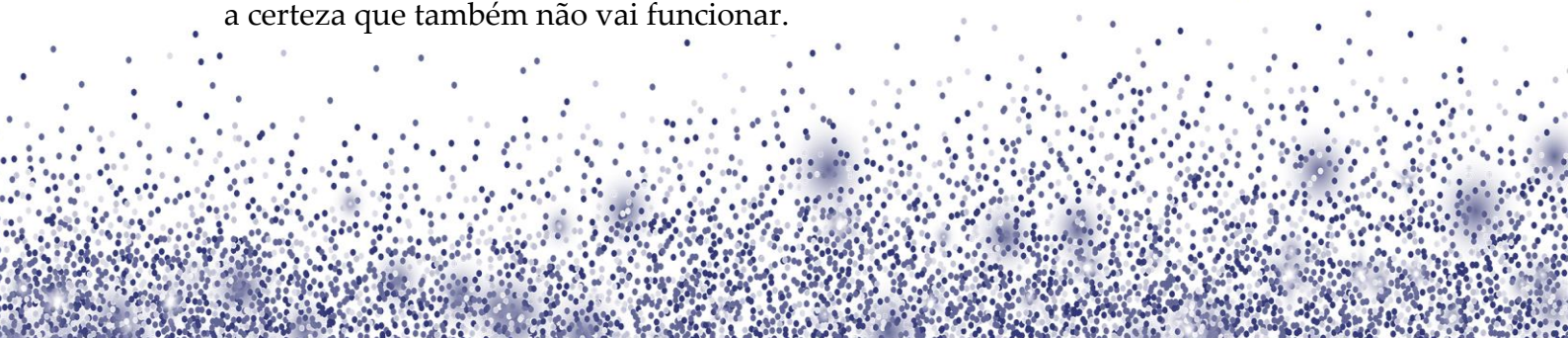
Fechei os olhos pela dor que me causaram aquelas palavras. O que Cane havia me feito estava no passado, e agora o amava como a um irmão. A idéia de que estava sendo maltratado quase me fez perder a compostura. E não podia imaginar quanto isso doía a Crow.

Crow não pareceu afetado. Sua expressão continuou exatamente a mesma.

— Chama-se lealdade, Bones. Algo que você nunca poderá compreender.

Bones não riu.

— Meu plano original era que Cane me levasse a Pearl, mas depois de dias de sofrimento ininterrupto, continua sem se render. Agora tenho um novo plano. Tenho a certeza que também não vai funcionar.



Não fazia ideia de como Crow podia ficar tão calmo quando o seu único parente estava sendo torturado naquele preciso momento. Só um homem com cimento nas veias poderia agir assim.

— É bastante simples — disse Bones. — Fazemos uma troca. Pearl por Cane.

— Ainda me lembro de como foi nossa última troca — advertiu Crow. — Você não tem honra, nem integridade. Portanto, não confio em você.

— Está disposto a arriscar a vida do seu irmão nisso?

— De qualquer forma, ele já está morto. — A voz de Crow não traiu nenhuma emoção. Aceitou o fato sem reagir. — E jamais aceitaria essa troca, Bones. Você sabe. Mate-o e acabe de uma vez com tudo isso.

— Nossa, sua frieza surpreende até mesmo a mim. Seu irmão se nega a se render por você, e você não se importa se ele morrer?

— Ele entenderá.

Aquele era um pesadelo que nunca acabava. Cane estava preso em algum lugar e Bones estava a ponto de matá-lo. Crow perderia a única família que lhe restava no mundo.

— Não vou me limitar a matá-lo, Crow — avisou Bones. — Vou torturá-lo e depois vou quebrar todos os seus ossos. Dou-lhe quarenta e oito horas para que pense.

Desligou antes que Crow pudesse dizer mais uma palavra.

Crow escutou como a ligação foi interrompida antes de jogar o telefone na cama. Ficou ali de pé sem fazer nada. Sua respiração era regular e sua expressão não mudou. O que quer que sentisse, esses sentimentos estavam muito distante da superfície.

Eu não disse nada porque era incapaz de respirar. Doíam-me os pulmões e tinha o coração a ponto de sair pela boca. A adrenalina estava me matando.

— Crow! — Não consegui lutar contra as lágrimas que caíam descontroladamente.

Ele finalmente olhou para mim com uma expressão fria.

Sentei-me na cama e recolhi as pernas contra o peito, ainda soluçando.

— No...

Crow aproximou-se de mim lentamente, com os olhos mais sombrios que nunca.

— Button, shh...

— Temos que salvá-lo, Crow. O que vamos fazer?

Ele ficou de pé junto à cama.

— Organizarei uma busca, mas não creio que ajude. Tenho certeza de que Bones está em algum lugar impossível de localizar.

— Então você tem que me trocar por ele. Você tem que salvar Cane. — Nada me assustava mais que estar nas mãos de Bones, mas não podia permitir que Cane sofresse. Era o único parente vivo de Crow. Bones me queria, então Cane não deveria sofrer por isso. Não era justo.

Crow deu-me um olhar assustador.

— Não.

— Crow, você tem qu...

— Pearl, eu disse não.

Fiquei parada no local quando ouvi suas palavras. Ele nunca me chamava pelo meu nome verdadeiro, jamais. Era um aviso e um que dava medo.

— Eu não vou fazer essa troca e Cane vai entender. Ele sabe disso. E aceitou no momento em que foi capturado. Odeio isso tanto quanto você, mas não vou desistir de você.

— É o seu irmão. — Como ele pôde fazer aquilo com seu irmão?

— E você é minha esposa — sussurrou. — Agora você é minha família. Cane preferiria desta maneira.

As lágrimas caíam pelas minhas bochechas.

— Não podemos aceitar isso. Não podemos permitir que ele ganhe.

— Tentarei resgatá-lo, Button, mas não acredito que tenha êxito. Bones sabe o que está fazendo. Neste momento já terá coberto seus rastros.

Eu levei os joelhos ao peito e continuei chorando.

— Sinto muito, tudo isto é culpa minha.

— Nunca mais diga isso.

— Mas é verdade. Se não fosse por mim, nada disso estaria acontecendo.

— E eu seria um desgraçado toda a minha vida. — Ajoelhou-se diante de mim e segurou-me os braços. — Lamento que isto tenha acontecido. Me dói tanto quanto a você. Mas não volte a dizer isso jamais.

Assoei o nariz e limpei as lágrimas.

— Crow, encontre-o. Por favor. Não serei capaz de viver comigo mesma se não o resgatarmos.

— Eu sei, Button. Prometo que farei o meu melhor para o recuperar.

— Está bem. — Agarrei-lhe os pulsos e tentei acalmar a minha respiração. Naquele instante estava um desastre. Como vítima de Bones, conhecia suas torturas em primeira mão. Nunca as desejaria a ninguém, especialmente a meu irmão.

— Tudo sairá bem, Button. Sairemos desta.

CAPÍTULO 22

CROW

Eas catacumbas? — há vinte e quatro horas procurávamos Cane. Eu não tinha dormido, mal tinha comido e tinha bebido toda a cafeína que tinha podido encontrar. Mantinha um ar de indiferença diante de Bones e Button, mas a verdade era que estava totalmente apavorado.

Eu tinha que encontrá-lo.

Cane era um incômodo quase todo o tempo, e conseguia se envolver em confusão como ninguém. Sempre tive que arrumar seus problemas e tinha feito muito mal a minha mulher de um modo imperdoável. Mas tudo aquilo não mudava os sentimentos inatos do fundo do meu peito.

Eu amava muito o meu irmão.

Bones era um homem de palavra e se disse que ia matar Cane, ele faria isso. Se Button fosse qualquer outra pessoa, teria entregado-a num piscar de olhos. Mas isso estava fora de questão. No meu coração, eu sabia que Cane entenderia. Compreenderia que tinha de proteger minha mulher primeiro, porque agora fazia parte da família Barsetti.

Pelo menos, esperava que entendesse.

Um dos meus homens respondeu:

— Estão limpas.

— E Roma? — perguntei. — Algum de seus centros?

— Estão todos limpos. — respondeu o homem. — Olhamos por toda parte, Crow. Seja onde estiver, está debaixo da superfície. Não recebo nenhum tipo de leitura. Nenhuma assinatura. Nada.

— E podemos rastrear sua ligação? — Bones ligaria de volta amanhã.

— Podemos tentar. Mas duvido que isso nos sirva de algo. Estou certo de que Bones cobriu seus rastros por completo.

— Como ele conseguiu capturar Cane em primeiro lugar? O que Cane estava fazendo?

— Quando viu meu irmão pela última vez?

— Há dez dias. — respondeu. — Esteve no trabalho como sempre e depois foi para casa.

— Ele mencionou se iria a algum lugar? — perguntei. — Florença? Roma? Ou só para casa?

— Não falou nada. — respondeu ele, encolhendo os ombros. — Cane não fala muito de sua vida privada.

Continuávamos num beco sem saída.

Esfreguei a nuca e senti a ansiedade se apoderar de mim. Sempre mantive a calma na frente dos meus homens e de Button, mas estava começando a perder a cabeça. A falta de sono e o medo estavam começando a me afetar.

— Sinto muito por isso, senhor.

— Não, eu que sinto. — Não conseguiria encontrar Cane a tempo, sabia disso. Se não estivesse em lua-de-mel, provavelmente teria percebido a sua ausência mais cedo, e poderia ter feito algo a respeito. Mas agora era tarde demais.

Cane estava prestes a morrer.

Assim que cheguei em casa, Button começou a me atormentar.

— Descobriu alguma coisa? Tem alguma pista?

Arranquei a camisa enquanto entrava no quarto, sentindo o tecido me sufocar.

— Não. — Abaixei a cabeça, envergonhado. De tudo o que aprendi com o meu trabalho, as minhas habilidades não serviram de nada quando mais precisei. Bones matou os meus pais, Vanessa, e agora estava prestes a levar o Cane. Aquele homem tinha me arrancado tudo na vida e eu era incapaz de detê-lo. Sentei-me na cama e deixei cair a cabeça, sentindo-me um fracassado.

Button se aproximou de mim.

— Deve haver alguma coisa que possamos fazer.

— Se houvesse, já o teria encontrado. — Apertei a mandíbula, tentando não brigar com ela. Ela só estava tentando ajudar, mas suas perguntas constantes me lembravam da minha impotência.

— Não pode lhe oferecer dinheiro?

— Ele não vai aceitar.

— Mas você deveria tentar.

— Ofereci-lhe 20 milhões por você e ele recusou-os também. Você não sabe como este tipo funciona.

Ela entreceitou os olhos, me olhando.

— Como é?

Era estúpido dizer aquilo e eu sabia.

— Eu não queria dizer isso. — Esfreguei minha nuca, sem querer discutir. —
Brigar não vai nos levar a nada.

— O que está me dizendo? Não podemos fazer nada? Vamos desistir?
Olhei para o chão, tentando ignorar sua hostilidade.

— Crow?

— Hum?

— Por favor, não me diga que não vamos fazer nada.

— Button... não sei o que fazer. Fiquei sem opções.

— Aceite a troca.

Minhas palavras saíram como um rugido.

— Não vou fazer isso. E ponto final.

Recuou diante da minha agressividade.

— Se você me deixasse terminar de falar, iria te dizer que devíamos aceitar a
troca e tentar resgatar Cane durante o processo.

Neguei com a cabeça.

— É um risco muito grande.

— Estamos falando de seu irmão. Não importa que seja arriscado.

— Não. Isso significa que tenho que te levar comigo e deixar que Bones te veja.
Ele não cooperará se não te ver.

— Pois então, me leve.

— Não. — Rangi os dentes. — Ele está armando para nós. Eu sei como ele é. Vai
matar Cane de qualquer maneira. Ele nunca faria uma troca justa. Quando tentamos
recuperar Vanessa, ele ficou com o nosso dinheiro e a matou de qualquer maneira.
Não posso confiar nele.

Os ombros dele afundaram por causa do peso da dor.

— Temos que pensar em algo.

Saí da cama porque queria ficar longe dela.

— Button, se eu pudesse fazer algo, faria. Se eu pudesse mudar minha própria
vida para salvar a sua, eu faria. Mas nenhuma dessas opções é válida. Não posso
continuar com a troca, porque me arriscaria. Sei como é. — Passei as mãos pelo rosto
porque tinha os olhos secos e esgotados. Estava há tanto tempo sem dormir que não
podia nem pensar.

— Eu só... Me deixe em paz. — Entrei no chuveiro e abri a água quente,
deixando a sujeira da tarde desaparecer. Cada vez que fechava os olhos, via o rosto
de meu irmão. Tinha frio, estava sozinho e sangrava. Odiava-me por ter permitido
que aquilo acontecesse, mas o ódio não faria que as coisas mudassem.



Sequei-me e me aproximei da cama. Deixei o celular sobre a mesa de cabeceira e afastei os cobertores. Estava muito cansado para falar com Button ou para fazer amor.

Tudo o que queria era algumas horas de sono para poder voltar a pensar com clareza. Talvez quando meu cérebro estivesse descansado, eu teria um plano.

Button não estava no quarto. Zangada, tinha ido embora, e provavelmente tinha saído para se afastar de mim. Me desculparia com ela quando acordasse. Pus o alarme do telefone e adormeci assim que minha cabeça tocou o travesseiro.

Eu nem sequer sonhei.

O alarme não me acordou.

Deveria ter sido ativado há duas horas, mas o bip nunca tocou. Eu abri os olhos e avistei que estava escuro. Em vez de uma sesta curta, tinha dormido quase todo o dia. Estendi a mão para o telefone para ver que horas eram, mas não o encontrei na mesinha de cabeceira. Continuei apalpando na escuridão, mas não consegui encontrá-lo. Irritado, acendi a lâmpada.

O meu telefone não estava visível. Em vez disso, havia um bilhete.

E a aliança de Button também.

Saí da cama e peguei o bilhete.

Crow,

Sinto muito. Cane é a única família que você tem no mundo e não posso permitir que isso aconteça. Sei que me odiará por isso, mas, por favor, compreenda que fiz isto por você.

Eu sempre te amarei,

Button.

A minha mão tremeu ao ler o bilhete e um grito saiu da minha garganta. Agarrei a mesa de cabeceira e atirei-a para o outro lado do quarto, onde bateu contra a parede. Seu anel de casamento caiu no chão com um claro tilintar.

Com aquilo não saciou minha raiva, destruí tudo o que havia no quarto, tudo o que era seu e meu.

Não podia acreditar. Não podia.



CAPÍTULO 23

PEARL

Eu percorri a estrada em um dos carros de Crow, agradecida que dirigiram pelo lado direito. Caso contrário, eu estaria perdida. As lágrimas continuavam brotando incessantemente dos meus olhos depois de deixar Crow dormindo na cama que compartilhamos todas as noites. Dei-lhe um beijo na sobrancelha e disse-lhe que o amava, mesmo que não ouvisse uma palavra.

Então tirei a aliança e a deixei sobre o criado mudo.

Se eu a levasse, Bones iria destruí-la. Eu amava aquele anel tanto quanto amava Crow e não suportava a idéia de sua destruição.

Preferi deixá-lo ali.

Tinha as minhas ações muito claras, e embora estivesse assustada, sabia que era a coisa certa a fazer. Crow escolheu-me em vez do irmão, mas eu sabia o quanto ele precisava de Cane. Parecia indiferença, mas eu sabia que no fundo, estava destruído. Amava seu irmão tanto quanto a mim, simplesmente demonstrava de outra maneira.

Eu não seria a razão de perder o último Barsetti.

Limpei as lágrimas e continuei dirigindo, dolorida por deixar meu marido para trás. Crow faria qualquer coisa para voltar a me encontrar, mas eu tinha que encontrar uma maneira de escapar por minha conta. Não pararia até recuperar minha liberdade. E não pararia até matar Bones com as minhas próprias mãos.

O telefone de Crow começou a tocar e eu atendi.

— Pearl. — disse com voz firme, recusando-me a ceder às lágrimas com aquele demônio escutando.

— Já está a caminho?

Eu odiava falar com ele. Minhas entranhas se contorciam e sentia náuseas.

— Sim.

— Certo. Sabe onde é o ponto de encontro?

— Sim.

— Isto é o que vamos fazer...

Falava como se controlasse a situação, mas se equivocava. Era eu quem a controlava.

— Não. Isto é o que vamos fazer. — Eu o fiz calar com uma única frase. — Você vai me encontrar na frente da igreja da Rua Plaza. É uma igreja velha e abandonada. Quando vir o Cane livre e dentro do carro, sairei ao seu encontro.

— Não. Faremos do meu jeito.

— Não confio em você. — Soltei. — Se você me ama, faremos do meu jeito.

— E por que deveria confiar em você?

Agarrei-me ao volante até os meus dedos ficarem brancos.

— Porque a palavra de um Barsetti é lei. E eu sou uma Barsetti. — Tentei não começar a chorar outra vez.

Bones fez uma pausa do outro lado do telefone.

— Tudo bem. Faremos do seu jeito. Quando você estará lá?

— Dez minutos.

Foi ele que desligou o telefone.

Deixei o celular no banco e senti as lágrimas escorrerem. Quando Crow acordasse e percebesse o que tinha acontecido, já seria tarde demais. A troca já teria ocorrido. Eu nunca teria a oportunidade de dizer novamente que o amava. E a última vez que falamos, tínhamos brigado. Não era assim que eu queria dizer adeus.

O telefone voltou a tocar um momento depois com um número que não reconheci. Meu instinto me disse quem era. Com a mão trêmula, respondi.

— Pearl.

A voz de Crow chegou pelo telefone com ferocidade controlada. Não gritou, mas seu tom era igualmente assustador.

— Dê a merda da volta.

Mantive o pé no acelerador e o volante reto.

— Button, faça o que te digo ou juro por Deus...

— Desculpe. Tenho que fazer isso.

— Não, você não tem. Ele vai matar Cane de qualquer maneira. Você está se sacrificando para nada.

Mantive a voz calma porque não queria que nossa última conversa fosse tão terrível.

— Crow, vou fazer isso. Eu tenho que salvá-lo. Sinto muito que você não aprova, mas francamente, eu decido. Mas já que estamos no telefone, quero dizer que te amo e que farei tudo o que for preciso para escapar.

Sua raiva tinha desaparecido e sua voz tremia. Nunca tinha ouvido aquele tipo de emoção. Talvez estivesse chorando. Não sabia.

— Não faça isso comigo.

— Sinto muito.

— Button.

— Eu te amo, Crow. — Sufoquei as lágrimas com a mão. Aquela conversa estava me matando.

— Por favor, dê a volta.

— Tenho que ir andando.

— Button...

— Diga que me ama antes de eu desligar. — Agarrei-me com mais força ao volante, para não cair na beira da estrada.

Crow cedeu, porque sabia que não se ia safar.

— Eu te amo, Button. E vou trazê-la de volta.

Não duvidava da verdade daquelas palavras. Tudo o que eu tinha que fazer era lutar e não render-me em nenhum momento, até que me resgatasse. Tinha conseguido uma vez, e voltaria a fazê-lo. Faria qualquer coisa por aquele homem e por sua família, porque ela também era minha.

— Eu sei.

Cheguei à igreja abandonada e estacionei o carro do outro lado da rua. Deixei as chaves na ignição e o celular no suporte de bebidas. A igreja estava praticamente em ruínas por causa de um terremoto que tinha ocorrido há quase uma década. A comunidade não queria destruí-la porque continuava sendo uma relíquia histórica para a cidade. Pareceu-me o local perfeito para a troca, porque havia muitos lugares onde se esconder.

O telefone tocou na hora certa.

Atendi.

— Onde é que ele está?

— A questão é, onde você está? — A voz de Bones estava cheia de fome, de desespero por me cravar as garras. Eu podia sentir a sua excitação do outro lado da linha, com a oportunidade de voltar a reclamar-me como sua. Queria eliminar qualquer vestígio de Crow que ficasse sobre minha pele.

— Estacionada no extremo sul. Quando Cane chegar ao carro, eu sairei.

— Se você tentar fugir com o carro, nós explodiremos o automóvel.

— Eu sei. — Na verdade, eu sabia que aquilo era mentira. Bones nunca me machucaria, porque era mais valiosa viva do que morta.

— Estou ansioso para vê-la. Muito tempo se passou.

— Gostaria de poder dizer o mesmo. — Vi seus homens contornando o prédio carregando rifles e metralhadoras. No meio estava Bones, com um terno preto e aspecto de pesadelo. Cane estava de pé com os braços amarrados às costas.

Viu-me dentro do carro e sacudiu a cabeça.

— Agora vamos fazer a troca.

— Estou à espera. — Não pensava sair do carro até que Cane estivesse a salvo no assento do co-piloto. Crow disse-me para não confiar em Bones, e eu levei os conselhos dele muito a sério.

O homem que estava segurando Cane libertou-o e depois empurrou-o para a frente, quase fazendo-o cair no chão.

Cane estava mais magro do que antes e também muito mais fraco. Caminhou lentamente até o carro, mancando visivelmente ao fazê-lo. Tinha o rosto coberto de cortes e hematomas, consequência de dez dias de tortura. Depois do que me pareceu uma eternidade, chegou ao carro e sentou-se no assento do passageiro.

Fiquei olhando para ele, confortando-me com a ideia de que ainda estava vivo.

Ele olhou para mim como se me odiasse.

— Que diabos você está fazendo?

— Te salvando.

— Não deveria ter feito isso. Não valho a pena.

— Sim, para mim você vale.

Os seus olhos se enterneceram imediatamente.

— Não faça isso, irmãzinha.

— Você é a única família que lhe resta. Tinha que fazê-lo.

Cane negou com a cabeça.

— Você também é a família dele.

— Isso não é a mesma coisa.

— Pearl... — sacudiu a cabeça com lágrimas nos olhos. — Não faça isso. Você não merece isso.

— Eu sei. Mas, às vezes... a vida não é justa. — Eu o abracei. — Eu vou fugir. De alguma forma, tanto faz.

— Crow e eu vamos resgatá-la. Eu prometo.

Eu me afastei e desviei o olhar para não vê-lo. Dizer adeus a Cane estava sendo muito mais duro do que havia esperado.

— Vá. Quando tiver partido, irei para lá.

Cane não concordou, mas seu silêncio foi confirmação suficiente.

Finalmente, saí do carro e fechei a porta atrás de mim. Fiquei olhando a porta do motorista, esperando que Cane se arrastasse atrás do volante e arrancasse o motor. Ele fez isso um momento depois, e depois de me dar um olhar triste, virou-se e saiu com o carro. Quando estivesse a uma distância segura, entraria em contato com Crow para lhe dizer onde estava. Se agissem com rapidez suficiente, talvez me livrassem daquilo.

Por enquanto, tudo o que podia fazer era cumprir a minha parte do acordo. Bones assobiou e me encorajou a me aproximar dele como se fosse um cão. E eu desejei matá-lo ali mesmo, naquele instante.

— Agora é a sua vez de cumprir com sua palavra. — Estalou os dedos e apontou para o asfalto. — Traga seu traseiro aqui agora mesmo.

Minhas pernas não desejavam obedecer àquela ordem. O que eu queria era esfaqueá-lo no coração e vê-lo sangrar até à morte. A visão do sangue não me teria dado nojo. A idéia de estar a sós com um cadáver não me assustava. De fato, me exaltava.

Comecei a percorrer o longo caminho que atravessava o campo de batalha, tomando meu tempo e desfrutando dos meus últimos momentos de liberdade antes de voltar a ser outra vez uma escrava. Os olhos de Bones se arregalaram à medida que me aproximava, com o desejo de apoderar-se do controle do meu pensamento. Estava prestes a pôr-me ao alcance das suas mãos, e mal conseguia respirar.

Eu o desprezei ainda mais.

Finalmente terminei de percorrer a distância que nos separava e me encontrei cara a cara com o culpado dos meus pesadelos. Era tão grotesco como me lembrava, assustador e sinistro. Tinha o rosto mais cheio do peso que havia ganho, e a expressão de seus olhos era diabólica como sempre. Provavelmente estava se entretendo com uma série de prostitutas e escravas antes de voltar a me reclamar.

— Mais bonita do que me lembrava. — Agarrou meu braço e me arrastou até seu peito. Esmagou a minha boca com a sua e me deu o beijo mais nojento que já tive.

Eu empurrei-o e dei uma joelhada no seu saco.

— Você é repugnante.

Ele se dobrou para frente, agarrando os testículos e gemendo de dor.

Os seus homens agarraram-me de imediato, imobilizando meus braços às costas.

Bones se recuperou com um sorriso sinistro no rosto.

— Eu vou adorar voltar a te treinar. E vou adorar ter a minha vingança depois de como você me enganou.

— Crow me salvará. E quando o fizer, vai te fazer sofrer. — Sabia que Crow não desistiria até me encontrar. Procuraria por mim de dia e de noite, com Cane a seu lado, até que estivesse de volta ao lugar a qual eu pertencia, em nossa casa.

— Não para onde vamos. — Ele acenou para os seus homens. — Revistem-na e se certifiquem de que ela não tem armas.



Os homens passaram as mãos pelo meu corpo, me bolinando enquanto procuravam armas ocultas. Não encontrariam nada, mas revistaram mais a fundo, me inclusive apalpando a virilha através dos jeans.

Eu os empurrei para longe.

— Se tivesse algo, já teriam encontrado.

Bones sorriu diante da minha combatividade.

— Cavalheiros, vamos para casa. Pearl e eu temos muito que conversar.



CAPÍTULO 24

CROW

PORRA!

Nunca estive tão furioso. Nunca em toda a minha vida me senti tão destrutivo. Se tivesse acesso a armas nucleares, teria sido uma ameaça para aquele país e para o mundo inteiro, porque era a raiva que tomava todas as minhas decisões.

Coloquei todas as minhas armas no porta-malas do SUV e mais algumas no banco de trás, para tê-las à mão. Pus um colete à prova de bala para que nenhuma bala perdida me impedisse de recuperar a minha mulher.

Eu ia matar Bones.

O meu carro derrapou na entrada da garagem a 120 km/h antes de Cane meter o pé nos freios. O veículo esteve a centímetros de me atropelar, mas a proximidade não me alterou. Se tivesse batido em mim, teria explodido o carro sem sofrer um arranhão.

Cane saltou para fora sem desligar o carro.

— Você sabia que...

— Descobri há dez minutos. Ela escapou enquanto eu dormia. — Meti uma pistola no coldre do quadril. — Onde você estava?

— Não sei. Fui vendado quando me pegaram.

Agarrei-o pelo pescoço e apertei-o com tanta força que mal conseguia respirar.

— A vida da minha mulher está em jogo agora. Você vai me contar todos os detalhes que lembrar. Ela se sacrificou por você. — Atirei-o contra o capô do carro. — Agora, fala.

Cane não se fez de engraçado, porque aquele não era o momento. Cada minuto contava.

— Tinha cimento por toda parte. Todos os quartos eram feitos de cimento. Eles traziam as refeições em bandejas descartáveis com talheres de plástico. Os encanamentos dos banheiros iam para cima, não para baixo. Os homens não eram os que costumam estar com Bones. Pareciam russos ou alemães. Me torturavam me pendurando no teto. Não me fraturaram os ossos, mas tentaram me quebrar emocionalmente. Minha cama era de plástico, não de algodão. — Acabou por se calar, não lembrando de mais detalhes. — É tudo o que me lembro.

Revi a informação mentalmente, tentando chegar a uma conclusão.

— Russos, alemães... Cimento... canos para cima.

Cane esperou que resolvesse o caso.

— Parece que estava no subsolo.

Cane acenou com a cabeça.

— Alemães ou russos... Provavelmente alemães. Durante a Segunda Guerra Mundial construíram bunkers por aqui.

Cane levantou a sobrancelha.

— Como é que sabe disso?

— Eu sei o ponto final. Provavelmente a mantêm dentro de um barracão, onde não possa ser detectada por satélite. Isso explicaria porque não te encontrei.

— Não colocou um rastreador nela?

Arregalei tanto os olhos que quase desmaiei. Quis dar um tiro na cabeça.

— Por favor, diga-me que ela deixou o meu celular no carro.

Estava sincronizado com o seu dispositivo de localização e não podia ser acessado de outra forma.

Cane tirou-o do suporte e me deu.

Eu abri o programa rapidamente, rezando para que seu ponto vermelho estivesse em algum lugar do mapa.

Mas ele não estava.

— O que isso significa? — perguntou Cane.

— Ou tiraram seu localizador, ou a bateria acabou, ou o sinal não é detectável.

— Meti o celular no bolso, para não perder a calma.

— Duvido que tenha sido removido tão cedo. Acabei de sair do ponto de encontro.

— Isso significa que ela está no subsolo.

— E o bunker fica num raio de 50 km da igreja.

Esfreguei a nuca, tentando pensar.

— O que vamos fazer agora?

Peguei o celular e liguei para o único oficial alemão que conhecia.

— É possível que tenha um plano.

Tinha me custado uma fortuna, mas tinha conseguido as coordenadas do último bunker ativo da Itália. Foi comprado por um cidadão particular há quase dez anos, e o nome do comprador continuava anônimo.

Tinha de ser Bones.

Reunimos todos os nossos homens e os enviamos às coordenadas. Irromper na base subterrânea não seria fácil. Não podíamos derrubar as paredes e entrar. Ia ser arriscado e poderíamos terminar ferindo Button.

Pensar nela me fez querer gritar.

Bones podia estar tocando-a agora mesmo... transando com ela. Me enfureci tanto que minhas mãos tremeram. Minha garganta secou e não pude respirar. Tive um ataque de ansiedade ali mesmo, algo que nunca tinha experimentado.

Era outra vez como com Vanessa.

Todas as pessoas que eu amava terminavam mortas e Button poderia ser a seguinte.

Cane me olhou enquanto dirigia até as coordenadas.

— Vamos trazê-la de volta, Crow.

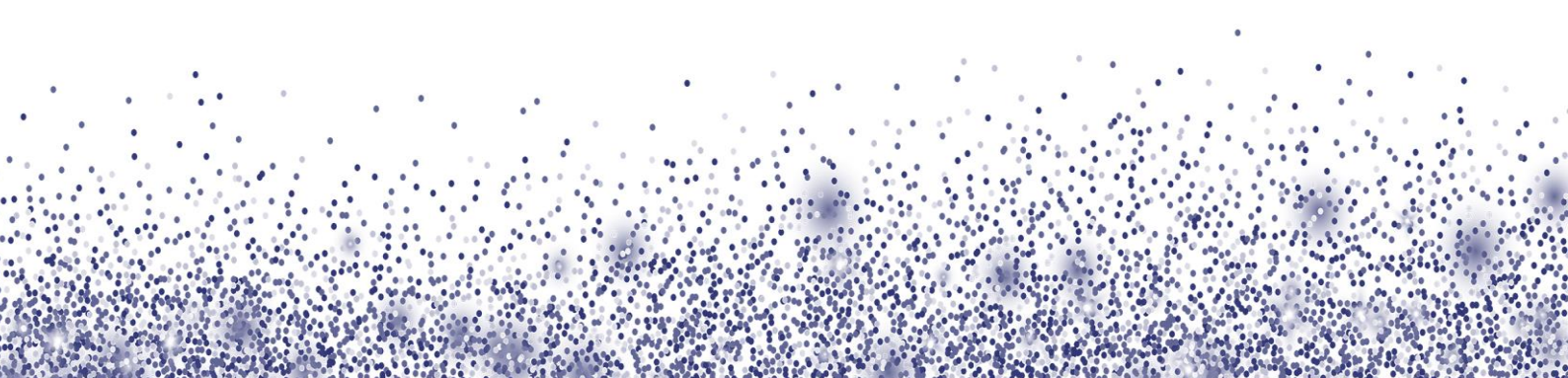
Eu olhei pela janela, evitando-o de propósito. Se eu falasse sobre isso, explodiria. Já tinha as emoções muito alteradas e não conseguia pensar com clareza. Se a perdesse, me mataria sem perder um segundo. Tinha encontrado alguém sem quem não podia viver, e a idéia era aterrorizante. Sem ela, eu deixava de existir.

— Não se esqueça de como ela é forte. — diz Cane. — Se alguém pode sobreviver a isto, é ela.

Apertei a mandíbula e olhei pela janela. A esperar para que chegássemos ao nosso destino sempre era a pior parte. Eu precisava que os carros fossem mais rápidos. Eu tinha que chegar mais cedo e salvar minha esposa de se tornar o brinquedo de um monstro.

— Crow...

— Pare de tentar me fazer sentir melhor. Até que ela esteja segura, não posso fazer nada além de pensar sobre isso. Então cale a boca e dirija.



CAPÍTULO 25

PEARL

Bones fechou a porta e retirou a chave da fechadura antes de se virar para mim.

— Há dois guardas lá fora. Então não tente nada.

O quarto era feito de cimento maciço. Havia uma cama contra a parede e um banheiro acessível do quarto principal. Do teto ao chão era feito de cimento. Sabia que estávamos debaixo da terra, e parecia uma base militar.

— Belo lugar... — Cruzei de braços e o observei atentamente. — Suponho que os negócios não vão muito bem.

Sorriu de orelha a orelha, mas não de um modo atraente. Era um olhar de pura maldade. Fez o meu coração cair aos pés, porque a sua intenção era clara. Ia me imobilizar contra aquele colchão e me foder até que gritasse.

— Só quero me assegurar de que não possam nos seguir. Sei que seu marido não se deterá até te recuperar. Pois bem, vai ser difícil rastreá-la até aqui. Neste lugar não entra nem sai nenhum sinal.

Meu coração parou quando percebi que meu rastreador seria inútil. Crow não poderia me localizar, depois de tudo. Merda!

— Não é muito acolhedor. Pensei que um homem tão distinto como você teria melhores instalações que estas. — Não fazia ideia de onde vinha essa coragem, porque estava completamente aterrorizada. Crow havia me recomposto depois que Bones me destroçou. Seria capaz de voltar a me arrumar, ou ficaria arruinada para sempre?

— Senti falta dessa sua boca espartilhada. É refrescante. — Aproximou-se lentamente de mim, com as mãos ao lado do corpo, mas com o rosto cheio de ansiedade.

Eu fiquei tensa quando ele se aproximou, querendo afastar-me do próprio diabo.

— Não senti a sua falta.

— Bom, farei que sinta minha falta. — Quando estive a seu alcance, me agarrou pelos pulsos e me manteve firmemente no lugar. — Vamos a isso?

Torci-me até me libertar e dei-lhe uma joelhada na virilha.

Bones se afastou do caminho como se estivesse preparado para o meu ataque.

Agarrou meu cabelo pela raiz e me jogou com violência em direção à cama. Meu estômago bateu no colchão e ele usou seu peso para me imobilizar.

O pânico me subiu pela garganta e senti vontade de gritar. Estava aterrorizada com as coisas que estava prestes a fazer comigo. Pensei que poderia suportar, mas talvez não fosse capaz. Tinha suportado sua tortura durante meses e não conseguiria suportar nem mais um momento.

Eu tentei recusar, mas ele era mais pesado que um boi.

Tirou minhas calças enquanto eu ficava imóvel, e depois a calcinha. Eu tentei afastá-lo, mas não consegui.

— Quanto mais você resiste, mais eu a desejo. — Enterrou meu rosto no colchão, quase me sufocando. Durante esse tempo, ele se despiu completamente. — Você não faz ideia do quanto tenho prazer em te foder. — Esfregou seu pênis entre minhas nádegas, marcando-me.

Eu não suportaria isso.

Agarrou-me um punhado de cabelo, puxando-o com tanta força que quase o arrancou.

— Eu quero olhar para você. E que você olhe para mim. — Ele me virou e prendeu minhas costas contra o colchão. Depois separou minhas coxas usando as suas até estar em cima de mim. Seus olhos pousaram nos pontos que ficavam em cima do meu ombro. — O que aconteceu aí, Escrava? Seu marido foi tão bom com você quanto eu?

O uso da palavra "escrava" me fez explodir como uma dinamite. Cravei os dedos nos pontos que Lars tinha me dado na noite anterior. O sangue espalhou-se por todo o lado e havia uma boa hipótese de ter sangrado até à morte. Lars havia me advertido que essa era uma possibilidade certa.

— Que diabos está fazendo? Supõe-se que sou eu quem tem que te machucar. — Agarrou-me pelo pulso e tentou me deter, mas a minha outra mão deslizou para dentro da ferida para tirar a minúscula lâmina que tinha sido introduzida ali. Cortou minha pele ao sair, doía mais ao retirá-lo da que quando a tinha colocado ali.

Mas tinha valido a pena.

Bones não reagiu, porque ficou completamente chocado.

Por fim peguei a lâmina pelo punho, e com toda a força que consegui reunir, cravei-a diretamente no seu peito, perfurando-o no coração. Empurrei com as poucas forças que me restavam, assegurando-me de não falhar.

O sangue espalhou-se por todo o lado.

— Filha de... — ele apalpou o peito, mas não encontrou a faca. Saiu-lhe um jorro de sangue pela boca que pingou pelo queixo. Ele tossiu e derramou sangue em mim.

Tirei a faca de um puxão e a ferida sangrou ainda mais. Num instante, tudo se acelerou. A vida o abandonava cada vez mais depressa. Ele estava morrendo na minha frente e tudo o que me importava era que fosse tão doloroso quanto possível.

Agarrei-o pela nuca e voltei a levantar a faca.

— Esta foi por mim. Mas essa é por Vanessa. — e enfiei a faca bem no olho e diretamente no cérebro. Desta vez, eu não a tirei. Empurrei o corpo para o chão e observei suas convulsões até ele ficar quieto para sempre. O sangue continuou a jorrar, até que no final parou.

Eu fiquei olhando para ele, tentando memorizar aquele momento para sempre. Usaria aquela memória para combater os meus pesadelos e lembrar-me que ele se foi para sempre. Nunca mais me magoaria ou a outra pessoa.

Agora, eu tinha que sair dali.

Tinha a roupa encharcada de sangue e não valia nada como fugitiva. Abri uma fresta da porta e vi dois guardas de ambos os lados. Claramente, não acharam os ruídos que ouviram incomuns, apenas outra perversão de Bones.

Ambos olhavam para o outro lado do corredor, então tirei uma arma do coldre de um guarda antes que ele reagisse.

Quando sentiu a falta de peso, virou-se e olhou para mim.

— Que diabos está acontecendo?

Dei-lhe um tiro na cabeça e fiz o mesmo com o outro antes dele reagir. Ambos estavam mortos, deitados no chão e derramando sangue por toda parte. Os dois usavam coletes à prova de bala, assim peguei um e o vesti. Ia ter de sair de lá lutando, por isso, alguma proteção não era demais. Peguei a outra arma e enfiei-a na parte de trás dos jeans.

Depois corri pelo corredor.

Não sabia nada sobre bases subterrâneas, mas sim que a única forma de sair era subindo. Tinha que chegar à superfície e mover-me depressa, antes que dessem o alarme. Tudo o que precisava era encontrar as escadas ou um elevador e subir até o andar de cima.

Cheguei ao outro extremo do corredor e encontrei-me num corredor que seguia para ambos os lados. Não havia indicações, então fui para a esquerda, esperando ter sorte. Eu tinha a arma pronta para puxar o gatilho assim que alguém me desse uma razão.

Começou a soar o alarme e houve uma comoção no final do corredor. Alguém deve ter encontrado os guardas mortos e percebeu que eu tinha fugido.

— Merda! — Eu tinha que sair dali o mais rápido possível, então corri.

Corri o mais rápido que pude e virei a esquina. Estava em outro corredor cheio de portas, e ao chegar ao final, vi a sombra de um homem na parede. Levava um rifle contra o peito e se movia devagar para dar a volta na esquina, direto para mim.

Apertei as costas contra a parede e apontei com a pistola. Assim que aparecesse, me encarregaria dele e passaria ao seguinte.

Finalmente ele virou a esquina, apontando a arma para mim.

Mas reconheci seus olhos. Tinha-os contemplado incontáveis vezes. Via-os em meus sonhos e antes de ficar adormecida. Toda minha vida estava naqueles olhos, que encerravam a outra metade de minha alma.

— Crow?

Ele abaixou a arma imediatamente e correu para mim.

— Porra, Button. — Agarrou minha cintura com os braços com tanta força que quase me partiu em duas. — Você está bem? — Contemplou minha roupa encharcada de sangue. — Está ferida?

— Não. Eu matei Bones.

Crow ficou me olhando chocado, era primeira vez que me olhava com aquela expressão.

— Vamos. — Ainda tinha uma ferida debaixo da camisa, e estava perdendo muito sangue. A única razão pela qual não lhe falei disso era porque temia sua reação. Entraria em pânico e me tiraria dali carregando-me sobre um ombro.

— Fique atrás de mim. — Recuou por onde tinha vindo, conduzindo-nos para a saída. À medida que avançávamos, reparei nos montes de corpos que Crow tinha deixado para trás. Seus outros homens estavam no corredor, varrendo o lugar. No final, nos encontramos com Cane.

— Você a encontrou. — Cane deixou cair a arma e me abraçou. — Ainda bem que está bem.

— Sim. — Senti que as forças abandonavam meu corpo à medida que perdia sangue. Apenas conseguia manter os olhos abertos. Lentamente, meus joelhos se curvaram e comecei a cair no chão. Suas vozes chegavam como sussurros a meus ouvidos.

— Qual é o problema dela? — perguntou Cane.

Crow rasgou minha camisa, deixando a minha ferida exposta.

— Merda. Temos que tirá-la daqui. Me cubra.

— Está bem.

Isso é a última coisa que me lembro antes de tudo ficar preto.

A última lembrança que tive foi de tudo ficando escuro, mas agora eu via tudo branco. Uma luz branca cegante me esfaqueava através das pálpebras. Era poderosa e calorosa, e reconheci-a imediatamente porque acordava com ela todas as manhãs.

Abri os olhos e vi o sol toscano. Brilhava através da janela, diretamente sobre meu rosto. Era de manhã, logo após o amanhecer, e se adivinhava o começo de um dia precioso. Os pássaros gorjeavam lá fora e eu podia ouvi-los cantar. Estava tudo tão calmo que me perguntei como tinha chegado ali.

Virei a cabeça e vi Crow sentado ao meu lado. Estava em uma poltrona e segurava minha mão frouxamente com a sua. Tinha os olhos postos no livro que estava lendo, e foi quando reconheci sua voz grave. Ele lia a história em italiano, enquanto eu dormia.

Não o interrompi, porque gostava de ouvi-lo. A única vez que o ouvi falar sua língua nativa foi enquanto discutia com Cane ou dava uma ordem a algum de seus homens. Fora isso, sempre falava em inglês.

Terminou o capítulo e passou a página, olhando-me de lado.

Voltou automaticamente à página, mas parou ao dar-se conta do que tinha visto.

— Button. — Fechou o livro e o deixou cair sobre a mesa de cabeceira. — Como você está? — Aproximou mais a poltrona da cama e levou minha mão aos lábios. Tinha barba de vários dias, e suas olheiras me indicaram que não havia dormido.

— Eu me sinto muito bem. — Eu estava de volta em casa, com meu marido. Tudo o que tinha acontecido era como um pesadelo distante. Sabia que Bones estava morto, porque nunca me esqueceria da forma como o esfaqueei no coração.

— Há quanto tempo estou dormindo?

— Dois dias.

— Oh...

— Perdeu muito sangue. Chamei um médico e te trataram aqui.

Foi quando percebi que tinha uma intravenosa no braço e pude ouvir o bip distante de um monitor. Estavam medindo minha pressão sanguínea.

— Sabia que se sentiria melhor acordando na cama com a janela aberta. — Deu-me outro beijo na cabeça e encostou a testa contra os meus dedos, como se estivesse rezando. Então me dei conta de que minha aliança de casamento tinha voltado à minha mão. — Estava tão preocupado...

— Estou perfeitamente bem. Perdi um pouco de sangue, nada mais.

— Quase morreu, Button. Deveria ter me dito que estava ferida.

— Eu pensei que poderia conseguir. — Às vezes, eu pensava que era mais forte do que realmente era.

Ele olhou-me nos olhos como um homem dividido entre a raiva e a devoção.

— Estou com raiva de você por ter ido embora. Isso é algo que eu acho que nunca vou te perdoar. Mas também estou muito grato por estar bem, tanto faz.

— Desculpe tê-lo magoado. Mas não me arrependo do que fiz. Eu faria isso novamente mil vezes.

— Você teve muita sorte.

— Isso não é certo.

Segurou-me o olhar enquanto esperava a minha explicação.

— Cortei-me e inseri uma faca pequena debaixo da clavícula. — Tirei a camisola para poder ver os pontos novos. — Sabia que me revistariam, mas que não prestariam atenção à ferida. Então quando eu estava sozinha com Bones, eu coloquei meus dedos dentro da ferida e tirei a faca. Então eu o matei. — Pronunciei aquelas palavras sem emoção, porque não sentia nenhum remorso. Tudo o que tinha feito parecia uma loucura, mas nunca tinha estado tão sã. Tinha feito o que tinha que fazer para proteger a mim e a minha família. E agora éramos livres.

— Por que não me contou?

— Você nunca me deixaria fazer isso.

— E com razão. Isso poderia ter acabado de outra forma muito diferente.

— Estava preparada para essa possibilidade. Mas tinha que salvar seu irmão. Ele também é meu irmão.

Crow suspirou e ficou com o olhar enternecido.

— O casamento é baseado na generosidade. Eu sabia que você precisava de seu irmão. Eu não podia permitir que você o perdesse.

Ele continuou me olhando fixamente, com um mistério nos olhos.

— Tudo funcionou a nosso favor. Então deixemos o passado no passado e sejamos felizes.

Apertou a mandíbula e ficou olhando nossas mãos unidas antes de voltar a me olhar nos olhos.

— Tenho que fazer uma pergunta. Qualquer que seja sua resposta, nada mudará entre nós. Mas devo saber.

Eu sabia exatamente o que estava me perguntando.

— Ele não me estuprou. Bem, ele tentou, mas não conseguiu. Eu o matei antes que pudesse.

Crow olhou-me nos olhos até ver a verdade neles.

— Me despiu e me imobilizou. Mas aquilo foi o pior. — Naquele momento tinha sido aterrorizante e apenas consegui manter a concentração. Mas ele não precisava saber esses detalhes.

— Como é que você costurou a sua própria ferida?

Nunca denunciaria Lars. Tinha-o obrigado a ajudar-me contra a sua vontade, e se contasse a verdade a Crow, ele jogaria Lars na rua.

— Não foi assim tão difícil.

Ele levantou as sobrancelhas com descrença.

— Fez isso sozinha?

— Sim.

— Como?

— Chama-se espelho. — Mentiria entre dentes, se tivesse que fazê-lo. Lars tinha me feito um favor e não podia pagá-lo fazendo que o despedissem.

Ainda bem que Crow deixou o assunto para lá.

— Eu não sabia que você sabia como fazer isso. Pode ser útil.

Sim, agora teria que pedir ao Lars que me ensinasse.

Tirou-me o cabelo do rosto e me dedicou um longo olhar.

— Você é incrível, sabia disso? — Seus elogios eram escassos e chegavam muito tarde no caso de Crow Barsetti, assim que o atestei como se fosse literal.

— Do que está falando?

— Foi valente numa situação em que poucas pessoas teriam sido. Não teve medo de esfaqueá-lo. Button... Você é muito mais corajosa do que eu e todos os meus homens juntos.

Esfreguei-lhe o braço com a mão.

— Não mais valente que você. Se não tivesse vindo me procurar, eu teria morrido.

— Não. — Ele se inclinou e me beijou na testa. — Button. Você teria encontrado o caminho.

Estava sentada no terraço com Crow ao meu lado. Tinha um livro sobre o colo, mas há muito que tinha deixado de ler. Em vez disso, me dedicava a desfrutar da vista que tinha na minha frente. Crow estava resolvendo a papelada da vinícola. Não tinha voltado a trabalhar desde minha volta para casa. Minhas forças haviam voltado, mas ele continuava me tratando como se eu fosse frágil.

Alguém bateu à porta do nosso quarto.

— Crow, quando posso vê-la? — A voz irritada de Cane atravessou nosso quarto e chegou até nossos ouvidos no pátio.

Deixou a pasta sobre a mesa antes de se levantar com um suspiro.

— Vai se fod...

Eu sorri e esperei por eles.

Crow abriu a porta do quarto.

— Quando estiver pronta para receber visitas.

— Já se passaram cinco dias. — Cane falou. — Legalmente é minha irmã e tenho tanto direito como você de vê-la.

Imaginei a cara de raiva que Crow fazia.

— Agora, se me der licença. — Cane ultrapassou seu irmão e se juntou a mim no terraço. Ele puxou uma cadeira e me deu um olhar que eu nunca tinha visto antes.

Havia verdadeira alegria em seus olhos, e era a primeira vez que me olhava como estava fazendo.

— Tem um aspecto estupendo, Pearl. Mais bonita do que nunca.

Crow rugiu atrás da minha cadeira.

— Quê? — perguntou Cane. — Não posso chamar minha própria irmã de bonita? Ela sabe o que quero dizer.

— Ignore-o. — eu digo. — Já sabe como ele fica.

Agora Crow rugiu para mim.

Cane me deu um abraço cuidadoso, esfregando minhas costas. Era um abraço terno, muito melhor do que qualquer gesto que tivesse me dedicado até então. Quem ia dizer que nos recuperaríamos daquela horrível tarde em que tinha me dado uma surra até quase me matar. Agora não havia nada mais que amor entre nós.

— Muito obrigado, Pearl. Se não fosse por você, estaria enterrado em um buraco por aí.

— Nunca deixaríamos isso acontecer, Cane.

— Não, sério. — Ele afastou-se e me olhou nos olhos. — Você foi muito corajosa. Depois do que te fiz, ninguém te culparia por não fazer nada.

— Cane... são águas passada.

— Para a maioria das pessoas, não seria. Eu sei que você fez isso porque ama meu irmão... embora eu ainda não saiba por que.

— Quer morrer, idiota? — Crow latiu.

Cane não quis saber.

— Nunca poderei te agradecer o suficiente. Quero que saiba que pode contar comigo para sempre. Para o que necessitar, aqui estarei. Se quiser sorvete no meio da

noite, quando estiver grávida, eu te trarei. Se quiser que eu dê uma surra no Crow quando se comportar como um imbecil, não hesite em me pedir. Seja o que for, pode contar comigo. Certo?

Eu sorri para ele.

— Está bem.

— Não há ninguém melhor para usar o sobrenome Barsetti. Sinto-me honrado de tê-la como irmã.

— Cane, para mim também é uma honra.

Ele me abraçou de novo antes de sair.

— Posso fazer algo por você?

— Não. Acho que meu marido tem tudo sob controle.

— Sim. — diz Crow, com um toque ameaçador na voz. — Seu marido.

Cane se levantou e revirou os olhos.

— Cara, não quero ficar com sua mulher. Se quisesse, já a teria tirado. Então relaxe.

Crow não achou graça na brincadeira.

— Bom... talvez há um ano atrás. — Admitiu Cane. — Mas já não a vejo dessa maneira, quase nunca.

O olhar de Crow tornou-se mais sinistro.

— Certo. — Cane disse. — Oficialmente, não sou bem-vindo. Até logo, Pearl.

— Nos vemos por aí. — Eu o cumprimentei com a mão enquanto ele saía.

Crow certificou-se de que ele tinha saído do quarto antes de passar a chave e voltar a sentar-se ao meu lado.

Examinei a dureza do seu rosto antes de falar.

— Não está mesmo zangado com ele, não é?

Sua mandíbula continuou tensa, o que respondeu à pergunta.

— Ele estava flertando com você. Eu não gosto disso.

— Talvez seja o jeito dele de ser legal.

— Preferia que ele não fosse simpático contigo.

— Crow, supere. Tem que deixar de ficar ciumento e possessivo a cada momento, ao menos no que se refere a seu irmão.

— Não sabe tudo o que ele disse de você antes de estarmos juntos.

— Isso não importa. Foi há muito tempo.

Olhou pela sacada para os vinhedos além.

— Não o suficiente. — Depois de tudo o que aconteceu, Crow se mostrou mais protetor comigo do que nunca. Vinha me controlando com uma rigidez de aço que nada podia atravessar.

— Eu gosto dele e gostaria de passar mais tempo com ele.

— Só porque é meu irmão não significa que você tem que se relacionar com ele.

— Crow, já te disse que gosto dele. Nunca tive uma família própria, e é divertido ter alguém que é como um irmão. Lars me lembra um pouco de um pai, e você é um marido tão superprotetor quanto ele.

Seus traços se suavizaram diante aquele comentário e deixou de discutir.

— Podemos dar um passeio? — Depois de dias de repouso desnecessário na cama, eu estava ansiosa para mover os pés e esticar as pernas.

— A vista não é bonita o suficiente?

— Crow, posso andar. — Em vez de esperar que ele me desse permissão, me levantei e entrei para colocar os tênis.

Crow deu um suspiro audível, para me fazer perceber o quão irritado estava.

Mas eu não me importava.

Caminhamos entre os vinhedos, escutando os grilos nos campos. Uma forte brisa que se deslocava entre as fileiras de uvas. O vento me acariciava o cabelo com dedos amorosos, tocando minha nuca como Crow fazia.

Sua mão se fechou sobre a minha e continuou me lançando olhares de preocupação, embora eu estivesse bem.

— Tudo bem com você?

— Se precisar de ajuda, te digo.

— Não, não vai dizer.

Eu sorri um pouco.

— Tem razão. Provavelmente não o faça.

Contra sua vontade, seus olhos se alegraram.

Fiquei olhando para as colinas à nossa frente, e pensando no que estaria do outro lado. Talvez só houvesse mais hectares de terra até a próxima casa aparecer.

— Quem é o seu vizinho mais próximo?

— Um amigo vive do outro lado desta colina. Essa é sua casa de férias.

— Onde ele mora normalmente?

— Na América.

— Então, havia alguém que pudesse ter me ajudado na casa ao lado? — Nos primeiros dias da minha prisão, Crow me disse que não havia ninguém a quem recorrer. A população mais próxima estava a quase cinquenta quilômetros de distância. Estupidamente, eu tinha engolido aquela história.

Ele sorriu para mim.

— Sim. Mas ele não anda por aqui muitas vezes.

— Mas deve haver um telefone dentro de casa.

Ele encolheu os ombros.

— Acho que sim. Mas espero que esteja feliz com o jeito que as coisas saíram. — Passou o polegar pelos nós dos meus dedos. — Porque se tivesse que te prender de novo, eu o faria.

— Suponho que eu também o faria.

Ele me fulminou com o olhar.

Adorava gozar com ele porque era fácil fazê-lo se irritar.

— Você sabe que eu estou brincando. Falando de trancas, você já tirou esse rastreador do meu tornozelo?

— Prefiro não fazer isso.

— Não acha isso estranho?

— Não. — Ele não alterou o ritmo enquanto caminhava ao meu lado, com o maníaco superprotetor ainda enterrado nele.

— Já que não há perigo ao meu redor, não creio que seja necessário.

— Sempre existe algum perigo, Pearl. Os ricos e poderosos têm sempre que olhar por cima do ombro.

— Bom, pois eu não quero ter um dispositivo eletrônico metido debaixo da minha pele. Tampouco é como se eu fosse escapar.

Ele não pensava ceder. Era evidente pela maneira como falava.

— Ele não vai a lugar nenhum até ser substituído.

Isso estava fora de questão.

— Então quero que você use um rastreador o tempo todo. — Aquilo não o agradaria nem um pouco. Crow era um homem que operava nas sombras. Não queria ser rastreado tão facilmente.

— Está bem.

Fiquei perplexa ao ouvir suas palavras.

— Como?

— Eu disse que tudo bem.

— Não, só estava tentando provar algo.

— Pois você o fez. Se você tem que carregar um, eu também farei. Assim sempre poderá ver onde estou se tiver preocupada comigo. Trata-se de um compromisso justo.

— Mas você não está entendendo o principal. Eu não quero continuar com um rastreador.

— Pois é uma pena. — Olhou-me firmemente, desafiando-me a desafiá-lo. — Você nem sabe que ele está aí e graças a esse pequeno rastreador eu pude salvá-la não uma, mas duas vezes. Lamento que esteja desconfortável, mas para mim é imprescindível. Sugiro que se acostume a ele.

Sabia que tinha perdido aquela batalha, e o que era mais importante, que era assim que ia ser o resto de nossas vidas. Crow Barsetti era um homem a quem não se podia dizer não, e quando se tratava da sua família, era implacável e praticamente um lunático.

Tinha razão: devia me acostumar com isso.

— E agora o quê? — Eu perguntei.

— Do que você está falando?

— O que fazemos agora? Bones desapareceu e o mundo parece um lugar muito mais simples.

— Bom, isso depende inteiramente de você. Estava pensando que poderíamos viver o resto de nossas vidas tranquilamente aqui na vinícola. Beberíamos vinho, faríamos amor e envelheceríamos juntos. O que você acha?

Fiquei olhando para ele, sentindo meu sorriso crescer.

— Parece um pouco aborrecido.

Ele levantou sua sobrancelha.

— E isso é exatamente o que eu quero. Uma vida longa e chata com você.



EPÍLOGO

PEARL

Levei à mesa as tigelas de macarrão com queijo. Seus ocupantes me esperavam ansiosos. Vanessa tinha cinco anos, o cabelo preto como o do seu pai e os olhos azuis como os meus. Tinha um espírito combativo que me dizia que seria feroz quando crescesse, como o pai.

— Está com fome, querida?

Ela pegou o garfo e começou a comer.

Coloquei a outra tigela em frente de Constantine.

— Aqui está, campeão.

Constantine tinha três anos e ainda se sentava em um cadeirão. A mesa estava constantemente manchada por toda a comida que espalhava por aí. Em vez de separar a comida quando não gostava, preferia atirá-la por toda parte. Às vezes era um autêntico pau no cu... como seu pai. Pegou a colher e começou a comer devagar, ainda aprendendo o processo.

Julia olhou para sua tigela e levantou uma sobrancelha. Com um forte sotaque russo, perguntou:

— O que é isto?

— Macarrão com queijo. Basicamente é massa com molho de queijo.

Ela continuou a olhar para ele com desconfiança, como se fosse a pior coisa que eu podia servir.

Por que todo mundo odiava tanto comida americana?

— Na verdade não é tão ruim. Mas se não quiser comer, farei outra coisa.

Julia pegou o garfo e deu uma mordida.

— Está muito bom, na verdade. — Julia estava tendo dificuldades em aclimatar-se à liberdade na casa Barsetti. Depois de ter sido vendida como escrava, Crow e eu conseguimos libertá-la, a ela e outras mulheres. A maioria tinha famílias para voltar, mas Julia era uma órfã sem dinheiro. Ela ficaria conosco até que estivesse pronta para reconstruir sua vida.

— Fico feliz que você goste. Crow odeia, mas ele é o homem mais teimoso que conheço.

Ela continuou comendo lentamente, tomando seu tempo entre mordidas. Estava extremamente magra e devia engordá-la o máximo que pudesse. Eu fazia com que passasse muito tempo com as crianças porque sua alegria era contagiosa.

Podiam animar o humor de qualquer um.

Crow entrou na sala de jantar, vestindo um terno azul-marinho com uma gravata roxa. Como um rei, sua presença preenchia os espaços assim que entrava neles. Projetando uma sombra característica na parede, seu poder era inconfundível.

— Cane, eu disse não.

Cane entrou seguindo-o, tentando convencê-lo de algo.

— Olhe, é só um trabalho. Não voltarei a pedir sua ajuda novamente, juro.

— Não estou mais nesse negócio. — respondeu Crow. — Já te disse.

Ele veio direto para mim.

— Olá, Button. — Passou-me o braço pela cintura e deu-me um beijo.

— Olá, marido.

Não importava quantas vezes o chamasse assim, sempre lhe provocava um meio sorriso.

Cane continuou a trabalhar duro.

— É só entrar e sair. Simples. E nada mais.

Crow ignorou-o e virou-se para as crianças. Primeiro cumprimentou Vanessa com um beijo na testa e depois se ajoelhou para olhar para Constantine.

— Como está o meu menino?

— Olha o avião. — Constantine pôs o macarrão com queijo na ponta da colher e depois o atirou na boca de Crow.

Crow engoliu tudo.

— Hum!

Sorri triunfante.

— Parece que todo mundo adorou o macarrão.

Crow fingiu que não gostava da comida e cumprimentou Julia.

— Olá Julia. — Sempre se mantinha o mais longe possível dela, não porque não gostasse, mas porque entendia o quanto ficava aterrorizada se qualquer homem chegasse perto dela.

Cane foi em frente.

— Ei, seu merda. Estou falando com você.

Crow virou-se para ele com a rapidez de uma víbora.

— Não diga palavrões na frente da minha família. Quantas vezes já te disse?

Cane revirou os olhos.

— O que você disser. Vai me ajudar ou não?

— Não. — Crow não se compadeceu nem um pouco. — Já te disse, agora tenho uma família. Não estou envolvido com essa vida. Você pode encontrar outra pessoa para te ajudar.

— Mas ninguém tem suas habilidades. — Argumentou Cane. — Não confio em ninguém.

— Lamento. — disse Crow. — Agora, me deixa em paz.

Cane revirou os olhos novamente, até que eles pousaram em Julia. Quando percebeu que ela estava na cozinha, seu interesse aumentou.

— Ei...

— Fique longe dela, porra. — Crow tornou-se imediatamente um cão de caça, protegendo a nossa convidada com unhas e dentes.

— O que aconteceu com não falar palavrões Crow? disse Cane.

Crow agarrou-o pelo braço e tirou-o de lá.

— Pare com essa merda. Crow Sua voz ainda podia ser ouvida de fora. — Resgatamos Julia naquela operação na Rússia. Se a magoar, juro que te mato.

— Bolas, acredite um pouco em mim. Acha que vou atacá-la ali mesmo?

Julia enfiou o olho na tigela de propósito.

— Não faça com que se sinta desconfortável. — Ordenou Crow. — Está sob meu teto, assim que é minha convidada. Não quero nem que a olhe.

— Como não? — perguntou Cane. — Pareceu-me bonita. Crucifique-me.

— Talvez o faça. — Ameaçou Crow. — Agora saia.

— Espere. Eu estava falando sério sobre a operação. Eu preciso de sua ajuda.

— Cane, quantas vezes tenho que te repetir? Não estou mais nessa linha de trabalho. Tenho dois filhos e outro a caminho. Não vou mais me misturar com esse estilo de vida.

— Puf, isso é tão chato.

— Um dia, sua vida também será chata. E você vai adorar. — Crow voltou para a sala de jantar, enxotando seu irmão.

— Desculpe por isso, Julia.

— Não faz mal. — ela sussurrou.

— Não precisa se preocupar com ele. — Garantiu-lhe Crow. — Ele não te vai incomodar mais.

Ela continuou comendo.

— Eu sei.

Crow se voltou para mim e colocou a mão na minha barriga. Eu ainda não tinha notado, mas ele estava animado com a idéia de que em breve eu estaria enorme. Nada o excitava mais do que quando eu estava grávida. Provavelmente foi por isso que fiquei de novo, acidentalmente.

— Como está o meu pequeno Barsetti?

— Muito chato. — Coloquei a minha mão sobre a sua. — Ainda não se mexeu.

— Dê-lhe tempo. Talvez seja brigão, como Vanessa.

— Deus, espero que não. — Não conseguia pregar olho quando estava grávida dela.

— Sim, eu me lembro. — disse ele. — Mas era emocionante sentir como se mexia. — Seus dedos se espalharam por todo meu estômago antes de voltar a pôr a mão na minha cintura. — O que acha de pedirmos a Lars para cuidar deles o resto da noite para que possamos sair para jantar? Talvez fazer uma parada na casa da praia?

Ter dois filhos complicava ter tempo para ficar a sós, mas Crow e eu conseguíamos sempre que podíamos. Adorávamos passar tempo com os nossos filhos, mas também adorávamos os momentos em que éramos só nós dois. Duas horas por dia parecia ser o suficiente para nos manter felizes.

— Isso parece perfeito.

Crow apertou a orelha contra o meu estômago nu e escutou.

— Já te disse, não há nada acontecendo aí embaixo. Ela está dormindo.

— Dormindo? — Ele se levantou e olhou para mim.

— Sim, é uma menina. — Não tinha a menor dúvida.

— Como é que sabe?

— Não sei, só sei.

— Mas esta gravidez não é nada como a que teve com a Vanessa.

— Sim. — Ela tinha sido de longe a gravidez mais difícil. — Mas eu sei. Confie em mim, é algo maternal.

Beijou-me o estômago antes de subir na cama. Separou-me as coxas com as suas, e a escuridão do seu olhar disse-me o que desejava fazer a seguir. Parecia orgulhoso de me deixar grávida, algo que acariciava seu ego e o fazia desejar ainda mais fazer amor.

— Quero te engravidar o máximo que puder.

— Eh, não, obrigado. — Três crianças eram suficientes. Até com a ajuda do pessoal, seria incapaz de controlar quatro.

— Vamos, é muito excitante. — Pressionou seu pênis contra minha entrada, mas sem me penetrar.

— Sim, por um tempo. Mas não é você que tem que caminhar bamboleando pela casa como um elefante.

— Você não se parece com um elefante. Ver você grávida do meu filho... Não há nada que me excite mais.

— Ainda assim, este é o último. Mas podemos fingir que tentamos ter outro.

— Não é o mesmo. — Crow tinha passado de duvidar se queria ter filhos a necessitar da maior quantidade possível. Ele tinha largado seu antigo emprego num piscar de olhos quando engravidei de Vanessa, e não havia lugar que preferisse estar do que em casa comigo e com as crianças.

Dei uma risada quando percebi o quanto tinha mudado. Sua escuridão inata havia se desvanecido, e a luz que brilhava em seus olhos era mais intensa sempre que olhava para seus filhos.

Crow captou a minha reação.

— O que foi?

— Nada.

Não me penetrou, embora estivesse desesperado por fazê-lo.

— O que acontece? — Agarrou-me ambos os pulsos e segurou-os acima da cabeça, dominando-me quando não se saía com a sua.

— Eu só acho engraçado o quanto você está diferente agora. Você não se parece com o homem que conheci há tantos anos.

Lentamente, seu olhar e o maxilar relaxaram.

— É como se fosse outra pessoa.

Ele soltou os meus pulsos e continuou a me olhar.

— Sou um homem diferente.

— Para o bem. — Passei as mãos pelo seu peito antes de puxar seus quadris para mim, desejando-o no mais profundo do meu ser.

Ele manteve os quadris firmes e não se moveu.

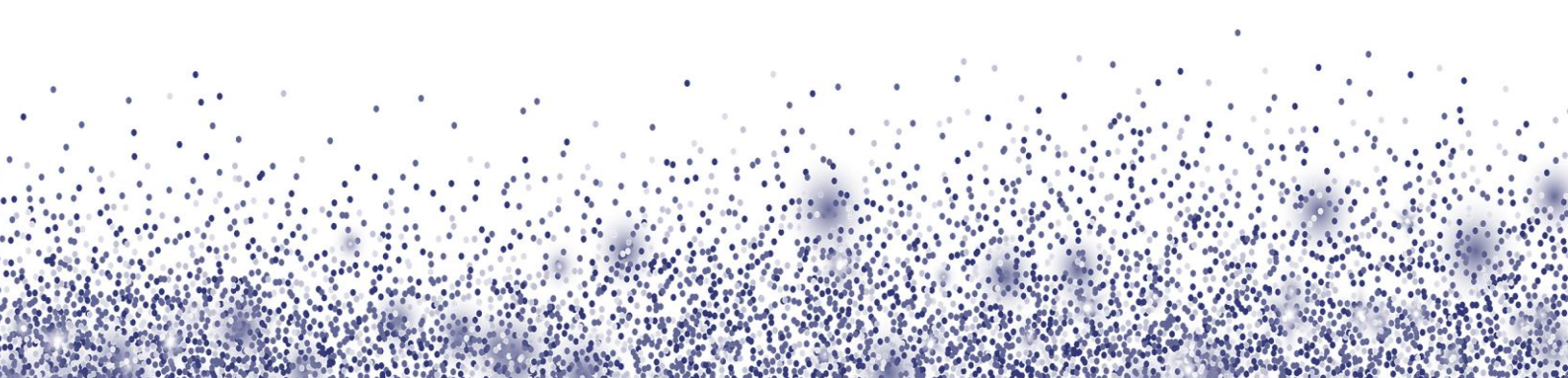
— Quando você chegou a minha casa, disse que eu tinha te salvado daquele homem implacável cujo nome não voltarei a pronunciar. Você disse que te recompus e te consertei.

Eu não tirava meus olhos dos seus.

— Mas foi você que me salvou, Button. Eu não teria nada disso sem você. — Ele passou seus dedos na minha bochecha e esfregou seu nariz contra o meu.

— Nos salvamos um ao outro.

Fim



PÓS-FÁCIO

Muitíssimo obrigado por ler Botões e dor. Desfrutei muito escrevendo esta história, e levo Crow e Pearl dentro do coração. Se você também gostou, para mim significaria muito se vocês deixassem uma mensagem no meu site. É o melhor tipo de apoio que se pode dar a um escritor.

Abraços,
Penelope Sky.

